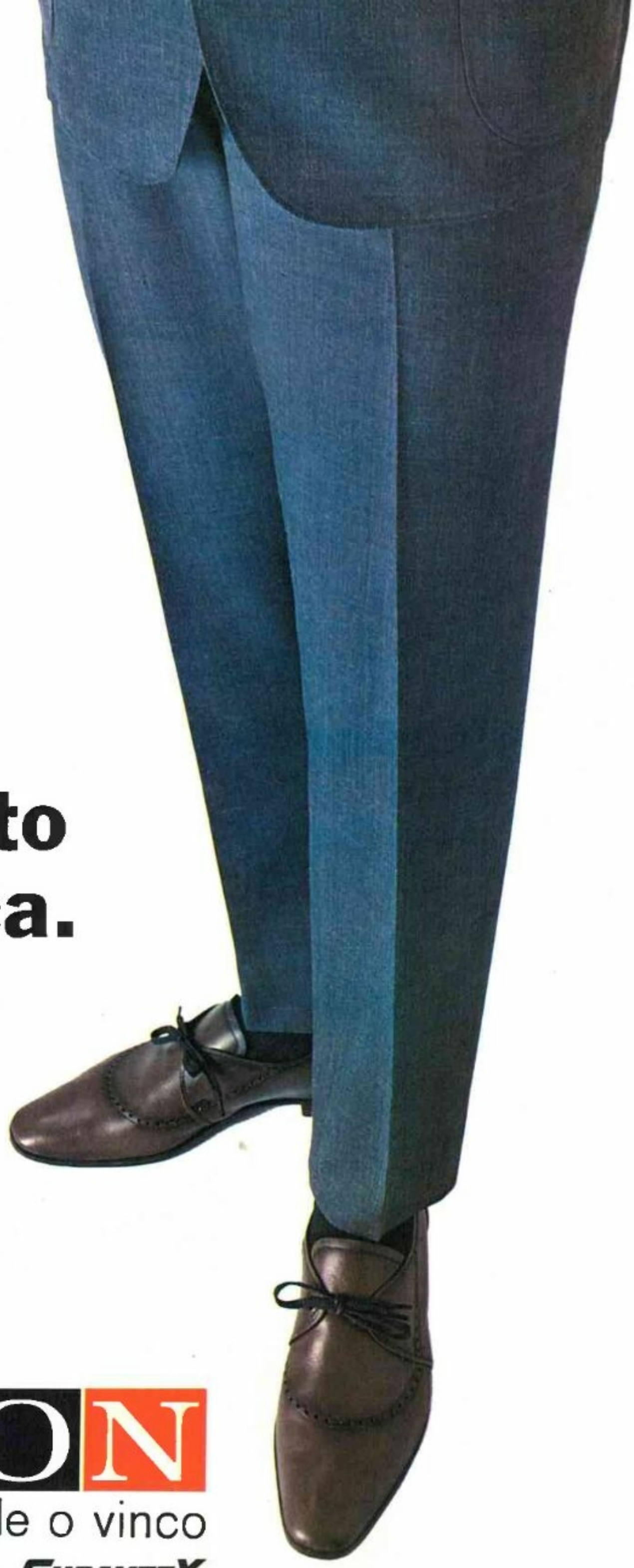
REALIDADE

OUTUBRO 1967 UMA PUBLICAÇÃO DA EDITÔRA ABRIL NCr$ 1,00

RACISMO: EUA BRASIL



Êste vinco vai durar tanto quanto a calça.

(E vice-versa)

NYCRON

não amarrota nem perde o vinco

Um tecido SUDAMTEX

CARTA DO EDITOR

ROBERTO CIVITA

ODYLO COSTA, FILHO

A partir dêste número, REALIDADE tem um nôvo Diretor. Enquanto Roberto Civita assume o cargo de Vice Diretor-Editor, Odylo Costa, filho, ingressa na Editôra Abril para dirigir aquela que é — hoje — a maior revista de interêsse geral do Brasil.

Nos seus primeiros 18 meses de vida, REALIDADE publicou 222 reportagens, focalizando desde os coronéis do Nordeste e as mães-de-santo da Bahia, até os índios do Xingu, os cafeicultores do Paraná e os mineiros de Santa Catarina.

Tentando sempre fundamentar seus artigos em fatos, a revista realizou cinco grandes pesquisas para verificar desde quanto antiamericanismo realmente existe no Brasil e qual a atitude de nossa juventude perante o futuro até o que seus leitores pensam do divórcio e qual o comportamento sexual dos jovens de hoje. Adicionalmente, 16 repórteres e fotógrafos viajaram para um total de dez países, trazendo de volta notícias e impressões sôbre soldados brasileiros na República Dominicana, políticos cassados no Uruguai, a ditadura na Argentina, guerrilhas na Venezuela, e até o nascimento de uma nova nação nas Guianas.

Neste mesmo ano e meio, a circulação de REALIDADE foi de 250.000 para mais de 400.000 exemplares — desmentindo dramàticamente a velha afirmação de que "o grande público não quer ler — muito menos coisas sérias...".

O nôvo Diretor de REALIDADE é um homem extraordinàriamente bem preparado para continuar abrindo caminhos. Desde 1931, quando — aos 16 anos — entrou para o "Jornal do Comércio", do Rio de Janeiro, como repórter, Odylo Costa, filho, vem dedicando sua vida à renovação do jornalismo nacional. Durante seus mais de 35 anos de vida profissional, chefiou a seção política do "Diário de Notícias", foi Secretário de Imprensa do Presidente Café Filho, assumiu a chefia da redação do "Jornal do Brasil" na época de sua grande transformação e foi depois, sucessivamente, Diretor da revista "Senhor", secretário de "O Cruzeiro Internacional" e Diretor de redação de "O Cruzeiro".

Poeta de grande sensibilidade, depois de anos absorvidos no jornalismo, voltou à poesia com poemas que Manuel Bandeira inclui entre "os mais belos da língua portuguêsa". É também de Manuel Bandeira a definição de "pequeno grande livro de penetrante poesia" para seu recente "Tempo de Lisboa e outros poemas" (Livraria Morais, Lisboa). Nunca escrevera ficção até os 50 anos. Estreou, então, com a novela "A Faca e o Rio" (Livraria José Olympio), a cujo respeito Gilberto Amado escreveu: "Li de um fôlego. Estou sem fôlego".

De 1965 a 1967 foi Adido Cultural da Embaixada Brasileira em Lisboa. Nas palavras do Chanceler Magalhães Pinto: "Tudo que meu amigo Odylo Costa, filho, faz, faz bem feito. Adido Cultural do Brasil em Portugal durante dois anos, alargou as dimensões do cargo, imprimindo-lhe tal grandeza que fixaram padrões difíceis de ser igualados e de superação impossível."

A Editôra Abril se orgulha, assim, de contar com a presença dêste ilustre jornalista na direção de REALIDADE. E tem certeza de que êle, em colaboração com a jovem e brilhante equipe, agora sob o seu comando, fará de REALIDADE uma revista que continuará a "informar, divertir, estimular e servir" a seus leitores cada vez melhor.

Victor Civita

Probel faz colchões com Centro-Firme. Durma bem.

Estamos no Século XX

Se de um lado vivemos uma época em que todo dia aparecem e desaparecem novas modas e algumas frivolidades engraçadas, por outro é também a era das grandes descobertas e do progresso.
O importante é não confundir novidade com progresso.
Em matéria de dormir, é a mesma coisa.
A verdade é que até agora não conseguiram inventar nada melhor que o colchão de molas para dormir.
No Departamento Técnico da Probel, uma equipe de peritos, orientada por médicos ortopedistas, trabalha para aperfeiçoar cada vez mais a maneira correta de dormir com confôrto.
Enquanto isso, anúncios e mais anúncios vão martelando todos os dias com novidades sôbre colchões.
Achamos que não se deve brincar com 1/3 da vida das pessoas. Isto é, a parte da vida que elas passam sôbre um colchão.
A Probel, tem o maior aperfeiçoamento em confôrto para dormir.
É o molejo Centro-Firme.
É um molejo firme no centro, onde o pêso do corpo é maior. E com flexibilidade dosada nas extremidades, mantendo acomodados a cabeça, os ombros e os membros. E a coluna na posição ortopèdicamente correta, com confôrto.
Exatamente como você precisa para dormir bem.
O estofamento é de algodão e sisal. Fibras naturais, que são as únicas que permitem uma ótima ventilação.
A Probel está satisfeita.
Assim como mais de 3.000.000 de consumidores da Probel.
Afinal de contas, tanto no Brasil como na Europa e como nos Estados Unidos, o colchão mais vendido é o de molas
Durma bem com Divino Centro-Firme. Estamos no século XX.

Divino Centro-Firme, um produto **Probel**

Quadro

REALIDADE

UMA PUBLICAÇÃO DA EDITÔRA ABRIL - ANO II - NÚMERO 19 - OUTUBRO 1967

Capa

O preconceito, no Brasil, não chega a provocar violências, como nos EUA, mas existe. Foto prêto e branco de Roger Bester; a côres, Luigi Mamprin.

Problema

21 **Nosso problema não é o preconceito, mas a fraternidade** — Odylo Costa, filho, coloca sua posição perante o problema nos EUA e no Brasil.

24 **Agora é a guerra** — O repórter Carlos Azevedo foi aos EUA, entrevistou líderes negros, visitou os guetos e sentiu o problema racial daquele país.

34 **Existe preconceito de côr no Brasil** — Aqui, os homens de REALIDADE percorreram o país e constataram que o problema, embora menor, também existe.

No coração do nosso povo — Afonso Arinos conta as origens da lei — de sua autoria — que pune às manifestações de preconceito (página 46).

Documento 62 **A morte está a caminho** — Vinte e quatro horas de um pronto-socorro: quase quatrocentos casos, um pedaço de dor que existe dentro da cidade grande.

Futebol 76 **A máquina entrou em campo** — A torcida não sabe que o jogador é tratado como se fôsse um maquinismo que não pode falhar no meio do espetáculo.

Ensaio 92 **O que é mulher bonita?** — A beleza ideal muda com os tempos, e também de pessoa para pessoa. Ninguém dá resposta à pergunta da mesma maneira.

Costumes 102 **Este homem não brinca em serviço** — Êle é o jogador de sinuca, um personagem que pertence a um estranho, dramático, cômico, surpreendente mundo.

Aventura 116 **Fogo!** — Nos mares do Nordeste, um navio com 24 tripulantes; uma aventura violenta que dura seis meses por ano — um espetáculo de canhões e sangue.

Perfil 140 **Arte é com êle** — O perfil de um cidadão que é industrial e político, mas que só pensa em quadros e escultura: tanto, que seu apelido é "Pai da Bienal".

Internacional 155 **Guevara está aqui (e a CIA sabe)** — A caça a "che" Guevara e um panorama das guerrilhas que estão preocupando os governos de 19 países americanos.

Depoimento 176 **"Vou mostrar ao mundo como a ditadura é ridícula"** — Após o golpe de estado na Grécia, uma atriz se transformou em heroína nacional: Melina Mercouri.

Tiragem desta edição: 465.900 exemplares

Editor e Diretor: VICTOR CIVITA
Vice Diretor-Editor: Roberto Civita

Redação

Diretor: Odylo Costa, filho
Redator-Chefe: Paulo Patarra
Chefe de Arte: Eduardo Barreto Filho
Editor de Texto: Sérgio de Souza
Secretário: Woile Guimarães
Redatores: Carlos Azevedo, Eurico Andrade, Hamílton Almeida, Hamilton Ribeiro, José Carlos Marão, Luiz Fernando Mercadante, Mylton Severiano da Silva, Narciso Kalili, Roberto Freire
Roteiro, editor: Paulo Henrique Amorim
Indicações: Léo Gilson Ribeiro
Pesquisa: Norma Freire
Produção: Luiz Laerte Fontes
Revisão: Odacir de Mattos
Diagramadores: Jaime Figuerola, José Lourenço Júnior, Rubem B. Moraes
Fotógrafos: Roger Bester, Jorge Butsuem, Luigi Mamprin, Geraldo Mori
Lew Parrella (chefe)
Sucursal, Rio: Alessandro Porro (diretor), Milton Coelho, Nélson Di Rago
Sucursal, Brasília: Luís Edgard Tostes Afonso de Souza

Administração

Diretor Comercial: Alfred Nyffeler
Diretor de Publicidade, Rio: Sebastião Martins
Gerente de Publicidade, S. Paulo: Rubens Molino
Representantes, São Paulo: Carlos Alberto Maia, José Luiz Decourt Ricci, Sílvio Fernandes
Representantes, Rio: Nílson Alves, Álvaro Ceciliano Filho
Pôrto Alegre: Jesus C. Ourives (gerente) e Elcenho Engel
Belo Horizonte: Sérgio Pôrto
Curitiba: Édison Helm
Recife: Antônio Lyra Filho

Diretor Editorial: Luís Carta
Diretor, Divisão Revistas: Domingo Alzugaray
Vice-Diretor Comercial: Salviano Nogueira
Diretor do Escritório do Rio: André Raccah

Diretor Responsável: Edgard de Sílvio Faria

REALIDADE é uma publicação da Editôra Abril Ltda. / Redação, Publicidade e Correspondência: Rua João Adolfo, 118, 9.º, fone: 37-9111 / Administração: Rua Álvaro de Carvalho, 48, 6.º e 7.º and., São Paulo / Sucursal, Rio de Janeiro: Av. Presidente Vargas, 502, 18.º, fone: 23-8913 / Sucursal, Pôrto Alegre: Av. Otávio Rocha, 134, 6.º, fone: 4-4778 / Sucursal, Belo Horizonte: R. Campos Elísios, 550, s/12, fone: 2-3326 / Sucursal, Curitiba: Edifício Galeria Tijuca, Rua Cândido Lopes, 11, 15.º and., cj. 1516 — C. Postal 3121, telefones: 4-5937 e 4-9427. Distribuição exclusiva para todo o Brasil da Distribuidora Abril S.A. Preços: exemplar avulso NCr$ 1,00. Assinatura semestral NCr$ 6,00. Assinatura anual NCr$ 12,00. Nenhuma pessoa está credenciada a angariar assinaturas desta publicação. Se fôr procurado por alguém, denuncie-o às autoridades locais. Números atrasados: no Rio, Rua República do Líbano, 19; São Paulo, Rua Martins Fontes, 163-165. Pelo Correio: Caixa Postal 7901. / Todos os direitos reservados. / Impressa em oficinas próprias e nas da S.A.I.B. Soc. Anônima Impressora Brasileira, São Paulo. As opiniões que aparecem nos artigos assinados, não representam necessariamente o ponto de vista da revista, podendo até ser contrárias a êste.

Crescinco fará o futuro doutorzinho

Assegure o futuro de seu filho confiando suas economias a Crescinco. Você estará aplicando com sabedoria, sem arriscar os frutos de seu trabalho, pois Crescinco sempre oferece o máximo de rendimento consoante com o máximo de segurança. Procure-nos para escolher conosco o investimento que mais lhe convém: Fundo Crescinco, Letras de Câmbio ao portador, Obrigações Reajustáveis do Tesouro etc. Se o futuro doutorzinho pudesse opinar, certamente aprovaria sua iniciativa.

Crescinco - a maior organização do gênero na América Latina, com representantes em mais de 80 cidades em todo o Brasil. Veja nas listas telefônicas.

CRESCINCO - Depto. A-41

R. Direita, 250 - 26.º and. - C. Postal 8245-S. Paulo - SP. Desejo receber, sem compromisso, informações sôbre os bons negócios Crescinco.

Nome: .....

Profissão: .....

Endereço: .....

Cidade: ..... Estado: .....

Cia. Empreendimentos, Administração e Investimentos IBEC - Capital e Reservas: NCr$ 678.064,14-Carta de Autorização do Bco. Central do Brasil n.º 116 - C.G.C. 60.872.991 Fev/67

cartas

Juventude

Sr. Diretor: Em relação ao número de setembro, há muito que eu esperava um número que fôsse dedicado à "Juventude Brasileira", mas, para ser franco, não gostei do referido número. Achei-o bastante fraco, não correspondeu às minhas perspectivas e não atinge e nem aborda a realidade da nossa juventude. Está muito aquém do que esperávamos.

AUDÁLIO BRASILIENSE FILHO
Rio de Janeiro — GB

Sr. Diretor: REALIDADE focalizou o mundo jovem. Inflado de incertezas e irrealidades. Meus 20 anos tristes saúdam o vosso otimismo. O artigo do repórter Luiz Fernando Mercadante: o melhor. Natural e formidável. Carmen da Silva: a própria arte de ser mulher... inteligente. Excelentes as fotografias — Primeiro Amor: 1.º lugar. Os desenhos — artigos da Carmen — deliciosos, oportunos, bem captados. Sinceridade à flor dos olhos. Seriedade palavra por palavra, Um sôpro de poesia suave e penetrante nos pontos vitais da revista. E Vinícius, Vinícius... Nos seus 20 anos prolongados e gloriosos, até que a morte o arrebate e o Brasil e o mundo reconheçam de vez o grande homem e o belo rapaz, juntos no imenso poeta.

JOSÉ ALEXANDRE CORRÊA
Belo Horizonte — MG

Sr. Diretor: Sou jovem, mas estou sumamente decepcionada com a juventude brasileira. Através da pesquisa empreendida por REALIDADE, constatei que esta juventude não fará o Brasil despertar do seu sono de 400 anos. Achei lastimáveis os resultados. É triste ver que os moços não vibram: acham que tudo está bom, que a única coisa a fazer "é estudar e se preparar para o futuro".

CLÁUDIA MARCELA M. FRAGA
Salvador — BA

Sr. Diretor: Noto que REALIDADE procura ajudar a mocidade a tornar os pais mais compreensivos para com os problemas dos filhos.

ALBÉRICO OLIVEIRA
Rio — GB

Sr. Diretor: REALIDADE se distancia bastante da autêntica realidade brasileira. É uma revista destinada à pequena e alta burguesia, cuja finalidade é modernizá-la, sem, entretanto, conscientizá-la dos verdadeiros problemas da nossa pátria, que se fundamentam na sua arcaica estrutura sócio-econômica.

ELOÁ JANE RUBIM BATISTA
Volta Redonda — RJ

Sr. Diretor: Apenas a título de colaboração a seu trabalho, sou partidário, como a maioria dos jovens paranaenses do interior, da luta pacífica pelo progresso do país, sem os extremismos da "esquerda festiva", tão proliferada em nosso meio. Defendo os rapazes que combatem a UNE, pseudo-órgão representante da nossa classe estudantil.

MANOEL FRANCISCO MOREIRA
Curitiba — PR

Sr. Diretor: em mãos o exemplar de setembro que, indubitàvelmente, merece aplausos. Houve, contudo, algo que deixou-me um tanto perplexo: na página 20, V. Sas. publicaram o seguinte trecho: "Zeno Simon, de Curitiba, estudante: — O que fizeram por nós? Duas guerras mundiais?" Há no caso uma semelhança notável com o meu nome, o que não me agradou, uma vez que as palavras citadas no trecho acima não partiram de mim.

ZENO SIMM
Curitiba — PR

REALIDADE corrige o lapso: o responsável pelas palavras citadas na página 20 do número de setembro, é o estudante R.L.L., também de Curitiba.

Sr. Diretor: Não há encômios compatíveis e suficientes para a personalidade e ética juvenil de Carmen da Silva, traduzidas no texto "O Conflito de Gerações". Há muito desejava ler, ouvir ou mesmo escrever algo assim, mas vejo que isto não é mais necessário: temos em você uma representante viva dos nossos pensamentos e aspirações.

A. MAIOLINO JÚNIOR
Goiânia — GO

Os meninos do Recife

Sr. Diretor: A diretoria da OAF (Organização de Auxílio Fraterno) lamenta profundamente que o artigo em questão tenha omitido o objetivo essencial que então animava e sempre animou seus trabalhos junto aos meninos, que é exatamente encaminhá-los, com amor fraterno, para uma vida útil e digna e aproximá-los de Deus. Nossa aproximação com os menores abandonados e nosso trabalho no sentido de sua recuperação foram inspirados pelo desejo de uma reparação do egoísmo que causa o seu abandono e não pela vontade de nos solidarizarmos com seus desvios.

JAYME MARTINS PASSOS
Presidente da OAF — São Paulo — SP

Sr. Diretor: A reportagem sôbre os menores do Recife não deixa de ser uma advertência e ao mesmo tempo uma reflexão e um esclarecimento. Merece, pois, a atenção do leitor, da sociedade brasileira e dos homens de govêrno.

LOPES DE ALENCAR
Brasília — DF

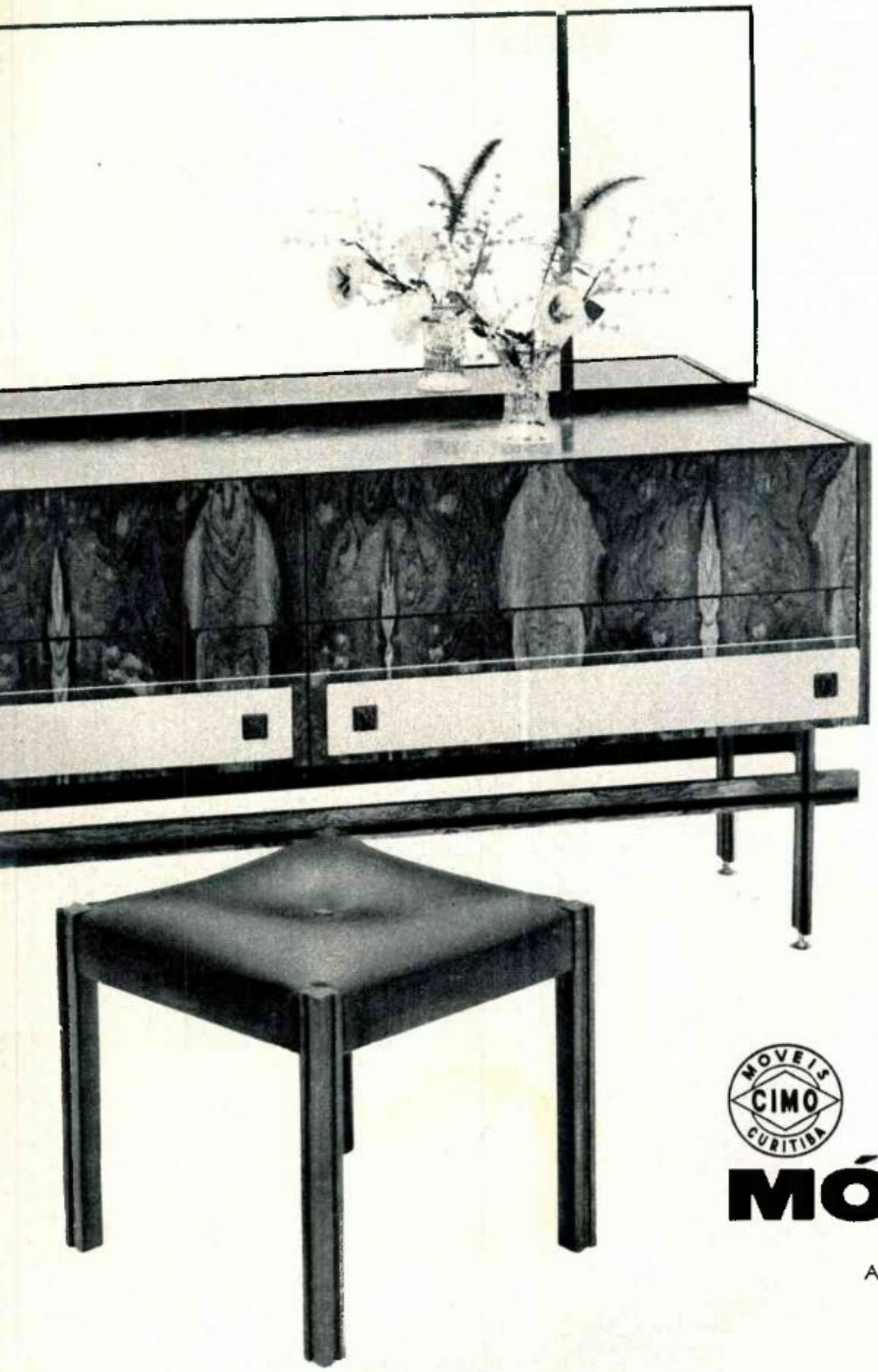
Sr. Diretor: "Os Meninos do Recife" é uma reportagem surpreendente. Sou jovem, já tive o prazer de participar, juntamente com amigos, de uma experiência notável — uma ronda noturna da OAF. Maurício e Maria, vocês e êste pessoal maravilhoso da OAF elevam o nome da juventude brasileira.

RODRIGUES S. LOPES
Campinas — SP

Por que nosso trem não anda?

Sr. Diretor: A reportagem sôbre tal assunto teve o mérito principal de ampliar o círculo dos debates sôbre a problemática dos transportes do país. O Departamento Nacional de Estradas de Ferro sente-se, porém, na obrigação de prestar alguns esclarecimentos sôbre o assunto, tratado, aliás, com lucidez e o necessário bom-humor. 1) A solenidade do dia 14/3/67 marcou apenas a chegada da ponta dos trilhos à esplanada da futura estação provisória da Capital, e não a inauguração da linha. Em construção ferroviária, chegada da ponta dos trilhos significa conclusão das obras de implantação da infra-estrutura — a etapa mais difícil. Em nenhum momento foi anunciada a inauguração. 2) A composição ferroviária transportando o então ministro da Viação e sua comitiva a 14 de março não partiu do Rio de Janeiro, mas de Pires do Rio. 3) Um leitor menos avisado poderia crer que nossa técnica não está em condições de colocar uma linha ferroviária. Sob a fiscalização do DNEF, os serviços vêm sendo feitos dentro das especificações técnicas

SEGUE



a madeira e'uma beleza, porém nôvo mesmo é o acabamento fôsco da nova linha CIMO

Não foi fácil obter o verniz fôsco-acetinado que valoriza extraordinàriamente a nova linha Cimo.
Mas os dormitórios de Móveis Cimo também primam pelo desenho moderno, confôrto e solidês.
Conheça os novos Móveis Cimo.
Você vai gostar.

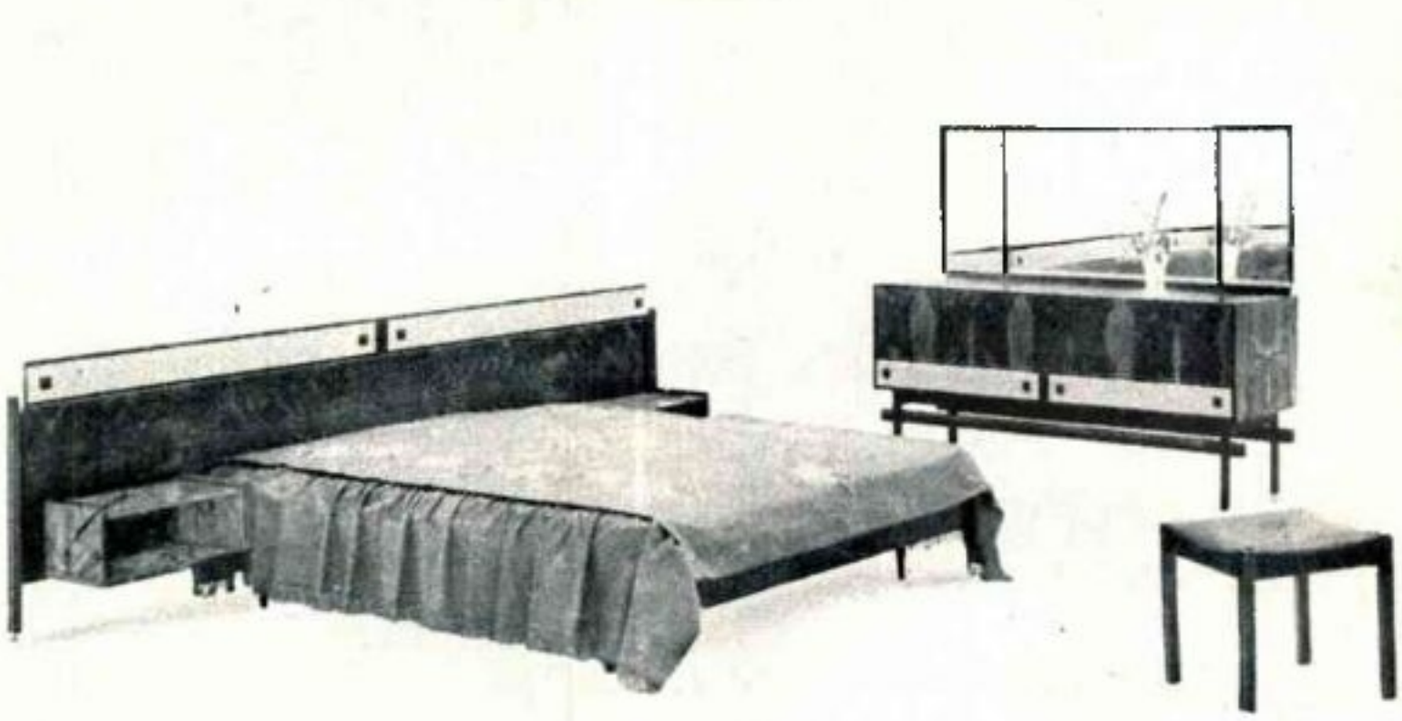
MÓVEIS CIMO
CURITIBA

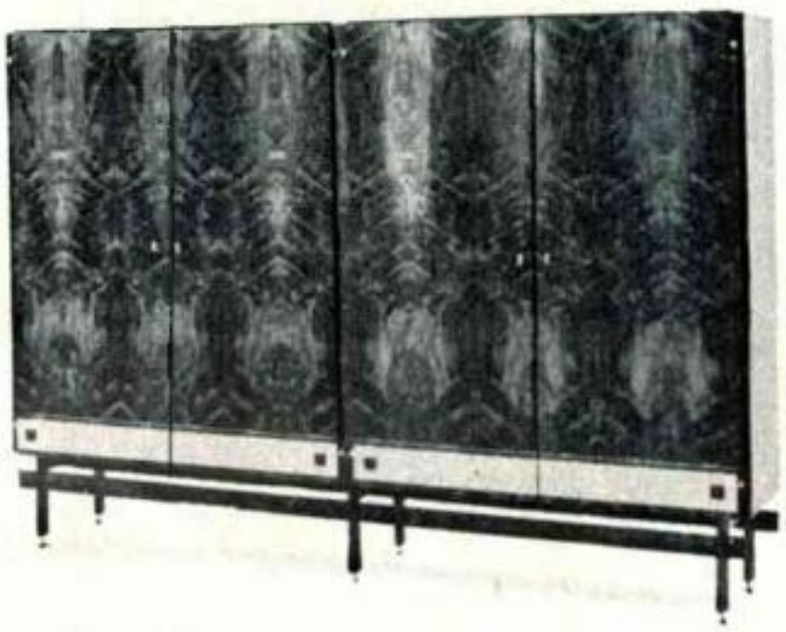
MÓVEIS CIMO

ALTA QUALIDADE

Av. São José, 770 - C. Postal, 13 - Curitiba

Revendedores em todo o Brasil.





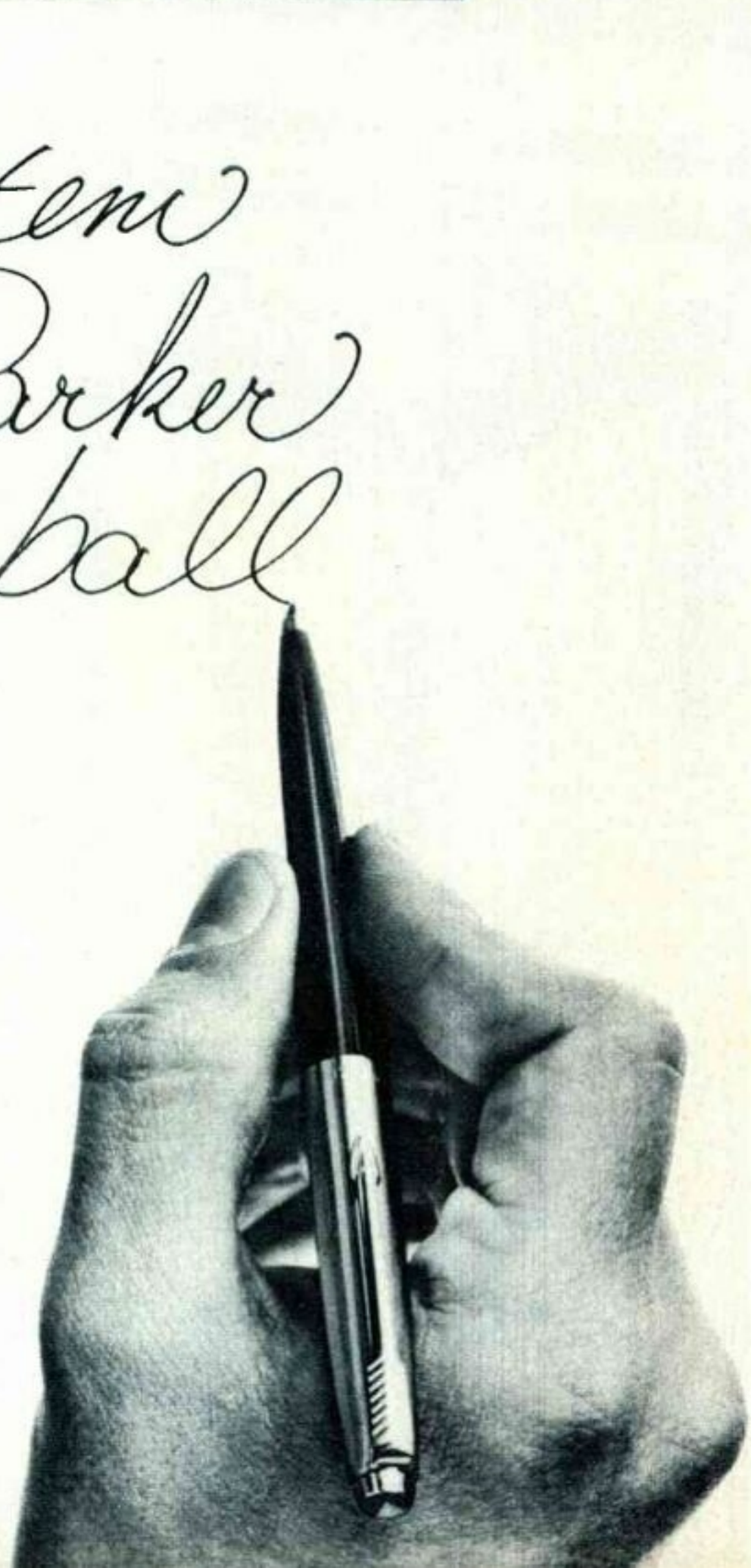
Mod. 6440
em jacarandá e caviúna

GENTE
QUE
ESCREVE

Gente que estuda

Gente que pensa

tem Parker t-ball



Porque a PARKER t-Ball é uma esferográfica durável, resistente. Sua carga dá para escrever muitíssimo. Sua esfera escreve sôbre qualquer superfície, sem falhar.
Porque a PARKER t-Ball é uma esferográfica que sempre funciona bem e que tem boa aparência. (É uma caneta, ora essa!)
Porque a PARKER t-Ball tem o preço normal de uma esferográfica (pois não é lápis-tinta...).
Para usar ou presentear, gente jovem ou adulta, porque é gente que estuda, gente que escreve, quer PARKER t-Ball. Gente que pensa...

PARKER
faz a esferográfica mais desejada do mundo!

cartas

exigidas. Não é justo duvidar a êsse ponto da engenharia nacional. 4) Na revisão do Plano Nacional de Viação, procurou-se, "dentro da realidade nacional, ampliar a rêde ferroviária apenas na extensão necessária destinada a atender quer às demandas previsíveis do ponto de vista sócio-econômico — principalmente no que se refere ao transporte das massas das regiões produtoras em direção aos centros de consumo ou exportação — quer às solicitações de natureza estratégica." 5) Paralelamente, prevê o PNV a execução de programas intensivos de melhoramentos da infra-estrutura existente, inclusive a unificação em 1,60 m de bitolas ao sul de Brasília. 6) Para alcançar a almejada eficiência da rêde, executa-se uma política de erradicação de linhas e trechos antieconômicos. 7) Finalmente, cumpre citar as obras em execução e sua importância econômica e estratégica: a — Tronco Sul, ligando a Capital Federal ao extremo-sul. b — As ligações industriais Japeri-Terminal Marítimo de Santa Cruz e Jundiapeba-Ribeirão Pires, ambas destinadas ao transporte de minério para as indústrias siderúrgicas. c — Pires do Rio-Brasília, cujo tráfego regular será estabelecido ainda êste ano. d — Retificação dos trechos da Cia. Mogiana de Estradas de Ferro e da Estrada de Ferro Goiás, que serão aproveitadas no Tronco Sul. e — Interligação da Rêde de Viação Cearense com a Estrada de Ferro Central do Piauí e Estrada de Ferro São Luís-Teresina.

ENG.º HORÁCIO MADUREIRA
Diretor Geral do DNEF — Rio — GB

Vamos fabricar retardados?

Sr. Diretor. Constituo V. S. meu bastante procurador para dar um forte abraço em quem redigiu a matéria inclusa no Roteiro do n.º 17 de REALIDADE, "Vamos fabricar retardados".

MARCUS PEREIRA
Rio — GB

Sr. Diretor: Será que nenhuma autoridade dêste país tomará conhecimento dessa notável mas dramática advertência? Se eu tivesse recursos, mandaria publicar aquêle artigo em tôdas as revistas e jornais do Brasil. Vale a pena a gente ler uma revista que apresenta o assunto com tanta profundidade e coragem. Autoridades: leiam "Vamos fabricar retardados?", pelo amor de Deus!

WOLFRAND MENDES
Brasília — DF

Pobre Diabo

Sr. Diretor: O artigo "Pobre Diabo" revela muita superficialidade. O demônio existe, pois Jesus falou sôbre sua existência. É verdade que a Igreja exagerou, através dos séculos, dando a culpa ao diabo por todos os azares acontecidos no mundo.

LUÍS TEIXEIRA FURTADO
Sapucaia — RJ

Sr. Diretor: Está ótima a reportagem "A Falência do Diabo"; veio abrir os olhos de muita gente que ainda acreditava no "diabo", mito secular. No mundo da Grécia antiga, todo espírito, bom ou mau, era chamado **daimon**, daí **demo, demônio**, em português, haja visto que o grande Sócrates tinha o seu demônio ou espírito familiar, que o auxiliava em suas idéias, principalmente em sua maiêutica.

ALBERTO GONZAGA
Salvador — BA

Cartas para Revista REALIDADE - Rua João Adolfo, 118 - 14.º andar - S. Paulo

como ter a certeza se Pantene detém mesmo a queda dos cabelos?

... só experimentando!

Sejamos realistas. Se você já não tem muitos cabelos, nenhuma loção os restituirá. E para que lamentar o que passou? Mas se você tem a *tendência* de perdê-los, não fique parado vendo-os cair: aja. Ou melhor, deixe Pantene agir.

Esta excelente loção contém a substância vitamínica *Pantyl*, exclusiva de Roche. O *Pantyl* ajuda os cabelos a terem saúde, a crescerem e até mesmo a se desenvolverem melhor.

Outros benefícios: Pantene elimina a caspa. Os ombros ficam livres dêsses desagradáveis "vestígios" e o penteado, também. Quanto aos cabelos, êles ficam macios, brilhantes, fáceis de pentear e discretamente perfumados.

Milhões de homens no mundo inteiro são reconhecidos a Pantene por conservar-lhes os cabelos saudáveis.

Seus cabelos também merecem ser friccionados com Pantene tôdas as manhãs. Experimente, pois. Você nada tem a perder... muito menos seus cabelos! Há 5 tipos de Pantene à sua escolha.

LOÇÃO VITAMINADA
PANTENE
A PROTEÇÃO INTEGRAL DE SEUS CABELOS

Êle construiu os Beatles

"A Polícia encerrou as buscas na casa de Brian Epstein levando garrafas e tabletes. Sua morte foi por distração; êle teria tomado pílulas após uns **drinks** numa festa". Os Beatles estavam num retiro espiritual no País de Gales quando souberam da notícia, e voltaram imediatamente a Londres. John Lennon declarou: "Sem êle, não sei onde estaríamos hoje." Foi Brian Epstein quem descobriu os Beatles em Liverpool, em 1961, e os fêz conhecidos no mundo inteiro.

Vance Packard é um jornalista americano formado na Universidade de Columbia. Especializou-se em estudar as modernas técnicas de persuasão da publicidade, e sabe como se constroem os ídolos. Hoje, faz parte da Sociedade Americana de Sociologia. A Editôra Ibrasa já traduziu seus livros: "A Nova Técnica de Convencer", "A Conquista do Prestígio Pessoal", "Sociedade Nua", e "Estratégia do Desperdício". Êle se repete muito, por isso aconselha-se a leitura do artigo "Os Manipuladores", que publicou em **Playboy.** Foi traduzido pela Edimax e faz parte do livro "As Melhores do Playboy". É um bom resumo de sua obra. Aqui vai reproduzido num artigo seu, publicado na revista **Post,** em 1964: **Construindo a Imagem dos Beatles:**

"Qual a causa de um movimento internacional como a Beatlemania? Os jornalistas podem, apenas, empurrá-lo. Mas, para iniciá-lo, é indispensável que contenha 5 ingredientes vitais. E isto é verdadeiro para qualquer movimento, seja êle Davy Crocket, Liberace ou Elvis Presley.

"Há três anos, qualquer observador da cultura popular recearia selecionar os Beatles como gente capaz de provocar maluquices nos dois lados do Atlântico. Em 1961, os Beatles tinham um ar de **beatniks.** Vestiam camisas negras, blusões negros de couro, **blue-jeans,** e tinham o cabelo despenteado. Numa fotografia tirada naquele ano, fizeram caretas para a câmara, como bons **beatniks** o fariam.

"Então, apareceu Brian Epstein, um jovem inglês de aparência aristocrática, que dirige uma emprêsa gravadora e se tornou agente dos Beatles. Primeiro, fêz com que êles tomassem banho, penteassem o cabelo e usassem roupa civilizada. Depois, pouco a pouco, numa combinação de talento, sorte e desenho, começou a explorar os cinco ingredientes que criariam o movimento.

"Primeiro, os Beatles precisavam de um símbolo que os fixasse na mente das pessoas. Como o chapéu de pêlo que Walt Disney deu ao seu Davy Crocket. Para o símbolo, decidiu-se utilizar os seus já longos cabelos. Os Beatles deixaram-nos crescer um pouco mais, tornando-os mais cheios, e passaram a penteá-los para a frente. O resultado não foi, apenas, a fixação pelo olhar. Isso tinha, também, um sentido evocativo. Penteados dêsse tipo eram comuns na Idade Média e sugeriam os tetos das casas de campo inglêsas.

"O segundo ingrediente necessário para um movimento é o de preencher alguma necessidade importante no subconsciente dos adolescentes. Os jovens se imaginam um grupo subjugado, constantemente exposto às arbitrariedades dos adultos. O mundo das diversões desenvolveu muitas táticas para oferecer aos jovens um sentimento de fuga a essa dominação. Os produtores de programas infantis da televisão fazem dos adultos uns vilões ou imbecis. Os agentes de imprensa de algumas estrêlas juvenis anunciam suas brigas com os pais. Cantores adolescentes contam com desprêzo que sustentam a família. O rock-and-roll, naturalmente, enerva muitos pais. E esta é uma das principais razões por que milhões de jovens gostam dêsse ritmo. Mas os Beatles não poderiam jamais esperar vencer Elvis Presley nesse campo. Em vez de oposição aberta aos mais velhos, êles praticaram uma imprudência simpática e um desrespeito generalizado a todo mundo. Conseguiram, finalmente, ser denunciados pelos adultos. Lord Privy Seal revelou a sua irritação. O marechal Montgomery disse que o Exército se encarregaria daqueles cabelos, se os Beatles, antes, não saíssem do país.

"Mas os Beatles, sob a tutela de Epstein, tiveram que satisfazer algumas necessidades subconscientes dos adolescentes. Como foram reestilizados, não são mais malcriados e duros, mas, ao contrário, amáveis, quase delicados. Com seus blusões de gola e um jeitinho infantil, despertaram o instinto maternal de muitas garôtas. E a necessidade subconsciente que êles satisfazem é a capacidade de transportar as adolescentes para outro mundo. Na platéia escurecida, as jovens abandonam tôdas as inibições e, quando os Beatles começam a cantar, agem de forma totalmente primitiva. Perdem a racionalidade e a individualidade. Sentem-se momentâneamente livres de tôdas as restrições da civilização. Os Beatles se especializaram em abrir caminho para essa fuga. Sua maneira relaxada, confidente, sua aparência selvagem, seus gritos, seus pulos e sua pulsação eletrificada fazem com que as garôtas também dese-

jem gritar e pular. As mais sensíveis caem imediatamente e não conseguem controlar movimentos histéricos. (Uma das razões por que os líderes totalitários da Rússia impedem a divulgação do rock-and-roll e do jazz é que essas formas de música oferecem ao povo a libertação de uma conduta controlada.)

"O terceiro ingrediente para criar um movimento, como Brian Epstein certamente sabe, é que surja como uma novidade excitante. Em pesquisas feitas entre estudantes secundários e universitários, encontrou-se a resposta de que os Beatles são "diferentes", algo nôvo no mundo musical. As adolescentes sentem que êles estão criando uma coisa nova, que diz respeito aos jovens. Como disse uma garôta de 15 anos: "Nós já estamos cheias de cantores populares." Para não falar do aspecto musical, a mensagem, com os Beatles, é muito diferente. Não existe sobriedade: a exuberância a substitui. É a limpeza contra a sujeira. Gritos de alegria contra autopunição. Humor contra a pomposidade.

"Um quarto ingrediente deve ser um motivo impulsionador, assim como um tema musical. Êsse tema foi encontrado pelos Beatles em seu próprio nome. Êle sugere, de maneira engraçada, **beatnik;** mas também sugere "beat" (batida) — e a batida é a mais evidente inovação de suas músicas.

"Finalmente, um movimento só pode ser bem sucedido se coincide com o espírito de uma época. A Inglaterra, após manter durante séculos uma forma de vida própria, introvertida, vem se libertando de suas inibições. Houve uma intensificação da sexualidade, da falação ostensiva e de uma vivência mais concreta. Os Beatles surgiram na época certa para ajudar êsse redescobrimento.

"Qual é o futuro do movimento dos Beatles na América? A resposta é difícil. Os Beatles dependem tanto de serem vistos (do apêlo visual), que se duvida da sua capacidade de sustentar o movimento nos dois lados do Atlântico. Outro problema é que êles não ofendem os adultos suficientemente, e isso pode prejudicar a adesão dos jovens. Para ser franco, se eu tivesse uma fábrica de perucas dos Beatles, estaria muito preocupado. Os movimentos tendem a morrer de uma forma violenta e terrível. Não faz muito tempo, milhares de fabricantes foram apanhados de surprêsa produzindo cnapéus de pêlo, enquanto Davy Crocket desaparecia sem avisar."

Mas os Beatles não desapareceram e tudo indica que não desaparecerão tão cedo: Epstein deixou uma obra-prima.

Até onde vai Simonal ?

Wilson Simonal não é mais um simples cantor de "rock". Muito menos o sofisticado intérprete de bossa-nova, o primeiro negro que se apresentou no fechadíssimo Country Club do Rio. As versões dos sucessos de Elvis Presley não o projetavam, no início da carreira, em 1963, além de um público restrito: a jovem-guarda ainda usava fraldas. João Gilberto e Tom Jobim lhe abriam as portas de auditórios requintados, mas nem sempre lotados.

Nos Estados Unidos, um cantor pode ter sucesso dirigindo-se a um público fechado. Connie Francis faz o gênero "patinho feio" para os fãs do meloso-romântico. Mahalia Jackson exige um mínimo de sofisticação dos admiradores de seus "spirituals". Aqui, se o cantor não enfrentar tôdas as platéias, desde a mais popular, à mais refinada, acaba como Lúcio Alves ou Maysa, que não chegaram ao grande público. Na selva que é a tevê brasileira, Simonal não teve muito o que escolher: "Meu sonho é ser um artista completo, um **show-man** como o Sammy Davis Júnior. Mas não adianta elevar o nível dos meus programas, apresentando bons textos humorísticos e um repertório de primeira categoria, sem, antes, estar certo da minha popularidade".

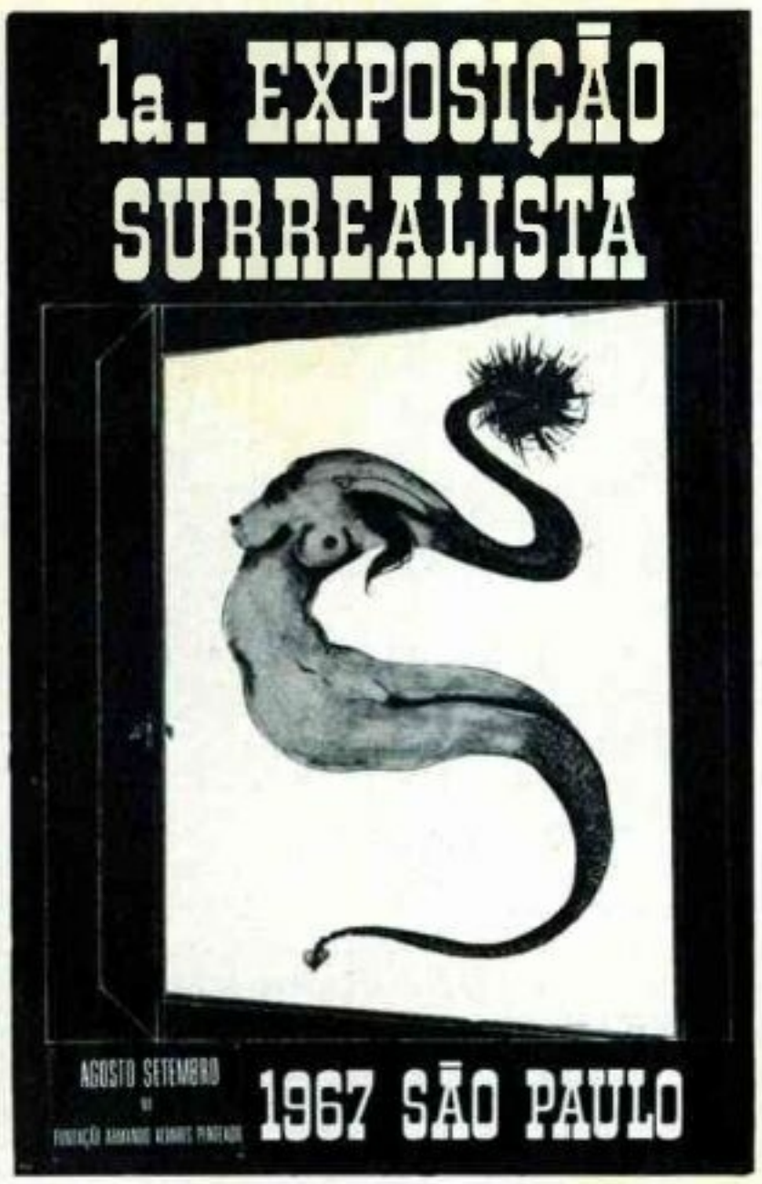
Simonal pertence a uma geração de artistas altamente profissionalizados. Como muitos outros, tem uma assessoria Uns dizem que é êle mesmo quem decide tudo, na base do talento e da improvisação. Não é verdade. Simonal é muito lúcido e conhece bem sua profissão: "Quais foram meus últimos grandes sucessos? Carango, Açúcar Ni Mim, Meu Limão. Pois sabe qual foi a minha gravação que mais vendeu? A Praça. Não tenho ilusões. Quem compra disco é a classe "A". A classe "B" imita, e a "C" vai pela boa pinta. Até eu, quando ponho aquêle chapèuzinho e uma camisa diferente, entro na onda".

O programa Show em Si... Monal sempre obteve bons índices de audiência. Quando comemorou seu primeiro aniversário, o cenário mostrava cenas do Brasil-Colônia, reproduções de Debret. Grandes fotos de Pelé e Cassius Clay. Era uma alusão clara ao seu mais nôvo lançamento na época, Tributo a Martin Luther King. Os textos humorísticos tinham bom nível. Um ridicularizava os "jingles" publicitários, outro era uma adaptação de Brasilino, tema já explorado por Billy Blanco — "João da Silva, cidadão sem compromisso, não manja disso que o francês chama l'argent." Nesse dia, revelava-se um excelente comediante, no melhor estilo americano. A parte musical era menos ambiciosa. É mais garantido harmonizar Meu limão, ou Está Chegando a Hora, do que arriscar num lançamento ousado. Mas se explicava: "Com o texto não posso vulgarizar demais, se não caio no ridículo e perco meu público de classe "A". Ainda não sou um comediante seguro. Quanto às músicas, é preciso dosar. Letra medíocre, bom acompanhamento. É por isso que faço o público cantar comigo. Êle percebe que a harmonia está diferente."

Seis meses. É o prazo que êle marcou para atingir a completa popularidade. E agora isso parece bem provável. Qual a maneira mais rápida de vencer na televisão? Os produtores de Vamos S'imbora, outro **show** de Simonal, aplicaram a fórmula mais simples: reunir num só espetáculo todos os outros que já estão bem cotados no IBOPE. Assim, seu mais nôvo programa é uma espécie de cozido à portuguêsa, uma mistura carregada, onde o azeite foi substituído pelo "champignon." Os quadros de humorismo barato, misturados com espetáculos circenses para crianças e melodramas de telenovelas, são conduzidos por um "partner" medíocre: Zeloni. As entrevistas pseudo-corajosas, no estilo do antigo Prêto no Branco, são A Hora da Verdade, em que o juiz de futebol Armando Marques esbraveja diante dos entrevistadores. Em sua segunda apresentação, a vedete desta parte do programa foi Jacinto Figueiras, que era responsável pelo Homem do Sapato Branco. Há um programa de auditório, como os de Chacrinha e Sílvio Santos. Os calouros, prèviamente selecionados, dividem o repertório em sucessos de Roberto Carlos, Agnaldo Rayol e Elis Regina. Vamos Pela Rua é uma seção que pretende apresentar "entrevistas e tipos humanos"; aquela mesma monotonia dos programas da Hebe Camargo. E os lutadores de "Telecatch" estão representados pelo quadro Vamos Botar Pra Quebrar, em que a atração permanente é Carlos Imperial.

Wilson Simonal escolheu o caminho mais fácil para obter sucesso. Sua lucidez, no entanto, pode equivocar-se num ponto: quem pode, agora, garantir que êle venha a ser um grande **show-man**? Será que nossa televisão não vai triturá-lo?

Afinal o que é isso?



A mocinha de rabo-de-cavalo, saia curta e livros na mão vai de um canto a outro da sala, prestando atenção aos grupinhos que param diante dos quadros estranhos: nádegas saem de troncos, pernas se multiplicam em forma de correntes.

— Afinal, o que é que você está achando de tudo isso?

Ela fica olhando para os quadros, quase desinteressada, e não responde.

— Você não se entusiasma? Essa é a primeira exposição surrealista realizada no Brasil.

— Para dizer a verdade, só gostei de uma coisa que acho que não tem nada a ver com surrealismo. É aquêle quadro escuro ali do fundo. Parece uma porção de arranha-céus inclinados, com uma lua apertada entre êles.

E a mocinha apontava "A Selva", tela de Max Ernst.

Seria possível marcar uma data para o lançamento da pedra fundamental do movimento surrealista: 1924. André Breton, o **papa,** escrevia seu Primeiro Manifesto. E definia: "Surrealismo — s.m. — Automatismo psíquico puro, pelo qual se propõe exprimir, seja verbalmente ou por escrito, ou por outra maneira qualquer, o funcionamento real do pensamento, na ausência de todo contrôle exercido pela razão, fora de tôda preocupação estética e moral." Objetivo básico do movimento, realização integral do homem. Quais as técnicas utilizadas? Antes de tudo, o humor e a irreverência. O automatismo (escrever ou pintar o que primeiro ocorrer à mente) proporcionará os meios mais eficazes. A arte (pintura, literatura, cinema e fotografia) será sua linguagem. A psicanálise (sobretudo a exploração dos sonhos) lhe dará o sentido mais profundo. E a revolução social (Breton foi trotsquista e o poeta Aragon do Partido Comunista, embora Chirico e Salvador Dali tenham sido expulsos do grupo porque bandearam para a fascismo) será a concretização do movimento

Breton, que em 1929 tinha publicado o Segundo Manifesto, morreu no ano passado. Uma frase recolhida em seus escritos inéditos: "Talvez eu tenha um excesso de **norte** para que jamais venha a ser o homem da plena adesão." Nos últimos tempos, só uma exposição parisiense rivalizou com a de Picasso no início dêste ano: a dos surrealistas em 1966. Por iniciativa da UNESCO, alguns dêles estão em São Paulo, na Fundação Álvares Penteado.

Com exceção de Ismael Nery, o poeta e pintor paraense que nasceu em 1900 e viveu 34 anos, pode-se dizer que não há surrealistas no Brasil. Agora, em São Paulo, um grupo liderado por Sérgio Lima (um dos organizadores da exposição) tenta ressuscitar o movimento, mas, aparentemente, sem perder aquêle ar de importação. Não fôsse o chamariz de uma mostra internacional, é bem possível que nossos surrealistas permanecessem anônimos por mais algum tempo.

O esfôrço é louvável. Com apenas um milhão e meio para a produção, conseguiram abalar o público paulistano mais aristocrático. Lamenta-se o amadorismo e a falta de apoio governamental. Uma exposição dêsse tipo, no Brasil, só se justifica se fôr didática. A pobreza do material apresentado não a credencia como um acontecimento significativo. De pouco adiantam os fios de plástico ligando trechos dos manifestos de Breton aos quadros mais importantes, se a mocinha de rabo-de-cavalo não sabe que Max Ernst é um dos pioneiros do movimento na Europa.

A nova moda é estruturalismo

O universitário tem a "volúpia da infidelidade", como diria o sambista. Ninguém seria capaz de imaginar que o "namôro" com o existencialismo fôsse terminar tão melancòlicamente. De um momento para outro, Sartre, Camus e Kierkegaard foram passados para trás pelo conceito de alienação, pela luta de classes, pelo jovem Marx, enfim. E, hoje, a moda é o estruturalismo. Pode-se pronunciar à francesa (strôs) ou à germânica (straus). O indispensável, porém, para se tornar um autêntico intelectual da margem esquerda é falar, a cada cinco minutos, em Claude Lévi-Strauss, o mestre do estruturalismo.

Nascido em 1908, em Bruxelas, Strauss estudou na Faculdade de Direito de Paris, onde se tornou assistente de filosofia e doutor em Letras. Durante dois anos ensinou em Mont-de-Marson e em Lyon. Em 1935 deixou a França para assumir a cadeira de Sociologia na Universidade de São Paulo. Desde sua chegada ao Brasil, passou a estudar os índios. Transformou-se em etnólogo e dirigiu várias expedições. Voltou à França em 1939, depois transferiu-se para os Estados Unidos, no fim da II Guerra.

Em Nova Iorque, onde escreveu suas primeiras obras, foi convidado para ser conselheiro cultural da Embaixada francesa, cargo do qual se demitiu dois anos mais tarde para dedicar-se exclusivamente aos trabalhos científicos. Primeiro, no Museu do Homem, depois na Escola Prática de Altos Estudos, em Paris. Desde 1959, ocupa a cadeira de Antropologia Social no Collège de France.

Lévi-Strauss foi influenciado por dois gênios do século passado: Marx e Freud. Marx foi o primeiro a mostrar que existe uma "estrutura" por baixo da realidade que conhecemos. E que esta realidade só pode ser compreendida após o conhecimento da estrutura. Strauss tirou daí dois ensinamentos: 1 — há atrás da aparência e do perceptível uma lógica interna, oculta, que deve ser desvendada; é a estrutura; 2 — ao contrário do que se imaginava até então, não é a experiência que permite encontrar esta estrutura, mas sim a reflexão teórica.

É aqui que aparece Freud. Lévi-Strauss considera que a atividade inconsciente do espírito humano — a mesma para o homem primitivo e o homem civilizado — é quem informa quais as estruturas que estão por trás da realidade. Daí, ser necessário desvendar esta estrutura do espírito para que se possa compreender as instituições, os costumes, os mitos, os comportamentos coletivos etc.

A lingüística contemporânea, que foi a primeira ciência social a possuir um rigoroso método científico, descobriu que, em quase tôdas as línguas, há pares constantes de associações e oposições, comuns a tôdas elas. Isto é, o homem americano ou o javanês associam determinados sons a determinados signos, partindo das mesmas operações mentais. A partir disso, foi feito um quadro de possíveis combinações de sons, e hoje os lingüistas são capazes de construir um painel que prevê o desenvolvimento de qualquer língua. O importante não é a palavra isolada, mas as relações entre as palavras, a posição de uma em relação a outra.

Se o método deu certo na lingüística, por que não utilizá-lo na antropologia, a ciência que serve de base para tôdas as outras ciências sociais, uma vez que trata das manifestações mais elementares do homem? Lévi-Strauss, pela primeira vez, aplica o método estruturalista aos sistemas de parentesco das sociedades primitivas. Sumàriamente, o que êle faz é o seguinte:

A Ford já investiu milhões de dólares em computadores, mas o Sr. Paschoal insiste em trabalhar a seu modo.

A emprêsa que mais utiliza computadores, hoje, no mundo inteiro, é a Ford, com vários centros de processamento eletrônico de dados. Aliás, a Ford sempre foi conhecida como a companhia mais avançada na técnica de administração de negócios. Sua fama em organização já tem muitos anos e é tão grande quanto a reputação dos seus produtos. Embora a Ford seja uma indústria e não uma escola de administração de emprêsas, seus métodos, sistemas e conceitos são lições que também podem apontar para outras companhias o caminho da prosperidade. Na era dos computadores, por exemplo, a Ford coloca a máquina a serviço do homem, multiplicando a sua capacidade de pensar e realizar. Com tais recursos, a Ford dá instrumentos para que o seu potencial humano de mais de 380.000 empregados aumente a sua própria capacidade de criar coisas maravilhosas. Desde a imaginação de seus cientistas até a habilidade de seus operários, a insubstituível contribuição do homem é o núcleo fundamental da filosofia de negócios da Ford. Tanto assim que o Sr. Paschoal pode continuar usando seus métodos pessoais de trabalho.

Ford

Partindo da observação das relações sociais entre os índios bororós, do Brasil Central, por exemplo, êle retira os elementos indispensáveis à construção de um modêlo teórico. O modêlo pode ser comparado a uma escada que conduz a um degrau mais alto, onde se encontra a estrutura. Na estrutura, que é uma construção teórica, torna-se possível descobrir por que os índios proibiram certos tipos de casamento, por que instituíram outros, por que dispõem suas casas em círculo. Strauss acaba concluindo que os bororós não escolheram deliberadamente um tipo de organização social, mas foram agentes passivos de uma estrutura mental inconsciente.

No estágio atual das ciências — diz Strauss — é impossível tentar compreender a sociedade como um todo. O que se pode fazer é descobrir fatos que sejam comparáveis e que se tornem significativos. Ao contrário, as ciências não poderão empregar raciocínios científicos. Propõe, então, que se procure interpretar a sociedade, em seu conjunto, em função de uma teoria da comunicação. Isso agora é possível: as regras de parentesco e casamento servem para assegurar a comunicação das mulheres entre os grupos; as regras econômicas asseguram a comunicação dos bens e serviços; e as regras lingüísticas, a comunicação de mensagens.

Uma crítica à obra de Strauss é a de que só obteve êxito em suas análises porque se limitou às sociedades primitivas. É preciso considerar, entretanto, que seus seguidores já estão estendendo o método a fenômenos das sociedades contemporâneas, como é o caso de Roland Barthès, que acaba de publicar uma obra estrutural sôbre a moda.

O estruturalismo não se opõe ao marxismo, mas apenas estende a sua análise a outros níveis. O próprio Strauss diz que procura, apenas, contribuir para a identificação do papel das superestruturas de que falou Marx. E, dentro do marxismo, é Louis Althusser quem enfrenta tôdas as acusações de revisionismo e tenta descobrir o mecanismo dessas superestruturas, servindo-se de uma abordagem estruturalista.

Recentemente a Zahar lançou uma seleção de textos sôbre o assunto, com o título de "O Método Estruturalista". Quanto às restrições marxistas, é bom consultar o artigo de Oto Maria Carpeaux — "O Estruturalismo é o Ópio dos Intelectuais" — publicado na Revista Civilização Brasileira número 14.

Lévi-Strauss já escreveu dez livros, mas só um dêles, "Tristes Trópicos" foi traduzido no Brasil, numa edição da Anhembi, de São Paulo. Ao saber que esta obra estudava as populações indígenas do Amazonas e Mato Grosso, o cineasta italiano Gianni Amico veio ao Brasil com a intenção de filmá-la para a tevê italiana. Depois, mudou de idéia. Era muito difícil fazer um filme "estruturalista". Além disso, comentou-se que o próprio autor teria escrito uma carta impedindo as filmagens. O roteiro acabou sendo adaptado para um documentário sôbre um retirante que vem do Nordeste para São Paulo. Mas, até hoje, Amico ouve, pelo menos umas dez vêzes por dia: "Como está indo o teu "Tristes Trópicos?"

Musical perdeu o "rebolado"

O teatro de revista chegou ao fim, quando caiu o pano sôbre o último espetáculo produzido por Válter Pinto. E acabou-se sem o **grand-final** de cascatas borbulhantes, plumas multicores e elencos de cem figurantes entoando "Na Baixa do Sapateiro", enquanto pombos brancos saíam de dentro da bandeira do Brasil, em direção à platéia deslumbrada. Fantasiado de travesti, o chamado "teatro rebolado" refugiou-se nas boates e perdeu seu público tradicional: nas torrinhas, os senhores austeros que iam matar saudades das francesas da "belle époque"; na fila do "gargarejo", os moçoilos irrequietos que arriscavam uma aventura com a vedetinha desajeitada. As charges políticas não existem mais. Oscarito e Silva Filho envelheceram, Virgínia Lane e Eloína também. Luiz Felipe de Magalhães, Max Nunes e J. Maia já não conseguem repetir os textos abusados e escandalosos que lotavam os teatros Recreio e Rival (no Rio) e Natal e Santana (em São Paulo). No fim da década de 50, o produtor milionário Válter Pinto conseguia seus últimos sucessos: "Tem Bububu no Bobobó" e "É de Xurupito".

Aí chegou a televisão. Era muita concorrência. A fórmula infalível — luzes e mulheres bonitas — tinha que mudar. Mulheres bonitas nem existem mais. Trocaram o duvidoso sucesso nos palcos de revista, onde ganham 300 cruzeiros novos em média, pelas pontas nos **shows** ou quadros humorísticos da tevê, que podem oferecer um contrato de 700. Antigamente, Válter Pinto levava suas companhias ao interior e fazia "tournées" milionárias ao exterior. Hoje, gasta-se pouco mais de 20 milhões na montagem de uma revista; e um produtor, com muita sorte, repetindo fórmulas antigas (nem os títulos são mais originais; qual a diferença entre "Tem Bububu no Bobobó" e "Tem Fofoca na Bufunfa"?) consegue montar três espetáculos por ano. Chega-se até a apelar para a grossura — houve uma peça com o lamentável título "Tôco Cru Pegando Fogo" — mas o público não se renova. São sempre os mesmos funcionários de classe média, caixeiros viajantes e rapazes do interior enganados pelos cartazes da porta. Lá dentro êles verão que a velha vedete já não esconde suas rugas e que o cômico anunciado como "atração internacional" conta surradas piadas de circo.

Mas, se êste teatro morreu, o musicado continua. O samba-exaltação foi substituído pela bossa-nova e a vedete carnuda transformou-se em atriz intelectualizada. Os textos são maiores, mais exigentes e, quase sempre, defendem princípios, como no **show** "Opinião", quando, antes, o melhor era exatamente a falta de princípios.

Hoje, a melhor intérprete do teatro musicado é capaz de representar Shakespeare ou Brecht; é apontada como uma nova Fernanda Montenegro ou Cacilda Becker e discute o método Stanislawski. Filha de artistas, casada com artista, o sogro é artista e a sogra faz figurinos para teatro. Marília Pêra quase nasceu num teatro, há 24 anos. Aos três dormia nos camarins esperando o último ato para ir embora para casa: seus pais, o ator Manoel Pêra e a atriz Dinorá Marzulo, estavam em cena.

Estreou há vinte anos numa tragédia, "Medéa", e ficou de olhos muito arregalados, ven-

Marília Pêra é a salvação.

Você conhece jóias?

V. seria capaz de distinguir entre um rubi natural e um sintético?
V. sabe qual a proporção de ouro puro existente na sua aliança?
De que fatôres depende o valor de um brilhante?
V. sabe diferenciar a criação individual da fabricação em série?
Se v. sabe a resposta a tôdas essas perguntas, nossos parabéns.
V. é de fato um profundo conhecedor de jóias. Um dos melhores mesmo.
Mas se v. tem alguma dúvida, sua única garantia é saber de quem compra.

Eternamente, é o prazo pelo qual H. Stern garante a autenticidade das jóias que vende.
Uma esmeralda vendida como esmeralda será sempre uma esmeralda.
Assim o brilhante.
Assim o ouro, a platina.

Em se tratando de brilhantes, fazemos questão de oferecer um certificado contendo tôdas as características de côr, pureza e lapidação.

Não foi apenas pela beleza de suas jóias que H. Stern conquistou mercados como New York, Lisboa, Frankfurt, Buenos Aires e Caracas.

H. Stern Joalheiros
São Paulo:
Praça da República 242

Rio de Janeiro:
Av. Rio Branco 173
Av. Atlântica 1782 (aberta até às 22 horas)

H.Stern
Joalheiros

No Brasil: Rio de Janeiro São Paulo Brasília Belo Horizonte Recife Santos
No Exterior: New York St. Thomas V.I. Frankfurt Lisboa Tel Aviv Asunción Buenos Aires Caracas Lima Montevideo Quito Santiago

do a interpretação de Henriette Morineau. Depois, estudou balé, leu muito e sempre acompanhou os pais, até na Europa. Acabou estreando profissionalmente no **show** "De Cabral a JK", de Carlos Machado. Fêz "tournée" pelo Chile, México e Argentina. Casou, teve filho, fêz um pequeno papel em "My Fair Lady", e começou a aparecer quando trabalhou em "Como Vencer na Vida sem Fazer Fôrça". Depois fêz "Onde Canta o Sabiá", comédia de Gastão Toyeiro.

Seu fôlego, porém, a levaria ainda mais longe. No início dêste ano, fêz a "Ópera dos Três Vinténs", de Brecht, e logo a seguir a "Megera Domada", de Shakespeare, numa atuação tão forte que o crítico Antônio Callado disse que ela parecia "uma jaguatirica de Mato Grosso".

Sem abandonar o musical, onde começou, trabalhou na peça de Hélio Bloch, "A Úlcera de Ouro", onde canta, dança, interpreta e ainda é coreógrafa. Seu grande dom, a versatilidade, lhe permite mudar uma intepretação de acôrdo com a platéia. Isto aconteceu na "Megera Domada", onde, depois de debater com os alunos de um colégio, chegou à conclusão de que "uma dama de nosso tempo não poderia aparecer submissa e respeitosa", e transformou a cena final num vivo e irônico monólogo.

Entre Virgínia Lane e Marília Pêra, as diferenças não estão apenas nas medidas da cintura e dos quadris. Entre elas há duas fases importantes no teatro brasileiro: Virgínia foi a última grande vedete do teatro de revista; Marília é a primeira grande estrêla do nôvo musical brasileiro.

ndicações

LIVROS

ISRAEL, Origem de uma Crise — Marcos Margulies, Edit. Difusão Européia do Livro, NCr$ 5,00 — Nesta análise brasileira, demonstra-se que Israel é um elemento socialista dinâmico dentro da estagnação feudal e demagógica do mundo árabe.

QUARUP, Antônio Callado, Edit. Civilização Brasileira, NCr$ 10,00 — "Quarup" inverte os têrmos da grande literatura, tratando banalmente um tema genial. O relato ambicioso do padre que se transforma em guerrilheiro por amor e em contacto com índios, vistos sob o prisma de Rousseau, confunde misticismo e literatura com erotismo esquerdizante.

VILLA-LOBOS, Arnaldo Magalhães De Giacomo, Edit. Melhoramentos, NCr$ 5,00 — Uma deliciosa apresentação, para crianças, de um dos grandes talentos que o Brasil vem dando ao mundo, desde Aleijadinho até Niemeayer.

A JUVENTUDE DIANTE DO SEXO, Dr. José A. Gaiarsa, Edit. Brasiliense, NCr$ 12,00 — Um "Kinsey Report" arguto que mostra a juventude brasileira ainda prêsa a tabus herdados dos pais mas ansiosa por uma "reforma sexual" dos costumes ainda feudais vigentes no Brasil de hoje.

LUTANDO NA ESPANHA, George Orwell, Edit. Civilização Brasileira, NCr$ 8,00 — O sombrio profeta da sociedade staliniana em "1984" revela o lado humano da mais desumana das atividades — a guerra — colocando acima de ideologias passageiras o valor permanente do Homem como fim e não como meio.

A GUERRA NOS CÉUS, Richard Collier, Edit. Nova Fronteira, NCr$ 8,00 — Um dos melhores jornalistas inglêses reconstrói as oito heróicas semanas em que a R.A.F. venceu a **Luftwaffe** nazista, fazendo o fiel da balança da História pender para o lado da liberdade e contra o Al Capone político do Século XX — Hitler — e seus asseclas.

PROSA POLÍTICA E FILOSÓFICA DE HEINRICH HEINE, Edit. Civilização Brasileira, NCr$ 10,00 — O lírico poeta romântico alemão era também um jornalista faiscante de verve mordaz e percepção política. Seu relógio "adquirira hábitos judeus em várias temporadas em casas de penhores, aos sábados, por exemplo, não trabalhava" e na escola o precoce Heine era punido ao responder à pergunta: "Como se diz **"religião** em francês?": **"le crédit".**

DICIONÁRIO DO ESPIÃO MODERNO, Alain Pujol, Edit. José Olympio, NCr$ 6,00 — Um mundo surrealista que faz de James Bond o macaco longínquo de que descende o espião moderno: as centrais elétricas da URSS foram copiadas das norte-americanas pelas "delegações" russas aos EUA; crianças maltrapilhas inutilizaram aviões norte-americanos na Coréia pondo água salgada nos seus tanques de gasolina e em Nova Iorque você pode fazer, por correspondência, um curso completo para ser agente secreto, recebendo até diploma, por apenas 22 dólares.

A SURPRÊSA DE SER, Armindo Trevisan, Edit. José Álvaro, NCr$ 5,00 — A surprêsa foi do júri — Carlos Drummond de Andrade, Manuel Bandeira e Cassiano Ricardo — ao premiar a poesia de um padre jovem e gaúcho que canta a nudez e a adesão social da Igreja em versos singelos e ecumênicos.

DISCOS

GRANDE ORQUESTRA DE PAUL MAURIAT N.º 3 — Philips — Paul Mauriat é o Kostelanetz da interpretação moderna subliminarmente **sexy** e sofisticada, desde "This is my song" até "Seuls au monde".

SONATAS PARA VIOLINO E PIANO, Bela Bártok, Westminster — Divergindo da sonata clássica mozartiana, o duo de piano e violino do grande mestre húngaro parte de uma harmonia rítmica e não melódica, desbravando novas vias expressivas para a literatura camerística mais revolucionária dêste século.

GRANDE PARADA, vários intérpretes, Elenco — Enquanto Tom Jobim interpreta a alegria triste de "Só tinha que ser com você", as baianas do Quarteto em Cy traduzem em ritmo o trem que vem chegando para "Pedro Pedreiro" e Baden Powell dedica uma lírica serenata ao "Astronauta".

ETERNAMENTE SAMBA, Ataulfo Alves, Polydor — Se São Sebastião protege o Rio de Janeiro, o porta-estandarte do samba carioca é o velho Ataulfo, pai da "Amélia" e do hino oficial dos morros: a sua imortal "Favela".

CINEMA

FAHRENHEIT 451 — Truffaut deu um ritmo arrastado à tênue história de Bradbury sôbre uma comunidade em que os bombeiros em vez de apagar incêndios queimam livros, proibindo a cultura. Se não fôsse por Julie Christie, seria melhor ver na TV o que a guarda vermelha faz na China.

ABC DO AMOR — A julgar por esta amostra de co-produção chileno-brasileiro-argentina, o Mercado Comum Latino-Americano só tem em comum mesmo o subdesenvolvimento de idéias e de linguagem cinematográfica.

OS PROFISSIONAIS — Nesta resposta aos "Westerns" italianos, Hollywood adicionou às acrobacias de Burt Lancaster o busto de La Cardinale e um final tão inesperado que só surpreende o espectador que despertar naquela cena.

UMA LOURA POR UM MILHÃO — Mais uma vez dirigindo seu ator preferido, Jack Lemmon, o veterano Billy Wilder alterna sátiras ferozes e momentos de ternura ao dissecar o mundo das companhias de seguros e a fraternidade entre um opressor negro e um oprimido branco, provàvelmente irritando Rap Brown e seus partidários do fanatismo racial negro nos EUA.

PARIS ESTÁ EM CHAMAS? — É pena que elas não tenham consumido metade das quase 4 horas de projeção dêste "porque-me-ufano-de-ser-francês" que deve ter feito inflar de orgulho e de **gloire** o peito amedalhado do general de Gaulle.

SUBLIME LOUCURA — Sean Connery abandona a segurança alvar de James Bond para encarnar um poeta vital em Nova Iorque, revoltado contra a sociedade em que os psicólogos são os curandeiros da angústia tribal moderna e os clubinhos femininos de poesia servem de derivativo quando o otimismo imposto pela publicidade rui sem base ao mais leve sôpro da realidade.

TEATRO

O ESTRANHO CASAL (S. Paulo, Teatro Ruth Escobar) — Dois homens divorciados às voltas, num apartamento em Nova Iorque, com culinária, pôquer e mulheres, em três atos hilariantes que apresentam Lima Duarte na mais cômica caracterização da temporada.

O ÔLHO AZUL DA FALECIDA (Rio, Teatro Ginástico) — A morte, a pompa, o lucro, a estética, a moral — tudo é alvo da irreverência certeira de Joe Orton — o Oscar Wilde moderno falecido recentemente — que apesar de colocar em cena um cadáver como personagem principal, dá a Ítalo Rossi, entre os vivos, uma atuação esplêndida como o confuso Inspetor Truescott.

A PRÓXIMA VÍTIMA (Teatro João Caetano, São Paulo) — Sob patrocínio da Secretaria de Educação, a vítima é o público.

O BRAVO SOLDADO SCHWEIK (Rio, Teatro Carioca) — Assim como os diretores brasileiros não digeriram Brecht até hoje, o seu "hors-d'oeuvre", que é esta peça maliciosa e grotesca, tampouco foi assimilada, na simplória versão brasileira. Só a custo o texto resiste à acariocação da tradução e ao tom de chanchada de quase tôdas as interpretações.

Em fins do século passado e comêço dêste, após várias guerras, o mundo estava em calma. Era a "belle époque". Homens e mulheres dançavam e cantavam. Toulouse Lautrec imortalizava na tela o famoso Moulin Rouge. Nossos turistas traziam da Europa as últimas novidades do "Art Nouveau". Foi a época aura do surgimento do cinema, fonógrafo, rádio e telégrafo. Neste período o champagne dominava "inconteste" as reuniões sociais! E por aí começou a história (ou estória?) que vamos contar a vocês do

CHAMPAGNE NACIONAL

Texto: Maria de Lourdes Ribeiro • Fotos: José Todrani

1890 era o ano. O local: um navio italiano que vinha da Europa. Em um dos camarotes um homem fumava seu cachimbo. O silêncio cobria o navio. Sòmente seus passos ressoavam no chão lustroso da cabine. Estava preocupado. No porão, fechado em um baú, repousava seu tesouro. Junto às malas, várias mudas de uma planta. Seu tesouro era raríssimo... Conseguido com muitas lutas, muito trabalho e... muitos francos. O homem era italiano. O tesouro vinha da França. Aquêle personagem, que à primeira vista parecia misterioso, era um abastado comerciante. Um dêsses homens que não perderam a poesia de sua raça. Seu nome: Manuel Peterlongo. Seu tesouro: um livro. Para os desavisados, "um livrinho". Para os conhecedores, uma raridade. Era a "bíblia" do vinho espumante! Suas páginas contavam tôda a história do famoso vinho, fabricado na região de Champagne na França. Todos os detalhes de fabricação, qualidade das uvas e do solo, estavam ali contidas. E poderia se perguntar o porquê de tanto mistério e tantos cuidados? Simples. O segrêdo de fabricação do champagne era guardado a-sete-chaves pelos franceses. Acontece que um dos guardiões dêste segrêdo, devido à pouca procura de produtos químicos e à baixa produção da bebida, resolveu editar o falado "livro" e distribuí-lo. As iracundas adegas da França moveram céus e terras para capturar a edição fatal. Porém, como não havia ainda a Interpol, vinte livros escaparam. Um dêles estava em poder de Manuel Peterlongo, que tinha pressa em chegar à terra que escolhera para se fixar com sua família — o Brasil — terra nova e rica, de solo fértil e temperaturas agradáveis.

Finalmente o navio chega às costas brasileiras. A família Peterlongo desembarca com seus tesouros: o livro e mudas das mais finas castas de uvas. Restava determinar o melhor ponto para desenvolver suas atividades. Manuel viaja um pouco e decide-se por Garibaldi, pequena vila da região serrana, no Sul do país, onde as 4 estações climáticas são perfeitamente definidas.

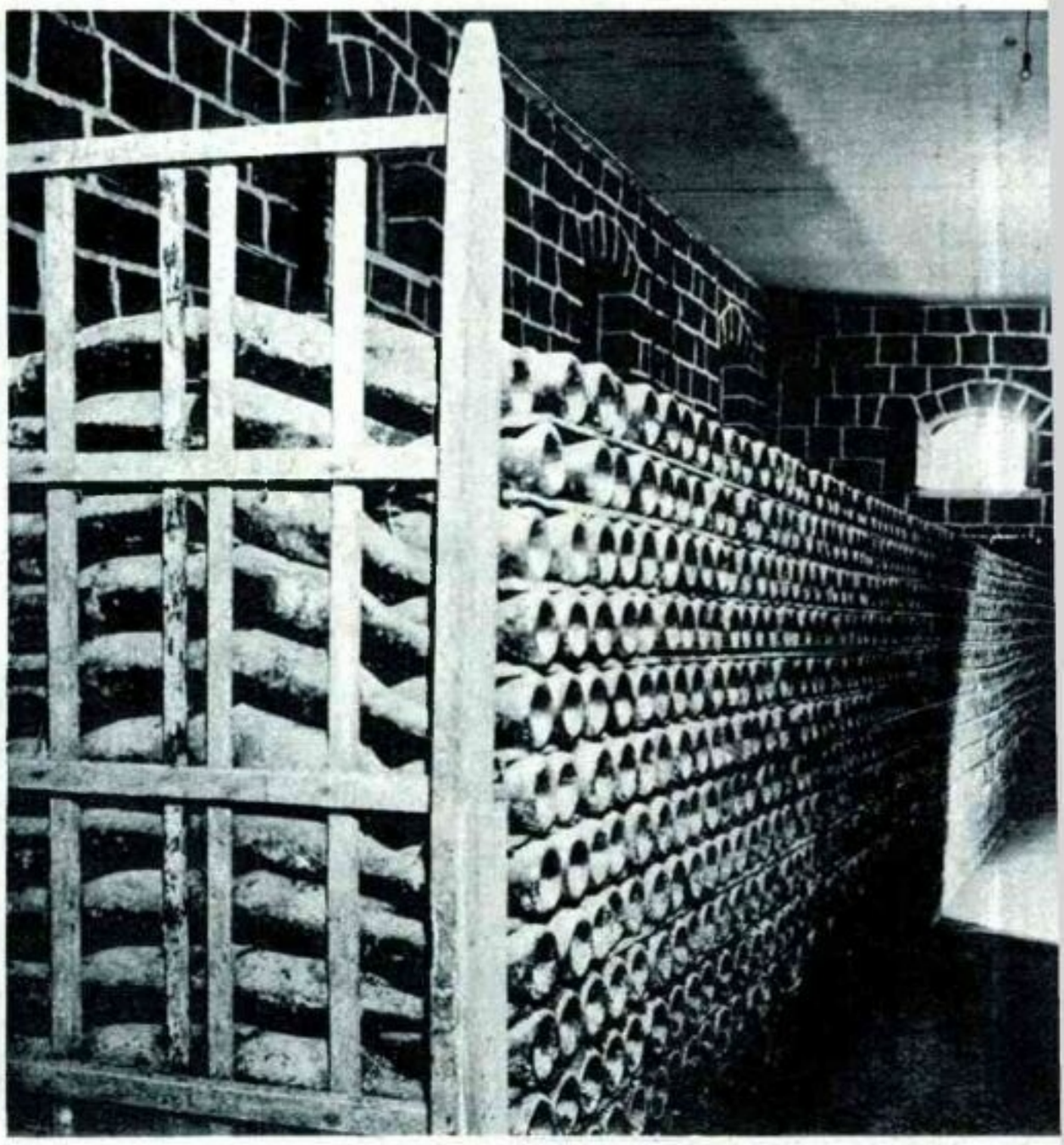
Estabeleceu-se o italiano. E em muitas noites, após o trabalho diário, punha o filho sôbre os joelhos e contava a história daquele monge beneditino, Dom Pérignon, que no ano de 1670 na Abadia de Hautvillers, região de Champagne (França), descobria a espuma do vinho famoso e seus princípios básicos. Falava da maneira como Dom Pérignon introduzira o emprêgo das rôlhas de cortiça, trocando vantajosamente as antigas cravelhas embebidas em óleo, fortemente impróprias à conservação do vinho. E dizia das descobertas do monge francês, que através de pesquisas concluiu que sòmente um frasco hermèticamente fechado, impossibilitando a perda do gás carbônico, asseguraria o surgimento da espuma (mousse). Do modo de conservar os frascos em caves frescas, sob uma temperatura baixa e constante. E, também, de como êste monge teve a idéia de misturar, em doses certas, os diferentes tipos de vinho, ressaltando as qualidades

Nunca um homem foi tão hábil para fazer o vinho! Suas experiências sôbre a purificação do vinho, as causas de sua efervescência e o uso que podemos fazer dêle hoje em dia são célebres. (Velha gravura mostrando Dom Pérignon descobrindo a espuma do vinho famoso!)

Os parreirais próprios, plantados nas encostas norte, recebendo o sol durante todo o dia, determinam a qualidade final das uvas.

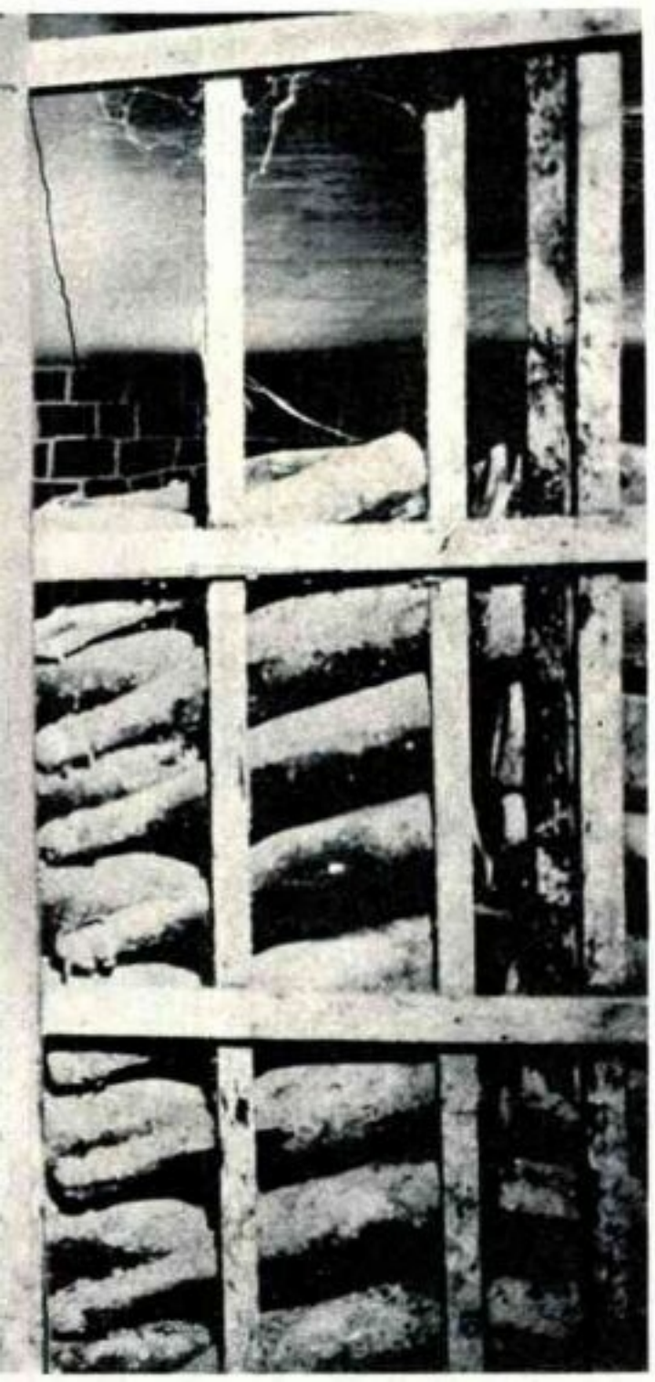
Podemos medir os cachos com fita métrica!...

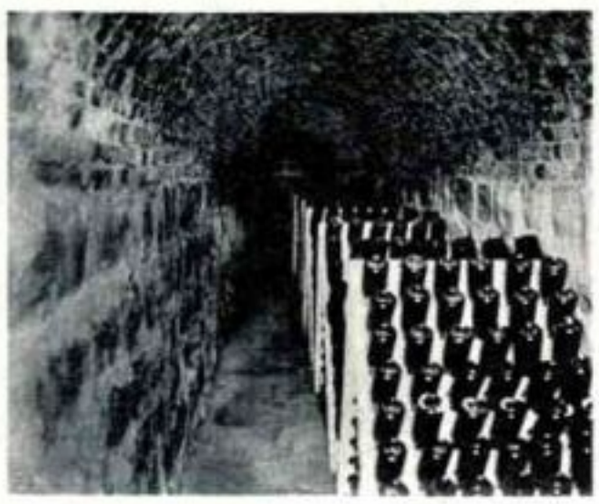
A maturação do vinho de champagne demanda um envelhecimento de muitos anos em "caves" frescas. Galerias profundas e imensas que, sob uma temperatura baixa e constante, guardam milhares de garrafas do famoso vinho!



Uma das "caves" da Casa Peterlongo com as garrafas em seus "pupitres", durante o processo de "remoagem" (pequenos impulsos dados — durante 90 dias — às garrafas para acumular as impurezas junto à rôlha).

Modêlo original da primeira garrafa de champagne (século XVIII). Em seu gargalo ostenta a primeira medalha conquistada em Bruxelas — 1930.





No túnel uma nova safra de champagne inicia seu processo de envelhecimento na própria garrafa — Reserva Especial.

Casa Peterlongo, 20.000 m² de área com túneis — "caves", inteiramente construida em pedras basálticas, única forma para se conseguir a temperatura constante, exigência principal no envelhecimento do champagne.

próprias de cada um. Dando origem as "cuvées", tradição e segrêdo de cada Casa da região de Champagne. Com estas histórias ia aos poucos despertando o filho para as belezas de seu trabalho. E a vida de pequena vila de interior continuava. Manuel encaminhou o filho para a escola e redobrou seu trabalho. As mudas foram plantadas nas vertentes norte das encostas, recebendo os raios do sol durante todo o dia. O sol, a chuva, o calor e o frio, harmoniosamente reunidos, determinavam a qualidade e a uniformidade das uvas. Durante o inverno, aquêle homem cuidou da recuperação das videiras, com a podagem total das vinhas e levantamento dos arames, deixando-as pronta para a próxima vindima, que já se iniciava nesta estação. O frio intenso, temperaturas abaixo de zero, retardava até setembro o nascimento dos brotos. No verão, com as videiras totalmente ramificadas e com exuberante folhagem, os pequenos cachos começavam a surgir. Neste período as chuvas não podem ser em demasia, pois viriam em prejuízo do açúcar contido nos grãos, tornando-os excessivamente sumarentos. Em fins do verão era (e é... ainda) iniciada a vindima. Os cachos apresentam uniformidade total em tamanho e maturação (podem ser medidos com fita métrica...) No outono as parreiras perdem suas fôlhas, para iniciarem no inverno seguinte nôvo ciclo de frutificação.

Mas a vitivinicultura era incipiente. Foi sòmente no ano de 1915, com a volta de seu filho Armando, de Pôrto Alegre onde estudava, que o trabalho ganhou nôvo impulso, intensificando-se.

Armando Peterlongo (lembrando as histórias contadas...) retirou do fundo do velho baú, o legado mais precioso de seu pai — o livro do champagne — e seguindo os conselhos do pai, através de seu trabalho, tornou-se o pioneiro na fabricação de champagne pelo original processo francês de fermentação na própria garrafa, descoberto por D. Pérignon, no século XVII, que constava no seu livro.

O sumo divino corre agora das prensas e o milagre — uma verdadeira transubstanciação — vai se produzir. O vindimador põe o champagne ao mundo e conduz seus primeiros passos. Numa fermentação estranha o champagne surge. O produto da vinha é a vida, o champagne um menino buliçoso e forte. Êle caminha para uma adolescência vigorosa, depois uma maturidade sólida. E, antes de morrer, êle conhece uma velhice opulenta e majestosa. Para envelhecer harmoniosamente êle tem necessidade da calma, do frescor e do recolhimento das adegas obscuras. O champagne imagina a sua alma, quando você com precaução fôr à adega procurar uma garrafa empoeirada que irá honrar sua mesa...

O champagne é semelhante ao homem, ao completar seu desenvolvimento é "Brut". E todo o "bruto" que tem sua beleza particular: côr e brilho, seu caráter e sua estirpe, suas virtudes: bouquet e sabor. E depois, também como os homens êle adquire certas características: "Demi-sec", "Cristal", "Doce". Seria loucura não valorizar tôdas as belezas do champagne... e um escândalo destruí-las!

Mas até Armando Peterlongo conseguiu sucesso em sua empreitada, muito trabalhou e muito champagne rolou... As primeiras experiências na empilhagem das garrafas foram desastrosas.

As garrafas, devido a alta pressão acumulada durante o processo de envelhecimento, estouravam, formando rios de vinho espumante... Mesmo fato se dava no processo de remoagem (pequenos impulsos dados à garrafa para acumular as impurezas junto a rôlha). No Brasil ainda não se sabia como eram construídos os pupitres ou cavaletes, que sustentam as garrafas durante todo o processo. Horas de sono, sôbre livros e fotografias e... finalmente aquêle homem esforçado, conseguiu solucionar seus problemas e fabricar pupitres tão perfeitos, que se encontram em uso até hoje. O "degorgement" (retirada das impurezas acumuladas junto à rôlha...) também foi bem solucionado. Como ainda não existia equipamento de congelamento, foi cavado um túnel com abertura para entrada do ar, todo de pedras irregulares. Nas noites em que estavam previstas grandes nevadas e frios intensos, os pupitres eram levados para o túnel onde passavam tôda a noite, pràticamente ao relento. No outro dia, alta madrugada, as garrafas eram removidas e iniciava-se o "degorgement", mesmo processo utilizado pelos franceses em suas caves.

E assim coroaram-se de êxito os trabalhos de Armando Peterlongo: nascia o champagne nacional!

Não mais importar... não mais pagar preços exorbitantes... Tínhamos na terra um champagne com as mesmas características do francês e com a mesma qualidade. Tanto o era, que em 1941, Peterlongo exportava champagne para os Estados Unidos.

Mas, se a natureza não deu a Armando Peterlongo filhos homens, o destino encarregou-se de dar-lhe dois: seus genros... que através dos anos, cada vez mais se uniram àquele homem de espírito forte, apaixonando-se por seu trabalho e suas realizações. E foi com igual vontade de lutar que passaram a gerir os negócios da firma, dando a Armando mais horas de descanso (aliás... bem merecidas!)

Conservaram os 200 hectares, cobertos de parreiras, com o mesmo carinho que "seu" Armando tinha por êles. Compreenderam que daquelas vinhas dependia, e muito, a qualidade de seu champagne. Ampliaram os negócios, mantendo o original processo francês contido no "livrinho" trazido por Manuel Peterlongo em 1890.

E foram mais longe em sua busca de autenticidade. Reproduziram fielmente a mais antiga forma conhecida de "bouteille champenoise" (século XVIII, quando pela primeira vez o champagne foi comercializado). Uma garrafa que além da autenticidade (garrafa bojuda e de gargalo muito estreito...) é de uma beleza e categoria que merecem admiração. E assim continua crescendo a emprêsa, que começou com um italiano amassando uvas com os pés e chegou ao que é hoje, uma das maiores indústrias vinícolas do país.

Ao contrário da "belle époque" em que o champagne era consumido em larga escala, o brasileiro de hoje, sente-se constrangido de chegar em um restaurante e pedir: "champagne!"... Imagina logo que estará cometendo uma dessas gafes irreparáveis. No entanto o champagne é o mais saudável de todos os vinhos. E o mais versátil. Não existem regras de onde, como e quando bebê-lo. Tanto vai bem com salgadinhos e doces, como com uma brasileiríssima feijoada.

Sempre é conveniente resfriar ligeiramente o champagne antes de ingeri-lo. Mas não cometa o êrro de transformar sua geladeira em adega de champagne. Suas garrafas terminariam pegando uma pneumonia! Basta colocar as garrafas de champagne algumas horas antes da refeição no refrigerador, dependendo, naturalmente, de seu gôsto: mais ou... menos gelado.

Pronto! Saúde! Os apreciadores estão com a palavra!

© VOLKSWAGEN DO BRASIL S.A.

V. tem alguma idéia melhor?

Então não conte a ninguém.

Lembre-se de quantas pessoas estão tentando isso.

Sem conseguir.

Esquecendo que uma boa idéia, antes de mais nada, tem de ser simples.

Simples como o próprio ar que a gente respira. E que no Volkswagen é usado para refrigerar o motor.

Simples como colocar o motor diretamente sôbre as rodas motrizes.

Economizando assim um grande eixo cardã.

Enfim, tudo no Volkswagen é extremamente simples.

Aliás, acreditamos que, no fundo, é dessas coisas simples que as pessoas gostam.

Pois senão, não haveria mais de 12 milhões de pessoas, em 136 países, que gostam tanto da nossa idéia.

E são cada vez mais, provando que está sempre aumentando o número de pessoas que gostam da simplicidade.

Não é uma boa notícia, num mundo tão complicado?

Começo de conversa

Nosso tema não é o preconceito, mas a fraternidade

O. C., f.

"Não se deve aos Papas senão a verdade, e nada mais do que a verdade", disse um dia Leão XIII ao abrir à pesquisa histórica os arquivos do Vaticano. Aos Papas? Aos homens, aos povos, a Deus — e aos leitores das revistas. Assumo a direção de REALIDADE dentro dêsse espírito.

E dentro dêle retomo um tema eterno: o da fraternidade humana. Nas páginas que seguem apresentamos duas reportagens sôbre faces diversas do mesmo problema: o da antifraternidade. Numa, o jornalista conta o que viu, ouviu e sabe sôbre a discriminação racial nos Estados Unidos. Noutra, uma pequena equipe corre algumas capitais do Brasil para espiar como anda o preconceito de côr por estas bandas, testando as diferenças de reação em face de um branco e de um negro. Tal foram as proporções que atingiu essa reportagem que não nos é possível publicar neste número algumas contribuições a que atribuímos particular importância, entre elas o depoimento de um escritor ilustre, "branco da Bahia", que se inclui entre os negros e narra o que tem sido a luta dêles em S. Paulo, Fernando Goes; e um ensaio do sociólogo Florestan Fernandes sôbre preconceito e ascensão social. Anunciamos ao leitor essa colaboração especial para o prosseguimento do debate que abrimos.

2 Seria cômodo e tranqüilo tratar apenas da tragédia americana. Não nos limitamos, todavia, a falar dos Estados Unidos porque não queremos contribuir, ainda que pelo silêncio, para que aconteça um dia aqui o que está agora desgraçadamente acontecendo lá. Preferimos a incomodidade e os riscos de ser mal compreendidos, mal julgados, acusados de estar fazendo justamente aquilo contra que estamos dispostos a lutar, de atiçar o ódio de raça que queremos extirpado antes de nascer. Preferimos tudo isso a calar quando é tempo de falar.

3 Bem sabemos que a repercussão universal de qualquer episódio do racismo americano decorre, entre outras, de causas que honram os Estados Unidos. Do contraste entre o choque de raças e os ideais de fraternidade humana, sôbre que se fundou aquela grande Nação; das responsabilidades e do papel, assumidos por ela no mundo de hoje; de sua presença e do seu Poder. Sabemos também que essa repercussão ainda mais se acentua pela total liberdade de informar e de pensar que ali existe. Mata-se e morre-se, mas se diz que se mata e se morre, e quem, e quando, e onde, e como. E cada um tem lá sua teoria — sua ou alheia — para explicar o porquê das coisas e lhes profetizar o futuro.

A tendência liberal dos Estados Unidos, a que corresponde mais profundamente ao seu destino, não é a dos racistas desta ou daquela côr. É antes a que o Senador Robert Kennedy sintetizava há pouco: "Julgar os culpados de crimes ou pilhagens é uma coisa, realizar uma política reacionária, outra. A primeira é necessária. A segunda poderia ser catastrófica."

E Kennedy dava o testemunho do negro de 18 anos que foi queixar-se de irregularidades na coleta de lixo do seu bairro, responderam-lhe nem ao menos poder registrar a queixa: não era ainda maior. E o rapaz: "A partir de 18, "êles" podem nos mandar ao Vietnã." Quando os Poderes Públicos e a própria Sociedade passam a ser confundidos com o Estabelecimento e a ser chamados assim de "êles", é que o ressentimento se cristalizou coletivo e petrificou a revolta em ódio, à beira da guerra civil. Por isso mesmo pôde Kennedy identificar, na crise de agora, a mais grave do seu país desde o tempo de Lincoln. E o leitor saberá que tempo foi êsse, aquêle em que o negro, isto é, o escravo —, pois é terrível marca do homem e da sua liberdade que não haja crime sem castigo, pecado sem explação — o escravo, isto é, o negro quase destrói a União, primeiro nos campos de guerra, depois na era de corrupção e desordem que foi duro estancar.

4 Acrescento duas coisas:

1) Não há homem de boa vontade no mundo — e é dêles o "sentimento do mundo" de que fala o poeta, dêles e não dos fanáticos dêste ou daquele rito, que tôda manhãzinha se empastilham com seus comprimidos ideológicos de efeito prolongado e engolem meias verdades para espumar até o fim da noite — não há homem de boa vontade no mundo que não deseje ver superada a crise americana no sentido da unidade e não da desintegração, do amor e não do ódio, da paz e não da guerra.

2) Não há, neste momento, consciência sôbre que se acumule tempestade maior do que a do presidente da mais rica e poderosa entre as nações. Trabalhei um dia junto a um Presidente do Brasil, o homem do povo Café Filho, com quem aprendi o que êle chamava de "resignação democrática". Não é fácil. Vejo o Presidente Johnson aceitar que em sátiras teatrais representadas livremente como "Lady MacBird", em livros e na imprensa,

Começo de conversa

haja quem o aponte como assassino intelectual de Kennedy, êle que disse: "Com Kennedy até para o inferno", e cujo apoio foi decisivo na vitória. Homem de New Deal e do Roosevelt de límpidos olhos azuis voltados para a paz que enfrentou Hitler, cada vez mais se afunda nesse desgraçado pântano enorme do Vietnã. Depois de tôda uma vida de parlamento e de inteligência, desenham dêle para o mundo a caricatura do grosso rancheiro texano. Autor da Lei dos Direitos Civis, no dia em que escrevo acaba de indicar ao Senado o primeiro prefeito negro da capital dos Estados Unidos; e vê seu govêrno e seu país sob seu govêrno dilacerado pelas revoltas que as injustiças não corrigidas suficientemente durante um século fazem desaguar, como um nôvo Islam, nos fanatismos do Poder Negro.

5 Falemos agora do Brasil.

Nossa vaidade é não têrmos preconceito.

Joaquim Nabuco, nos começos da República, fazia mesmo (e já então) o contraste entre as suavidades da convivência no Brasil, nação mestiça, suavidades que levava ao acervo da Monarquia, e as brutas asperezas do ódio de raças nos Estados Unidos.

E cinqüenta anos depois o escritor Fernando Sabino, no seu delicioso "Esbôço de um dicionário brasileiro de lugares comuns e idéias convencionais", punha êste verbete: "Racial — Preconceito: no Brasil não existe; os americanos ficam admirados".

Infelizmente existe. Certa vez propus uma fórmula: "nem tão pouco quanto se celebra em prosa e verso nem tão feroz quanto noutras terras, Estados Unidos, África do Sul". Aqui até há — acrescentei — o preconceito de negar o preconceito. Jura-se que preconceito não há, como aquêle meu colega de jornal que esclareceu a um diplomata estrangeiro, a bordo dum avião sôbre os Andes, a meu lado:

— Não há não. De jeito nenhum. O que há às vêzes é algum prêto que abusa do direito de ser igual a branco.

Sim, é uma forma de preconceito dizer que preconceito não há.

Chega-se até, como o meu saudoso Afrânio Peixoto, homem livre, que não o tinha, a dizer que preconceito se há é a favor do negro, uma ternurinha que — pelo menos na Bahia — dá na gente na base do sentimentalismo...

Também cabe precaver-se contra os argumentos usados no debate pelos que negam haver preconceito no Brasil: provam dos dois lados. Exemplo: lembra-se que o grande engenheiro André Rebouças, recusado por uma dama em baile do Conde d'Eu, foi tirado pela Princesa para valsar. Êle negava: nem recusado nem desagravado. Mas suponhamos que sim: Prova-se: 1) a dona da casa não tinha preconceito, convidara para seu baile o grande prêto fazedor de estradas de ferro, portos e docas; 2) por sinal que êle, educado na Europa à custa do govêrno, era professor da Escola de Politécnica, onde os alunos o conduziram em triunfo no dia seguinte à Abolição. Mas, 3) a recusa, se houve, e a persistente lembrança da anedota reparadora provam que havia (e há mesmo) preconceito.

A verdade é que o preconceito entre nós sempre andou numa escala, de atenuado até feroz, começando pela doce convivência doméstica, passando pela difícil ascensão social, endurecendo feio no que tange ao casamento (mas não ao sexo...)

6 Ao lado do preconceito antiprêto e antimulato tivemos também o preconceito nativista antiportuguês, que chegou a tentar matar "todos" os portuguêses de uma província (Mato Grosso, 1834). Era no tempo de lutas nativistas que antecede a Independência, acompanha-a, se estende do Primeiro Reinado à Regência e vem morrer na Revolução Praieira. Cantava-se que "só prêtos e pardos/ o país hão de habitar."

Ou então:

"Marinheiro pé-de-chumbo
Calcanhar de requeijão
Quem te deu a confiança
De casar no Maranhão".

O calcanhar variava de acôrdo com as necessidades de rima. Quando era de frigideira rimava com brasileira, e foi depois usado contra os italianos em São Paulo.

O nativismo era mais uma paixão, de fundas raízes políticas, sociais e econômicas, do que simples preconceito. Mas tão forte que depois da Revolução Praieira (1848), o govêrno português mandou buscar sua gente em Pernambuco para ir fundar Moçâmedes, ao lado do deserto angolano, do outro lado do mar. E quando ressurgiu, no tempo de Floriano, o português João Chagas estêve aqui e profetizou fácil que quando os brasileiros tomassem dos portuguêses o contrôle do comércio, desapareceriam os ódios. Sumiram, a não ser neste ou naquele minoritário ressentido.

7 Gostaria de falar aqui no preconceito contra outras gentes. Não é doce ser estrangeiro no Brasil. Mas o preconceito contra os judeus? Não tinha nem tem raiz, falsa imitação de bestidades e bestialidades alheias, Contra os italianos? Êles, "novos bandeirantes", e os demais dentre nós depressa os superamos, restam rindo duas obras-primas da literatura brasileira: "La Divina Increnca", de Juó Bananére, e "Brás, Bexiga e Barra Funda", de de Antônio de Alcântara Machado. Contra os japonêses um instante pareceu que era difícil, senhores sábios argumentavam científicos, hoje a palavra "nisei" está nos dicionários, por sinal que Aurélio Buarque de Hollanda registra "nissei", mas "nisei" ou "nissei" é tudo lindo, tudo tão brasileiro. E os alemães que nem durante a guerra a gente conseguiu odiar, diferençando dos outros os que eram nazistas para a ira santa necessária? Sírios e libaneses danam de ser envolvidos no mesmo coletivo de árabe, não gostam, mas um dia ainda se contará como levaram os objetos da civilização material e o uso do quibe aos mais longínquos recantos do Brasil. É correr a lista do Congresso: tem nome árabe, japonês, italiano, ucraniano, polonês, búlgaro... Graças sejam dadas a Deus.

8 Cada um de nós, porém, tem encontrado, na vida quotidiana, a presença de preconceito de côr. Não esqueço do chofer de um dos jornais em que trabalhei a me jurar que a solução do Brasil era matar negros e mulatos, certa ocasião em que lhe reclamei porque quase efetivara, sôbre um semelhante, êsse programa. Nem aquêle outro motorista que parou o táxi na avenida Rio Branco, quis fumegar desinfetante cheiroso atrás, me perguntou com cara de nojo, o idiota, se eu não sentia cheiro de preta. Nem o caseiro, nascido para as vaquejadas nos meus amados campos do Piauí e transplantado para a serra fluminense, que, desenganado de um trato mal cumprido, invocou a lição de outro vaqueiro, seu mestre: "9.999 negros, pega, bota numa forja, bate, não dá o fio de cabelo de um branco..." E quem falava tivera um filho quase recusado pela eiva de ser negro por uma família serrana, onde queria entrar — e entrou — pelo casamento...

E nunca esqueço também aquela quadra — entre tan-

tas outras que, omitindo ser prêto S. Benedito, até o céu negava a negro:

"Negro num tem mulher,
negro num tem chapéu,
negro urubu não come,
negro num vai pro céu."

9 Não quero que pareça que estamos arrombando uma porta escancarada. Não somos os primeiros a investigar — e proclamar a existência e a extensão do preconceito no Brasil. Há muito que o tema é objeto de pesquisa sociológica, seja individual, seja sob o patrocínio da Unesco (estudos reunidos em "Race and Class in Rural Brazil" e, com a colaboração da saudosa e excelente revista "Anhembi", "Relações Raciais entre Negros e Brancos em São Paulo"). Lembro agora, entre outros, os nomes de Charles Wagley, Donald Pierson, Roger Bastide, Florestan Fernandes, Oracy Nogueira, Otávio Ianni e Thales de Azevedo.

Pondo lado a lado as experiências humanas dos repórteres de REALIDADE nos Estados Unidos e no Brasil, gostaria de recordar a tese de Oracy Nogueira, que distingue, na sociedade brasileira, a existência de um preconceito "de côr" ou de "marca racial", em contraste com o preconceito "de origem" da sociedade americana; não há, entre nós, como nos Estados Unidos, exclusão ou segregação incondicional dos membros de grupo determinado, e sim preterição ou injustiça na luta individual. Lá os dois grupos se hostilizam como unidades sociais distintas. E isso não existe aqui.

10 Não gosto de artigos longos. Não esqueço do velho conselho: "Artigos curtos, artigos curtos... São os únicos que o povo lê". E êste já anda em légua e meia.

Mas não quero deixar de dizer que atacamos êsse tabu do preconceito porque somos otimistas.

Sim, ninguém se engane, somos otimistas. Sabemos que há cem anos ainda se nascia escravo no Brasil, há oitenta ainda se podia ser vendido e comprado como escravo. Sabemos que a Santa Princesa declarou extinta a 13 de Maio a escravidão no Brasil, mas a Abolição não se completou pelas medidas que os mais iluminados dos seus apóstolos — o branco Joaquim Nabuco, o negro André Rebouças — pregavam ser essenciais para tornar efetiva a incorporação dos antigos cativos na vida brasileira, e com ela a elevação a níveis mínimos da condição humana do imigrante que começava a chegar em têrmos substanciais e do caboclo que vivia nas fazendas sorte de agregado: a reforma agrária, a educação popular. Veio a República: Nabuco terminou na diplomacia, Rebouças exilou-se... Êsses nomes são símbolo do que se podia fazer, do que se deixou de fazer.

Mas sabemos também do que se fêz.

Nesse plano de luta contra o preconceito, a Constituição de 1946, graças a iniciativa de Hamilton Nogueira que ia ao encontro de uma das teses do programa de Virgílio de Mello Franco e à indignação com que a inteligência brasileira protestara anos a fio, condenou os atos em que se exteriorizasse o preconceito.

Mas coube a Afonso Arinos de Mello Franco, que tem, como Joaquim Nabuco, a "compaixão concreta pela sorte do povo", a autoria da lei que tem o seu nome, e que o Congresso aprovou sem uma só emenda.

Foi de Afonso Arinos, também, a inclusão na atual Carta do artigo que manda punir a discriminação racial. Seu nome, se por tantos outros motivos não figurasse nela, ninguém conseguirá, por êsses, arrancá-lo da história do Brasil.

11 Dir-se-á: pouco ou muito, o que temos é preconceito, não discriminação, não "apartheid", nem conflito, nem linchamento, nem rebelião negra.

Demos graças a Deus de não ter nada disso. De ter o preconceito tão fundo que, por vêzes, é preciso arrancá-lo do subconsciente. De ter ignorância encroada numas almas, ressentimento indignado noutras, mas nunca ódio.

Os racistas, brancos ou negros, para trás com êles!

Mas não nos iludamos com as doçuras da nossa convivência nas redondezas da superfície.

É preciso rastrear o preconceito, denunciá-lo pùblicamente, quebrar-lhe o pescoço onde quer que exista.

Para que êle não cresça, não se endureça, não se aprofunde. Para que, envergonhado hoje de aparecer, êle não venha amanhã a desafiar a lei de Deus e dos homens.

É preciso, sobretudo, tomar as iniciativas construtivas que dissolvam as **sementes do ódio.**

Joaquim Nabuco — é sempre necessário voltar a êle — falava nos "santos prêtos".

Acredito nêles. Nos que foram ainda além do perdão pelo cativeiro: amaram em vez de odiar.

Aquêle (quem foi? não me lembro) que contou a Manuel Bandeira: "Chorei lendo sua Irene, lembrei-me da minha bá", falava de coisa verdadeira, não história inventada. Irene boa, Irene prêta, Irene sempre de bom humor entrando no céu, "licença, meu branco", e S. Pedro: "Entre, Irene, você não precisa pedir licença", nessa imagem que o tempo dissolveu e as novas gerações só esporàdicamente conheceram, nosso poeta principal punha tôda a bondade de uma raça.

Mas apesar dessa bondade sabemos que quatro séculos de sofrimento e exploração sempre deixam sinal.

Não esqueçamos disso.

12 Passei dois anos como Adido Cultural em Portugal. Uma das vêzes em que senti orgulho de sê-lo foi ouvindo na Universidade de Lisboa um homem de oitenta anos que ensinava filologia com uma graça, uma segurança, uma modernidade na sua conversa de mestre como se o tempo não tivesse passado por êle. Naquela terra ainda é Brasil mas já não é "o" Brasil, êsse foi dos meus dias mais felizes. O sábio que falava para mestres e alunos — e todos ouviam com respeito e apaixonado interêsse — não era branco. Quis agora que Antenor Nascentes dissesse a REALIDADE alguma coisa sôbre as agruras do preconceito. Ele se escusou de fazê-lo porque a questão é, em geral, mal colocada. Falou: "O mestiço e o negro travam uma batalha terrível para subir na vida. Isso basta. Entendam o que quero dizer, por favor".

13 Penso nessa palavra ao coordenar para a publicação as matérias que conseguimos reunir. Penso no que pretendemos e sendo pouco é muito: pois tudo o que queremos é alertar a nação. Não somos govêrno, nem legisladores, não nos cabe punir ou julgar, nem mesmo promover a punição. Entendemo-nos, porém, no dever público de influir para que a narcotizante frase feita: "não existe preconceito racial no Brasil, os americanos ficam admirados" — seja substituída, na consciência nacional, pela realidade que tantos conhecem e calam: o preconceito existe, cuidado com êle, para que não degenere em ódio, discriminação, segregação, conflito, violência.

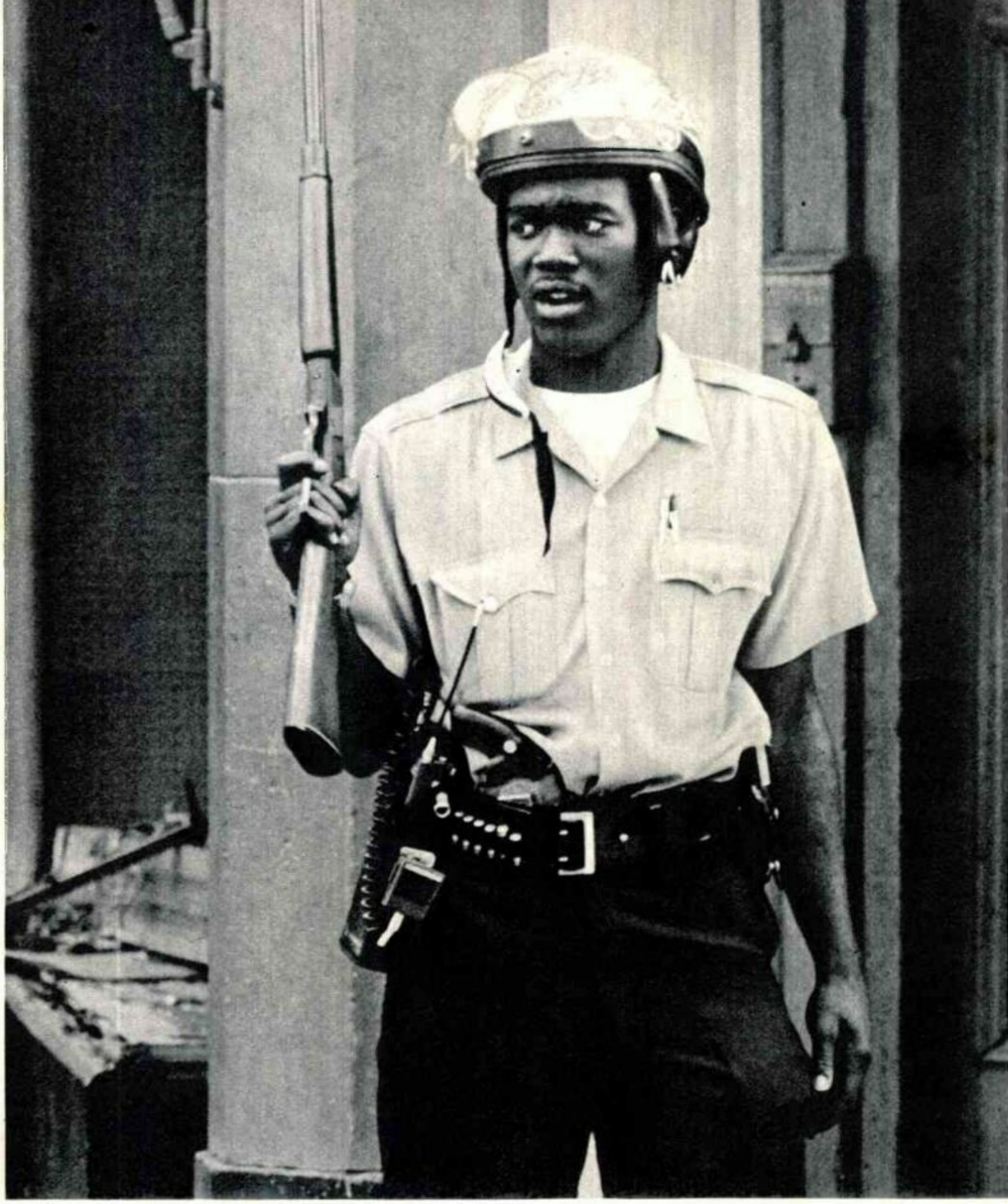
Os meninos vão juntos no Brasil para a escola pública, a escola única com que sonharam os pioneiros de há meio século. Não nos limitemos a fotografá-los. Façamo-los andarem juntos na vida.

Façamos do Brasil aqui dentro a democracia racial de que nos envaidecemos lá fora. FIM

Os esforços para integrar o negro na sociedade norte-americana não têm sido bem sucedidos. A situação é cada vez mais grave e

AGORA É A GUERRA

Texto de Carlos Azevedo



Estar na rua 14 em Washington é beirar dois mundos. A três quadras de seu cruzamento com a rua H fica a casa branca do presidente. Ao redor, para o Sul e para o Leste, erguem-se os pesados edifícios de onde se governa muito mais do que a nação. Colunatas, escadarias, mármore e blocos de concreto são as marcas escolhidas pelos arquitetos para identificar os Estados Unidos da América com a riqueza e o poder. Por isso, em Washington, o modêlo é Roma.

Mas a rua 14 continua para o Norte. Basta caminhar 15 quadras — 15 minutos a pé — para que tôda imagem de riqueza desapareça. Ali estão os negros. Suas casas de tijolo vermelho têm um ar de abandono, há janelas quebradas. Para um latino-americano existe algo de muito familiar: latas de lixo amontoadas na calçada, crianças brincando no meio da sujeira. Gente que não consegue emprêgo anda à toa ou fica sentada nos degraus das escadas. Os únicos brancos visíveis são os policiais.

Ali é difícil acreditar que o Capitólio (o edifício do Congresso dos EUA) está só a cinco minutos de táxi.

Washington, a capital do mais poderoso país da Terra, é bela mas pouco comunicativa. Tôda arborizada, suas largas avenidas desembocam em parques tranqüilos, onde esquilos passeiam em sossêgo. Ou levam a monumentos sempre cercados de turistas de todo o mundo.

Seus 700 mil habitantes vivem espalhados por uma larga área. Os brancos a Sul e a Leste. E os negros, que são 63% da população, a Norte e a Oeste. Ali, onde os brancos têm nível de vida dos mais altos do país, cêrca de 12% dos negros estão constantemente desempregados.

O verão de Washington é muito quente e abafado, e até os ônibus têm ar condicionado. Mas nas casas da maioria dos negros há calor, desconfôrto e ratos. Por isso, negros passeiam pelas ruas à noite, esperando a fresca da madrugada para dormir. E é por causa de sua situação insustentável de pobreza e da discriminação, que às vêzes êsses passeios se transformam em distúrbios raciais. SEGUE

Êste é Rap Brown: Rap *significa esmurrador. À direita, Carmichael com Osmany Cienfuegos, da OLAS, em Cuba.*

RACISMO
CONTINUAÇÃO

A população da capital não tem direito de votar, porque o Distrito de Colúmbia, o Distrito Federal, é administrado diretamente pelo govêrno federal. Os brancos não reclamam disso. Os negros de Washington, contudo, sentem-se mais frustrados do que os negros do resto do país, pois estão impedidos de manifestar seu descontentamento pelo voto.

Para o líder do SNCC — Student Nonviolent Coordinating Comitee (Comitê de Coordenação dos Estudantes não-Violentos) — em Washington, o negro de cavanhaque Lester Mc Kinley, um distúrbio racial de grandes proporções na capital está próximo e é inevitável:

— A situação de nossa gente é insuportável. Não sei quando será. Mas fique certo de que acontecerá. Não será organizado pelo SNCC ou por outra organização negra. Aliás, êle dependerá muito mais da Polícia. Basta que ela continue sendo tão violenta e repita o que fêz o mês passado. (Segundo êle, um estudante negro foi morto pela Polícia em julho último).

"Pense, prêto", é a ordem

Mc Kinley, que tem jeito de intelectual, recebe os brancos com muita reserva. Só concordou em falar comigo porque, segundo êle, um brasileiro é um "não-branco". Explicou: "Seu povo também é vítima do imperialismo do branco norte-americano, como nós." Na mesma ocasião em que me recebeu, recusou-se a falar com um jornalista branco norte-americano.

O escritório do SNCC, na rua U, é um porão abafado. Logo abaixo da sigla SNCC, na sua porta verde desbotada, há um cartaz onde se vê uma pantera negra acompanhada da frase: "A pantera negra está chegando". Além de Mc Kinley, havia uma jovem negra no escritório. Tinha o cabelo curto, cortado rente. Por todo lado empilhavam-se materiais de propaganda que militantes calados vinham buscar a cada instante. Falavam baixo e entre si se tratavam por "brother" (irmão).

Numa das paredes um pequeno cartaz com a frase "Pense Prêto". Mc Kinley explicou: "Nas escolas dirigidas pelos brancos, os meninos negros sofrem uma lavagem cerebral. Aprendem a história dos brancos, ficam pensando como brancos. Por isso, nós queremos dirigir nossas escolas para ensinar aos negros a pensar como negros, e a não se envergonharem mais da côr."

Um dos rapazes me perguntou se gostava de Fidel Castro. Outro elogiou meus sapatos de bico quadrado. Um terceiro levantou os dois punhos fechados para o ar e explicou: "Êste é o sinal de "Black Power" (Poder Negro).

Todos confirmavam haver um estado de grande tensão em Washington. Fazia dias que se esperava algum distúrbio. E a Polícia estava atenta a qualquer movimentação.

Na esquina de 14 com U

Se algum distúrbio racial acontecer em Washington, com certeza êle começará na esquina da rua 14 com a rua U. Nem tanto pelo escritório do SNCC ficar pertinho, mas porque ali é a "bôca" do jôgo, do crime e da prostituição. Tôdas as noites uma multidão negra fervilha pelo quarteirão, correndo os bares esfumaçados, onde se toca jazz e ié-ié-ié, onde se fuma maconha e se toma bolinha. É ali que a Polícia concentra sua vigilância, dá batidas e está constantemente em choque com negros.

É uma esquina mal iluminada e suja, onde mendigos horríveis exigem uma esmola para beber, onde negras de mini-saia fazem um triste "trottoir", onde os bares têm um cheiro forte de comida gordurenta. Ali senti que existe outra América, a dos negros. Nessa esquina não consegui evitar certa irritação, porque as pessoas nunca me encaravam nos olhos, mas estavam atentas a cada um dos meus passos. Ali vi o estado extremo de tensão, que só por um acaso não explode em violência e incêndios.

Um mendigo, um homem todo deformado, estava justamente me **extorquindo** uma esmola de 25 centavos (700 cruzeiros velhos) para beber, quando a zona boêmia foi sacudida: cinco carros de polícia, cada um com cinco policiais dentro, tinham chegado de repente, tocando as sirenes, e cercaram o quarteirão. Ninguém dizia nada, mas todos tinham se tornado tensos e sombrios.

Dois policiais saltaram, um dêles segurava um cão pastor alemão por uma corrente. De lanterna na mão, o outro invadiu um casebre que estava às escuras. Uma pequena multidão murmurante se aproximou devagar da frente do casebre. O policial voltou trazendo um jovem negro, que algemou tão logo chegaram à calçada. Revistou-o cuidadosamente. A cena era de tal forma tensa e o equilíbrio parecia mantido por um fio tão frágil, que tôdas as pessoas ali se moviam como em câmara-lenta, para não quebrá-lo.

Os negros pareciam fazer um "footing", mas na verdade iam aos poucos formando uma grande roda em tôrno dos policiais e seu prisioneiro, que esperavam, impacientes, pelo carro de presos. Umas 50 pessoas, homens e mulheres, já se concentravam na esquina. Eu estava observando tudo do outro lado da rua, encostado a uma parede. Um casal passou rente a mim, abraçadinho. Êle carregava um rifle numa sacola.

Um mendigo de pernas cambaias corria de um bar a outro chamando mais gente em voz baixa. Saindo de casa às escuras, um homem enterrou o chapéu na cabeça e apanhou uma faca no porta-luvas de seu carro. Outro se aproximou do grupo cobrindo com a camisa um estilete de aço.

Eu não vi de onde veio, nem quando chegou, mas de repente havia alguém a meu lado. Negro, baixo e atarracado, de fala fanhosa, um jeito de retardado mental. Êle começou a gritar, me expulsando dali e chamando a atenção geral. Nós já tínhamos nos encontrado minutos atrás, quando êle me oferecera "uma mulher jovem e bonita", e ficara muito surpreendido com a minha recusa. Agora me dizia palavrões e repetiu: "Se você não quer mulher, então o que quer aqui, **honky?**" (honky é um pejorativo que os negros usam para referir-se aos brancos).

Não adiantava explicar a êle que eu era do Brasil, um "não-branco". Com certeza êle nem sabe que existe um lugar chamado Brasil. E "não-branco" é um têrmo usado pelos intelectuais negros. A massa negra não entende disso.

Fui saindo devagar, percebendo que, mais do que nunca, estava sendo observado. Dirigi-me lentamente para o hotel. No caminho, ainda assisti a um incêndio num armazém. Já estava sendo dominado pelos bombeiros, e um policial gordo olhava o fogo entediado. Dizia que o incêndio tinha sido provocado. No dia seguinte, o jornal "Washington Post" informava que dos nove alarmas de incêndio dados na noite anterior, sete tinham sido falsos. As sirenes dos bombeiros tinham soado a noite inteira pela cidade num trabalho infrutífero. Mas certamente todos os brancos de Washington estavam satisfeitos porque haviam atravessado mais uma noite "normal". Soube também que o incidente na esquina da rua 14 com a rua U acabara bem: o jovem fôra levado prêso e a multidão se dispersara.

O cartaz: "A pantera negra está chegando"

Em Washington fui apresentado pessoalmente ao racismo. Foi numa noite em que eu e cinco universitários brasileiros conversamos com um universitário negro norte-americano, no saguão do hotel onde estávamos hospedados. Depois de exigir do funcionário da portaria que o negro se retirasse, um velho, branco e aparentemente meio-bêbado, nos perguntou: "O que estou vendo é um sonho ou fiquei louco? O que faz um negro entre vocês?"

Para o sociólogo Oliver C. Cox, em seu livro "Casta, Classe e Raça", o preconceito racial por causa da côr da pele, tal como existe hoje, é quase exclusivamente uma atitude de brancos e se originou na necessidade que os conquistadores europeus tinham, a partir do século XVI, de justificar a exploração desumana de suas vítimas de côr em todo o mundo. Para Cox, o racismo é uma criação da cultura européia. Tal sentimento — complexo de superioridade biológica e preconceito de côr — segundo êle, só poderia ter franco desenvolvimento num tempo de ignorância e em que as comunicações de massa ainda não tinham se desenvolvido. Conclui êle:

"O preconceito racial de côr não só é um traço cultural desenvolvido entre europeus, mas também nenhuma raça pode ter a pretensão de reproduzir o mesmo fenômeno. Assim como o início do mundo, parece evidente que essa façanha racial só pôde ocorrer uma vez."

Mas também parece evidente que êste sentimento decadente está ainda tão arraigado nos europeus e norte-americanos, seus herdeiros, que decorrerão décadas antes que desapareça completamente.

Nos Estados Unidos, a propaganda racista foi sempre muito forte e bem fundamentada. Desde que os negros chegaram, no século XVII, era fácil falar de inferioridade do negro e "provar" a tese da superioridade do branco, tendo em vista a realidade local: mantidos como escravos, privados de qualquer instrução e oportunidades de progresso, os negros apareciam mesmo como indivíduos de segunda classe e isso era aceito tanto no Sul racista como no Norte liberal.

Os últimos imigrantes

No fim do século passado, legalmente livres depois da guerra da Secessão, os negros continuaram, contudo, vivendo num regime de exploração, sob uma escravidão disfarçada. Os movimentos políticos que organizaram para defender seus direitos foram esmagados pelas leis racistas do Sul. Sem outra perspectiva, êles usaram o único direito que ainda tinham: eram livres de se mudar.

Assim, enquanto em 1910 cêrca de 80% da população negra vivia no Sul e no campo, em 1960, 50 anos mais tarde apenas, a situação se inverteu: de cada quatro negros, três estavam morando na cidade, e em geral no Oeste e no Norte. A população negra dos Estados Unidos é atualmente de 22 milhões de pessoas (11% do total, que é de 200 milhões).

Durante todo o século passado, a mão-de-obra de que a indústria norte-americana necessitava se formou à custa da imigração — europeus principalmente. Mas durante a primeira Guerra Mundial, os europeus pararam de emigrar, justamente quando a indústria de guerra dos EUA precisou de muito mais operários. Então se descobriu nos negros do Sul um grande potencial de mão-de-obra. A migração para as cidades industriais foi estimulada e não cessou mesmo depois da guerra.

Além dêsse estímulo e da miséria em que viviam no campo, os negros tiveram outra razão para se mudar. Era a mecanização da agricultura, que vinha se fazendo ràpidamente, deixando milhões de camponeses negros desempregados.

Nas cidades do Sul não havia lugar para êles. Os brancos pobres ocupavam os empregos humildes. E as leis segregacionistas tornavam sua vida cada vez pior. Só lhes restava mesmo ir para o Norte. Mas no Norte êles também iriam encontrar a discriminação. Êles foram os últimos a chegar às cidades. Antes tinham vindo os irlandeses, italianos, poloneses, chineses, mexicanos e outros. Todos tinham sido discriminados pelos norte-americanos natos. Mas conforme iam recebendo instrução, preenchiam lugares entre a mão-de-obra qualificada e recebiam melhores salários. O preconceito se diluía e os imigrantes eram integrados. A discriminação, então, era herdada pelo grupo que havia chegado depois. Assim, os negros, quando chegaram aos guetos das cidades, além da discriminação racial tradicional, foram também discriminados por serem os mais novos imigrantes.

Essa dupla discriminação impediu que êles repetissem o caminho dos imigrantes. Os negros nunca conseguiram abandonar os guetos e progredir na escala social americana. Encontraram uma resistência cada vez maior. E esta situação do bloqueio quase completo permanece até agora, desafiando as leis e o movimento integracionista.

Mudaram de lugar, não subiram

A passagem dos negros da situação de camponeses para a de trabalhadores urbanos foi em si uma melhoria de nível social: o último lugar numa cidade é melhor que o último lugar numa fazenda. A escola ruim é melhor que nenhuma escola. Os programas de assistência social até há pouco só existiam nas cidades. E, como a sociedade tôda se enriqueceu, alguma coisa sobrou para os negros. Isto não significou, contudo, que ao passar para a cidade êles tivessem subido na escala social, exceto uns poucos que atualmente formam uma insignificante classe média.

Esta situação foi demonstrada num levantamento feito pela Comissão do Bem Estar Público do Congresso na legislatura passada. Segundo o levantamento, a situação econômica dos negros estacionou, após uma elevação durante a segunda Guerra Mundial, quando todo o país precisou de sua fôrça de trabalho. Assim, em 1947, a renda salarial média para os trabalhadores negros era de 54% da média recebida pelos brancos. Em 1962, esta proporção crescera pouquíssimo: 55%. E em 1967 se mantém, de acôrdo com um estudo feito pela Comissão de Igualdade de Oportunidade de Emprêgo: sòmente de 3 a 5% dos empregos de "colarinho branco", isto é, bem remunerados, são ocupados por negros. E aproximadamente 62% dos negros estão em ocupações de baixa remuneração.

A inferioridade do trabalhador negro tem quase sempre a mesma justificativa: "sua instrução e seu preparo técnico são inferiores aos dos brancos". Por isso, diz-se, a maioria dêles se concentra em trabalhos não especializados e semi-especializados, onde se ganha menos.

Isto é só parte da verdade, porque ainda que um negro tenha o mesmo nível de escolarização que um branco, seu salário será mais baixo. E mais: até quando executa o mesmo trabalho que um branco, um negro ganha menos.

A comissão do Bem Estar Público constatou que um negro que não foi além do curso primário tem muito pouca possibilidade de vir a ser algo mais do que carregador ou operário.

SEGUE

Conflito começa com sangue e nem sempre termina com a repressão policial.

King vaiado: "Não cumpri minhas promessas"

Oito em cada 10 negros com nível primário são trabalhadores braçais. Enquanto, nesse caso, a proporção entre os brancos é de apenas 5 em cada 10.

Seis em cada 10 negros com curso secundário completo trabalham em serviços braçais, como serviçais ou operários. Brancos: 3 em cada 10. A situação dos negros universitários é aparentemente melhor: 3 em cada 4 trabalham em profissões liberais ou na especialidade para a qual foram treinados. É aproximadamente a mesma proporção existente entre os brancos. Mas aí é que a discriminação se mostra: êstes negros ganham 47% do que os brancos, em trabalhos do mesmo nível. Enquanto os negros que têm curso primário ganham 64% do que recebem os brancos com essa instrução.

Os dados do desemprêgo

As estatísticas do desemprêgo mostram que de 1940 para cá a situação econômica do negro tem piorado progressivamente. Em 1940 o desemprêgo geral era de 13,3%. Treze por cento dos brancos estavam desempregados e 14,5% dos negros. Em 1950 o desemprêgo no país havia caído para 4,6%. Dêsses desempregados, 4,1% eram brancos e 7,9% negros. Em 1960 a taxa de desemprêgo nacional era de 5,4%; a de brancos, 4,9% e a de negros, quase o dôbro. Em 1962 a taxa de desemprêgo nacional era de 5,6%; a de brancos, 4,9% e a de negros, mais do dôbro. Para 1967, quando se estima que o desemprêgo nacional será de 3,9%, o número de negros desempregados será três vêzes maior do que o de brancos.

Além do desemprêgo, há também o subemprêgo. De acôrdo com o jornal "New York Times", 35% dos empregos dos negros, em média, são classificados como subempregos, isto é, são insuficientes para dar a uma família o mínimo de que ela necessita.

O poder branco em xeque

Treze anos atrás, um pastor negro iniciou no Sul o "movimento pela liberdade e pela igualdade racial" dentro da sociedade norte-americana. O movimento pacífico de Martin Luther King contra as leis segregacionistas não só chegou à vitória — quando em 1964 o Congresso aprovou as leis que davam igualdades aos negros em todo o país — como também lhe deu o Prêmio Nobel da Paz. Foi com grande surprêsa, contudo, que os negros verificaram que continuavam tão discriminados quanto antes, e tão pobres como sempre. Data daí a crise da liderança do pastor negro, que tem visto as massas negras se afastarem dêle, decepcionadas. No verão de 1966, Luther King foi vaiado em Chicago. Êle mesmo explica as causas da decepção dos negros: "Fomos incapazes de cumprir nossas promessas. Nós tínhamos pedido a êles que tivessem fé na América. E êles estão hostis agora porque o sonho que prontamente haviam aceitado tornou-se um pesadelo."

O govêrno dos EUA, conhecendo bem a situação de pobreza dos negros, ajudado pelos líderes negros pacifistas, chamados pela maioria da imprensa de "líderes responsáveis" King, Roy Wilkins, Young e muitos outros), fêz um colossal esfôrço para integrar os negros dentro da sociedade americana. Dentro de sua esfera, o govêrno foi bem sucedido. Acabou com a discriminação nas fôrças armadas, admitiu negros no serviço público (em 1940, 5,6% dos funcionários do govêrno eram negros; em 1962, a proporção crescera para 12,1%).

Ampliou-se o sistema escolar, iniciaram-se os programas de construção de novas casas, criaram-se os cursos de preparação técnica para os operários negros. Mas o govêrno não conseguiu quebrar a resistência que tôdas as áreas importantes da sociedade branca faziam à admissão dos negros em seu meio.

A derrota do govêrno

Ao pôr famílias negras morando entre famílias brancas e enviando seus filhos às escolas dos brancos, o govêrno só conseguiu que os brancos abandonassem as áreas centrais das cidades, indo morar nos distantes subúrbios. Os centros das grandes cidades se transformaram assim, ràpidamente, em imensos guetos, muito maiores que os anteriores. E agora o govêrno tenta trazer meninos brancos para as escolas da cidade e levar meninos negros para as escolas dos subúrbios. O que é uma péssima solução do ponto de vista educacional, porque os afasta de sua comunidade.

Em Nova Iorque, em agôsto último, Annie Stein, uma velha socialista que dedicou parte da vida à luta pela integração, me confessava, consternada, suas derrotas. O sindicato de construção civil de Nova Iorque recusava sistemàticamente trabalhadores negros, alegando que êles não tinham preparo técnico. Depois que jovens negros paralisaram a construção de um edifício, deitando-se sôbre andaimes, resolveu-se fazer alguma coisa. Annie Stein participou de uma experiência, um curso de preparação de encanadores para 91 jovens negros e 30 jovens brancos. O exame de aptidão foi feito pelo próprio sindicato de Construção Civil. Oitenta negros foram aprovados e nenhum dos brancos. Mesmo assim, o sindicato recusou a admissão alegando: "Vocês fizeram trapaça, vocês treinaram os negros melhor do que os brancos."

Um negro do Sul me contou com ódio que no Estado de Alabama não se permitiu que um soldado negro morto em luta no Vietnã, êste ano, fôsse enterrado no cemitério dos heróis.

Nos últimos anos, o govêrno construiu e reformou 10 mil casas em Baltimore, Estado de Mariland, onde acomodou 40 mil negros. Mas em Baltimore êles continuam pobres como sempre e há ainda cêrca de 150 mil negros morando em cortiços dos mais feios que pude ver nos EUA.

Para não ver repetido o grande distúrbio racial de 1943 — que foi o primeiro na história das lutas raciais nos EUA — a cidade de Detroit há muitos anos vinha trabalhando ativamente contra a miséria. Seu prefeito atual, Cavanagh, foi eleito com apoio maciço dos negros, que são 540 mil numa população de 1 milhão e meio. Êle gastou 250 milhões de dólares na guerra contra a pobreza, construindo casas e favorecendo a integração. Conseguiu que o desemprêgo entre os negros baixasse de 14% para 8%, e na cidade já existe uma razoável burguesia negra, morando nos melhores bairros.

Por isso, o prefeito Cavanagh foi uma das pessoas mais surpreendidas nos Estados Unidos, com o distúrbio racial que irrompeu em sua cidade, em julho último. Foi o maior na história do país: 42 mortos e cêrca de 500 milhões de dólares em prejuízo, alguns quarteirões inteiramente destruídos por incêndios, 383 feridos e mais de 5.500 presos.

Sòmente neste verão de 1967, e até início de agôsto, 31 cidades tinham sofrido distúrbios raciais, onde houve 86 mortos (só 3 eram brancos), 2.056 feridos e ... 11.094 presos.

Logo após os ditúrbios, o presidente da República anunciou que o govêrno, sem premiar os baderneiros, iria persistir na ajuda à população negra, propiciando-lhe mais escolas, melhores casas e outros empregos, dentro do programa "Guerra Contra a Pobreza", que só em 1966 recebeu uma verba federal no nível de 15 bilhões de dólares. O presidente nomeou uma comissão de alto nível formada por líderes nacionais, alguns governadores, prefeitos, e o líder negro Roy Wilkins, para encontrar, até o início do ano que vem, a melhor forma para aplicar o programa de integração do negro.

SEGUE

Milhares de negros foram detidos assim durante os conflitos dêste verão.

1942. Era o fim do mil réis e o nascimento do cruzeiro. Moedas e cédulas tomaram outras formas e côres. Começava um nôvo e importante capítulo na história econômico-financeira do país. Participando dessa nova etapa da vida nacional surgiu, então, o Banco Nacional do Norte. **1967.** Parece que foi ontem... mas 25 anos são decorridos. A maioria dos nossos fundadores continua presente. Menos de duas dezenas de funcionários àquela época, multiplicaram-se em milhares. Expandindo-se e modernizando-se, três outros bancos foram incorporados à rêde Banorte. E o mais importante: fizemos a integração norte-sul do país, de Manaus a Pôrto Alegre, transformando a Matriz de então nos 34 modernos departamentos do presente. Tudo isso foi possível graças ao apoio de milhares de clientes, da indústria e do comércio, que sempre tiveram no Banco Nacional do Norte uma constante de bons serviços, moderno atendimento e, principalmente, UM AMIGO NA PRAÇA.

NO ANO DO SEU JUBILEU DE PRATA

25 anos depois do mil réis

abaeté

MATRIZ: Recife - DEPARTAMENTOS: Aracaju - Arcoverde - Belém - Belo Horizonte - Campina Grande - Caruaru - Fortaleza - Garanhuns - João Pessoa - Limoeiro - Maceió - Manaus - Natal Pôrto Alegre - Rio de Janeiro - Salvador - São Luiz - São Paulo - Teresina - Timbaúba e mais 13 Agências Urbanas. Curitiba e Vitoria em instalação.

BNN BANCO NACIONAL DO NORTE S.A.

há 25 anos... um amigo na praça

Kennedy: "País será de todos ou de ninguém"

Enquanto isso, violentos dicursos agitavam o Congresso. E tanto se exigiam novas leis contra os agitadores, como se reconhecia a necessidade de melhorar a sorte do negro dentro da sociedade norte-americana. Em 24 de julho último, o senador Bob Kennedy dizia: "Esta deve ser uma nação para todos nós, ou não será de nenhum de nós".

O verão do poder negro

"Se casas, empregos, escolas, resolvessem nosso problema, o conflito de Detroit não teria acontecido, porque lá a situação dos negros é melhor do que em qualquer parte". Quem assim contestou os líderes brancos e os negros integracionistas, foi Vic Salomon, líder em Nova Iorque do CORE — Congress for Racial Equality (Congresso para a Igualdade Racial), uma das maiores organizações negras do país, que tem cêrca de 100 mil membros. "Alguns dos melhores elementos vêm das melhores casas dos guetos e das escolas universitárias", disse êle.

Vic Salomon, alto e magro, de uns 25 anos e fala mansa, é cubano naturalizado norte-americano, que emigrou quando era menino. Êle me recebeu na ante-sala modesta do escritório do CORE no Harlem, o bairro negro de Nova Iorque. Mas preferiu conversar numa mesa de bar, tomando café com leite e falando espanhol.

Para Vic Salomon e para vários outros líderes com quem falei em Nova Iorque e Newark, outra cidade onde houve um sério conflito racial êste ano, o movimento passou a ser incompreendido pelos brancos que comandam o país, a partir do momento em que os líderes negros trocaram a sua palavra de ordem de "liberdade" pela de "poder". Vic Salomon explica:

— O que nós precisamos é de poder econômico e político. Poder com o qual nós construiremos nossas casas, dirigiremos nossas escolas e planejaremos nosso desenvolvimento. Êste é o caminho para a liberdade.

Salomon estava repetindo a idéia central do Poder Negro (Black Power). O Poder Negro, que no verão de 1966 era pouco mais do que um grito de guerra nas manifestações de rua, ainda não chega a ser uma organização. É um movimento que propõe um programa nacionalista para a luta contra o "colonialismo dos brancos do país". Assim como se os negros dos EUA fôssem um povo da África ou da América Latina. No início foi uma proposta de luta simplesmente. Mas a idéia surgiu num momento em que as organizações negras enfrentavam sua mais séria crise, por terem esgotado seus esforços numa luta que continuava parecendo infrutífera.

Um ano depois, no último verão, o Poder Negro já havia empolgado inteiramente algumas das mais importantes organizações negras (há cêrca de 50 no país, mas apenas meia dúzia de projeção nacional). E ganhava também o apoio de líderes destacados, como Stokely Carmichael, H. "Rap" Brown, ambos do SNCC; Floyd McKissick, do CORE. Assim, 45 organizações comparece ram à Conferência do Poder Negro realizada em Newark, em fins de julho último. Os três líderes moderados — Roy Wilkins, Whitney Young e Luther King — não compareceram, mais jovens militantes de suas organizações os representaram e, aparentemente, aprovaram o programa que resultou dos quatro dias de debates.

Cêrca de 400 delegados compareceram à agitada conferência que se realizou em Newark apenas cinco dias depois de um conflito que resultou em 26 mortos e 15 milhões de dólares em prejuízos a propriedades (incêndios e saque). A imprensa teve poucas informações da conferência, pois os repórteres brancos foram discriminados (um foi até atirado na rua através de uma janela). Mas mesmo assim se soube que após duros debates um programa mínimo do Poder Negro foi traçado para ser executado por tôdas as organizações que estiveram presentes.

Dessa forma, o Poder Negro, que na conferência não se definiu como organização, mas como um programa de luta nacionalista "contra o imperialismo do branco norte-americano", propôs os seguintes meios para sua afirmação:

1) Contrôle de instituições financeiras — bancos, companhias de seguro, associações de crédito para obtenção de fundos para investimento — com o objetivo de constituir o capital "nacional" negro; forçar os comerciantes brancos a vender suas lojas nos bairros negros, através do boicote e de pressões, como o piquete; cobrança de taxas e impostos paralelos dos empresários que tenham emprêsas nos guetos e morem fora dêles.

2) A médio prazo, tentar formar um partido político próprio; a curto prazo, eleger 12 congressistas negros (atualmente existem seis).

3) Lutar para obter o contrôle da administração pública dos guetos, especialmente das escolas; orientar as escolas para a formação de uma cultura negra, evitando a "lavagem cerebral de que as crianças negras são vítimas", e iniciando, no lugar disso, a formação de uma "ideologia negra".

4) Criação de uma universidade negra, com faculdades subsidiárias em cada cidade onde haja muitos negros.

5) Criação de um feriado nacional negro para homenagear heróis como Malcolm-X, o líder dos Muçulmanos Negros assassinado em 1964.

6) Treinamento para-militar para os jovens negros.

7) Boicote sistemático das lojas que vendem substâncias que alisam cabelos e clareiam a pele.

8) Boicote de todos os Jogos Olímpicos e outras competições até que o título de campeão mundial de boxe seja devolvido a Muhammad Ali (Cassius Clay).

9) Recusa a aceitar os programas de contrôle de natalidade, "que são planejados com a intenção de exterminar o povo negro".

10) Fazer campanha junto à Igreja, "que está contra o Poder Negro", para que venha em seu apoio.

Estas são as principais resoluções aprovadas na conferência do Poder Negro, segundo informações de vários militantes e da edição de agôsto último da revista "Liberator", editada por radicais negros.

Agora, brancos para fora

Até mesmo líderes brancos que lutam pelos direitos dos negros não foram admitidos na conferência do Poder Negro. Em conseqüência, o Poder Negro foi acusado de fazer discriminação racial às avessas. Mas o próprio dr. Nathan Wright Jr., o presidente da conferência do Poder Negro, numa entrevista que me concedeu em sua bela casa em Newark, contestou que haja racismo no movimento. Êle explicou:

— O que acontece é que esta é uma luta de negros, e ela tem de ser feita pelos negros. No início, os brancos progressistas foram de grande importância no comando do movimento pelos direitos civis. Êles ajudaram muito na formação dos líderes negros. Mas agora que êstes líderes estão prontos para exercer o comando, os brancos não podem mais ficar concorrendo pela chefia. Esta situação é imposta pela própria característica de nossa luta: o povo negro não vai nunca confiar completamente num líder branco.

O dr. Nathan Wright Jr. é um dos negros mais brilhantes do país. Tem 44 anos e cinco diplomas universitários, é poeta e educador, já escreveu cinco livros e a imprensa norte-americana ficou surpreendida ao encontrá-lo como presidente da conferência do Poder Negro, onde se falou até em "guerra de guerrilha contra os brancos". Mas êle representa a clareza universitária e a mediação dentro do movimento.

Perguntei-lhe:

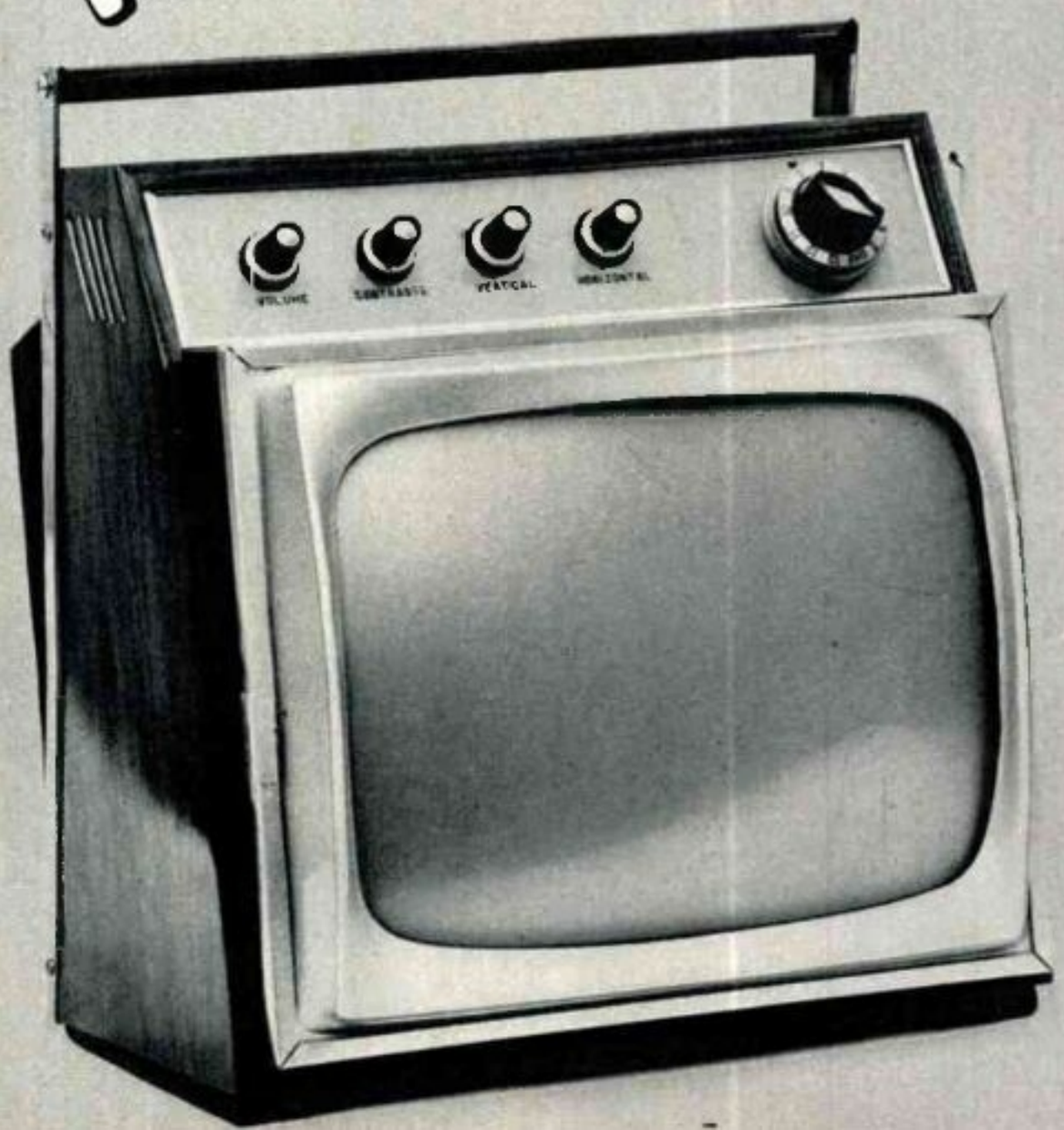
— Por que o Poder Negro não fala em integração?

SEGUE

Rap Brown: "nos EUA a violência e tão comum quanto a torta de cereja".

NADA de PAPO FURADO! QUEREMOS um TV só PARA NÓS

AQUI ESTÁ O TV PARA OS JOVENS TELESPECTADORES INDEPENDENTES



O MINI

COLORADO

RQ

o único televisor portátil
que tem Reserva de Qualidade

paredes divisórias

duas firmas de reconhecido prestígio no mercado da construção e móveis uniram esforços e conhecimentos técnicos para oferecer ao brasil as paredes divisórias visando proporcionar alto nível estético e inúmeras qualidades práticas.

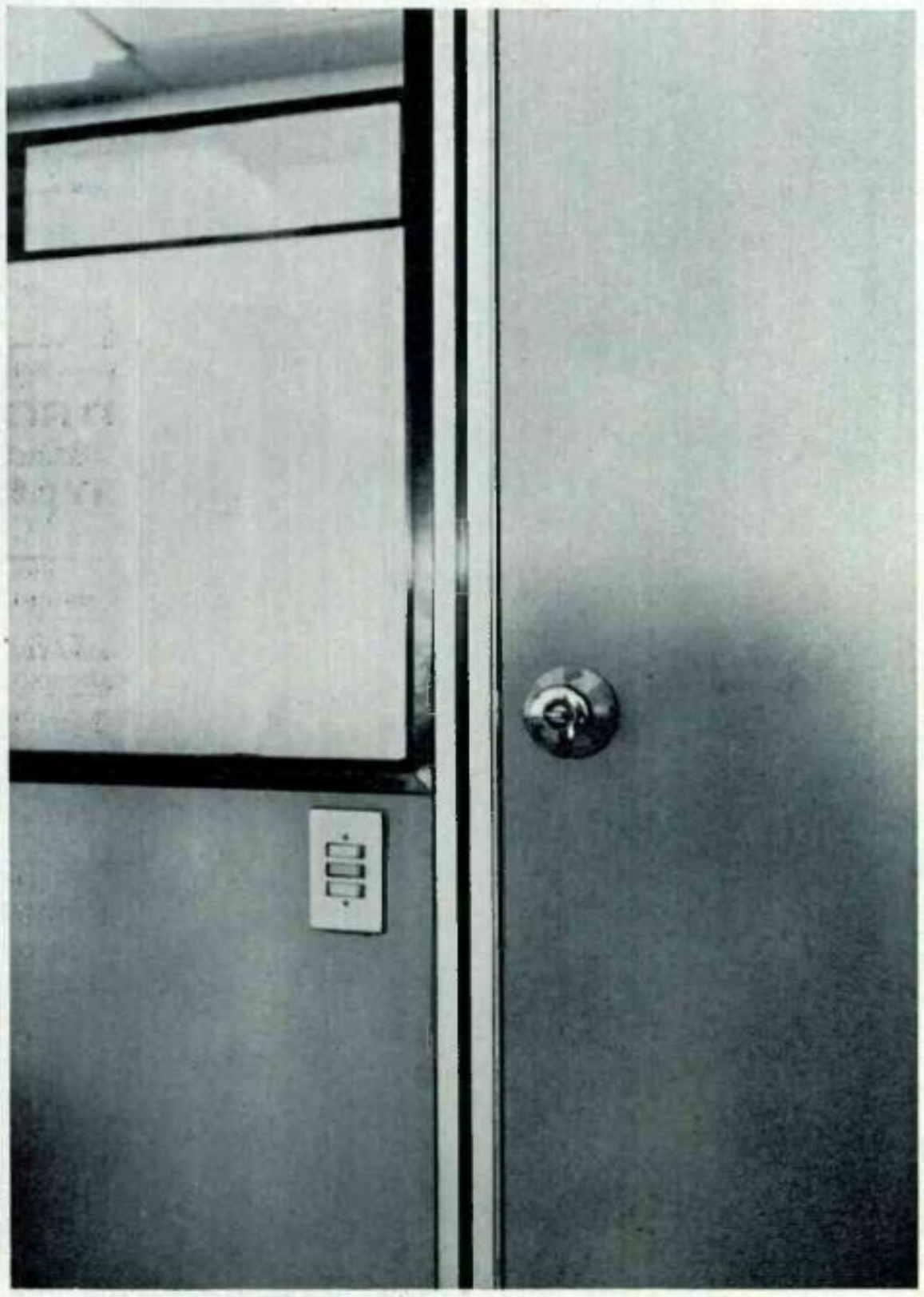
as paredes divisórias **forma / Fichet & Schwartz-Hautmont**, empregam perfis de aluminio anodizado, para os montantes, rodapés, cimalhas, caixilhos e batentes, e perfis de plástico para remates e amortecedores.

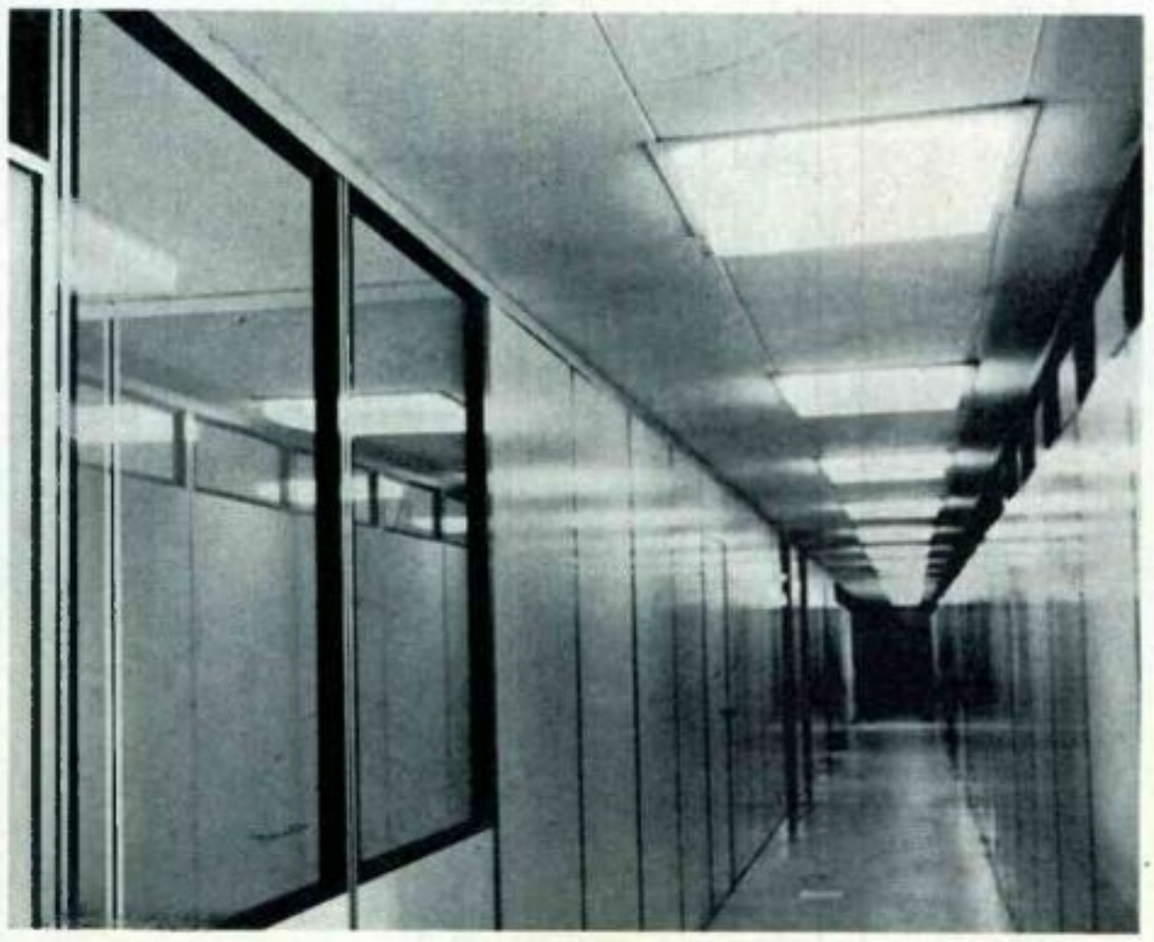
a fixação é feita no piso e no této por mecânismo regulável, de ferro.

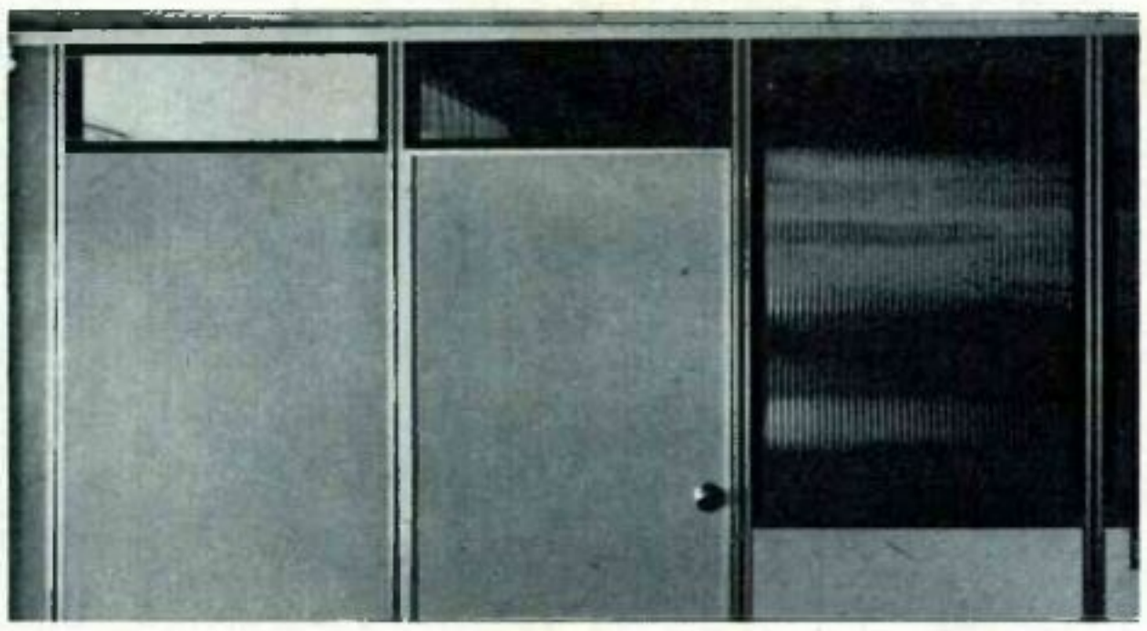
os montantes podem ser de 35 x 35 mm, 50 x 50 mm, ou 60 x 60 mm, e os painéis de madeira selecionada, laminados de plásticos ou ainda para pintura. estes painéis são construidos sôbre requadros de madeira sêcas em estufa, e o miolo, material de baixa combustão, é protegido contra insetos, permitindo porém a passagem de fios elétricos.

tôdas as vantagens aliadas à rapidez, facilidade de montagem e extrema flexibilidade. exigências dos interiores atuais, fazem das paredes **forma / FSH** divisões especificas para obras de alto gabarito onde o prestígio da firma e do construtor devem ser realçados.

paredes divisórias







matriz: são paulo
rua urussui, 333 - itaim - tel. 282-4211
filiais
rua barão de itapetininga, 224 - 14.º andar - tel. 35-5644 - são paulo
rua augusta, 2399 - tel. 80-8983 - sp
rua dos tamoios, 200 - 6.º andar - tel. 4-3977 - belo horizonte

matriz:
rua barão de itapetininga, 151 - 8.º andar - tel. 35-9124 - sp
filiais:
rio de janeiro - rua méxico, 148 - 9.º andar - cj. 906 - tel. 22-9710
belo horizonte - rua carijós, 424 - 7.º andar - s/ 701

forma

FICHET SCHWARTZ-HAUTMONT

forma

rêpresentantes

rio de janeiro - representações milner ltda. - av. churchill, 129 - 3.º andar gr. 302 - tel. 22-4125

recife - m. r. samico - rua da saudade, 280 - tel. 2-2312

belém - casabella ltda. - av. governador josé malcher, 1693 - tel. 9-548

pôrto alegre - heuser & cia. ltda. - galeria rosário, 9.º andar - cj. 913 - tel. 5-082

aracaju - manoel aguiar menezes - rua joão pessoa, 267 - tel. 2-702

blumenau - mercantil e incorporadora rabe s. a. - rua 15 de novembro, 550 15.º andar - tel. 19-65

curitiba - joão carlos neiva de mello rua mal. floriano, 170 - 10.º andar - conj. 1007 - tel. 4-9675

cataguases - domus - praça rui barbosa, 186 - tel. 431

goiania - taba ltda. - rua 23, esquina rua 4 - tel. 2-1275

natal - s. borges representações e conta própria - rua vigário bartolomeu, edifício 21 de março - s/ 102

vitória - orlando guimarães s. a. - av. jerônimo monteiro, 370/382 - 1.º andar - tel. 3-1811

brasília - rocha miranda, dubugras & mendonça ltda. - edifício central - salas 802 e 803 - tel. 2-3548

salvador - a suprema móveis s. a. - av. 7 de setembro, 58 - tel. 3-3180

FICHET
SCHWARTZ-HAUTMONT

representantes:

belém - m. p. vieira - av. presidente vargas, 197 - grupo 208/9 - tel. 3-105

são luiz - harms & cia. ltda. - rua portugal, 229 - tel. 1-719

fortaleza - geraldo lima s/a - rua senador pompeu, 593 - tel. 1-6327

recife - everest - rua dantas barreto, 191 - s/ 308/10 - tel. 4-1233

salvador - copema - rua miguel calmon, 19 - conj. 802 - tel. 2-3624

vitória - j. d. andré nogués - rua graciano neves, 73 - tel. 2-901

curitiba - comercial sul ltda. - rua desembargador mota, 2899

campo grande - comave s/a - av. calógeras, 827 - tel. 4-480

florianópolis - josé bessa - rua bulcão vianna, 130 - tel. 3-705

pôrto alegre - icontal - rua general vitorino, 53 - 8.º andar - grupo 84

manaus - farias, nobre ltda. - rua henrique martins, 445 - tel. 28-29

Poder negro é nacionalista

RACISMO CONTINUAÇÃO

E, enquanto servia uísque a outros negros que estavam na sala, êle respondeu:

— Os negros foram discriminados por mais de 300 anos. Não vamos nos preocupar com isso agora. No momento em que conquistarmos uma faixa de poder dentro da sociedade norte-americana, nós faremos a integração. Em verdade, isso não nos preocupa agora.

— As massas negras também pensam assim? — voltei a perguntar. Êle sorriu antes de explicar:

— As massas negras, em geral, ainda estão muito mal informadas. Êsse é o pensamento de muitos dos líderes. As massas resumem tudo em querer uma vida tão boa quanto a do branco e desejam ardentemente se integrar para receber os benefícios da sociedade. Aliás, no fundo não há nenhuma diferença entre o que os líderes e as massas querem. Apenas os líderes lutam pelo Poder primeiro, porque estão consciente de que, sem êle, a integração não virá.

Para o dr. Wright Jr., a imprensa em geral tem deformado propositadamente a imagem do Poder Negro, para enfraquecê-lo. Disse êle:

— O Poder Negro não é um movimento contra ninguém. Êle é a favor do negro dos Estados Unidos. É um movimento pacífico que visa conquistar seus objetivos dentro das leis do país. É nacionalista porque o povo negro é explorado econômicamente pelas emprêsas de propriedade dos brancos. E os negros não gostam de ser explorados da mesma forma que vocês, no Brasil, não gostam quando as emprêsas norte-americanas exploram seu povo.

Interrompeu-se, riu e comentou:

— Boa tirada, não?

Os outros negros riram também. Êles também pertenciam ao Poder Negro. O mais jovem era Omar Ahmed, que dizem ser esquerdista. Êle foi um dos organizadores da Marcha Contra a Guerra do Vietnã, que em abril dêste ano levou 500 mil pessoas às ruas de Nova Iorque. De cabeça raspada, alto, forte e de olhos penetrantes, foi quem respondeu quando perguntei se o Poder Negro pretendia levar a sociedade norte-americana ao socialismo. Disse:

— O Poder Negro não está fazendo uma luta pelo socialismo. Não estamos preocupados com o capitalismo agora. Tanto que nosso programa prevê a formação de emprêsas de propriedade de negros no regime capitalista. O que consideramos importante é que esta sociedade se torne mais humana e êste terá de ser o resultado da luta dos negros.

Isaiah Robinson, professor quarentão, um pouco gordo, de cavanhaque, estava sentado num canto afastado da sala. Perguntei-lhe:

— Os conflitos raciais dêste ano foram organizados pelas lideranças do Poder Negro ou são espontâneos?

Pausadamente, o professor Robinson respondeu:

— O Poder Negro pretende organizar o povo negro para agir como um grupo de pressão sôbre a estrutura desta sociedade. Os meios para conseguir Poder que nos permita decidir sôbre nosso destino não serão necessàriamente violentos. Mas serão violentos na medida em que a sociedade branca teimar em negar nossa libertação. Os distúrbios raciais que ocorreram até agora, nestes últimos quatro verões, não foram organizados pelas lideranças, apesar de se terem transformado em um poderoso elemento de pressão sôbre a estrutura da sociedade branca. Pois êles são a demonstração da profunda frustração em que se encontram as massas negras. No dia em que os conflitos raciais forem organizados, note bem, êles não serão como os atuais. Primeiro, não haverá mulheres nem crianças negras nas ruas; segundo, não acontecerão nos bairros negros. Os nossos franco-atiradores também saberão matar.

E na verdade, após cuidadosa investigação, o próprio FBI confirmou pùblicamente que os distúrbios raciais do último verão não foram organizados. Mas as declarações de Stokely Carmichael, o famoso líder do SNCC, na Conferência da OLAS, em Havana, dizendo que a luta negra nos EUA é um segundo Vietnã, davam a entender que os distúrbios eram organizados. Por isso, perguntei-lhes o que achavam das entrevistas do líder do SNCC. A resposta coletiva foi esta:

— Consideramos que Carmichael está sendo irresponsável. Êle está falando muito em organização, mas não está organizando ninguém. Com isso êle só conseguirá ser neutralizado em seu trabalho, além do que provocará o aumento da pressão sôbre o povo negro, que não poderá se defender, pois não está organizado. Contudo, há outras pessoas que não estão falando mas estão trabalhando duramente para ensinar ao povo negro que é preciso Poder para se alcançar a liberdade.

Uma sociedade saudável

A grande maioria do povo norte-americano acredita em sua sociedade e sabe que tem tôdas as condições para resolver a crise entre seus cidadãos brancos e negros. O país é rico, poderoso e está num processo espantoso de desenvolvimento. Nunca foi tão florescente quanto agora, e se engana completamente quem o retrata como uma nação decadente: nos 18 meses que antecederam agôsto último, os EUA absorveram mais de 3 milhões e 600 mil jovens trabalhadores. Sua fôrça de trabalho ocupada em julho último era de 72 milhões de trabalhadores. Existe, portanto, dinheiro para resolver o problema da pobreza. Os EUA têm também os estudiosos necessários e tôda uma técnica muito desenvolvida de análise de problema social para descobrir as soluções. Nenhum cidadão americano duvida de que vive numa sociedade bastante democrática para pôr em prática o projeto mais criativo que lhe seja proposto, ainda que êle traga consigo alguns riscos para a integridade nacional. Nenhum norte-americano duvida que sua democracia pode suportar as pressões e que ela se aperfeiçoa através do debate livre que ali se opera constantemente.

Um veterano jornalista de Washington interpretou êste sentimento de confiança difundido entre o povo de seu país:

— Na crise de 1930 disseram que a hora da nossa decadência tinha chegado. Mas nós superamos o problema apresentando soluções criativas para êle. Depois da segunda Guerra Mundial, também se previu nosso enfraquecimento, mas deu-se que nos tornamos ainda melhores. Agora, por causa dos negros, antecipam o grande desastre. Êle não acontecerá, pois não há limitações para que criemos novas soluções que abrirão o horizonte para o desenvolvimento e a manutenção da liberdade, como já tantas vêzes ocorreu. Tenham fé na América, ela sabe resolver seus problemas. FIM

Êste é o diário dramático de dois homens: um branco e um negro. Durante vinte dias, êles viveram amargas experiências para descobrir se brancos e negros são iguais no Brasil. O resultado de seu trabalho não tem o rigor de uma pesquisa científica. É apenas uma experiência humana. Mas, em seis capitais do país, êles tiveram a coragem de provar o que muitos sabem e poucos dizem:

EXISTE PRECONCEITO DE CÔR NO BRASIL

Reportagem de Narciso Kalili e Odacir de Mattos
Fotos de Luigi Mamprin e Geraldo Mori

Vivi tôda a infância e adolescência ouvindo e aprendendo que o negro era um homem inferior. Na escola, em casa, na rua, meus pais, os professôres e meus amigos sempre atribuíam aos negros maus sentimentos e atitudes negativas. Usavam os negros para coagir as crianças a não fazer travessuras. Ouvi muitas vêzes a ameaça:

— Olha que eu chamo o prêto pra te levar!

Durante a mocidade, no colégio e na faculdade, meus professôres ensinavam que no Brasil não existe preconceito racial. E sempre me considerei um homem sem preconceitos.

Mas isso seria verdade?

O que sentiria Odacir, êsse negro que me acompanharia durante 20 dias como cobaia?

Quando convidei Odacir para a experiência, êle explicou por que aceitaria:

— Não é mais possível enganar ninguém com atitudes paternalistas ou com frases bonitas. É preciso levantar o problema do preconceito racial com seriedade, para que êle possa ser discutido e resolvido, um dia.

Seriam seis as cidades do nosso roteiro: Belém, Recife, Salvador, Rio, São Paulo e Pôrto Alegre. Saímos de São Paulo no dia 15 de agôsto.

Ao chegar ao aeroporto, às 21,30, encontrei Odacir à minha espera.

Estava sério. Senti em seus olhos a determinação daqueles que têm oportunidade de falar pela primeira vez. Mamprin, o fotógrafo, chegou pouco depois.

Tivemos que aguardar meia hora até a saída do avião. Enquanto esperávamos, fui comer um sanduíche. Odacir foi tomar um uísque. Quando estávamos na fila para tomar o avião, Odacir chegou dizendo que o garção lhe cobrara cinco mil cruzeiros pela dose de uísque nacional. Normalmente ela custa 2.500 cruzeiros. Só mais tarde, no transcorrer da reportagem, eu compreenderia a técnica usada pelos donos de hotéis, restaurantes e casas de diversão. Por temerem complicações, êles não se recusam a receber negros em seus estabelecimentos. Mas o tratam tão mal e cobram tão caro que o negro, se não fôr embora na hora, não sente mais vontade de voltar.

Dia 16, Belém

No avião, com destino a Belém, sentamos separados. Eu ao lado de uma velha, Mamprin, de uma loura vistosa e Odacir sòzinho. Havia mais três ou quatro lugares desocupados no aparelho. Mamprim puxou conversa com a loura depois de saber que ela ficaria durante uma semana em Belém: ela seria útil para uma das experiências que desejávamos fazer.

Pouco depois das cinco horas da manhã, chegamos a Belém. Íamos ficar no Hotel Grão Pará, o melhor da cidade. Eu me hospedaria com Mamprin, Odacir, sòzinho. Tomamos táxis separados. Nosso motorista, um caboclo de bigodes, foi nos mostrando a cidade. Falou muito, ofereceu-nos distrações noturnas e eu perguntei se em Belém havia muitos prêtos:

— Aqui, negro tem pouco. E os que tem, a gente não gosta. Estão espalhados nessas construções como pedreiros. São gente muito ruim.

Quando chegamos ao hotel, Odacir já completara sua ficha e se encaminhava para seu apartamento. Subimos para o nosso. Enquanto eu arrumava as roupas, meu pensamento voava. Nem ouvia as reclamações de Mamprin contra o calor. Eu me perguntava o que estaria acontecendo comigo: acostumado a viajar, ajo com naturalidade quando num hotel, avião ou restaurante. Agora, alguma coisa mudara. Dormi preocupado.

Às 9,30 da manhã, Odacir estava tomando café no restaurante do hotel. Às 10, saiu para dar uma volta sòzinho, e às 11 estava de volta. Discutimos a viagem, o tratamento no hotel, comparando tudo com experiências antigas de Odacir. Ao meio-dia saímos para almoçar, em táxis separados. Um grupo de crianças pardas e negras, maltrapilhas, caminhando pela rua, me fêz recordar uma das histórias contadas por Odacir. Perto daquelas crianças êle fôra um privilegiado. Não passara fome, nem fôra obrigado a perambular pelas ruas em busca de comida ou diversão. Mesmo assim, o fato de ser negro o transformava numa criança diferente. Morava num bairro onde brancos ou negros eram todos pobres, sofrendo as mesmas tristezas. Mas êle era negro:

— Dona Maria, mulher de um pedreiro, como minha mãe, com dois filhos, morava ao nosso lado. Ela nunca me tratou mal até que um dia, com os dois filhos ao lado, pediu que lhe fizesse compras na venda. Achei desafôro ela não mandar um de seus filhos e me recusei a atendê-la. Eu tinha 8 anos de idade e ouvi uma frase que iria se repetir, de uma maneira ou de outra, por tôda a minha vida: "Negrinho atrevido. Estou lhe dando uma chance de ganhar um tostão e você não quer? Negro não presta mesmo. Não gosta de trabalho."

Sentamo-nos em mesas separadas no restaurante, o Avenida. Apesar de não ser o melhor de Belém, lá sempre estão os homens de negócios da cidade. Não houve reação diferente dos presentes em relação à nossa entrada — chegamos antes — e a de Odacir. Depois de algum tempo, porém, ouvi na mesa ao lado da nossa, fragmentos de conversa em que as palavras **prêto, negro** e **escuro** entravam várias vêzes. SEGUE

RACISMO
CONTINUAÇÃO

Às 14,30 horas estávamos a caminho do centro comercial de Belém. Eu e Mamprin juntos, Odacir separado. Combinámos comprar roupas, iguais, numa das lojas principais da cidade. Entramos com ligeira diferença de tempo na loja, pedindo a mesma coisa: calças de brim. Fomos atendidos com a mesma solicitude. Enquanto Odacir examinava uma calça, o caixeiro que me atendia aproximou-se dêle, pelas costas, fêz uma careta, dizendo:

— Então, míster, já escolheu? Me dê licença um instantinho que preciso desta calça para mostrar ao freguês.

Na família

Depois das compras, dirigimo-nos ao escritório de um comerciante para quem eu trazia uma apresentação. Fomos recebidos por êle e seu filho, um engenheiro. Não poderíamos, sòzinhos, penetrar mais fundo na sociedade local. Por isso, resolvêramos abrir o jôgo. Ouviram-nos primeiro curiosos e depois com superioridade, dizendo coisas que iriam se repetir sempre que falássemos em preconceito:

— Aqui vocês não irão encontrar nada. Ninguém liga para a côr da pele. Há negros juízes, médicos, comerciantes. Nas escolas, nos clubes, em todo canto, não existe discriminação. Os negros participam de tudo. No Pará, porque não há nem negros, nem brancos, nem índios puros, não existe discriminação.

Alongaram-se em citar professôres que são negros, amigos negros que têm e freqüentam sua casa:

— Aqui não existe preconceito, mesmo. Mas essa história de casamento entre um escuro e uma branca é que ninguém gosta. Não sei como eu próprio reagiria diante disso. Aliás, sei sim, eu não gostaria do assunto.

Enquanto o comerciante falava e seu filho aprovava, eu pensava em como as pessoas se enganam. Em Belém não existia discriminação, todos viviam na mais perfeita democracia racial. Mas nada de negro casar com branca. O negro era igual ao branco em tudo, menos para dormir com seus filhos!

A conversa continuava, com os dois tentando nos convencer da ausência de preconceito em Belém. Para encerrar o assunto, o comerciante-pai citou o caso de um juiz importante, um negro, que dera o nome a um doce. E explicou, ingênuamente, como era o doce:

— É feito de chocolate por fora e um creme branco por dentro. Chama-se Monteiro Lopes, o juiz mais bondoso que já apareceu no Pará.

Aquêle juiz bondoso, para os paraenses, era "um prêto de alma branca". Isto é, o negro para ser bom tem que ter a alma de branco. Ouvindo os dois falar na frente de Odacir, eu não poderia acreditar que estivessem percebendo até onde iam seus preconceitos. Tratar o negro como ser inferior é tão natural que nem viam quando faziam isso. Enquanto falavam, eu olhava Odacir. Êle sorria. Seus olhos, por trás das lentes grossas, pareciam dizer:

— Está vendo o que é preconceito?

Ao se referirem aos negros, os comerciantes sempre usavam os têrmos "pessoas de côr", "escuros", "morenos". Nunca negro ou prêto. Perguntei por que e foi o pai quem explicou:

— Os negros não gostam de ser chamados de negros. É pejorativo.

Naquela mesma tarde saímos para os primeiros testes em colégios e maternidades. Odacir solicitaria vagas para transferência de seu filho e pediria reserva de lugar para sua espôsa dar à luz. Pouco depois eu faria a mesma coisa.

O primeiro colégio que visitamos foi o Moderno, o melhor de Belém. Esperei cinco minutos parado na calçada, observando as colegiais que passavam, enquanto Odacir falava com o diretor. Entrei quando Odacir se despedia na porta da secretaria. Não houve problemas quanto à vaga para "meu filho". O diretor, um homem pequeno, jeito de funcionário público do interior, falante e caloroso, recomendou, porém, que eu esperasse o próximo ano para a matrícula, pois assim não atrapalharia os estudos do garôto. No carro, Odacir e eu comparamos o tratamento recebido e vimos que fôra idêntico. Nas outras escolas aconteceu o mesmo. Depois foi a vez das maternidades. Começamos pela Beneficência Portuguêsa, a mais importante, e fomos caindo de nível. Em nenhuma houve hostilidade ou surprêsa.

Eram 17 horas quando voltamos ao hotel. Eu estava mais animado. Quem sabe fôra uma impressão errada a que os comerciantes haviam me transmitido? Cansados e com sono — dormíramos apenas quatro horas — marcamos nôvo encontro para as 21 horas, na praça defronte ao Grão Pará.

Odacir já me esperava, quando desci. Muitas prostitutas faziam o "trottoir" na praça e êle já fora abordado por uma delas, que o achou com jeito de turista. A mesma mulher, mais tarde, abordada por um negro de Belém, deu tratamento diferente, depois de alguns minutos de conversa:

— Negro é assim mesmo. Só quer saber de sair com mulher de graça.

Nossas experiências continuariam em restaurantes e casas noturnas de Belém. Corremos vários. Não houve novidades. Na volta, no táxi, Odacir provocou o motorista, um negro:

— Aqui em Belém os brancos não gostam dos negros?

— Não. Aqui não tem disso. Com dinheiro, negro é igual a branco. Não tem diferença

Às nove horas do dia seguinte, estávamos conversando com Isaac de Moraes, o cronista social mais importante de Belém, num encontro arranjado pelos nossos amigos comerciantes. Dissemos ao cronista que fazíamos uma reportagem sôbre "Comportamento social das elites brasileiras", e que precisávamos participar de uma festa da sociedade local. Êle aceitou ajudar-nos.

Voltamos ao hotel e às duas horas da tarde saímos para uma entrevista com dona Maria da Cruz, uma negra, enfermeira numa das maiores maternidades da cidade. Ela foi categórica em suas opiniões:

— Aqui não há problemas. Me dou bem com as colegas, freqüentamos a casa uma da outra e nunca ninguém me disse nada. Com os doentes só encontrei complicações junto às pessoas muito ricas. Não dizem nada, mas os olhares e cochichos mostram seu desgôto em serem atendidas por uma pessoa mais escura que elas.

À noite nos preparamos para a festa que o cronista social nos arranjara. Seria no Clube do Remo, o mais importante de Belém, e quem nos convidava era o médico Newton Johnston e sua espôsa, dona Maria José, para comemorar os 15 anos de sua filha Ângela. A loura que Mamprin conhecera no avião aceitara ir à festa conosco e às 22 horas estávamos entrando no salão.

Fomos recebidos na porta pela aniversariante e seus pais. Quando entramos no salão, as atenções voltaram-se para nós. Eu e Mamprin fomos para um dos cantos do salão, enquanto Odacir procurava onde sentar. Os convidados acompanhavam seus gestos, virando a cabeça à sua passagem. Não conhecíamos ninguém na festa: o cronista ainda não chegara. A maioria dos convidados eram jovens, mas havia muitos velhos. Êstes eram mais surpresos e insistentes nos olhares a Odacir.

"Aqui não existe preconceito, mas isso de casar negro com branco não pode ser"

Os jovens, depois de certo tempo, esqueceram-se dêle. O que Odacir estava sentindo não deveria ser novidade para êle. Na mesa, êle comentava:

— Me sinto um bicho. Olhado, cheirado, analisado, sentido, dissecado. Não posso dar um passo, fazer um gesto, falar nada sem que me transforme em alvo de todo mundo. A enfrentar uma situação destas, o negro prefere não andar com brancas. Mas existem os que gostam disso. E se realizam sendo alvo das atenções, sem perceberem que êsse interêsse nada mais é do que um hostil preconceito.

Dia 18, Recife

Chegamos a Recife na sexta-feira antes do meio-dia. De acôrdo com nosso plano de trabalho, iríamos passar na capital de Pernambuco dois dias e meio. Resolvêramos fazer um teste diferente em Recife. Ao invés de Odacir registrar-se sòzinho no hotel, eu ficaria com êle e desta vez quem serviria de comparação seria Mamprin. Chegamos antes, eu e Odacir, registrando-nos como comerciantes de São Paulo. Deram-nos apartamentos quase vizinhos. Pouco depois de instalados, fui visitar Mamprin. Eu e Odacir estávamos num apartamento de fundo, pequeno, e o ar condicionado era deficiente. Mamprin estava num apartamento de frente, enorme, bem ventilado e com rádio. Naquela hora senti que junto com um negro o branco perde a consideração, transforma-se em negro também, isto é, recebe tratamento inferior a um branco. Saímos para almoçar. Às quatro horas voltamos satisfeitos. Tudo era igual par nós três. Odacir saiu para conhecer a cidade e falar com o povo. Voltou às oito da noite com o resultado de suas experiências:

— Quem mais me impressionou foi um engraxate. Êle falou sem parar durante todo o tempo que passou lustrando meus sapatos. Disse que em Recife o povo não liga para a côr da pele e que êle sentia-se bem com seus amigos. Enquanto êle falava, eu refletia que vivendo num grupo de nível econômico bem baixo, os preconceitos contra êle ficam diluídos pela igualdade de situação econômica (todos muito pobres). E como não tem acesso às camadas mais altas, não sente discriminação. Quando soube que eu era do Sul, o garôto comentou que aqui os negros estão "por baixo", justificando a afirmação pelo fato de existir em São Paulo um clube só de negros. Em sua ingenuidade, êle sabia reconhecer as coisas.

Jantamos no melhor restaurante do centro da cidade, o Leite, onde não houve diferenças no tratamento entre nós. Às oito horas do dia seguinte, sábado, resolvemos testar os clubes esportivos da cidade. Depois que saímos do hotel em direção ao Náutico Capibaribe — famoso no passado pelo fato de não admitir negros nem em sua equipe de futebol — começou a chover. Aguardamos durante quase uma hora num bar, até que a chuva passasse. Enquanto esperávamos, conversamos com o empregado do bar, um jovem forte e de bigodes, e ouvimos suas opiniões sôbre preconceito:

— Em Recife somos todos irmãos. Eu não tenho nenhum preconceito. Minha noiva, mesmo, é morena. Não é muito escura, mas é morena e estou muito satisfeito com ela.

Enquanto êle se afastava, Odacir sorria e comentava:

— Não tem preconceito mas faz questão de dizer que sua noiva é prêta clara. E acha que faz favor namorando-a.

Fomos, separadamente, até a porta do clube e Odacir ficou conversando com o porteiro. Eu e Mamprin passamos por êle e esperamos no salão de festas. Pouco depois Odacir chegava:

— Não houve problemas. O Náutico está aceitando sócios negros, bastando para isso que comprem títulos. Vamos dar uma volta por aí.

Odacir foi na frente. As pessoas que estavam no clube, jogando futebol de salão, bola ao cêsto e na piscina olhavam-nos apenas com curiosidade. Saímos para almoçar na praia de Boa Viagem, no restaurante Castelinho.

Numa das mesas, seis homens discutiam negócios. Um dêles, jovem, ficou encarando Odacir durante todo o almôço. Na saída, Odacir comentava:

— Êsse tipo de olhar sempre quer dizer: "o que é que êste negro metido quer aqui, um lugar só de branco?"

Voltamos à cidade, compramos um jornal e saímos para alugar casa, arbitràriamente, na praia e no centro da cidade, e tentaríamos alugar os imóveis anunciados. Rodamos por vários bairros e em nenhum prédio houve diferença de tratamento. Fomos para a praia, a mesma coisa.

Na universidade

De volta ao hotel, eu e Odacir fazíamos um balanço das experiências. Depois de muito discutir, chegamos à conclusão de que deveríamos aprofundar nossas pesquisas e para isso procurar os estudantes. Às nove horas da manhã, estávamos sendo recebidos por uma jovem loura e gordinha na Casa da Universitária do Recife. Ela prontificou-se a ajudar-nos e levou-nos para uma sala ampla, que aos poucos foi se enchendo de garôtas. Selma Tânia e Noêmia, que vivem em Recife há vários anos, estavam junto de Mamprin. Foram aceitando tôdas as situações de convivência com negros colocadas por êle, até que sugeriu a hipótese de casamento de uma delas com um prêto. Noêmia, falando baixo para Odacir não ouvir, confessou:

— Está tudo muito certo. Mas êsse negócio de uma branca casar com um negro é quase impossível. Se eu tivesse uma filha não a deixaria fazer isso. Mesmo que a môça gostasse de um negro, ela não conseguiria transpor e vencer o patriarcalismo. Teria de escolher entre ser expulsa da família e viver sòzinha com seu marido, ou submeter-se à vontade de pais e irmãos com as facilidades de viver com o apoio da família como recompensa. Não há outra saída.

SEGUE

O espanto é de homens, mulheres, jovens ou velhos.

RACISMO
CONTINUAÇÃO

Selma Tânia virou-se para Mamprin e completou:

— Não acho que o problema seja sòmente a côr da pele. Normalmente, quando a gente pergunta para uma branca porque ela se casou com um negro, ela responde que foi por causa de dinheiro. Por isso eu acho que os pais reclamam mas aceitam um negro na família se êle fôr rico. Um negro com dinheiro deixa de ser negro!

Margarida contou a Odacir como eram as coisas nos clubes esportivos:

— Eu e meu noivo somos sócios do Náutico. Mas para êle entrar no clube deu um bôlo danado. Não queriam deixar e só depois de muita briga é que conseguiu. Mesmo assim, lá dentro, a gente sente a resistência dos associados. O senhor entende? São coisas que não são ditas, mas a gente sente nos olhares, nos gestos. E meu noivo não é muito escuro.

Tita, moreninha da Paraíba, estava, com outras môças, ao meu lado. Ela sòmente se referia aos negros como "escuros". Pouco depois dizia que Odacir "não tem o cabelo muito ruim", concluindo:

— Tem até traços de branco!

Suas companheiras começaram a rir, mas não a criticaram. Odacir olhou para mim sério e eu entendi: para aceitar o negro, o branco atribui-lhe características suas, de branco.

Ficamos junto com as môças até meio-dia. Lanchamos e chegamos à Casa do Estudante do Recife, masculina, às 13 horas. Entramos e explicamos a um rapaz branco os objetivos de nossa visita: queríamos falar com estudantes negros.

Êle nos apresentou a um negro, cabelos lisos, estudante de medicina. Depois foi convidar outro negro alto e magro, estudante de arquitetura. Junto chegaram uns 30 estudantes brancos. O estudante de medicina foi o que falou primeiro. Disse que não encontrava resistências e vivia normalmente com os brancos de Recife. À medida que falava, recebia a aprovação dos estudantes brancos ao seu redor. Todos concordavam com êle e citavam exemplos de integração em Pernambuco. De repente, um jovem alto, de óculos, mulato, atravessou a roda de estudantes e parou à nossa frente. Sua atitude era de expectativa e hostilidade. Fiz-lhe uma pergunta direta:

— Você que é negro, acha que existe preconceito racial em Recife?

Quase sòmente êle falou dali para frente. Estudava engenharia, e podemos resumir o que disse no seguinte:

— O negro em Pernambuco não é considerado gente. Em todos os ambientes —, desde o clube até a família — encontramos resistência para poder viver da mesma maneira que um branco comum. Eu dou aulas num colégio aqui de Recife. Sou professor de meninas ricas e brancas. Ali, na sala de aula, elas fazem observações desairosas e só me respeitam hieràrquicamente, não como ser humano. Há uma professôra negra na faculdade de engenharia que leciona cálculo. É uma das maiores autoridades na matéria, no país. Os alunos, porém, não a chamam pelo nome. Sòmente dizem: "Agora é a aula da negra". De uns tempos para cá, os clubes aqui de Recife passaram a aceitar negros — menos o Internacional — mas sòmente os negros que têm muito dinheiro. No entanto, dentro do clube, depois de aceito, êles ficam no gêlo. Nas casas de família a coisa não muda muito. Quando estou apenas com a família, o tratamento chega a ser afetuoso. No entanto, quando há pessoas estranhas, êles esfriam e me colocam na posição de onde não posso sair: a de negro.

À medida que falava, discutia agressivamente com os estudantes brancos que se opunham às suas opiniões, o jovem negro citava fatos e pessoas para comprovar o que dizia. Depois de algum tempo, os que haviam concordado com as opiniões do estudante de medicina — não existia preconceito em Pernambuco — passaram-se para o outro lado, apoiando as afirmações do estudante de engenharia. Como último recurso, o aluno de medicina perguntou se os negros não eram bem tratados ali, na Casa do Estudante. Recebeu resposta definitiva do estudante de engenharia:

— É claro, eu também sou bem tratado. Mas sòmente somos amigos dos brancos no ambiente universitário. Fora daqui ninguém quer nada conosco.

Estávamos quase nos retirando — eram quatro horas e nosso avião partia às cinco para Salvador — um dos estudantes brancos chamou-me de lado:

— Acho bom vocês não mexerem com êsse assunto. A gente sabe que existe preconceito. Mas se falarmos muito nisso a coisa aumenta e é capaz de explodir.

Essas mesmas palavras eu iria ouvir mais tarde em Salvador, São Paulo, Rio e Pôrto Alegre. Entre os negros, sòmente os mais velhos tinham essa posição. E Odacir explicava por que:

— Conservadores e aceitando o lugar que os brancos lhes destinam na escala social, êles não querem mexer no problema com mêdo que êle se agrave e êles sofram mais.

Eu sabia que os brancos, por seu lado, sentem-se envergonhados com o preconceito. Não querem mostrar que através de atitudes encobertas e disfarçadas êles privam milhões de pessoas de viver como gente. E mais: não querem tocar no problema com mêdo de que êle se agrave e se transforme em luta aberta. Êsses negros e brancos se esquecem, porém, que os problemas não discutidos não se resolvem.

Dia 20, Salvador

Em Salvador às 20 horas. Resolvemos nos hospedar no Hotel da Barra, em dois apartamentos: eu e Mamprin juntos, Odacir sòzinho. No táxi para a cidade eu sentia sensações estranhas. Estivera muitas vêzes em Salvador, mas agora tudo parecia diferente. Eu via os carregadores no aeroporto, o motorista de táxi, as pessoas que passavam nas ruas com outros olhos. Os negros, principalmente.

Odacir entrou no hotel quando estávamos subindo com as malas para nosso apartamento. Fiquei no saguão observando. O recepcionista vacilou alguns momentos e fechou o rosto quando viu Odacir. Ouvi, então o seguinte diálogo:

— Infelizmente não temos mais vagas.

— Mas marquei encontro com alguns amigos aqui. Preciso de um apartamento. Não tem jeito?

— Infelizmente não. Temos um apartamento, mas está com defeito. Amanhã o senhor telefona para ver se já vagou algum.

Não falou mais nada e chamou um mensageiro para carregar as malas de Odacir até a porta. Nós combináramos que se êle não conseguisse hopedar-se, iria para o Hotel Oxumaré. Pouco depois, Odacir nos telefonava e marcamos encontro para jantar. Êle estava sendo atendido pelo garçom quando chegamos e sentamos ao seu lado, na mesma mesa.

— Tudo bem, aqui e lá no Hotel Oxumaré. Sòmente houve curiosidade, nada mais.

Na escola infantil

No dia seguinte, depois do almôço, saímos para testar os colégios de Salvador. Visitamos ginásios, grupos escolares, escolas maternais. Rodamos pràticamente tôda a cidade sem encontrar nenhuma resistência para Odacir matricular seus filhos. No último dêles, Escola João e Maria, a diretora

Negro e branca de braços dados: curiosidades, risos, cochichos, hostilidades

recebeu Odacir com tôda a cordialidade, um sorriso nos lábios, gentil:

— Lamentàvelmente não posso atendê-lo. Não tenho mais vagas. Porém, vou fazer-lhe um bilhete apresentando-o à diretora de outra escola. Um momentinho.

Ela retirou-se e entregou o seguinte bilhete a Odacir: "Amelinha. Boa tarde. Êste senhor está sendo transferido de São Paulo e o filhinho dêle precisa ir ao J. da Infância. Como não tenho mais vaga (êle não faz questão de horário) mando-o conversar com você. Um abraço, Lena. PS. O garôto tem cinco anos e já está frequentando jardim."

Odacir apanhou o bilhete e saiu. Eu entrei na escola tranqüilo. Quem me atendeu foi uma garôta, a secretária. Disse o que queria — exatamente a mesma coisa que Odacir. Estava sendo transferido do Rio e queria matricular minha filha de cinco anos no Jardim da Infância. Ela chamou a diretora. Sorriu muito, consultou a lista de matrícula e concluiu alegre:

— O senhor tem sorte. Ainda tenho vagas. Quer fazer a matrícula já?

Disse que sim, paguei NCr$ 60,00 da taxa de inscrição e saí. Estava irritado. No carro, conversando com Odacir eu lhe disse não entender como alguém, cuidando de crianças, podia fazer discriminações. Êle me olhava calmo, como alguém acostumado a essas coisas. Ouviu todos os meus desabafos e depois comentou um episódio que se passara com êle quando era aluno da terceira série do curso básico, na Escola de Comércio Castro Alves, de São Paulo:

— O diretor da escola, Castorino França, entrou na classe para falar de democracia. Depois das palavras iniciais, olhando para mim fixamente, disse que "não pode haver exageros. A democracia é boa, mas está havendo uma mistura no Brasil que ninguém mais entende. Ninguém mais reconhece seu lugar e todos querem ser doutor."

Voltamos ao hotel. Eram quase seis horas da tarde. Entramos, eu e Mamprin, pedindo para trocar de apartamento. Conseguimos o que queríamos. Odacir chegou meia hora depois e pediu a vaga prometida. Obteve a mesma resposta. Para êle, o hotel continuava lotado. Pediu para falar conosco e subiu. Nem bem chegara, o telefone tocou:

— Senhor Narciso?
— Sim?
— Aquêle rapaz que deseja um apartamento ainda está aí?
— Sim.

Mas nem sempre o olhar é de espanto; há desaprovação.

— Diga a êle que conseguimos arranjar-lhe um. Obrigado.

O recepcionista já me conhecia, sabia que eu era jornalista e quando sentiu a possibilidade de um "caso", resolveu ceder. Naquela mesma noite, Odacir hospedou-se no Hotel da Barra. Às 20 horas, saímos para entrevistar Carlos Sena, um capoeirista negro.

Alto, elegante, bem falante, gesticulando sempre, Carlos Sena não tem papas na língua e vai direto aos assuntos:

— Sofri muito quando era rapaz. Sofri tanto que fiquei revoltado. Vou dar só um exemplo. Nos dias de festa — Carnaval, Ano Bom, etc. — todos os meus amigos, eram brancos na maioria, iam para seus clubes, com suas namoradas. Eu não tinha para onde ir porque não me deixavam entrar nos clubes de brancos. Meu pai estava bem, econômicamente, e eu, na faculdade, normalmente, tinha amigos brancos. Era meu ambiente, mas sòmente podia vivê-lo na rua, ou nos prostíbulos. Nunca na família ou nos clubes dos brancos. Já ouvi muitos dizerem que sou um negro metido a bêsta. Para me impor, às vêzes sou obrigado a ser violento. De outra maneira não sou respeitado. No meu prédio, por exemplo, o porteiro trata a todos os inquilinos de "senhor". Eu era "você", até que achei ruim e ameacei agredi-lo. Namoro quase sempre môças brancas, porque êsse é o meio onde vivo. Os negros acham isso ruim. Os brancos também e às vêzes sofro por causa disso. Fui namorado de uma môça branca. Queria casar, mas quando os pais descobriram, forçaram-na a desistir.

Saímos para jantar às 23 horas, numa cantina, onde tudo correu tranqüilamente. Na mesa, Odacir comentou:

— Quer ver uma prova de que no Hotel da Barra prêto não entra? Agora, enquanto esperava o elevador, escutei a conversa de um copeiro com a governanta. Êle, depois de me ver passar e julgando que já tivesse me afastado, disse a ela: "Êste hotel também já está relaxando."

Na tarde do outro dia, testamos maternidades e casas de saúde e em tôdas o tratamento dispensado a mim e ao Odacir foi idêntico. Às 17 horas, dirigimo-nos para a agência do SESI em Salvador. Fomos apresentados a uma jovem negra que sairia comigo e a uma loura que se recusou a sair com Odacir para o teste dos casais mistos. Saímos do SESI para procurar outra loura. Outra recusa. Mais tarde, soubemos que esta última namorara um negro mas se envergonhava de passear com êle e deixou-o. Acabamos conseguindo uma.

No dia seguinte, Mamprin instalou-se no segundo andar de uma livraria, na praça da Sé.

Parado na praça, defronte a um ponto de ônibus, camisa esporte, eu não despertara a atenção de ninguém. Quando minha companheira de teste chegou e começamos a andar de braço dado, senti-me alvo das atenções gerais. Os velhos, principalmente os negros, é que olhavam com maior insistência. Em alguns, senti hostilidade. Um dêles, mais claro, com um guarda-chuva na mão, parou, olhou, andou, tornou a parar, a olhar, e pareceu que ia me agredir. Ficamos parados no ponto de ônibus. Todos, dentro do veículo, nos olhavam. Eu nunca me sentira assim.

Tornamos a andar e paramos diante de dois rapazes negros. Êles conversavam tranqüilamente até que perceberam nossa presença. Então, calaram-se, olharam e começaram a cochichar e rir. Pouco depois, interrompíamos a experiência. Odacir ia começar a dêle.

Procedeu exatamente como eu. Saiu de braço e logo uma loura olhou-os insistentemente, com pouco caso. Um grupo de jovens estudantes, entre os quais algumas negras, passou por êles.

SEGUE

RACISMO
CONTINUAÇÃO

Olharam quase todas ao mesmo tempo para trás, cochichando e rindo. As pessoas que estavam no ônibus olhavam com insistência. Um casal de negros, nas proximidades, não despertava a atenção de ninguém. Eu estava chegando a uma triste conclusão: um branco com uma negra, ou um negro com uma branca, sòmente despertam curiosidade porque são considerados anti-sociais, não ficam cada um em seu lugar. E mais: as pessoas sempre descobrem intenções escabrosas ou interêsse financeiro quando um branco namora com uma negra ou um negro sai com uma branca.

Dia 23, São Paulo

Depois do almôço, embarcamos com destino a São Paulo, nova etapa de nossa reportagem. Chegamos às 20,30 horas a Congonhas, e Odacir foi hospedar-se no Hotel Jaraguá, um dos mais importantes da cidade. Entrou, pediu um apartamento. A resposta do recepcionista foi imediata:

— Só temos "suites". Custam 66 mil cruzeiros.

Odacir aceitou:

— Preciso ficar. Marquei encontro com uns amigos aqui.

Depois de preenchida a ficha, o recepcionista recuou:

— Desculpe. Ainda tenho um apartamento simples. Havia me esquecido dêle.

Odacir subiu, deixou as malas no apartamento e desceu.

Fomos jantar no Paddock, restaurante no centro da cidade. Odacir entrou antes. Cinco minutos depois, cheguei. Êle tomava uma dose de uísque. Cumprimentei-o e sentei-me ao seu lado. Logo o garção aproximou-se oferecendo um aperitivo. Aceitei. Pouco depois, notei o maitre à distância. Odacir olhou-o fixamente, êle desviou o rosto. Sorriu para mim, cumprimentou-me e aproximou-se:

— Vão jantar já?

Transferira para mim a iniciativa na mesa, embora Odacir já estivesse sentado quando cheguei. Estávamos vestidos da mesma maneira. Mas nossa pele era diferente!

No dia seguinte, quinta-feira, apanhei Odacir às nove horas na porta do Hotel Jaraguá. Alugáramos um automóvel para executar os testes mais ràpidamente, e saímos para procurar empregos. Recortamos alguns anúncios do jornal "O Estado de S. Paulo". Em tôdas as firmas que visitamos não houve hostilidade. Os funcionários do departamento de pessoal nos recebiam com um sorriso profissional e mandavam-nos preencher fichas com nossas qualificações.

Odacir passou tôda a sua vida em São Paulo. Antes de ser jornalista trabalhou em escritórios, oficinas, bancos. E sôbre empregos, e a maneira de um negro conseguí-los, êle tem experiência:

— A discriminação é sutil e quase não surge na hora do negro ser admitido no emprêgo. Os empresários já aprenderam que isto pode trazer complicações fazendo projetar uma imagem negativa sôbre suas firmas. O preconceito começa a se manifestar quando, já aceito no emprêgo, o negro procura fazer carreira. Nos bancos, por exemplo, dificilmente se encontra um gerente ou caixa negro. A maior emprêsa de ônibus de São Paulo não tem motoristas negros em suas linhas de longo curso. Nas companhias de aviação não existem tripulantes negros. Nas lojas de comércio, de primeira categoria, avenida Paulista, rua Augusta, pràticamente não existem balconistas negros. Em conclusão, quando não são afastados diretamente — "seu teste não foi bom" ou "a vaga já foi preenchida" — o negro marca passo na carreira que abraça, sem conseguir subir.

Almoçamos em uma cantina da rua 13 de Maio, ainda separadamente, e não houve problemas. À tarde saímos para procurar apartamentos e casas para alugar. Nosso tempo era curto e escolhemos três anúncios: um no Ipiranga, outro em Perdizes e o terceiro na Consolação. Obtivemos as mesmas respostas para as mesmas perguntas e nos foram feitas as mesmas exigências. Comentando os resultados de nossa experiência, chegamos à conclusão de que a concorrência faz com que os proprietários de imóveis se prendam sòmente ao fato concreto das possibilidades financeiras. Em última análise, não importa se o inquilino é branco ou prêto; importa se êle tem condições de pagar aluguel no fim do mês. Odacir, porém, tinha um comentário:

— Mas se um negro desejar visitar um amigo num prédio de apartamentos, é tratado como um marginal. O porteiro quer saber aonde vai, o que vai fazer, quando não o manda subir pelo elevador de serviço. Um branco, nas mesmas condições, não dá nenhuma satisfação.

À noite saímos para testar as casas noturnas de freqüência média. Fomos ao Vogue e ao La Vie en Rose, o primeiro na praça Roosevelt e o segundo na rua Major Sertório. Odacir caminhava na frente, eu logo atrás. Os porteiros convidam os que passam, acenando com mil atrações. Adotam até uma posição de subserviência. Mas não para um negro. Odacir passava despercebido. Eu recebia um convite em cada porta.

Na boate

Entramos no Vogue. Estava lotado. Odacir sentou-se sòzinho. Era o único negro ali dentro. As prostitutas do Vogue espalhavam-se desde o bar da entrada até as mesas do fundo do salão. Sentei-me numa mesa próxima à de Odacir. Pedimos bebidas e ficamos observando alguns casais que dançavam. Odacir fêz sinal a uma morena de cabelos longos, convidando-a para dançar. Ela ignorou-o. A mesma mulher come-

Homem doente na rua: as atenções variam conforme a côr.

Negro passando mal na rua: "Êles vivem bebendo"; um branco: "O sr. está doente?"

çou a olhar-me fixamente. Chamei-a, sentou-se ao meu lado. conversamos longamente sôbre vários assuntos e eu a provoquei, olhando para Odacir:

— Vem muito negro aqui?

— Quase nunca.

— Você já saiu com algum?

— Não saio por dinheiro nenhum. Tem umas mortas de fome que saem. Algumas taradas até gostam. Eu não. Eu escolho as pessoas.

No La Vie en Rose, de freqüência mais baixa, logo à entrada uma garôta branca dependurou-se no braço de Odacir.

No carro, quando voltávamos, contei a Odacir o que dissera a garôta do Vogue. Êle ouviu calado, silencioso, e depois comentou:

— Sentimentalmente, o preconceito não me afeta. Acho que o branco tem todo o direito de não gostar de mim como pessoa. Assim como eu tenho o direito de não gostar dêle. Não vou, por isso, me incomodar com as opiniões de uma prostituta que pode não querer dormir com um negro, nem com o fato de o dono de um hotel ou boate barrar minha entrada. Tenho de desenvolver minha luta num plano mais elevado. O preconceito e a discriminação prejudicam minha vida profissional, cultural, familiar, e sinto que devo lutar. Mas não contra as manifestações do preconceito, e sim contra as causas que lhe deram origem. Eu não me sinto humilhado por opiniões como a desta mulher. Mas isto junto a todos os outros tipos de discriminação limitam a vida de um negro a um nível bastante baixo, do qual êle dificilmente pode sair.

Na manhã de sexta-feira, saímos para testar as escolas. Ninguém estranhou Odacir quando êle entrou no Instituto Mackenzie. Na secretaria, foi bem recebido e disse o que desejava: transferir seu filho, cursando a segunda série ginasial em Ribeirão Prêto, para São Paulo, onde passaria a residir. Atencioso e formal o secretário da escola ouviu-o. Consultou uma lista, virou-a, revirou-a e perguntou:

— Foi o senhor que telefonou?

— Não.

Passaram-se alguns minutos, durante os quais o secretário voltou à lista muitas vêzes. Impassível, Odacir esperou a frase que já adivinhava:

— Sinto muito, mas não temos vagas. Se o senhor quiser, volte no ano que vem. Faça a inscrição em dezembro e aguarde a resposta. Desculpe.

Odacir saiu e paramos num bar para telefonar. Eu falei:

— É do Instituto Mackenzie? Queria falar com a secretaria do ginásio.

— Um momento.

— É da secretaria? Por favor, queria saber se há vagas para o segundo ano ginasial. Meu filho estuda no Colégio de Aplicação da Bahia e como vou morar em São Paulo, queria transferi-lo para o Mackenzie.

— Um minutinho. Alô? Se o senhor vier antes do fim do mês, nós damos um jeito. Depois de setembro é impossível.

Depois do Mackenzie fomos ao Colégio Assunção, só para garôtas. Odacir foi na frente. A môça o atendeu, na portaria, e não conversou muito:

— Infelizmente não temos vaga.

— Para o ano que vem é possível?

— O senhor deve voltar em dezembro, inscrever sua filha e deixá-la fazer um teste. Se fôr aprovada, não há problemas.

No mesmo dia foi a minha vez. A môça recebeu-me com um sorriso. Ouviu minha história atentamente e mandou-me esperar enquanto consultava a diretora da escola. Demorou-se alguns minutos e voltou com expressão pesarosa:

— Infelizmente não é possível. Estamos no meio do segundo semestre e a menina não iria aproveitar o curso. É melhor o senhor deixar para o ano que vem. Volte em dezembro para fazer a matrícula.

Testamos mais três colégios onde tudo correu normalmente, e resolvemos testar maternidades. Formais, atenciosas e eficientes, as recepcionistas das maternidades e hospitais nos receberam igualmente.

Na rua

À tarde, encontramo-nos com Mamprin, para o teste da solidariedade humana. O ponto escolhido foi a praça da Sé, por sua grande concentração humana e pelo fato de por ali passar gente de tôdas as categorias sociais. Às 4,30 hs. da tarde, Mamprin já estava em seu pôsto: o quarto andar do n.º 47, defronte à Caixa Econômica Federal. Odacir faria o seu teste junto a um poste, na ponta da calçada.

De paletó e gravata, estava vestido exatamente como eu. Contorceu-se, agarrou-se ao poste, tirou o lenço do bôlso, abriu o colarinho. Deixava evidente estar sofrendo um mal-estar. Passaram por êle um guarda-civil, môças, rapazes negros e brancos. Alguns olhavam e sem nehuma alteração no rosto continuavam sua caminhada. A maioria, porém, nem olhava, como se um homem passando mal não alterasse em nada a paisagem diária da cidade. Passados sete minutos, Odacir desistiu: começou a "melhorar" e retirou-se. Esperei outros cinco minutos e fui fazer a minha parte.

Parei junto à parede, apertei os olhos para que lacrimejassem e comprimi o peito. Comecei a respirar ofegante. Em dois minutos ouvi o primeiro comentário:

— Deve estar passando mal.

Levantei os olhos. Dois homens bem vestidos olhavam-me, falavam, mas não se aproximavam. Um rapaz negro, com uma pasta na mão, aproximou-se e pegou-me no braço, perguntando:

— O senhor está passando mal?

Enquanto eu explicava o que estava sentindo, os dois homens bem vestidos se aproximaram, afastaram o negro e perguntaram aflitos:

— O que é que o senhor está sentindo? Quer que chamemos um médico?

Eu disse que não era nada, apenas uma tontura. Levaram-me para um bar, não me deixaram pagar a água mineral que tomei para "me recuperar".

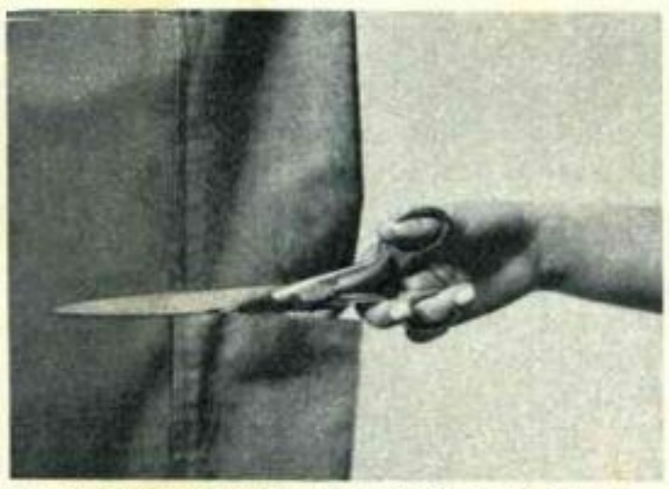
Encontrei Mamprin na porta do edifício, ao lado de Odacir. Êle também tinha coisas para contar:

— O dono do escritório, um português, não colocou problemas e deixou-me fotografar de sua janela. Disse-lhe estar fazendo uma reportagem sôbre a cidade. Quando comecei a fotografar o Odacir, êle aproximou-se perguntando se eu estava "a sacar fotos daquele negro, ali". Quando eu disse que sim, comentou: "é muito comum negros bêbados por aqui não gaste chapas com êle, não". Mais tarde, quando fotografei a sua experiência, êle perguntou se eu estava "a sacar fotos daquele senhor doente".

Estava explicado, e muito bem explicado, por que Odacir não fôra atendido. Êle era, para todos que passavam, brancos ou negros, apenas um bêbado, pois prêto não fica doente.

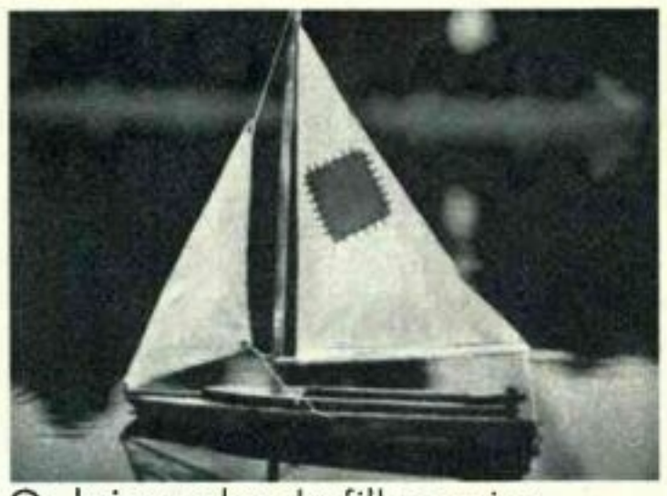
No dia seguinte, faríamos o teste dos casais em dois lugares diferentes: na rua São Luís, esquina com avenida Ipiranga, e na rua Santa Teresa, esquina com a praça Clóvis Beviláqua. Às 10 horas, Mamprin já estava com sua teleobjetiva no terraço do edifício Itália. SEGUE

É bem possível que a sua mulher já esteja merecendo uma conta num banco e v. nem percebeu.

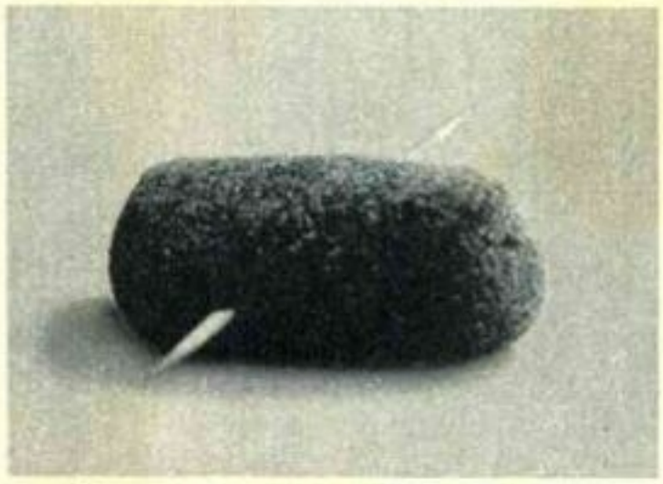


Quando v. queima a calça com um cigarro, ela logo encontra um jeito de fazer umas bermudas?

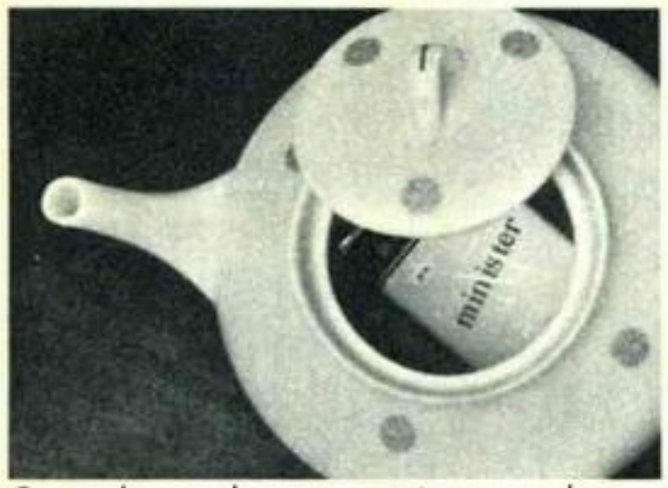
V. costuma encontrar rolinhos de dinheiro nos lugares mais estranhos?



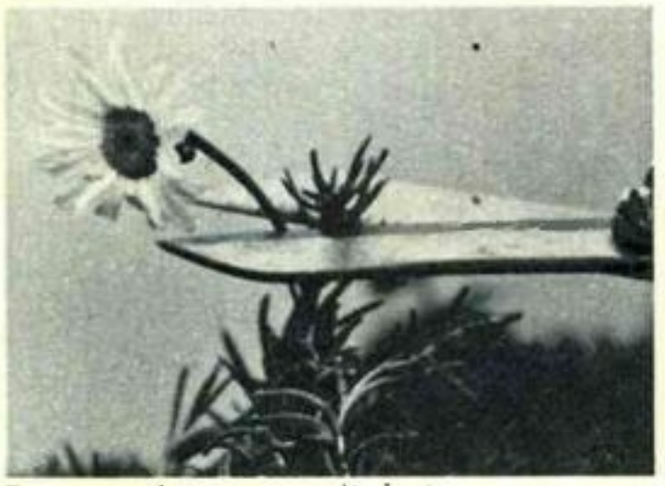
Os brinquedos do filho maior estão com o filho menor?



No dia seguinte ao risoto sempre tem croquete?



Quando acaba o seu cigarro, ela sempre descobre um maço escondido?



Em vez de gastar dinheiro com um jardineiro, ela sempre convence v. a cortar a grama?

Se v. agora percebeu, faça-lhe uma surprêsa: passe numa das 352 Agências do Banco da Lavoura de Minas Gerais e abra uma conta no nome dela. Com o cheque, ela pode controlar as despesas da casa, dirigir os próprios gastos sem que v. receba a tôda hora "aquêles" pedidos de dinheiro. E vai ter uma surprêsa também. Vai ver que ela merece uma conta cada vez maior.

"Branco só quer negra para usá-la, nunca para fazer dela sua espôsa"

RACISMO
CONTINUAÇÃO

Olhando o relógio, aproximei-me da esquina marcada. Parei e logo depois chegou a jovem que aceitara auxiliar-nos na reportagem — uma negra que trabalha na televisão. Quando a cumprimentei e beijei-lhe o rosto, homens e mulheres que passavam nos olharam com certo espanto. Passeamos de mãos dadas durante 15 minutos, rindo e conversando como dois namorados. As fotografias de Mamprin são mais eloqüentes que qualquer narração. Cochichos, cutucões, olhares, principalmente dos mais velhos. Teresa comentava as reações:

— O branco sòmente procura a negra para usá-la como objeto sexual, nunca para fazer dela sua espôsa. São raros os casos de brancos casados com negras. Os que conheço são colocados de lado tanto pelos negros como pelos brancos, que vêem nisso uma espécie de traição à raça.

Afastamo-nos e logo depois apareceu Odacir para repetir a mesma experiência com a jovem branca que também concordara em nos ajudar — uma jornalista. Observando a experiência de Odacir, eu percebia irritação, inveja, quase ódio em certos olhares. Alguns chegaram a parar e ficar olhando ostensivamente na direção dos dois, parecendo querer um simples pretexto para manifestar sua desaprovação. Mais tarde, notamos as mesmas reações na rua Santa Teresa. Os funcionários de uma loja comercial não se contiveram. Os que estavam na porta chamaram os que estavam lá dentro para ver o fenômeno. Ficaram comentando, rindo, cochichando. Odacir sabe o que acontece:

— Antigamente, no tempo da escravidão, o branco tinha tôdas as mulheres negras que quisesse. O negro não podia jamais olhar para uma branca. Isso se reflete até hoje, pois o branco acha que o negro não tem nenhum direito de sair com uma branca.

Depois do almôço, sábado à tarde, era a vez dos clubes esportivos. Escolhemos dois de classe média: Tietê e Palmeiras. Nos dois é necessário apenas comprar um título para ser aceito como sócio. Chegamos às três horas ao Tietê, e Odacir atravessou a rua enquanto eu e Mamprin ficávamos do outro lado, observando. Conversou com o porteiro e depois dirigiu-se a uma porta logo na entrada. Voltou em poucos minutos, e veio ao nosso encontro:

— A campanha para sócios está encerrada e as visitas ao clube foram suspensas por ordem da diretoria.

SEGUE

BRASIL, 1970 — NEGROS E MULATOS SERÃO 40%

Entraram no Brasil, desde o início da colonização portuguêsa, no século XVI, até o século passado, três milhões e quinhentos mil negros africanos. Foi a agroindústria do açúcar, em Pernambuco, que atraiu os primeiros escravos. Pedro Calmon, historiador, diz que o primeiro navio negreiro aportou no Brasil em 1516, vindo de Angola. Só em 1550 é que há uma importação legal da mercadoria escrava que chega à cidade de Salvador. Em 1559, o capitão da ilha de São Tomé recebe um alvará ordenando que cada senhor de engenho importasse até 120 escravos do Congo. Onze anos depois, diz Capistrano de Abreu, 65 engenhos de Pernambuco e da Bahia já contavam com mais de três mil escravos.

Com a decadência da lavoura açucareira, a mineração em Minas Gerais e São Paulo, e a pecuária no Sul do país passaram a ser os motivos para a intensificação da compra de negros. Segundo Maurício Goulart, outro historiador, desde o início do tráfico, até fins do século XVIII, a entrada de negros chegava a dois milhões e 250 mil. No século XIX, é o café sobretudo que exige a vinda de escravos.

Em 1817, o tratado de Viena estabelecia a abolição universal do tráfico. Nove anos depois, no Rio de Janeiro, Brasil e Inglaterra assinavam um acôrdo: "Não será lícito aos súditos do Império do Brasil fazer o comércio de escravos na costa d'África." O tráfico termina, de fato, em 1852. Em 1848 ainda entram 60 mil escravos; 54 mil em 49; 3.287 em 51 e 700 em 1852.

Em 1871 os filhos de escravos são considerados livres. Pouco a pouco a imigração de europeus vai substituindo os negros. Entre 1880 e 1890 entram mais de 223 mil imigrantes. A 13 de maio de 1888 a Princesa Isabel assina a Lei Áurea. São dois artigos. O primeiro: "É declarada extinta a escravidão no Brasil." O segundo: "Revogam-se as disposições em contrário." Neste dia, 800 mil escravos são considerados livres.

Dados demográficos

População mundial, dados de 1962:
Brancos: 1.500 milhões.
Amarelos: 800 milhões
Negros: 100 milhões

População total do mundo, dados de 1965: 3.285 milhões.

População do Brasil
Censo de 1950, último onde há descriminação por côr.

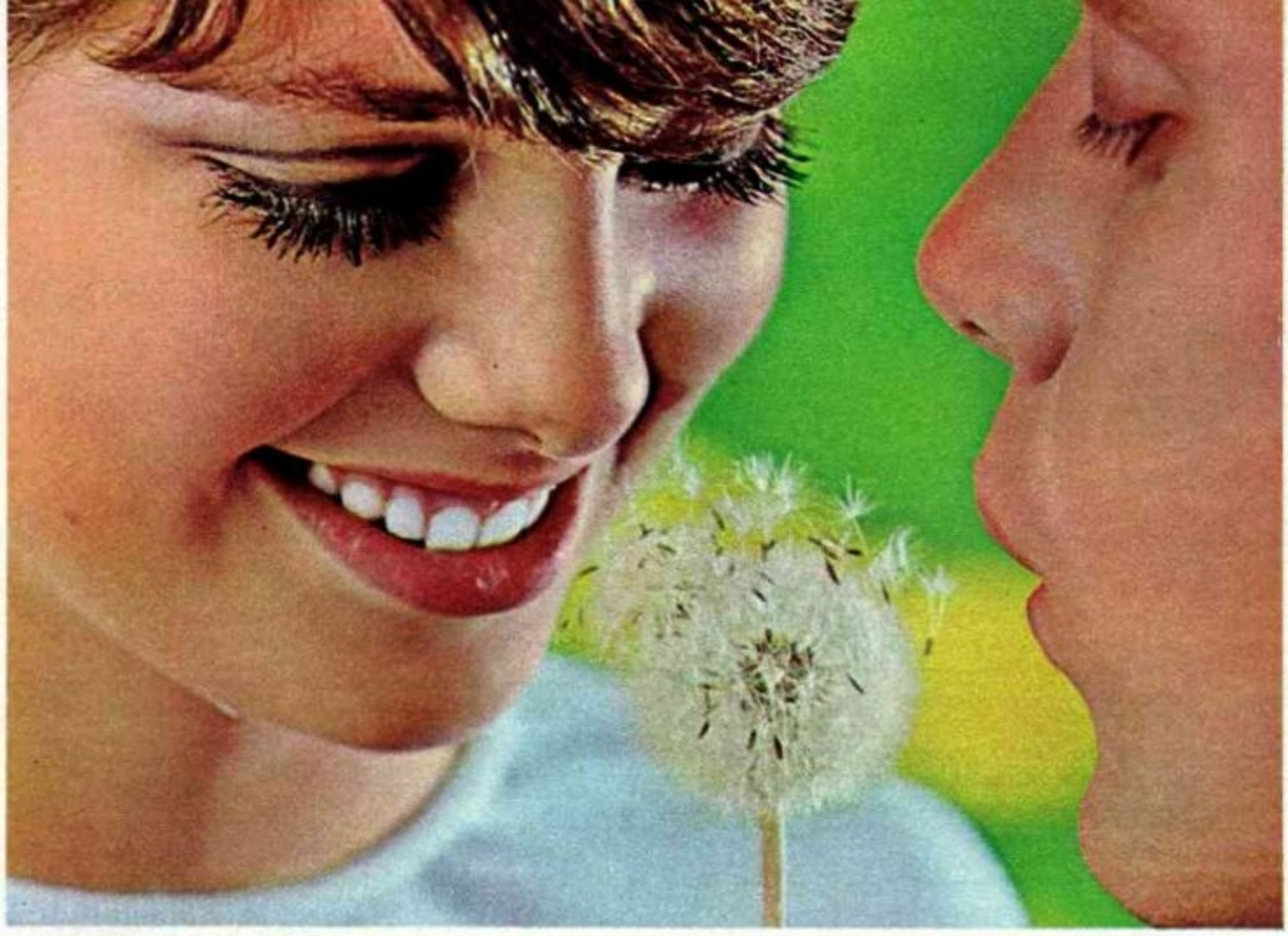
		comparando com 1940:
Total:	51.944.397	41.236.315
Brancos:	32.027.661	26.171.778
Prêtos:	5.692.657	6.035.869
Amarelos:	329.082	242.320
Pardos:	13.786.742	8.744.365

(As proporções de prêtos e pardos, nos dois censos, mostram que, gradativamente, em virtude da miscigenação, os prêtos se tornar pardos.)

População do Brasil, em 1970 (A projeção é obtida multiplicando-se os dados de 1940 por 2).

Brancos: 52 milhões
Negros: 12 milhões
Pardos: 17 milhões
Amarelos: 500 mil
Total: 81 milhões e 500 mil

(A soma de negros com pardos, nesta projeção, atingirá 29 milhões, ou seja, 40% do total.)



Acredite: o mau hálito já estragou muita história de amor.

Antes de aparecer Signal, que garante hálito puro.

Signal não diz que faz uma pessoa encontrar seu grande amor. Mas Signal garante uma coisa: o mau hálito não vai atrapalhar. Garante! Porque Signal significa hálito puro. Sòmente Signal tem listas vermelhas. E nelas fica o hexaclorofeno. Moderno antisséptico que mata os germes causadores do mau hálito e deixa o hálito sempre puro. Sempre pronto para começar um romance.

Lintas

No clube, um fica logo sócio; o outro não pode nem visitar

RACISMO
CONTINUAÇÃO

Aguardamos um pouco, e foi a minha vez. Conversei com o porteiro e êle estendeu-me um folheto com o plano de venda de títulos. Consegui maiores esclarecimentos na tesouraria e voltei ao porteiro. Êle estava de costas quando perguntei:

— É possível visitar o clube?

— Já lhe disse que as visitas foram suspensas...

Enquanto falava foi se virando para mim, sorriu e desculpou-se:

— Pensei que era outra pessoa. O senhor pode falar ali no guichê e visitar o clube quando quiser.

— Precisa de apresentação?

— Não. O senhor sòmente diz que deseja ficar sòcio e é fácil.

No Palmeiras não houve problemas. Nessa noite fomos ao baile do Som de Cristal. É uma "gafieira" onde se encontra gente de todos os tipos: tímidos e exibicionistas; prostitutas e empregadas domésticas; estudantes e funcionários públicos; brancos, negros, mulatos, japonêses. Conversando com freqüentadores, descobre-se que há uma certa rivalidade entre brancos e negros na disputa das mulheres. Uma loura, namorada de um negro, me dizia:

— As môças negras preferem os brancos quando estão querendo aparecer. Êles têm mais dinheiro e elas se sentem importantes ao seu lado. Quase sempre, se tiver de escolher entre um branco e um negro, a negra prefere o primeiro.

Na noite seguinte, saímos para testar as boates finas de São Paulo. Uma loura, nossa amiga, prontificara-se a acompanhar Odacir. Visitamos quase uma dezena de boates e sòmente numa delas — chamada "Tonton Macoute" — surgiu o problema.

SEGUE

ESTA LEI PUNE A DISCRIMINAÇÃO RACIAL

Como presidente da República, Getúlio Vargas sancionou. É bem verdade que custou a fazê-lo. Questões políticas. Não interessava ao PTB, partido do govêrno, contribuir para que um deputado da UDN de Minas e na oposição recebesse tôdas as honras. A lei que pune a discriminação racial no Brasil leva o nome de seu autor: Afonso Arinos.

"Lei n.º 1.390 — de 3 de julho de 1951

Inclui entre as contravenções penais a prática de atos resultantes de preconceitos de raça ou côr.

O Presidente da República:

Faço saber que o Congresso Nacional decreta e eu sanciono a seguinte lei:

Art. 1.º — Constitui contravenção penal, punida nos têrmos desta lei, a recusa, por parte de estabelecimento comercial ou de ensino de qualquer natureza, de hospedar, servir, atender ou receber cliente, comprador ou aluno, por preconceito de raça ou de côr.

Parág. único — Será considerado agente da contravenção o diretor, gerente ou responsável pelo estabelecimento.

Art. 2.º — Recusar a alguém hospedagem em hotel, pensão, estalagem ou estabelecimento da mesma finalidade, por preconceito de raça ou de côr.

Pena — Prisão simples de três meses a um ano e multa de Cr$ 5.000,00 (cinco mil cruzeiros) a Cr$ 20.000,00 (vinte mil cruzeiros).

Art. 3.º — Recusar a venda de mercadorias em lojas de qualquer gênero, ou atender clientes em restaurantes, bares, confeitarias e lojas semelhantes abertos ao público, onde se sirvam alimentos, bebidas, refrigerantes e guloseimas, por preconceito de raça ou de côr.

Pena — Prisão simples de quinze dias a três meses ou multa de Cr$ 500,00 (quinhentos cruzeiros) a Cr$ 5.000,00 (cinco mil cruzeiros).

Art. 4.º — Recusar entrada em estabelecimento público, de diversões ou esporte, bem como em salões de barbearias ou cabeleireiros por preconceito de raça ou de côr.

Pena — Prisão simples de quinze dias a três meses ou multa de Cr$ 500,00 (quinhentos cruzeiros) a Cr$ 5.000,00 (cinco mil cruzeiros).

Art. 5.º — Recusar inscrições de aluno em estabelecimento de ensino de qualquer curso ou grau, por preconceito de raça ou de côr.

Pena — Prisão simples de três meses a um ano, ou multa de Cr$ 500,00 (quinhentos cruzeiros) a Cr$ 5.000,00 (cinco mil cruzeiros).

Parág. único — Se se tratar de estabelecimento oficial de ensino, a pena será a perda do cargo para o agente, desde que apurada em inquérito regular.

Art. 6.º — Obstar o acesso de alguém a qualquer cargo de funcionalismo público ou ao serviço em qualquer ramo das Fôrças Armadas por preconceito de raça ou de côr.

Pena — Perda do cargo, depois de apurada a responsabilidade em inquérito regular para o funcionário dirigente da repartição de que dependa a inscrição no concurso de habilitação dos candidatos.

Art. 7.º — Negar emprêgo ou trabalho a alguém em autarquia, sociedade de economia mista, emprêsa concessionária de serviço público ou emprêsa privada, por preconceito de raça ou de côr.

Pena — Prisão simples de três meses a um ano e multa de Cr$ 500,00 (quinhentos cruzeiros) a Cr$ 5.000,00 (cinco mil cruzeiros), no caso de emprêsa privada; perda do cargo pelo responsável pela recusa, no caso de autarquia, sociedade de economia mista e emprêsa concessionária de serviço público.

Art. 8.º — Nos casos de reincidência havidos em estabelecimentos particulares, poderá o juiz determinar a pena adicional de suspensão do funcionamento por prazo não superior a três meses.

Art. 9.º — Esta lei entrará em vigor 15 dias após a sua publicação, revogadas as disposições em contrário."

"Coitado, é casado com uma negra; mas a gente recebe êle em casa"

Estávamos com o carro alugado ainda, e Odacir, junto com a garôta, estava sentado no banco de trás. Deixei-os na porta da boate e estacionei o carro mais adiante, como se fôra chofer do casal. Quando Odacir ia chegando à porta, o porteiro adiantou-se:

— Só pode entrar com reserva de mesa.

Odacir voltou ao carro e saímos. Dez minutos depois fui a pé até o "Tonton". Quando ia entrando, o porteiro me barrou:

— Desculpe-me, senhor. Mas só é permitida a entrada acompanhado.

— Preciso fazer reserva de mesa?

— Aos domingos não, pois a casa não tem muito movimento.

Era domingo.

Antes de partirmos de São Paulo com destino ao Rio de Janeiro, tínhamos outro teste a fazer. A praça da República recebe tôda manhã dezenas de crianças, acompanhadas de suas mães ou babás. Como reagiriam as mães brancas ao carinho que um casal de negros fizesse em seus filhos? Da mesma maneira que a um casal de brancos?

Mamprin sentou-se num banco da praça, perto do coreto, e marcou dois grupos de crianças que brincavam perto de suas mães e babás. Odacir, acompanhado de uma jovem negra, aproximou-se dos grupos. Um garôto maior, a quem a jovem quis agradar, fugiu das carícias e refugiou-se nos braços da mãe. Então ela pediu para segurar no colo um outro garôto, cuja mãe respondeu prontamente:

— Êle é enjoado, chora à toa.

A môça negra não se deu por vencida e estendeu os braços para a criança. Esta estendeu-lhe os braços também, e foi parar em seu colo, ante o olhar de desagrado da mãe, uma mulher gorda. Quando, pouco depois, Odacir e a jovem se afastaram, foram seguidos pelos olhares hostis da mulher.

Eu repeti a experiência com uma branca. Aproximamo-nos do grupo, passamos a mão na cabeça dos guris, carícias no rosto. As mães, que não haviam descuidado um minuto quando Odacir e a môça negra estavam perto de seus filhos, não mostraram a mínima preocupação quando minha companheira carregou seus filhos de um lado para o outro.

A môça que ajudara Odacir fôra acompanhada de sua mãe. Quando comunicamos à mulher o resultado da experiência, ela se conformou:

— Isto é culpa do próprio negro. Começa as coisas bem, está sendo bem tratado, de repente estraga tudo. É natural que os brancos desconfiem. Eu sempre digo à minha filha: nunca faça nada que possa ser criticado pelos brancos. Seja sempre melhor do que todos.

Coisa parecida eu ouvira em Belém, Recife, Salvador. Sofia, uma jovem funcionária do SESI em Salvador, negra, é que sintetizou bem essas opiniões:

— O negro, para poder vencer, não pode ser normal. Para conseguir se afirmar como médico, engenheiro, artista, estudante ou simples mecânico, tem que ser excepcional. Qualquer deslize que cometer logo recebe na cara o comentário: "você poderia esperar outra coisa de um negro?"

Às seis horas, tomamos um táxi para o aeroporto. Nosso destino era o Rio. O motorista, um italiano falador, morador na Bela Vista, foi contando anedotas, casos, até que resolveu falar de seu cunhado:

— Coitado, é casado com uma negra. Mas a gente tem pena dêle e recebe êle em casa. Se não, como é que os filhos dêle iam viver, sem a gente?

SEGUE

AS ORIGENS DA LEI

NO CORAÇÃO DO NOSSO POVO

Afonso Arinos

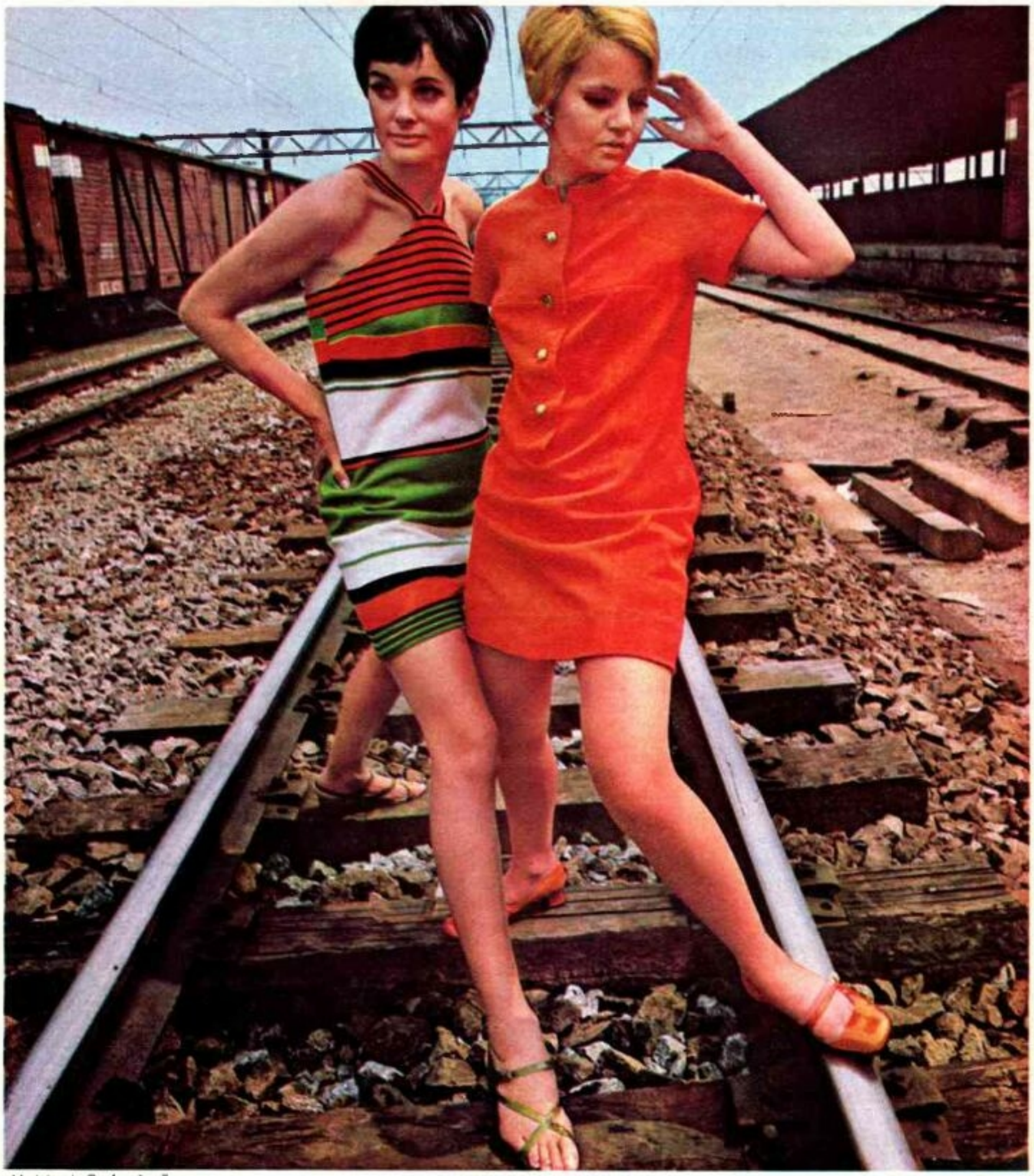
A Constituição federal de 1946, no capítulo da declaração dos direitos e garantias individuais, no mesmo artigo em que vedava a propaganda de guerra, proibia também a prática de atos decorrentes de preconceito de raça ou de côr. Tratava-se de uma norma mais ética do que jurídica, de vez que não estava contida em preceito auto-aplicável. O artigo, em si mesmo, na forma pela qual se achava redigido, continha no máximo uma recomendação de conduta, mas nunca um dispositivo eficaz, visto que a proibição não era seguida de sanção e que, em virtude de outro princípio jurídico inafastável, nenhuma sanção pode ser aplicada sem lei anterior que defina o ato punível e comine a pena.

Foi reconhecendo isto que, em 1951, apresentei o projeto da lei que depois viria a ser conhecida com o meu próprio nome. Mal poderia esperar, no momento, que o Congresso Nacional a adotasse, como fêz, sem nenhuma alteração do texto que lhe submeti, e que a consagração popular lhe emprestasse o nome de Lei Afonso Arinos, pelo qual continuará a ser conhecida quando eu não fôr mais do que uma distante lembrança. De tudo o que pude fazer nos meus 20 anos de parlamento, de tôdas as lutas em que me empenhei durante êsses quatro lustros, e que foram as lutas do meu tempo, talvez nada permaneça de duradouro, exceto aquêle pequeno texto, no qual, muito mais que a minha, falou sem dúvida, acima dos séculos, a voz imemorável do meu povo.

Um dos meus irmãos, tomando em Washington um táxi, ouviu do motorista negro que lhe perguntara de que nacionalidade era, que tinha vontade de vir ao Brasil apertar a mão de um deputado que fizera uma lei fazendo da discriminação racial crime punível. Tm Telavive, Israel, mostraram-me o texto da lei brasileira impresso em uma coletânea universitária. Em Goa, na Índia, em Macau, na China, quando passei por essas duas antigas cidades portuguêsas, fui saudado em nossa língua por um indiano e um chinês, que me falaram da lei antiracista. Em Dacar, no Senegal, o senador Vasconcelos Tôrres, que viajava comigo, ouviu de um motorista, na porta do hotel em que nos hospedávamos, que ali estava um homem que lutara pelos direitos dos negros no seu país.

Tôdas essas emocionantes lições é que me levaram, no fim do meu mandato de senador, em janeiro do ano corrente, a colocar no próprio texto da nova Constituição aquêle dispositivo, que não encontra similar em qualquer outra Constituição nacional do mundo: "A discriminação racial será punida pela lei". Hoje o preceito está claramente inscrito na lei magna, como expressão genuína do que já vinha, há tempo, no coração do nosso povo.

Com Exlan Tropique a moda de verão anda na linha



Grupo Olte

Modelos de Confecções Tomaso

V. também pode andar na linha neste verão com Exlan Tropique. A moda desta estação. A moda de côres vivas. Moda prática, elegante, para tôdas as horas do dia. A moda que tem mil modos de encantar e de deixar V. mais bonita. Exlan Tropique é a moda para quem gosta de andar na moda.

Exlan Tropique

Mafisa IMPORTAÇÃO E EXPORTAÇÃO LTDA. R. LÍBERO BADARÓ, 293 - FONES: 34-2493 e 34-1076 - END. TELEGR. "MAFISAIMPEX" - S. PAULO
GRUPO ◆ MITSUI

O apartamento estava vago, mas responderam: "É pena, já alugamos"

RACISMO
CONTINUAÇÃO

De São Paulo não precisávamos saber mais nada. Nem testar outras coisas. Como paulista, eu estava envergonhado. Como branco, triste. Como ser humano, irritado e odiando tudo o que levava ao preconceito. Na semi-obscuridade do avião que nos levava ao Rio de Janeiro, sentado sòzinho num dos bancos, eu observava Odacir e Geraldo Mori (Mamprin fôra obrigado a abandonar a reportagem pois já estava designado para outro trabalho). Olhava o rosto dos poucos passageiros, me perguntando se êles sabiam de tudo que eu já estava sabendo. Se em suas vidas êles percebiam tôda vez que agrediam e feriam os negros.

Dia 29, Guanabara

Chegamos ao Rio na segunda-feira à noite, perto das nove horas. No aeroporto, separamo-nos: eu e Mori iríamos num táxi, Odacir em outro. Enquanto aguardávamos nossa vez na fila, os motoristas ofereciam táxis a Odacir:

— Zona Norte.

Para nós era Zona Sul.

Odacir partiu na frente, em direção ao Copacabana Palace, primeiro hotel que iríamos testar. Não aconteceu nada. Fomos então para o Regente, sempre separados. O ascensorista tentou conversar com Odacir em inglês e espantou-se quando soube que não era norte-americano.

Mais tarde, uma camareira iria elogiá-lo:

— Êsse môço fala muito bem português. Parece até brasileiro.

Era difícil, também para ela, imaginar que um negro que não fôsse estrangeiro, tivesse condições de hospedar-se no hotel onde ela trabalhava.

Nosso teste, no dia seguinte, seria o do aluguel. Com as experiências anteriores de São Paulo e Recife, desistimos de procurar casas. Desta vez iríamos ver quartos. Primeiro na Zona Sul e depois na Zona Norte. Escolhemos vários anúncios publicados no "Jornal do Brasil". Dos quatro na região de Copacabana, apenas num dêles o desagrado foi ostensivo. O anúncio dizia: "Aluga-se vaga confortável em ambiente familiar para rapaz de trato, NCr$ 70,00. Telefone 27-5515, Av. N. S. de Copacabana 1150, apto. 804". Odacir foi na frente.

Um rapaz magro e baixinho atendeu-o com um sorriso amarelo:

— Lamento, mas a vaga já foi ocupada.

Odacir desceu, tomamos café num bar das proximidades e eu fui tentar a sorte. O mesmo rapaz me atendeu, mandando-me entrar. Fiz-lhe perguntas sôbre o número de pessoas, o banheiro, o sossêgo e êle foi solícito nas respostas. Informeio-o que iria ver mais um quarto e depois voltaria para dar-lhe uma resposta. À saída êle insistiu:

SEGUE

UNESCO: NÃO EXISTE RAÇA PURA

Existe raça pura? E raça inferior?

Os preconceitos seculares que relacionam as minorias raciais, principalmente negros e judeus, entre os sêres de raça impura ou inferior, foram condenados pela Declaração das Nações Unidas sôbre a Eliminação de Tôdas as Formas de Discriminação Racial, de 1963. Eis o que diz seu artigo primeiro: "A discriminação entre os sêres humanos, por motivos de raça, côr ou origem étnica, é uma ofensa à dignidade humana e deve ser condenada como uma negação dos princípios da Carta das Nações Unidas, como uma violação dos direitos do homem, e das liberdades fundamentais proclamadas pela Declaração Universal dos Direitos do Homem, como um obstáculo às relações amigáveis e pacíficas entre as nações e como um fato capaz de perturbar a paz e a segurança entre os povos."

Um ano depois, em Moscou, um grupo de 22 cientistas, entre êles o brasileiro Francisco M. Salzano, do Instituto de Ciências Naturais de Pôrto Alegre, reunidos pela UNESCO, redigiu um documento sôbre os aspectos biológicos da questão racial. Aqui está uma síntese dêste trabalho:

— Todos os homens pertencem à mesma espécie — dita Homo Sapiens — e provêm de uma mesma origem. Quando e como os grupos humanos se diversificaram, é uma questão controvertida.

— As diferenças de constituição hereditária e a ação do meio sôbre o potencial genético determinam as diferenças biológicas entre os sêres humanos. A maior parte destas diferenças se deve à interação dêsses dois fatôres.

— Cada povo apresenta uma grande diversificação genética. Não existe raça pura, no sentido de povo genèticamente homogêneo.

— Certos caracteres físicos têm um valor biológico universal e fundamental para a sobrevivência do homem. As diferenças sôbre as quais se baseiam as classificações raciais não se referem a êstes caracteres. Assim, não se pode falar biològicamente de superioridade ou inferioridade de uma raça em relação a outra.

— Nunca foi provado que a mestiçagem é um inconveniente biológico.

— Os fatôres culturais que rompem as barreiras sociais e geográficas aumentam os círculos de casamento e agem, assim, sôbre a estrutura genética dos povos.

— Nenhum grupo nacional, religioso, geográfico, lingüístico ou cultural constitui uma raça; o conceito de raça se refere apenas a fatôres biológicos.

— Os povos parecem dispor hoje de iguais potencialidades biológicas para atingir qualquer nível de civilização. As diferenças entre as realizações dos diversos povos talvez sejam explicadas inteiramente por sua história cultural. Quanto às potencialidades hereditárias, no que se referem à inteligência global e às capacidades de desenvolvimento cultural, não permitem justificar o conceito de raças "inferiores" ou "superiores".

TUDO ISTO
E MUITO MAIS
-POR MUITO MENOS-
V. CONSEGUE
VIAJANDO AGORA
PARA A EUROPA

Quem sabe viajar... viaja pela **TAP**, é claro, e sabe que nesta época tudo é mais fácil. Por exemplo: de outubro a março, não há problema para conseguir acomodações nos hotéis e muitos até oferecem preços especiais. E V. poderá assistir às melhores peças teatrais, aos grandes "shows" e aos maiores clássicos do "ballet". E experimentar tranqüilamente aquêle restaurante que lhe recomendaram ou ensaiar o esqui (de preferência se já tiver alguma bossa para o surf).

Em suma, V. terá o privilégio de conhecer a verdadeira Europa. Em tôda a sua plenitude. Em tôda a sua grandeza. Mas não é só: além de desfrutar do confôrto dos superjatos da **TAP** V. ainda se beneficia da redução de 25% nas tarifas. Então, esta não é a grande oportunidade de visitar a Europa? Procure já o seu Agente de Viagens. Êle tem sempre o plano que mais lhe convém.

TAP

TRANSPORTES AÉREOS PORTUGUESES

RIO • SÃO PAULO • SANTOS • BELO HORIZONTE
PÔRTO ALEGRE • RECIFE • SALVADOR • BELÉM

TÉCNICA ATENÇÃO PONTUALIDADE-A JATO

IATA

O outro lado: "Vá embora, não tem vergonha de andar com brancos?"

— Venha logo que vaga como esta é difícil. Aqui tudo é legal.

Almoçamos num restaurante do centro da cidade, e saímos procurando escolas e testando maternidades e boates, tanto na Zona Sul como na Zona Norte; não houve problemas. No dia seguinte, íamos passear, eu com uma negra e Odacir com uma branca. Às 10 horas, estávamos defronte ao cine Metro, na avenida Copacabana.

No bar

Eu comecei. As reações foram bem menos evidentes que em São Paulo. Com Odacir a hostilidade foi maior. A môça que aceitara fazer o teste é bem loura, filha de alemães e casada com um médico judeu. Chamaram a atenção de todos. Da janela de onde Geraldo Mori fotografava a cena, eu apreciava os olhares de deboche e espanto dos que passavam. Duas garôtas se cutucaram ao mesmo tempo, chamando a atenção para o casal. Um velho, de pasta na mão, quase escorrega enquanto olhava para trás. Odacir com a loura chamava muito mais atenção do que eu com a negra.

Resolvemos repetir a experiência na avenida Rio Branco. Permanecemos os quatro juntos, sentados nas cadeiras da calçada do Bar Simpatia. Se estivéssemos fazendo **strip-tease** não despertaríamos mais atenção do que ali. As pessoas paravam para olhar. Brancos e negros atropelavam-se para nos ver conversando animadamente, tomando refrigerantes. Não estávamos nos comportando como namorados, mas como simples amigos. Mesmo assim, era inadmissível para os que passavam a combinação de côres. Ficamos sentados no bar durante 15 minutos, e neste espaço de tempo não houve uma pessoa que passasse por nós sem nos dirigir um olhar de curiosidade, espanto ou hostilidade.

O mais agressivo foi um negro jovem, forte e simpático. Olhou fixamente para a negra que estava comigo, fêz-lhe um sinal com a cabeça, irritado, como se lhe perguntasse: "O que é que você está fazendo com êsse branco?" Ela desviou o olhar e êle parou pouco mais adiante, olhando acintosamente para ela. Depois de alguns instantes pedi à môça que fôsse até o balcão do bar comprar cigarros, para ver o que o rapaz lhe diria. Ela saiu e voltou dali a pouco, meio acanhada:

— Êle perguntou-me se não tinha vergonha de estar com você e mandou-me embora daqui.

Eu olhei novamente para onde estava o rapaz e êle permanecia fixando-nos, de cara fechada. Resolvemos sair antes que êle resolvesse tomar providências mais enérgicas.

No caminho para a Zona Sul, para onde levaríamos as garôtas, a lourinha me dizia que a única solução para o problema racial no mundo todo era a miscigenação:

— No dia em que os negros se misturarem com os brancos, tudo estará resolvido. Aprendi isso numa aula de geografia, quando era estudante ainda e acho que é a única maneira de acabar com a discriminação.

Eu mesmo já ouvira esta tese defendida por professôres nas escolas em que estudei. Para resolver o problema, o negro deveria deixar de ser negro e ser quase branco. Então tudo estaria bem, porque não haveria mais negros. Solução genial...

Nessa noite sonhei que estava cercado de centenas de pessoas louras, com uniformes brancos, empunhando armas apontadas contra mim. No centro, encostado a uma parede, eu resistia gritando: "Deixem-me, eu também sou branco". Consegui correr e passei por uma vitrina onde estavam expostos tecidos escuros. No vidro da vitrina eu vi meu rosto refletido. Eu era um negro!

Acordei sobressaltado, com o telefone tocando: era a recepção acordando-nos para a viagem. Íamos viver a última etapa — o Sul.

Dia 31, Pôrto Alegre

Chegamos a Pôrto Alegre pouco depois do meio-dia. Ficamos hospedados no Hotel Plaza e, a não ser o fato de o quarto de Odacir ser inferior ao nosso, não houve diferença no tratamento.

Escolas, maternidades, boates, restaurantes, tudo normal, no primeiro dia. Mas os seguintes nos reservavam surprêsas. A primeira foi na entrada de um edifício. Estávamos eu e Mori mais na frente. Um homem bem vestido, negro, saiu do prédio. Virei-me a tempo de vê-lo cumprimentando Odacir.

— Seu conhecido? perguntei.

— Não. É o terceiro que faz isso. Aqui, acho que por causa da pressão que sofrem, os negros têm mais solidariedade de raça.

Combinamos fazer o teste dos casais no dia seguinte, sábado de manhã, e partimos para experimentar mais colégios. No Colégio N. S. do Bom Conselho, Odacir ficou esperando 20 minutos pela chegada da diretora, que apareceu dizendo não haver vagas. Além do mais, no próximo ano as turmas seriam reduzidas. Mais tarde, quando procurei o mesmo colégio, fui recebido fora do expediente, levado a uma sala e atendido amàvelmente por uma freira. Ela consultou a lista, disse que infelizmente não havia vagas, mas que eu poderia voltar no ano seguinte. Indicou-me até outro colégio onde poderia "colocar uma jovem de fino trato, como estou vendo que é sua filha".

SEGUE

NÃO FUI DISCRIMINADO NOS EUA

O doutor Edgard Teotônio Santana é chefe de clínica da Santa Casa de São Paulo e especialista em Cardiologia. Tem mais de cem trabalhos científicos publicados.

"Fui à América estudar a situação do negro. A minha experiência pessoal, adquirida sobretudo em Nova Iorque, Boston e Miami comprova que está ocorrendo uma evolução. Em nenhum momento senti qualquer discriminação, mesmo em companhia de minha mulher, uma branca, o que poderia, talvez, ser interpretado como uma provocação, pelo fato de eu ser um negro. É bem verdade que sou médico (o que significa, nos EUA, ter um alto status social), e que falo francês (o que indica erudição para os meios mais sofisticados de Boston). Lá, eu estaria, certamente, incluído nos "5% de negros traidores", os que ocupam cargos importantes na administração pública e apóiam a política integracionista do presidente Johnson. É claro que se eu morasse no Harlem ou no bairro porto-riquenho de Nova Iorque, os maneirismos de minha formação latina, a espôsa branca e meu nível intelectual provocariam, senão a hostilidade franca, pelo menos a não adaptação".

VACARIA?!

ESTEIRA

vacaria fica longe, sim senhor!

Mas tem uma agência da Rêde Nacional Bamerindus, o que facilita muito suas ligações comerciais com aquela praça e mais 200 pequenas e grandes cidades, através 236 agências, em 9 Estados da Federação. Porém, exato neste momento, talvez estejamos iniciando nossas atividades em uma nova cidade. Procure uma das agências da Rêde Nacional Bamerindus e constate como é fácil, por exemplo, manter negócios entre Vacaria, que fica no Rio Grande do Sul, e São Paulo.

RÊDE NACIONAL BAMERINDUS

LIDERADA PELO BANCO MERCANTIL E INDUSTRIAL DO PARANÁ S. A.

BANCO MERCANTIL E INDUSTRIAL DO RIO DE JANEIRO S. A. — BANCO MERCANTIL E INDUSTRIAL DE SÃO PAULO S. A. —
BANCO MERCANTIL E INDUSTRIAL DE SANTA CATARINA S. A. — BANCO MERCANTIL E INDUSTRIAL DO RIO GRANDE DO SUL S. A.

alimen & franchini

"Essa meninada não sabe de nada; não existe preconceito no Brasil"

Depois do almôço, fomos para a rua Marechal Floriano fazer o teste do mal-estar. Mori ficou numa das janelas da Rádio Pampa, fotografando Odacir "doente", encostado num poste. Tirou o lenço, desabotoou o colarinho, levou cinco minutos sem que ninguém lhe desse importância. Resolveu ser mais drástico: ficou de cócoras, o lenço na mão esfregando a cabeça. Só então um jovem, mal vestido, aproximou-se sem tocá-lo. Cientificou-se de que êle passava mal e chamou um guarda. O policial acompanhou Odacir até o hotel.

Na minha vez, bastou que eu me encostasse na parede e desabotoasse o colarinho, para que um senhor de aspecto distinto me pegasse pelo braço perguntando se estava me sentindo mal. Disse-lhe que era tontura e êle me ajudou a atravessar a rua.

De volta ao hotel, procuramos amigos que nos ajudassem a localizar uma jovem negra que se dispusesse a passear comigo no dia seguinte. Fomos apresentados ao cronista de clubes de um jornal, que nos levou a dois clubes negros de Pôrto Alegre: o Marcílio Dias e o Floresta Aurora. No segundo encontramos muitos jovens tocando violão e cantando. Convidamos uma môça para fazer a experiência comigo e ela aceitou. Depois fomos conversar com os jovens. Faziam as mesmas queixas que ouvíramos em tôdas as cidades anteriores: o negro conseguia apenas empregos sem muita expressão e não conseguia fazer carreira. E mais, havia discriminação nos clubes mais finos da cidade, que não aceitavam negros. Êles sentiam-se tão oprimidos entre os brancos que freqüentavam os clubes onde sòmente se reuniam negros. Um ex-militar baiano, que disse ter conhecido todo o Brasil, revoltou-se:

— Essa meninada não sabe o que está dizendo. Conheço o Brasil de ponta a ponta e nunca vi preconceito contra os negros.

Contei-lhe a nossa experiência daquela tarde e êle calou-se.

Às 10 horas do dia seguinte, chegamos atrasados 15 minutos ao encontro que marcáramos com as duas môças no hotel. Sòmente a loura ali estivera e marcara um outro local de encontro. Corremos para lá e não encontramos ninguém. Nós havíamos avisado, por telefone, à loura, que estávamos nos encaminhando para o saguão do Plaza, mas ela não quis esperar. Fomos para a rua da Praia na esperança de encontrar as duas jovens ali, pois sabiam onde seria a prova. Encontramos môças do Floresta Aurora, o clube de negros. Contamos nossas dificuldades e elas aceitaram arranjar uma loura para Odacir e uma delas passear comigo. Marcamos encontro para dali a 20 minutos. Na hora marcada, a que concordara desculpou-se:

— Perdão, mas minha família é muito tradicional e não gostaria de me ver aparecer na revista numa reportagem destas.

Conversamos com vários negros na rua da Praia, tentando arranjar garôtas, mas não foi possível. Quando estávamos voltando ao hotel, Odacir comentava:

— Os velhos daqui dizem que não há preconceito. Mas até a rua é dividida. Perto dos cinemas, os negros; do lado do comércio fino, os brancos.

Frustrados, almoçamos e saímos para o último teste antes de deixar Pôrto Alegre: lugar onde morar. Repetimos a prova do Rio de Janeiro e nos interessamos por quartos para alugar em casas de família. Testamos três anúncios. Dois dêles eram pensões, e o terceiro, no n.º 1.280 da rua do Riachuelo, Odacir foi recebido por uma senhora de rosto zangado. Não o deixou falar. Viu-o com o jornal na mão e foi dizendo irritada:

— A vaga já foi alugada. Passe bem.

Bateu-lhe a porta na cara. Quando entrei, procurei ficar bem ao lado do zelador do edifício. Êle perguntara a Odacir aonde ia e o que ia fazer. Queria ver se êle procedia da mesma maneira comigo. Aguardei o elevador durante três minutos e não houve nenhuma reação do homem. Bati à porta do número 31. A mulher era zangada mesmo. Ouviu minha conversa sôbre o anúncio do jornal e mandou-me descer ao primeiro andar, apartamento de sua mãe, que é quem tinha a vaga. Desci as escadas e bati à porta. Atendeu-me uma senhora idosa. Convidou-me a entrar e exaltou as qualidades do quarto:

— Aqui é muito sossegado, mora gente boa e as refeições são ótimas. O senhor vai sentir-se em casa.

Fiquei de dar-lhe uma resposta mais tarde e saí. Agora nós queríamos comprar um apartamento. Havia um anunciado, na rua dos Andradas, 745. Odacir foi recebido pelo zelador, na porta do prédio:

— O apartamento custa 35 milhões de cruzeiros à vista.

— Não vendem a prazo?

— Não.

Voltou-lhe as costas e continuou o que estava fazendo.

Quando cheguei, o homem estava conversando com alguém. Interrompeu assim que me aproximei. Perguntei-lhe à respeito do apartamento:

— Tem três quartos, cozinha, banheiro, quarto de empregada. É bem grande.

— Qual o preço?

— Quarenta milhões a prazo, com 20 milhões de entrada.

— À vista quanto custa?

— Trinta e cinco milhões.

Voltamos ao hotel e pouco depois regressamos a São Paulo. No aeroporto despedi-me de Odacir. No fim de tudo eu estava triste e quase concordando com os muitos que nos aconselhavam a desistir da reportagem. É tudo tão vergonhoso que o melhor seria calar. Mas e os negros?

Apanhei um táxi e fiquei olhando para trás, Odacir entrava em outro carro. Ouviria novamente o que o motorista morador na Bela Vista nos dissera? E seu filho, encontraria também uma dona Maria que o xingaria de "negrinho atrevido"?

Eu estou certo que sim. Êle também.

PRECONCEITO PODE AUMENTAR

Raimundo Souza Dantas é sergipano, filho de lavadeira com tropeiro. Autodidata, chegou a redator político do antigo "Diário Carioca", até que foi convidado para oficial de gabinete do presidente Jânio Quadros. Em 1962, era nomeado embaixador do Brasil em Gana.

"Eu poderia me considerar um homem realizado, chegando a embaixador e tendo as origens que tenho. Se, no entanto, o cargo me trouxe vantagens e honras, trouxe também decepções, porque, inclusive, me afastou da profissão de jornalista, para a qual eu realmente sentia e sinto vocação. No tempo em que exerci a embaixada, não tive cobertura, nem pude realizar aquilo que achava melhor, por motivos preconceituais. Se o preconceito ainda é diluído, êle pode vir a ser agressivo desde que os negros, melhor preparados, venham a concorrer na disputa de situações com o branco."

Na madrugada de 8 de janeiro de 1957, Verônica Toledo acordou com um ruído que vinha da garagem de sua casa. Silenciosamente, ela pegou o telefone e tentou ligar para a polícia. Mas o cabo telefônico de sua linha estava inutilizado pela umidade.

Hoje, recomenda-se que todos os cabos telefônicos sejam revestidos com uma capa de polietileno, à prova de umidade, corrosão e ferrugem.

E a Union Carbide está muito feliz com os resultados que o polietileno proporciona na fabricação de coisas assim: revestimentos seguros de cabos telefônicos, frascos inquebráveis para medicamentos, brinquedos, embalagens que conservam melhor os alimentos, balões meteorológicos e mais de 9.000 outros produtos de polietileno Union Carbide que tornam a vida mais agradável e menos perigosa.

UNION CARBIDE

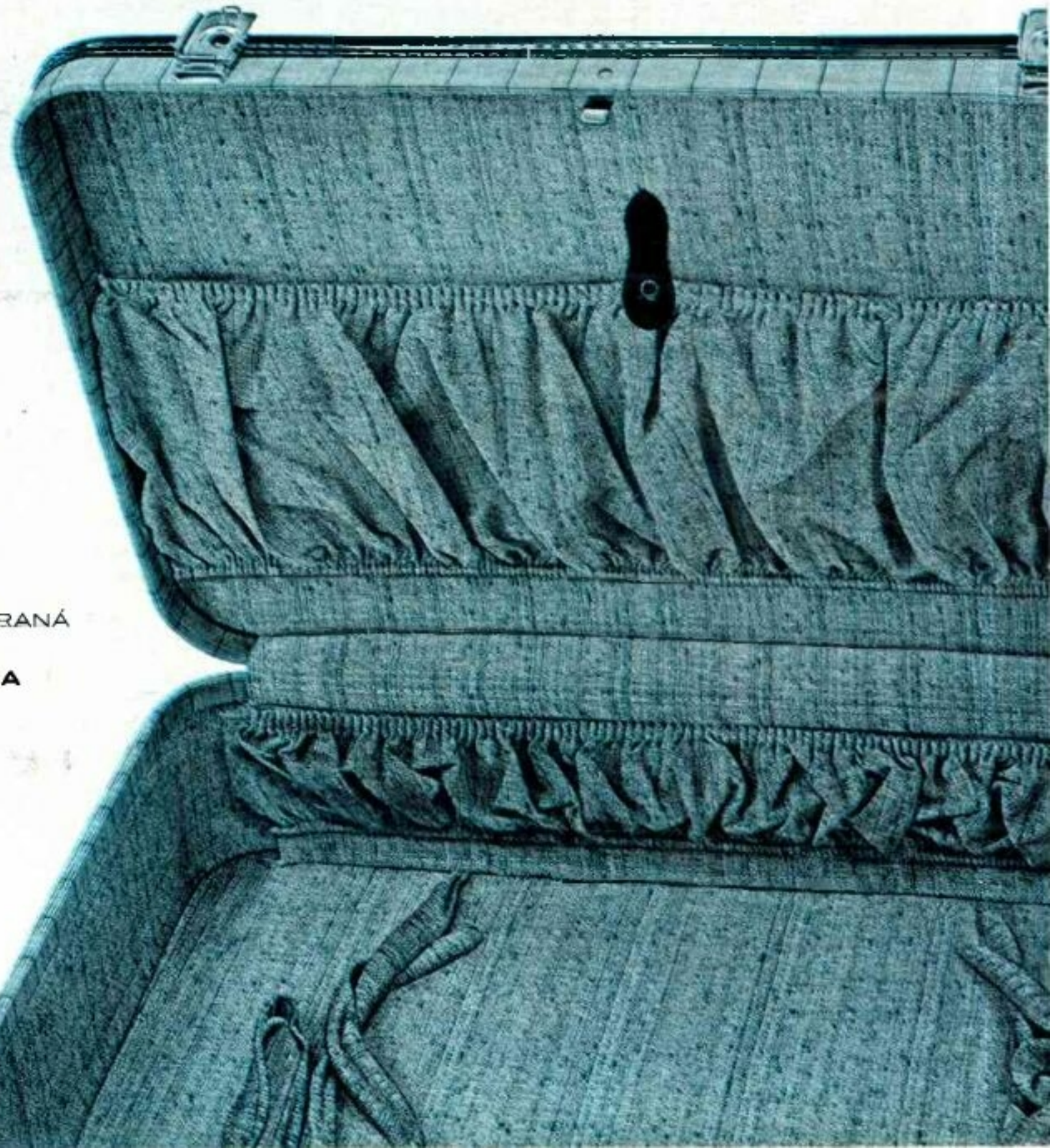
Standard Propaganda

S. J. de Meilo 1.834

Conj. IKA: "Lider" (Patente n.º 47012)

KA fêz do conjunto de malas Lider o mais resistente fabricado no Brasil. Se você tem dú vida, peça uma demonstração a um dos nossos revendedores.

Malas resistentes assim nem precisavam ser tão bonitas, mas a IKA tem a mania da perfeição e revestiu tôdas elas com Vulkouro* reforçado (Principe de Gales). Mas nem por isso V. vai pagar um dinheirão por malas tão bem feitas. Em volta da mala Lider existe uma guarnição de poliplast funcionando como amortecedor, capaz de resistir a atritos, choques, cortes e desgastes. Todos os metais (fechadura e alça) são inoxidáveis. À prova de água ou calor, as malas Lider não enrugam e nem descolam.



ika

a mala brasileira de classe internacional

IKA - Irmãos Knopfholz S.A. Ind. e Com.
Avenida N. S. Aparecida, 3381 - Tel.: 4-2864
Caixa Postal, 210 - Teleg. "IKART" - CURITIBA - PARANÁ

Revendedores em todo o país.

VEJA BEM: TÔDA A MALA IKA TEM A MARCA GRAVADA NA FECHADURA!

malas **IKA** confeccionadas
com plástico **vulkouro***
um produto de qualidade

VULCAN

(*)Plástico Vulkouro
Marca Registrada, 14.100
de 18/10/51 - PR 284.285

HISTORINHAS DE FAZER SORRIR NUM ASSUNTO DE FAZER CHORAR

O. C., f.

Os prêtos do Rosário, impedidos de receber D. João VI à porta principal, entram com êle

Quem conta é o velho Vieira Fazenda.

Quando D. João VI chegou ao Brasil foi dia grande no Rio o do desembarque, êle ainda môço, D. Carlota sempre feia, de prêto, cabelo cortado e não empoado, sem jóia ou enfeite: êle alegre, ela contrariada. D. João quis rezar na Igreja do Rosário, igreja de prêtos, que servia de catedral. E para lá se botou, sob pálio nôvo, comprado para cobri-lo.

Quando o Príncipe chegou à igreja, impediram a Irmandade do Rosário de sair de cruz alçada ao encontro dêle. Mas os pretinhos não se embaraçaram. Saíram pela porta lateral, entraram com D. João pela principal, que lhes fôra embargada. A casa era dêles...

E êle, quando soube, o bom Rei, como se ria da esperteza daquela boa gente.

De como cangaceiro e juiz são capazes da mesma coisa: destroçar mal-casados

Minha impressão personalíssima é que se trata de puro **folclore.** Mas o certo é que a história reponta aqui e ali. Se atribuía a Antônio Silvino. Se atribuía a Lampião. Quem conta, conta com todos os detalhes, dia, hora, lugar, testemunhas. É o que faz desconfiar: tanto detalhe.

Mas não se conta só de cangaceiro. Se conta também de juiz.

Quer que lhe conte? Lhe contarei.

Está nas "Memórias de um Senhor de Engenho", de Júlio Bello. Está em "Tempos Idos", recordações de Pedro Moniz de Aragão.

O bacharel Estevão Pais Barreto Ferrão Castelo Branco era juiz no interior da Bahia. Apareceram-lhe dois casais para casar. Um prêto com uma branca, um branco com uma preta. Danou-se. Vestiu beca e proclamou:

— Eu, Estevão Pais Barreto Ferrão Castelo Branco, bacharel formado pela Faculdade de Direito do Recife, juiz substituto no exercício da vara de direito nesta comarca do Estado da Bahia, descendente de antigos e nobres fidalgos portuguêses, declaro, fiel a meus princípios, que não caso prêto com branco. Troquem os lugares.

Trocaram. Êle os casou, prêto com prêto, branco com branco. E foram muito felizes.

O mulato Juvêncio se suicida em dia de eleição porque é mulato

Juvêncio Ferreira era uma boa figura de agitador no tempo de Pedro I. Foi êle quem gritou ao pé do ouvido do rei, pegando nas rédeas do seu cavalo, a restrição célebre: "Viva o Imperador enquanto constitucional!" (E D. Pedro, sem se perturbar: "Sempre constitucional!") Pois em 1845 o boticário bem ali na esquina da praça Tiradentes, (então largo do Rocio) se candidatou a deputado. E vai daí o jornalista Justiniano José da Rocha, êle próprio mulato, escreveu no "O Brasil" que não podia ser eleito o mulato boticário Juvêncio "por ser nascido de escrava".

O artigo saiu no dia 1 de março de 1845. No dia 3 Juvêncio morria de desgôsto.

Como o dr. Manso vingou-se espantosamente da desfeita que a môça branca lhe fizera

O menino nascido em Itu e filho do padre pintor José Patrício da Silva Manso não era branco, isso não: mestiço inegável, "um tanto moreno", diz um biógrafo. Não foi a Coimbra estudar medicina, se fêz cirurgião aqui por estas bandas. E eis senão quando ergueu os olhos para môça branca, quis casar com "uma senhora da antiga nobreza de S. Paulo". Isso foi em Campinas, ainda no 1.º Império. Sinhá dona não quis casar com o môço botânico, que talvez já então preparasse a sua "Enumeração das plantas medicinais brasileiras que podem promover a catarze", obra que Martius levou. Recusado, o dr. Antônio Luís da Silva Manso quis suicidar-se, tomou laudano de Sydenham. O veneno não o matou, nem o curou.

Em 1834 estava êle em Mato Grosso, e foi o principal motor daquele movimento que queria desterrar o português, acabou matando... Morreram mais de 100, segundo calculava o Visconde de Taunay.

Nariz de branco em negócio de negro

O dr. José Fernandes Coelho era advogado em São Paulo, onde, carioca, se formara em 1874. Prêto, acusava, no Juri, um homem de côr, que tentara assassinar outro. Fazia a defesa Luís Gama, que perorou:

— Vós vedes, srs. jurados, que tudo é negro neste processo. O advogado da defesa é negro, o promotor público é negro, o acusado é negro, a pretendida vítima é também um negro. Sòmente vós, srs. juízes, sòmente vós sois brancos. Que tem branco que meter o nariz em negócios de negro? Mandai, pois, embora êste desgraçado.

"Perca as esperanças... Vonnel só vai existir no século XX"

Vonnel®

Fibra Acrílica

Também no Brasil a fibra acrilica mais avançada déste século: Vonnel. Mais leve. Vonnel não deforma. Não amarrota. Jamais encolhe. Conserva vincos e plissados absolutamente impecáveis. Maior durabilidade. Côres mais vivas. Com a coleção Vonnel-verão, você verá como tudo isso é importante. Não era o que as mulheres e os homens elegantes estavam esperando? Era. Há séculos...

Lince 22078

Mafis I IMPORTAÇÃO E EXPORTAÇÃO LTDA. — RUA LIBERO BADARÓ, 293 — SÃO PAULO — FONES: 34-1076 e 34-2493

GRUPO MITSUI

Vonnel®
Fibra Acrílica
VERÃO

O professor diz ao escrivão: emende, o menino não é branco

Luís Anselmo da Fonseca, prêto de origem humilde, foi o autor de "A Escravidão, o Clero e o Abolicionismo", livro apaixonado e até faccioso no seu anticlericalismo, mas fundamental para a história da escravidão no Brasil.

No comêço dêste século, professor da Faculdade de Medicina da Bahia após concursos disputados, Anselmo levou um filho a registro. O escrivão anotou a côr do menino: "branco".

— Branco, não, emendou Anselmo, escreva prêto. Se é branco, não é meu filho...

No Império um deputado prêto fracassa; mas na República quase não chega a ser...

Não é para falar bem do Império, não, mas a verdade é que o Parlamento nasceu da luta da Independência, onde o nativismo antiportuguês se comprazia em esquecer a côr dos políticos; e daí logo aparecem prêtos deputados, prêtos e mulatos, a começar por aquêle Antônio Pereira Rebouças, acusado de, quando secretário do Govêrno em Sergipe, querer fazer a revolução dos negros contra os brancos.

Houve um prêto que deixou a lembrança de um grande fracasso. Chamava-se Teodomiro Alves Pereira e era doutor em direito pela Faculdade de São Paulo. Chegou à Câmara em 1878, precedido de um grande renome. Era liberal, companheiro de Joaquim Nabuco, Rui Barbosa, Rodolfo Dantas, José Mariano, Afonso Pena, tudo gente muito promissora. No seu caso, havia mais: era prêto retinto.

Foi estrear defendendo o govêrno de Martinho Campos e fracassou, como fracassou... A cada instante se ajudava nos argumentos com um "porventura". Ficou o "Deputado Porventura", celebrado em prosa e verso. Ninguém falou na côr...

Na 1.ª República é que as coisas foram mais difíceis. Em 1909 foi eleito para a Câmara dos Deputados o dr. Monteiro Lopes, Manoel da Mota Monteiro Lopes. Não queriam reconhecê-lo. Foi Carlos Peixoto quem garantiu a posse do deputado negro. "Notava-se (conta Mário de Alencar) uma absurda repugnância em todos pela entrada de um negro na Câmara: Carlos Peixoto, ao contrário, naquela qualidade, pejorativa para a cútis melindrosa da representação, achava o cunho de uma legítima vitória do esfôrço democrático". No dia da decisão, houve palmas e flôres, "pombos festivos e nastrados de fitas" voando pelo recinto

Onde se conta como Wanderley prêto se vingou (muito justamente) de Wanderley branco

Chamava-se (narra o historiador Carlos Xavier) dona Francisca, Francisca da Rocha Lins Wanderley.

Dona Francisca da Rocha Lins Wanderley estava um dia no seu Engenho "Rio Formoso" quando reparou nos carros de boi que atravessavam, em sonora lentidão, a estrada que passava por êle. Iam carregados de açúcar, e nas caixas as iniciais J.M.W., W. como Wanderley. Pois era de Wanderley que se tratava, um prêto rico que tinha o mesmo nome do Barão de Cotegipe, João Maurício Wanderley, e eram dêle caixas e marcas.

Dona Francisca da Rocha Lins Wanderley não gostou de ver aquêle açúcar de um Wanderley prêto atravessando suas terras de Wanderley branca. Mandou parar os carros. Chamou um carpinteiro. Oue trouxesse uma enxó. Os escravos que derrubassem as caixas. Então, uma a uma, a enxó foi rasgando a madeira, cortando o W das marcas. Dona Francisca mandou carregar de nôvo o açúcar e um recado para o prêto. Dissessem a João Maurício Wanderley que Wanderley era nome de branco. Pessoa ou coisa de Wanderley prêto não podia passar nos canaviais de seu engenho.

João Maurício Wanderley recebeu a injúria e danou. Era prêto de muita vergonha, lá isso era. Foi à cidade, precisava vingar-se. Foi mansueto, mansueto, indagou onde estava o açúcar de dona Francisca da Rocha Lins Wanderley. Estava no trapiche "Rio Formoso", caixas e caixas empilhadas à espera de embarque. João Maurício Wanderley vendeu engenhos, comprou o trapiche.

Comprou o trapiche à noite, já no dia seguinte pela manhã estava lá. Chamou os carreiros, os mesmos carreiros que lhe tinham levado o recado, mandou que retirassem as caixas de açúcar de dona Francisca da Rocha Lins Wanderley. Ficaram atiradas na calçada. Mandou um recado a ela. Daquela data em diante no trapiche "Rio Formoso" não se ceitava mais mercadoria de Wanderley branco...

E agora aqui para nós tem outra história. Contei uma vez o caso, disse que bem gostava que os dois tivessem terminado de um jeito que sabemos: vendo-se, amando-se, casando-se. Não vê que tinham sido feitos um para o outro? Bôca que tal disseste! O historiador de "Rio Formoso", quase zangado embora sempre gentil, foi às fôlhas dizer que não, jamais: dona Francisca fôra sempre sinhá branca, que de brancos tivera filhos barões...

Frei Jesuíno pinta tão bonito que o capitão-mor o branqueia

Frei Jesuíno do Monte Carmelo pintou igrejas de Itu, era uma beleza. Sua mulatice era indisfarçada; e êle a deixou registrada em santos e anjos, que Mário de Andrade sustentava andarem muito perto de retratos dos filhos do pintor.

O certo é que tão grande ficou frei Jesuíno que o Capitão-mor Vicente de Tacques Costa Góis Aranha resolveu, ao ser feito um dos censos, que frei Jesuíno não podia ser mulato. Mandou inscrevê-lo como branco... (Meio século depois, Luís Gama figuraria no recenseamento da capital paulista como "caucásico"...)

Um dos anjos do fôrro era mulatinho mesmo. O irmão Lourenço estranhou:

— Oue é aquilo, Jesuíno Francisco? Por que aquêle anjo está me saindo tão escuro?

— Faltou tinta, irmão Lourenço... Faltou tinta...

Não me lembro
se foi em
Kenya ou Tanganyca...
Nós estávamos
na trilha
de um leopardo...

cigarros
LS
KING SIZE
Cia. Lopes Sá

O homem que sabe viver prefere

L S - Marca de qualidade em 2 tamanhos: King Size e Normal

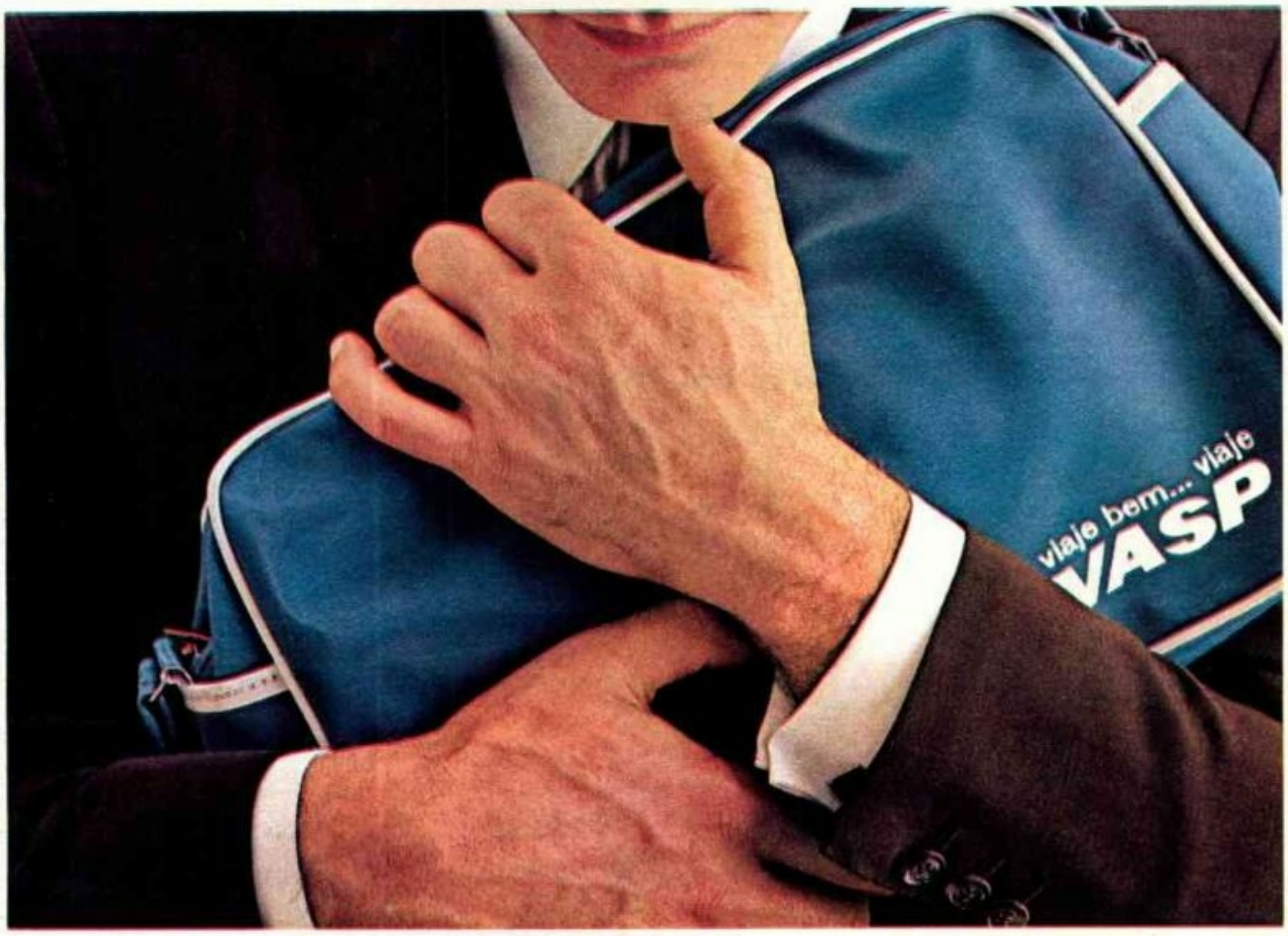
Em Conceição de Mato Dentro, negro não entra na igreja, senhor casa com escrava

Quem conta é Geraldo de Dutra Morais, na sua "História de Conceição de Mato Dentro". Em 1727, por ocasião da visita pastoral de D. Antônio de Guadalupe, "os negros forros e mamelucos pisaram talvez propositadamente nas elegantes alcatifas das matronas conceicionenses". Houve tiro, facada, chicotada. E o visitante proibiu, por escrito, a entrada de negros "por dentro da cêrca da Igreja, principalmente nas ocasiões de missas e festejos, para que não haja desarmonia e tumultos na casa de Deus".

Morreu um filho de branco rico, o Capitão Francisco Moreira Carneiro. E oito escravos estrearam o patíbulo construído às carreiras no outeiro perto da Matriz, desde então chamado Morro da Fôrca ou Morro das Oito Cabeças Negras...

Em Conceição, também, apesar da Ordem Régia que proibia casamento com prêto, em 5 de agôsto de 1737, "só por informação secreta", se receberam secretamente o Capitão Manuel Correia de Paiva e sua escrava Jacinta de Barros: "o Capitão Manuel Corrêa de Paiva, filho legítimo de Domingos de Paiva e Maria Cardoso, natural de Santa Maria Madalena de Mor, Bispado de Lamego, e morador nesta freguesia de Nossa Senhora da Conceição do Mato Dentro, com Jacinta de Barros, crioula, sua cativa, natural de Sergipe d'El Rei, Arcebispado da Bahia".

Como teria ido esbarrar em Conceição de Mato Dentro essa escrava de Sergipe, para fazer cativo o coração do Senhor Capitão? Ninguém conta. Fêz dêle seu marido — e deu-lhe 15 filhos, que o vigário André Moreira de Faria, que os casou, batizou.



Se Você é egoísta, diga que é ruim viajar pela Vasp.

Esconda que a VASP tem um serviço de bordo que faz qualquer um sair do regime. Não diga a ninguém que Você foi sempre bem atendido. Minta para seus amigos negando que a VASP tem a maior frota de turboélices da América Latina.

Fique quieto quando perguntarem a Você se a VASP conhece o Brasil melhor do que ninguém, servindo a 72 cidades brasileiras. Esconda que a manutenção da VASP é perfeita.

Não diga uma palavra sôbre o crediário da VASP. E depois, mesmo que Você ainda continue egoísta, tente esconder tudo isso de todo mundo, por muito tempo. Você não vai conseguir. Nós duvidamos. Principalmente que Você esconda isso tudo de sua mulher. E pode ficar certo, quando cair nos ouvidos dela, todo mundo vai saber, quer apostar?

VIAJE BEM... VIAJE

VASP

MEMBRO ASSOCIADO

IATA

QUALIDADE EM TRANSPORTE AÉREO

Nos corredores do quarto andar dêste enorme edifício, há uma corrida permanente contra o relógio — a corrida de vida ou de morte. É o pronto-socorro, por onde passa diàriamente um pedaço de dor e sofrimento da cidade grande.

A MORTE ESTÁ A CAMINHO

Texto de Hamilton Almeida ● Fotos de Jorge Butsuem

Tôda vêz que uma ambulância, uma rádio-patrulha ou um táxi atravessa em alta velocidade o portão de entrada, todos prendem a respiração. No meio do pátio há um bueiro e a passagem do veículo sôbre sua tampa de ferro provoca um barulho que pode ser ouvido nos corredores do Pronto-Socorro. É o sinal da chegada de mais um caso. Mesmo os enfermeiros e atendentes que estão aqui há muitos anos ficam parados, olhos fixos no carro que vem chegando:

— Não sei, mas a gente fica assim porque tem sempre a impressão de que está chegando um parente. Ou pelo menos se pergunta: que diabo virá agora?

Agora é uma rádio-patrulha pequena, volks prêto e branco, como tôdas. O guarda-civil salta gritando:

— Tentativa de suicídio. Formicida.

Arnaldo, de uniforme cinza e paletó sem gola, repete um gesto que faz há 6 anos. Êle é o atendente da porta. Coloca o homem sôbre a maca, uma das três encostadas ali, e dispara com êle. Passa pelo salão de entrada, pela porta de correr que dá no corredor interno e vai em direção à clínica médica. As rodas da maca correndo no chão de pastilha é uma música tão ouvida que não chama mais a atenção de ninguém. Ao longo do corredor de mais de 50 metros, com portas dos dois lados, existem três bancos. São para doentes que esperam chamada ou já foram atendidos mas precisam ficar ainda um pouco. Cabem 5 pessoas em cada banco.

A maca pára dentro de uma das duas salas da clínica médica. Bem no centro, porque os cantos estão ocupados por outras cinco macas com doentes em cima. Arnaldo amarra o suicida, quase que o enrola com o lençol. O médico chega perguntando:

— O que foi êsse?

Um homem que também veio na rádio-patrulha e está com um vidrinho e um copo de plástico na mão explica:

— Tonicão tomou tudo isso aqui, Nitrosin. Ninguém sabe por que, êle não tinha motivos.

Tonicão é Antônio Moreira dos Santos, tem 26 anos, é prêto e funcionário público estadual. Está tendo convulsões, começa a tomar sôro e remédios. Vai ficar em observação. Não faz dez minutos que entrou e também sua maca já está encostada, fora do centro de atenções.

No ar, um cheiro de remédio

É cedo, 7,05 horas, e o dia está só principiando para todo mundo aqui. O plantão começou agora para os médicos. Ficarão 12 horas de serviço e ainda estão recebendo os casos da noite anterior. Os colegas que vão embora com os uniformes brancos amarrotados, o rosto cansado e os olhos fundos dão conta do que aconteceu. Foram 117 casos e muitos ainda estão nas macas merecendo cuidados.

No corredor interno, empurrando um carrinho de metal, com xícaras e bules em cima, uma mulher vai distribuindo café com leite e pão às pessoas que estão sentadas nos bancos. O corredor está limpo, mas o cheiro no ar é de remédio, de éter ou mesmo um pouco repugnante quando se passa, por exemplo, pela porta do banheiro. De qualquer maneira, a mistura de cheiros não dá vontade de comer nada.

Os acompanhantes — as pessoas que trazem os doentes — geralmente não podem entrar. Têm que ficar lá fora, sentadas nos dois murinhos baixos que cercam tìmidamente o enorme prédio. No pátio ficam as ambulâncias e os carros que trouxeram os doentes ou feridos.

Separando a entrada do Pronto-Socorro do corredor interno — onde estão as salas de atendimentos — há um hall e uma porta de correr sempre fechada com um porteiro nem sempre bem humorado. Êle está sentado numa cadeira branca de ferro, em frente a uma mesinha. No hall à esquerda de quem entra, o balcão de registro onde é feita a ficha de cada um. O hall, chamado de **porta** pelos médicos, é o lugar da triagem dos doentes. Quem não estiver morrendo mesmo tem que esperar o porteiro chamar o médico lá dentro para um exame rápido. Então é verificado se o caso é grave realmente, se merece ou não o atendimento do Pronto-Socorro. Quando não há urgência, o médico encaminha o doente para uma das clínicas do hospital ou manda-o embora com uma receita.

Agora a **porta** está vazia.

Uma ambulância acaba de chegar. É de outro município. Arnaldo, o atendente, vai buscar o médico obstetra, que chega, olha a mulher dentro do carro e pergunta o que está sentindo. A resposta vem com uma voz firme e desinibida:

— Desde anteontem tou com umas dores; há dois mêses não vem a regra e hoje começou a descer sangue sem parar.

O médico manda buscar a maca. É o primeiro dos dez ou doze casos de abôrto que certamente aparecerão hoje. É a média por plantão.

O Pronto-Socorro tem uma pequena maternidade, mas o movimento na obstetrícia é mesmo de abortos: quatro casos por um de nascimento.

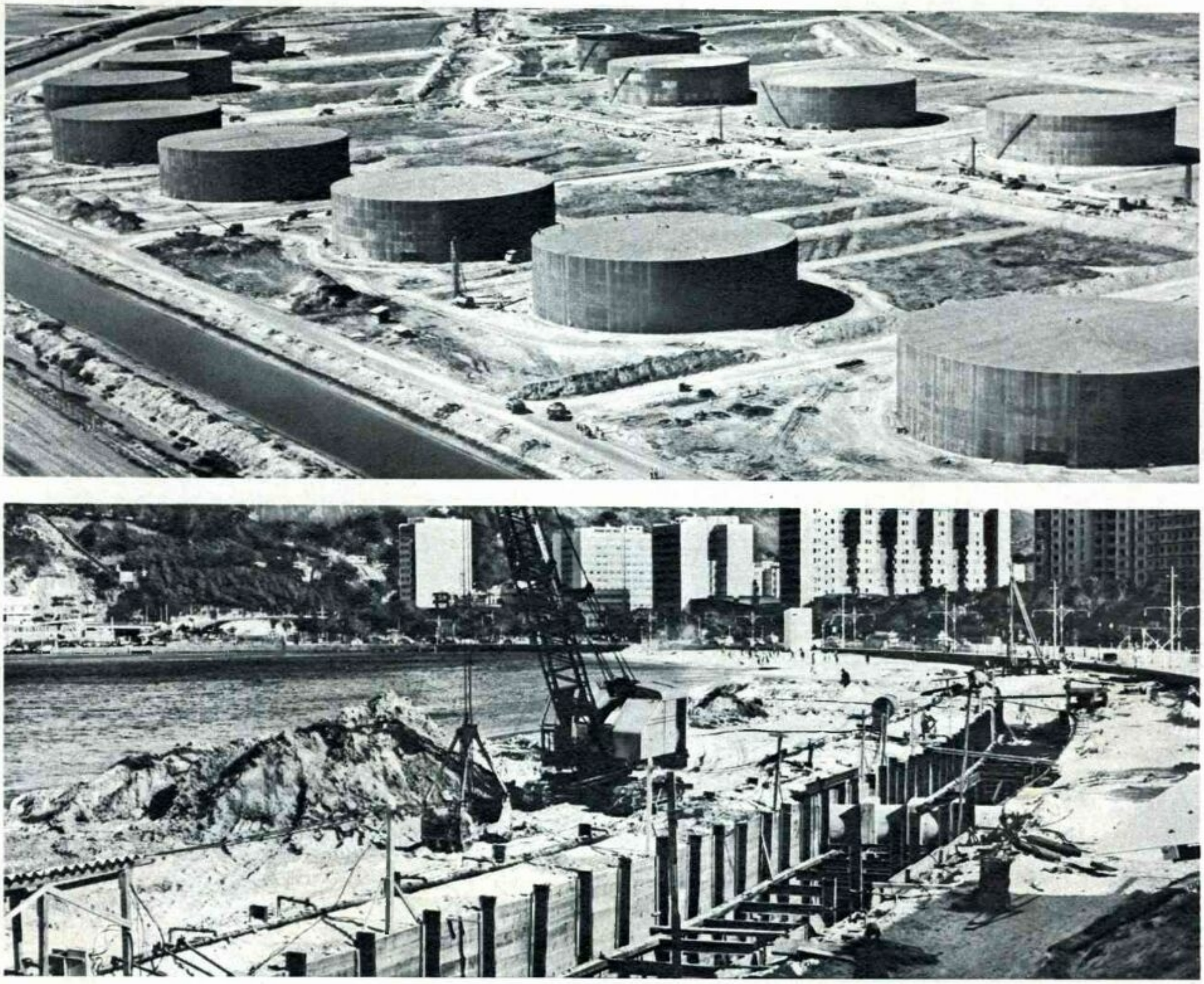
Júlia Rodrigues já está na sala da obstetrícia, coberta sôbre a maca, olhando firme para o teto, mordendo os lábios. seu marido, João Rodrigues, faz a ficha na seção de registros. Declara-se pobre, sem dinheiro e pede para que a ambulância espere para levar sua mulher de volta. Mas o caso vai demorar e na sua cidade devem estar acontecendo mais coisas. O motorista não fica.

Brigando também por ambulância está por aqui o acompanhante de Domingos Marcelo, aposentado do IAPI, de 43 anos, que tentou o suicídio no dia anterior. Cortou os pulsos e a garganta com navalha. Veio também de outro município. O acompanhante é apenas um conhecido de Domingos e diz que o homem está meio louco:

— Êle tinha uma carroça puxada por um animalzinho e vendia frutas. O animal foi atropelado e morreu. Êle ficou desgostoso e fêz isso. Não vi nada, não sei como foi, êle mora só. Tá meio ruim da cabeça, sabe como é, nessa cidade, só tinha o animal. Agora como vou levá-lo embora? SEGUE

Esta reportagem foi feita no Pronto-Socorro do Hospital das Clínicas da FMUSP. Os casos são reais, mas os nomes são fictícios.

Mesmo em obras de pouca altura, boa fundação é fundamental.



É o caso dos tanques para combustíveis, galerias de águas e esgotos etc. O nome Franki, tradicional no setor das fundações e infraestruturas, está ligado a alguns importantes empreendimentos dêsse tipo; por exemplo, os tanques da Refinaria Duque de Caxias, Estado do Rio (foto superior) e as galerias do Interceptor Oceânico na praia de Botafogo, Guanabara.

fundações ■ infra-estruturas

FRANKI

Estacas Franki Ltda.
Matriz: Av. Rio Branco, 311 - 10.º and.
tel.: 22-7630 e 52-6659 - Rio de Janeiro.
Sucursal: Rua Marquês de Itu 266
5.º and. - tel.: 36 3790 - São Paulo.
Filiais: Pôrto Alegre, Curitiba, Belo Horizonte, Brasília, Salvador e Recife.
Agentes em Vitória, Belém, Goiânia e Juiz de Fora.

Rápido: os casos vão surgindo a cada minuto

PRONTO-SOCORRO
CONTINUAÇÃO

Não pode ir de ônibus sacudindo por aí. Eu não tenho dinheiro pra pagar um táxi. Muito menos êle.

Vai contando tudo isso no serviço social, ao lado da seção de registro. Lorico, o chefe do serviço, ouve a história, e aconselha-o a esperar. Pode ser que chegue outra ambulância de lá trazendo alguém e então os leve:

— Não é certo, mas todo dia vem uma, hoje deve vir também.

Lorico usa um guarda-pó cinza por cima da roupa e é do tipo calmo. Está ali para encaminhar as pessoas sem condições financeiras, quase todo mundo. Não pode fazer muita coisa porque o serviço social também é como o Pronto-Socorro — para pequenas emergências. Não resolve nenhum problema em definitivo. Lorico faz a ficha de todo mundo e por elas fica-se sabendo que a maioria dos que chegam ao Pronto-Socorro são indigentes ou pouco mais do que isso.

— Classificamos os doentes por letras. Tipo **A** é o indigente mesmo. O **B** é o indigente um pouco mais limpo, o que toma banho. Depois vem o **B** um, dois, três e quatro. Pelo número de salário mínimo que ganha. Quase que só chega aqui o **B** um. Acima de **B** quatro acho que é um em mil.

Isso aqui parece uma tourada

São 8,45 horas e o movimento da porta está aumentando. É preciso começar a fazer triagem nos casos. Quem vem é o chefe de plantão da clínica médica, doutor Matos, homem bem humorado, de óculos e estetoscópio no pescoço, como todos daqui. Tem jeito decidido, é rápido e chama as mulheres de "dona". Senta na cadeira do porteiro, cruza as pernas e começa a triagem. Ao alcance da mão direita, que segura uma caneta, tem um bloco de receita e outro de encaminhamento para o ambulatório do hospital.

Em menos de cinco minutos já atendeu seis casos; entraram dois e o resto ganhou receita.

Outro e mais outro vão passando. Agora o médico obstetra está na **porta** também, faz a sua triagem escrevendo sôbre uma maca ao lado do clínico. Chega mais um médico, para atender — o cirurgião. Parece haver uma competição entre êles, tanta a rapidez em despachar os casos. A sirene de uma perua do Corpo de Bombeiros aumenta a tensão. Arnaldo ajuda dois soldados a retirar o corpo de um homem e botá-lo sôbre a maca.

— Pulou de um andaime de 15 metros.

Quem vai informando é o sargento Silva, todo sujo de sangue. O investigador de polícia que dá plantão na portaria vai tomando nota. O ferido já afundou pelo Pronto-Socorro — sala de cirurgia.

Doutor Tetti, o cirurgião que fazia triagem na porta, largou tudo e foi atrás do homem. Junto com três outros médicos está ao lado da maca. Um coloca o sôro e outro tira uma amostra de sangue para mandar buscar no banco um litro daquele tipo. O terceiro amarra o homem, que dá urros e se mexe muito na maca. Está entrando em estado de choque, a pressão baixando. Com uma seringa, de agulha enorme e grossa, doutor Tetti faz punção no tórax do ferido para ver onde é a hemorragia.

Com o sôro e o sangue, um em cada braço, o homem vai reagindo. A sala de cirurgia é grande e dentro dela existem quatro subdivisões. Ao lado daquela onde está o homem, há uma menina recebendo curativo no pé. Não sabe o que se passa atrás das outras paredes, chega até a rir porque a enfermeira está lhe distraindo a atenção.

A pressão do homem começou a subir. Êle está mais calmo, melhorando, e vai ser levado para o Raio-X. É preciso localizar as fraturas. A primeira e decisiva batalha estava mais ou menos ganha. Doutor Tetti sai dela meio suado e com os cabelos desarrumados:

— Começou. Isso aqui parece uma tourada.

Por dentro, o Pronto-Socorro tem três corredores e no maior dêles está a clínica médica, a obstetrícia, a cirurgia e a **porta.** Nos outros dois — chamados PS Sul e PS Norte — ficam as salas de operações, a pediatria, a copa e as enfermarias. No encontro dos três há um hall e os elevadores.

O tráfego ao longo dos três corredores vai aumentando conforme o dia vai avançando. Para os lados do PS Norte o barulho de chôro não pára um segundo. Vem da pediatria, responsável por 40% do movimento diário. Numa sala grande, com 20 pequenas macas de madeira — um mundo de hastes de sustentação de sôros — está a razão do barulho.

— Isso é o feijão com arroz. O de todo dia. Aqui é o Vietnã.

Doutor Milton, chefe do plantão, traz uma revolta dentro de si. Loiro, alto e bem forte, à primeira vista parece um homem sem muita emoção. Por dentro sofre junto com aquêle seu mundo.

Ao lado das pequenas macas, as mães ficam sentadas. Tôdas viradas para a frente, onde fica a mesa do médico e o lugar da enfermagem. Tôdas as mães têm um olhar perdido, um ar de carpideiras. Ficam ali para ajudar, não há enfermeiras suficientes e quando o caso é grave — pneumonia ou desidratação — não dormem quatro ou cinco noites seguidas.

— Caso por caso é fácil provar. O maior mal não é a desidratação nem a pneumonia, é a miséria. É a fome, a subnutrição. É a falta de higiene e de instrução das mães.

Doutor Milton está atendendo um caso todo especial. Uma criança de quatro meses que, pelo seu pêso — 1,900 kg — tem a formação de uma criança de cinco meses de gestação, ainda no útero da mãe. Vai tentar enviá-la para uma encubadeira, mas faz perguntas agressivas à mãe. Ela diz que dava alimentos ao filho, o médico diz que não é possível. Só se fôsse água com farinha.

— E que adianta depois de recuperar uma criança assim, falar para a mãe que deve alimentá-la com o leite tal, de tantas em tantas horas? Ela pode comprar, vai entender tudo e cumprir à risca? Como?

A procura pela pediatria é tão grande que a triagem dos casos não é feita na porta comum do Pronto-Socorro. Há uma sala com dois médicos de plantão em turnos de oito horas só para isso. Êles dispensam de 250 a 300 casos por dia. Só entram os casos graves.

As pessoas que ficam sentadas no murinho do lado de fora ouvem o tempo todo o chôro das crianças da pediatria. O murinho corre ao lado das janelas da sala onde estão as crianças. Essa gente que espera não faz barulho; mesmo quando chora, chora baixinho. Homens e mulheres com a marca do sofrimento. Parecem sufocados. Ali, esperando o filho ou o irmão, não sofrem mais nem menos, mas o mesmo de sempre.

Lá por dentro, o Pronto-Socorro está calmo. São onze horas e os médicos da cirurgia estão batendo papo, sentados nas macas. O homem que pulou do andaime já voltou do Raio-X. Os médicos estão comentando que o movimento da noite poderá ser grande, pois haverá jôgo de futebol. Um dêles comenta:

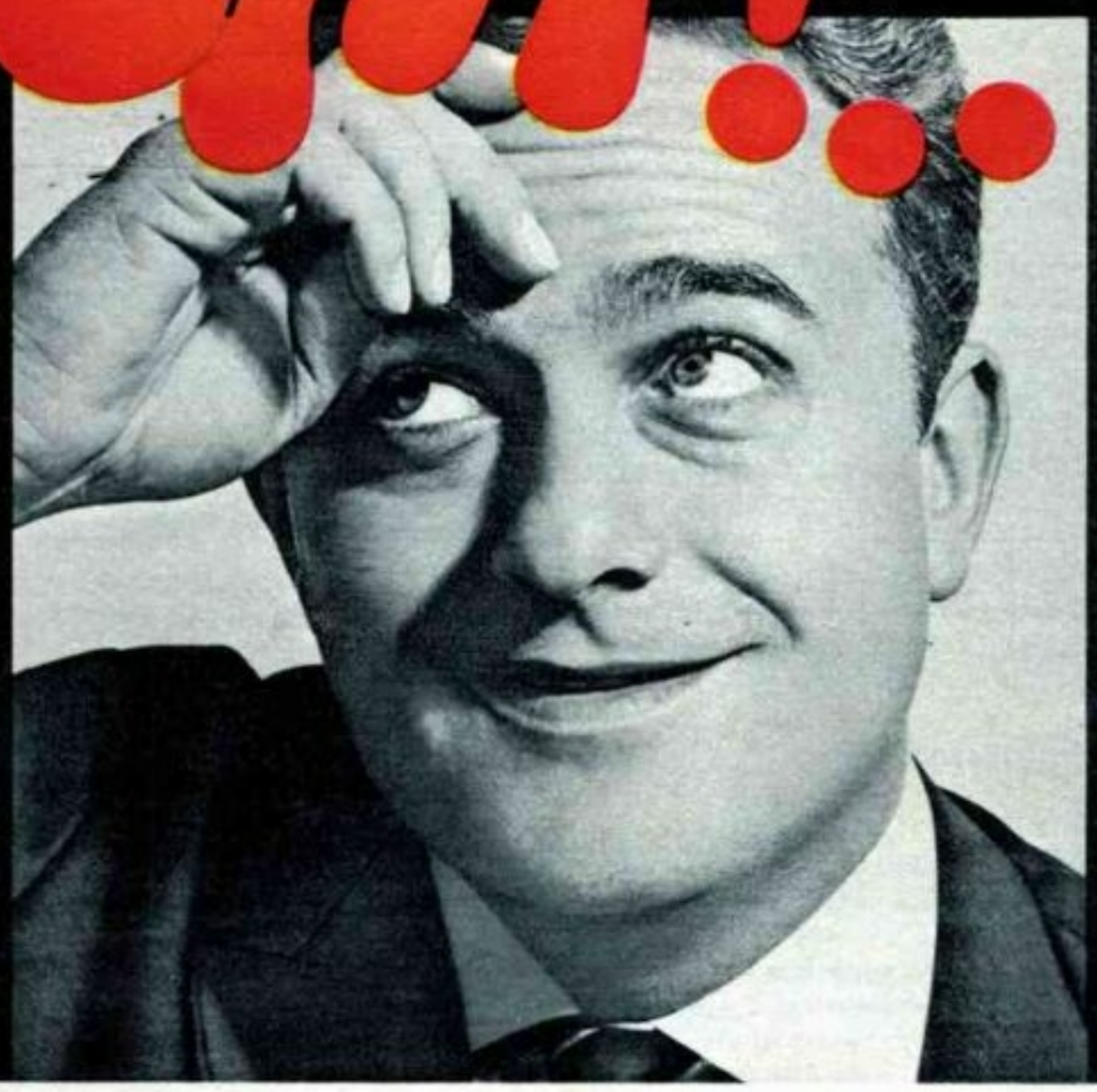
— O jôgo Portuguêsa x Corintíans começa lá e acaba aqui.

E arremata dizendo que dali a doze horas pode acontecer tudo: brigas, tiros, facadas. Faz mais uma constatação:

— O poder aquisitivo do povo deve estar mesmo subindo como diz o govêrno, pois antes o volume de facadas era maior do que o de tiros. Logo, se revólver custa mais caro, o govêrno tem razão.

SEGUE

UFA!...



como trabalhamos nesses 20 anos, criando novas utilidades em plástico para o lar ou indústria! mas também estamos satisfeitos; veja os resultados: (em setembro de 1947 produzimos 1818 peças - em julho de 1967 produzimos 1.004.000 peças) e... quem diz que iremos parar aí? continuamos com a mesma disposição de 20 anos atrás (só que agora com muito mais possibilidades).

plásticos

hevea 20 anos

rua bixira, 234 - fones: 93 8106/7/8 - são paulo s.p. - av. polônia, 160 - fone: 2 4317 - pôrto alegre rgs

delta

Miranda, o suicida, não vai morrer

PRONTO-SOCORRO
CONTINUAÇÃO

O chefe do plantão clínico, doutor Matos, está fazendo visita junto com os demais médicos. Examina e explica caso por caso. Os médicos daqui se dividem em internos (sextanistas de medicina), residentes de primeiro e segundo ano (os R1 e R2, já formados) e assistentes (que são os médicos responsáveis por tudo).

Quando há tempo, como agora, os internos e residentes procuram discutir os casos e analisar os diagnósticos. Cada um faz sua pergunta, os mais novos querem saber a opinião dos mais experientes. Nessa hora a fisionomia dos internos é bem diferente daquela quando estão em plena ação, contra o relógio. Se estão empenhados na salvação de alguém que chega morrendo, a preocupação e a agitação de seus rostos fazem lembrar soldadinhos jovens em meio a uma guerra.

Mas mesmo os mais novinhos não chegam a ter cara de médico de filme americano, de eternos salvadores e românticos. Estão aqui sofrendo um impacto bem grande que é a diferença entre o simples sonho de ser médico e a dureza da prática que estão adquirindo. Por isso, um dos internos diz numa conversa:

— Não procure Ben Casey, você não vai encontrar. Por aqui não tem. No fim, todos nós sofremos e ficamos um pouco duros. Às vezes sentimos revolta.

Da sala do diretor, (que os médicos chamam de **Fellow**) saem dois fios, um para o PS Norte, outro para o PS Sul. No fim de cada corredor há uma enfermaria de recuperação de operados e no extremo de cada fio, um alto-falante. Estão ligados à Telefunken do **Fellow,** uma modernissima estereofônica que agora, na hora do almôço dos pacientes, está tocando **A Praça,** com Ronnie Von.

Do elevador que acabou de parar, aqui no encontro dos 3 corredores, sai a maca transportando um homem amarrado e com um litro de sôro ligado no braço. A maca está sendo empurrada em direção à clínica médica. Está passando pelo corredor maior, onde ficam os bancos. De um dêles, uma mulher de prêto se levanta lentamente e tenta acompanhar a maca. Quase encostada à parede, andando bem devagar, chora baixo, para dentro, abrindo a bôca sem soltar nenhum som, o rosto contraído. A maca já entrou na clínica e ela ainda está a meio caminho, se arrastando junto à parede, como se estivesse grudada. Entra na sala, pára junto à maca e põe a mão na testa do homem.

João Miranda, 31 anos, tentou o suicídio ontem tomando 60 pílulas de Gardenal com cachaça. É o seu segundo dia aqui. O enfermeiro cuidando de um doente noutra maca, no fundo da sala, olha para mulher e comenta:

— Engraçado. Agora ela está fazendo essa cena. Ontem dizia que não queria mais vê-lo, que êle batia nela e ia abandoná-lo. Agora fica chorando.

Dona Vilma, a mulher, está falando baixinho para o médico ouvir:

— Êle fêz isso por minha causa. Êle está mal, doutor?

O médico pede calma, diz que não e manda que ela saia, que vá sentar no banco para esperar. É uma mulher muito acabada, feia, parecendo ser mãe do homem que tentou se matar. Vai sentar no banco. Ainda chora.

Dentro da toca, a morte

Tentativa de suicídio é um quadro crescente aqui. E agora começa a preocupar os médicos a incidência de casos entre crianças e adolescentes. Só neste mês apareceram seis casos de crianças com 11 a 16 anos. Um dêles — quem conta é o doutor Natali, médico da cirurgia — foi o de um garôto de 13 anos, muito inteligente e muito bom aluno. Era do tipo precoce que os pais cultivam. Num dia tirou três em matemática, não teve coragem de mostrar a nota e deu um tiro na cabeça. Veio morrer aqui na sala de cirurgia.

Doutor Natali está fumando cachimbo na porta da cirurgia e espalhando o cheiro de **Half and Half** pelo corredor. Chega um garôto de seis anos que tem um caco de garrafa encravado na barriga. Foi jogar o lixo fora e caiu no terreno baldio sôbre os cacos. A mãe, de prêto, vem andando ligeiro

ao lado da maca. O garôto terá de ser operado, uma pequena cirurgia porque o caco afundou muito. Dona Judite conta que é viúva, tem 32 anos, mais três filhos e só ela sustenta a casa com costura para fora. Isso lhe dá de 50 a 70 cruzeiros novos por mês. O médico que vinha fazendo as perguntas sai de perto, dizendo:

— O pior daqui não é o problema médico. É o social.

Já passou da hora do almôço, os médicos de plantão se revezaram para ir comer, no restaurante do hospital mesmo. A comida não é grande coisa, uns informam aos outros qual é o cardápio e dão a sua opinião quando voltam. Hoje é a **carne maldita,** um ensopado de que ninguém gosta. Quando é frango a informação é dada assim:

— Hoje tem carcará.

São 14 horas mas todos os relógios de parede do Pronto-Socorro marcam 16,21 — estão quebrados. O movimento na porta está aumentando e na seção de registro o funcionário que faz as fichas está descabelado e suado. A máquina de escrever, modelo antigo, só falta apitar tal a velocidade com que vai e volta o carro. Arnaldo, o atendente da porta, vem buscar o médico da cirurgia para mais uma triagem. Vai o doutor Natali, comentando:

— É bobagem, 90% dos casos que batem aqui na **porta** não são de Pronto-Socorro. São por falta de médico, ou de dinheiro para ir ao médico. Um dêsses que eu deixe entrar nos toma duas horas de cuidados e se chega um realmente morrendo não podemos cuidar. Para nós é um drama.

Deixa entrar uns dois ou três, dispensa o resto. Dá receita a todos.

Com a receita na mão êles procuram ganhar no serviço social o carimbo de gratuito, provando não ter condições de comprar. Com a receita carimbada pegam o remédio na farmácia do hospital.

Ao voltar da **porta** para dentro, o doutor Natali vai até a sala n.º 1. É pequena, escura, sem uma entrada de ar que não a porta. Antes de entrar faz um convite:

— Entre nessa sala. Sinta o cheiro. Esta é a **toca.**

Dentro da **toca** existe o cheiro da morte, uma coisa que sobe pelo nariz e faz doer a cabeça. Um cheiro forte, uma mistura de tudo, inclusive da respiração de quem está ali dentro quase sempre sem mais esperanças. São três as **tocas,** mas a n.º 1, em frente aos elevadores, é a mais deprimente. O médico volta para a cirurgia passando pelas outras duas **tocas,** só para ver. Numa delas está há oito dias Dona Iracema, uma mulher de 62 anos, que tem câncer no estômago. Em sua ficha, a anotação — "tipo A", ou seja indigente.

— Fica nas **tocas** quem não conseguiu internação aqui ou não foi aceito pelos outros hospitais. Mas como estão muito mal não podemos mandar embora. E essa gente morre nas **tocas;** nós não podemos jogá-los na rua.

Na cirurgia o problema que espera o médico é outro. SEGUE

38% de aumento nas contas populares em 180 dias.

Foi só trabalho?

Não!

C´ma de confiança também

Fato sem precedentes na história do Banco do Estado: os depósitos atingiram mais de meio bilhão de cruzeiros novos (meio trilhão de cruzeiros velhos!). Isso aconteceu com o notável aumento verificado em tôdas as categorias de contas, nos últimos seis meses. Para nós, o mais significativo de tudo foi o aumento dos depósitos populares: foram os que cresceram mais. Sòmente nosso esfôrço em prestar serviços cada vez melhores não poderia dar tão bons resultados, tão depressa. Estamos sentindo, como banco oficial que somos, os bons efeitos de um clima de confiança que hoje existe em todo o Estado. São os frutos do trabalho de tôda uma administração com a qual cooperamos diretamente. E na medida que vamos sendo prestigiados por nossos depositantes, podemos retribuir com mais serviços a todos. Temos possibilidade de financiar ainda mais o trabalho de nossos clientes na Agricultura, no Comércio e na Indústria e aumentar nossa colaboração com o Govêrno em obras de interêsse da coletividade. Podemos, enfim, estar cada vez mais presentes onde possamos ser úteis a você e à economia do País.

BANCO DO ESTADO DE SÃO PAULO
SOCIEDADE ANÔNIMA

João, o criminoso, levou quatro facadas

PRONTO-SOCORRO
CONTINUAÇÃO

Um garôto que estava em observação, esperando um Raio-X para confirmar o diagnóstico, já pode receber a palavra final sôbre o seu problema. A chapa mostra que realmente o garôto de 15 meses de idade está com os intestinos completamente obstruídos por um bôlo de vermes. E a única solução é operá-lo imediatamente.

A operação do garôto começa a ser preparada. Na **porta,** mais gente vem chegando.

Pronto! Êste saltou para a vida

São 15,20 horas. Está chegando uma ambulância da Penitenciária do Estado. Dentro dela, João — o criminoso — deitado na maca, com um litro de sôro e outro de sangue. É um caso raro. Brigou com outro prêso no pátio e levou quatro punhaladas, uma delas no coração.

Arnaldo está na porta da ambulância ajudando a tirar o homem e se informando do caso. Os dois guardas-civis do Pronto-Socorro afastam os curiosos que vão se chegando em silêncio, lentamente fechando o cêrco. O motorista da ambulância vai comentando com Arnaldo:

— Enquanto existir maconha e pederastia na cadeia, vai sair morte.

O prisioneiro vai falando na maca. Tem cara de nordestino, diz que está doendo. Ao lado da maca, o médico pede que êle agüente. Mal entram na sala da cirurgia, todos já se movimentam. Os internos estão ajudando. O homem dá um grito:

— Ai! Meu Deus!

Tiram-lhe a pressão, o pulso, estão fazendo punção no tórax para ver se há hemorragia, suturando um furo de uma estiletada no braço e arrumando a mesa de operação. Êle mantém os olhos abertos e a fala forte. Olha para Carmen, uma interna, e diz entre um leve sorriso:

— Como é bom clínica médica.

A môça fica meio sem jeito, sorri também sem vontade e segura-lhe o braço forte. Entra o atendente da seção de registro com a ficha nas mãos. Encosta na maca para perguntar:

— Tá falando? Como é o nome do seu pai?

Não há resposta, a maca começa a andar para a sala de operações. Vai disparada pelo corredor, vira à direita no fundo e entra na segunda porta do corredor do PS Sul. Com cuidado o homem é colocado sôbre a mesa de operações, o anestesista já está pronto, êle é coberto com um lençol, está nu, com o peito e as axilas depiladas. Quando recebe mais uma espetada da agulha de punção no tórax, evacua na mesa. Mas ainda fala:

— Sujei tudo aí. Ai! Meu Deus!

Dentro da sala, ao redor da mesa, ou lavando as mãos na saleta ao lado, colocando máscara, gorro e avental, estão ao todo uns dez médicos. Mas só três vão entrar em ação: um operador, o diretor do Pronto-Socorro; doutor Tetti, que será assistente e um terceiro.

A mesa está sendo limpa, há um clima de excitação. Os três médicos assumem a posição. O sentenciado João já está inconsciente, anestesiado e como entrou em estado de choque, sua pressão é zero zero; está com respiração artificial. A punção confirma que a hemorragia é provocada por um furo no coração. O pericárdio que envolve o coração como uma bôlsa está enchendo de sangue e, se demorar, o coração comprimido pelo sangue parará de bater.

Além da voz de todos estar mais nervosa que o normal, a máscara colocada no nariz e na bôca dá um toque mais estranho à fala. A excitação já é bem maior. Parece que vai começar um jôgo. E os médicos sabem que correm o risco de perdê-lo.

Tudo pronto. O **Fellow** vai começar.

De bisturi na mão, faz a pergunta com ar solene:

— Corto?

— Corta! — É um sussurro geral, a palavra saiu baixa da bôca de todos.

O bisturi desliza macio sôbre a pele do sentenciado João,

não há contração no seu rosto nem no de ninguém aqui dentro. Só o barulho do aparelho de respiração e da própria respiração de todos. É enorme o rasgo que se faz e logo já se começa a ver o coração que bate ainda. Bem do canto do coração, toda vez que êle bate sai um pequeno esguicho de sangue. É o ponto procurado.

O **Fellow** está firme, tem os óculos presos aos olhos por um esparadrapo que vai da haste à testa. Está com a agulha e a linha de sutura nas mãos. Passa a primeira vez, dá o primeiro ponto. Prepara a agulha e a linha novamente. Dá o segundo ponto. Ainda sai sangue a cada batida do coração, mas diminuiu a quantidade. O terceiro ponto está sendo dado. O sangue parou de esguichar. Na sala inteira há um relaxamento conjunto. A palavra é do **Fellow:**

— Pronto, êste saltou para a vida.

Da porta, ao sair, um médico diz sorrindo:

— Ou para novos crimes.

Foi tudo feito em oito minutos. Agora é tapar o estrago, costurar o tórax e começar outra operação no abdômen, lado do baço.

Na mesa de operações ao lado o menino dos vermes começa a ser operado. Estava acordado e chorando na mesa de operação até há pouco. Agora não chora, nem sente nada, está anestesiado. Sua chupeta está ao seu lado, caiu de sua bôca na mesa.

Lá dentro, na outra mesa, a terceira, mais uma operação está sendo feita. Ou melhor, terminando. São 17 horas e o cérebro de um garôto de oito anos, atropelado, está sendo costurado. Tudo correu bem.

Cresceu tudo, o hospital diminuiu

O **Fellow** já abandonou a operação do sentenciado João. Outro médico assumiu suas funções e êle agora está no encontro dos três corredores, de pé, fumando um cigarro. Aqui se forma uma espécie de sala de relaxamento. Tem duas poltronas e um balcão semicircular com uma pequena bandeira do Brasil sôbre uma miniatura de mastro de madeira envernizada. Os médicos saem da sala de operações e se atiram numa das poltronas daqui, acendem um cigarro e ficam olhando o corredor em frente. O olhar meio perdido. **O Fellow** está assim agora. Só que de pé. A Telefunken da sua sala está outra vez ligada. Novamente no fundo se ouve **A Praça.**

O médico que operou o menino do cérebro também já está aqui fumando. Com o olhar perdido, segue falando:

— O que falta neste Pronto-Socorro é espaço. Cresceu a cidade, quando o hospital foi feito ela tinha um milhão e meio de habitantes. Cresceu tudo. O hospital diminuiu. SEGUE

Cada cm² de Extranylon tem 4.135 felpas.

VIU?... Beleza não é o único motivo para você preferir Tabacow.

Nenhum outro tapête de nylon tem tantas felpas. Qual é a vantagem? É que quando o tapête tem mais felpas, êle ganha mais "corpo" Fica naturalmente muito mais durável, resistente. Por isso é que dizemos: Tabacow oferece mais tapête pelo seu dinheiro. Além de tudo, tem revestimento exclusivo à base de látex. Que segura, ancora, fixa bem as felpas e ainda protege o tapête contra umidade. Mas sabe o que decide as pessoas a escolher Tabacow, no duro, no duro? A beleza de Tabacow.

tapêtes TABACOW

Fábrica: R. José Tabacow, 131
Tels. 9-0024 - 9-0188 - São Paulo
Exposição para Você ver sem precisar comprar:
R. 24 de Maio, 35 - 19º and. - cj. 1913
Fone: 34-0486 - Cx. P. 7026.

Extralã - Extranylon - Nylonpel - Carpete - Viking - Tropical Super - Atlas - Olímpia - Cruzeiro - Walt Disney - Pérsia - Floral - Rivoli.

José e Vítor, os dois meninos, foram atropelados

PRONTO-SOCORRO
CONTINUAÇÃO

A operação do garôto dos vermes está no fim. O sentenciado João teve o baço tirado fora. Sua operação também está terminando. Da barriga do menino saiu um prato de vermes. Isso revolta todos os médicos. Doutor Natali sai da sala resmungando:

— Tudo isso podia ser evitado por um purgante, um comprimido. Essa criança correu três riscos: o da anestesia, o cirúrgico e o pós-operatório. E cada operação dessas fica no mínimo em 60 cruzeiros novos para o govêrno.

São 18 horas e o carrinho com o jantar dos doentes está no corredor. Os porteiros e atendentes da porta estão mudando, chegam os da noite. Aparece uma louca que é muito conhecida em todo o hospital. Velha, vestida direitinho e com um caderno amarelo debaixo do braço. Ali tem mais de mil perguntas e respostas sôbre as coisas mais absurdas. Os médicos já a conhecem e a deixam entrar em tôda parte. Vão passando por ela e perguntando:

— Qual é a resposta e a pergunta da pergunta 23?

Ela vai atrás dêle para ler e responder:

— A que família pertence o ouriço? Você não sabe, não é?

Agora ninguém pode dar atenção à resposta da velha maluca. Na clínica médica, para onde todos estão correndo, uma mulher está morrendo no chão, com sete médicos e um aparelho de respiração em cima dela. Maria José, uma espanhola de 56 anos, está com o coração parado. Os médicos tentam fazê-lo voltar por massagens. O primeiro a desistir é o doutor Matos, o mais experiente. Os mais novos ainda ficam tentando mais um pouco. Doutor Matos foi para o corredor, acendeu um cigarro e se encostou na parede.

Pouco depois um outro médico se levantou e começou a preencher o aviso de óbito, uma papeleta interna, pequena, com uma tarja preta, no alto. Dona Maria José foi colocada sôbre a maca e coberta por um lençol. Sua filha olhou da porta, de vestido prêto e rosto enrugado, começou a gritar:

— Minha mãezinha! Minha mãezinha!

E sai correndo gritando para as pessoas dos bancos:

— Minha mãezinha morreu! Que notícia triste vou levar para casa, que notícia triste!

Uma enfermeira foi buscá-la, fêz com que se acalmasse e lhe deu as recomendações de como retirar o corpo no necrotério mais tarde.

Encostado na parede, doutor Matos explicava:

— Tinha miocardioesclerose, doença de velho. Pára o coração. Isso acontece em casa, no ônibus ou até no Pronto Socorro. A gente sabe que não adianta fazer nada, mas a gente sempre tenta.

Dezenove horas: muda o plantão

Dá um sorriso meio sem jeito, vai embora. São 19 horas, o seu plantão terminou como o de todos os médicos. Os novos plantonistas estão chegando, um a um. Lá no fundo do corredor, doutor Pedreira, chefe de equipe do Pronto-Socorro, 13 anos aqui dentro, assiste à movimentação. Está com um problema:

— Não gosto de perguntar sôbre a vida particular de cada doente. Não pergunto mais, todos têm seus dramas, tudo aqui tem um fundo social. Não pergunto porque não posso fazer nada, a não ser retirar os vermes da barriga do garôto.

O sentenciado João está passando rumo à enfermaria do PS Norte, vai para o leito 22. Seguindo a maca está o guarda da penitenciária, Dario. Comenta:

— Há muito não havia **ferrada** lá. Êsse diretor é boa praça, trata bem e dá algumas regalias, a turma estava calma. Não sei há quanto tempo êsse cara está lá, mas pelo seu número — 18 mil e pouco — já deve estar puxando uns oito anos. E parece que tem ainda uns 60 nas costas para puxar. Isso aí é vaso ruim, não quebra.

Na sala de admissão, dentro da cirurgia, a enfermeira-chefe Míriam está encerrando seu expediente. Encaminha os óbitos como última função. Foram quatro ao todo nas últimas 12 horas — um atropelado, a mulher do enfarte e duas crianças da pediatria. Comenta com os colegas:

— Sempre há no máximo cinco óbitos nos meus plantões. Nunca passa disso.

Peralva, outro enfermeiro, o da noite, substitui a Míriam. E já vai tendo trabalho.

José Marcos, de 9 anos, branco, e Vítor Bento, de 12, pretinho, estão entrando na cirurgia. José Marcos, está em estado de coma e em parada respiratória. Vítor Bento está consciente, mas sente dores fortes. Foram atropelados por um Aero-Willis que não parou para socorrê-los.

José Marcos está com sôro no braço e um litro de sangue na perna. Um mundo de aparelhos começa a cercar sua maca. A pressão vai subindo de zero a seis. Na maca ao lado, Vítor Bento, que só tem mãe, sente dores na perna e na bacia, não consegue se mexer, mas assim mesmo pergunta:

— E o outro, o meu amigo, morreu?

O investigador de plantão, de distintivo no paletó, faz perguntas. O menino conta que estavam indo para casa, iam tomar banho e jantar. Vítor Bento começa a ser atendido, toma uma injeção para amenizar a dor e o policial fala para os médicos que atendem José Marcos:

— O pai dêle é mecânico, está aí fora. Não convém que entre, não é doutor?

O médico continua o seu trabalho, parece não ter ouvido a pergunta. Demora a responder.

— Deixa entrar, êle está morrendo.

O investigador vai e volta com um homem de calça escura e camisa branca, rosto claro, olhos verdes, o cabelo bem comprido na nuca e a fala bem baixa. É José Machado, o mecânico pai de José Marcos. Pára ao lado do filho.

— O caso do seu filho é grave. O problema dêle foi a batida na cabeça. Nós temos poucas esperanças. Êle está tomando sôro e sangue, o senhor precisa esperar.

— Doutor, eu não posso fazer nada, não é? — a voz do mecânico está mais baixa ainda e êle fala esfregando as mãos.

— Não, o senhor não pode fazer nada. A não ser pedir a Deus — confirma o médico.

O homem sai da sala, senta no banco do corredor sòzinho, esfregando as mãos. Agora se vê que êle está de botas, sem meias. Leva as mãos sujas de graxa ao rosto e começa a chorar. Morde as mãos, fica com o rosto sujo, a bôca também. É como todos os que sofrem nesses bancos — não consegue chorar alto, é só um soluço contínuo e as lágrimas caindo dos olhos.

José Marcos foi para o Raio-X e voltou para a sala da cirurgia. O médico mandou buscar um aparelho de respiração artificial. O pai do menino já foi lá para fora, está agora no murinho, ao lado da mulher, dona Júlia. Há muita gente em volta, o movimento do Pronto-Socorro está bem grande hoje. Foram 220 casos nestas últimas 12 horas. Na seção de registro ninguém sabe como será a noite. É sábado, os funcionários sempre esperam o pior dela.

O atendente da máquina de escrever, que faz as fichas, está meio desesperado. A fila continua aumentando, parece que o trabalho não está rendendo. Já nem pergunta tudo — só o nome, idade e profissão. Que é brasileiro já vai pondo, que é católico também, e a sua última pergunta é sempre:

— Casado ou solteiro? Casado no padre e no juiz?

O detetive de plantão agora é outro, um japonês chamado Kamura, dez anos e meio de serviço aqui. Está preocupado com o jôgo desta noite. Está tentando arranjar um rádio de pilha para ouvi-lo. Assim, conforme o resultado, já fica sabendo do volume de serviço essa madrugada.

SEGUE

nos transportes em terra, mar e ar, o alumínio é cada vez mais importante

em todos os seus veículos, cada vez mais, o homem usa

ALUMÍNIO

Transporte grátis para muitos quilos de carga: êsse é o resultado prático da economia de pêso com carrocerias de aluminio. Mas é claro que não é só o pequeno pêso do aluminio que explica a sua crescente utilização em caminhões, trens, ônibus e automóveis (em todos os veiculos do homem). É a sua evolução. Até há pouco tempo não tinhamos aluminio disponivel em tantas formas e tão desenvolvido como existe agora. Resistente, versátil, inatacável pelo tempo e fácil de ser trabalhado, o aluminio de hoje sugere esta pergunta, para todos os que fabricam peças e veiculos, desde aviões até carrinhos de criança: por que não fazer de aluminio? Nesse ponto entramos nós, da ALCAN, contribuindo para maior utilização e aproveitamento do aluminio no mundo todo. No Brasil, estamos há cêrca de vinte anos (lembra-se de nossa marca Albra?) como fornecedores de aluminio para todos os setores. Cada vez mais, disponha do aluminio ALCAN. Por que não fazer de aluminio? Estamos às suas ordens.

ALCAN ALUMINIO DO BRASIL S.A. ALCAN

Tetsuo, o velho japonês, bateu com o caminhão

PRONTO-SOCORRO
CONTINUAÇÃO

Muitos casos estão chegando para a pediatria, o barulho de chôro vindo de lá não pára um segundo. Pelo lado de dentro, em frente à pediatria, estão as duas salas mais importantes de todo o Pronto-Socorro: a 4030 e a 4025 — que só chamam de quarenta-trinta e quarenta-vinte cinco. São as salas das Unidades de Cuidados Intensivos, 16 leitos ao todo e atendimento de 24 horas sem parar.

Dentro delas não entra um ruído. Os doentes que chegam até ali são os mais graves, os que estão com traumas cranianos, ou problemas de tórax, cardíacos e crianças muito atacadas de bronco-pneumonia. Um médico e quatro enfermeiras estão sempre por entre os leitos dessas duas salas. A aparelhagem mais moderna de socorro de urgência está aqui. Quem supervisiona o trabalho dos médicos é o diretor.

Os vidros da quarenta-trinta têm cortinas que estão sempre fechadas. Só se abrem um pouco, em horário de visita, para que os parentes e amigos dos doentes possam vê-los, nos leitos do outro lado.

Um casal está saindo, deixando o Pronto-Socorro, e uma ambulância vem chegando. Traz um rapaz baleado na cabeça. mas já morto. Não há nada para os médicos fazerem, morreu no caminho.

O detetive Kamura faz o que lhe cabe: passar um telex para a delegacia informando a ocorrência. Depois manda o corpo para o Instituto Médico Legal.

O trabalho do detetive vai prosseguir. Está chegando uma mulher agredida pelo marido.

No sábado à noite crescem os casos de brigas, trombadas de automóveis e atropelamentos. Na sala da cirurgia, um rapaz que levou uma facada e chegou há meia hora, já está sendo mandado embora. Tira um espelho do bôlso e olha para ver como ficou o ferimento.

Na maca ao lado de onde sai o rapaz, José Marcos, o garôto atropelado, está agora com os olhos vedados por uma gaze e esparadrapo. O aparelho de respiração artificial continua com seu barulho de morte.

Já passa da meia-noite. O jôgo de futebol acabou zero a zero e o movimento está calmo. Os médicos se revezam para ir comer o **bife da meia noite,** no restaurante do hospital. Alguns estabelecem um rodízio também para dormir um pouco.

As luzes do Pronto-Socorro estão parcialmente apagadas. Fica tudo na penumbra e os casos agora estão pingando lentamente. Valdir, um rapazinho, chega com um tiro acidental de garrucha calibre 22 no abdômen. Mas não é grave, a bala foi se alojar na sua coxa esquerda.

Todo o Pronto-Socorro parece dormir, agora, quase 1,30 da madrugada. Quem não dorme é o policial que vigia a porta da enfermaria onde no leito 22 está o sentenciado João.

José Marcos tem agora a sua pressão tirada por Cármem Lúcia, uma interna. Está com 5,3, isto é, caindo. Cármem Lúcia tem o olhar triste de quem está sofrendo:

— Só está vivendo por causa da respiração artificial, dêsse aparelhinho. Acho que tudo isso a gente faz por auto-satisfação.

Outro médico se aproxima. Tira a venda dos olhos de José Marcos e examina sua pupila. Todos os médicos que se aproximam de José Marcos parecem ter um grande sentimento de impotência. Agora é o doutor Alberto:

— Está em coma, mas sua pressão já está caindo e êle vai entrar também em choque. Aí terá parada cardíaca. Não sei, talvez fôsse melhor deixar desde já. Mas êsse é problema velho. Cabe a nós desligar essa maquininha? Temos o direito? Em nenhum país do mundo se pode fazer coisa alguma num caso dêsses.

São 3,40 da madrugada, José Rodrigues, motorista de táxi, está chegando, a cabeça sangrando com um corte na testa. Vem perguntando na maca:

— O que houve?

— Nada, você bateu num poste.

— Doutor, pelo amor de Deus, meu estado é grave? Só não quero que avisem minha mulher, ela está grávida, não pode saber de nada.

— Não é grave, foi um cortinho à toa. Ninguém vai avisar ninguém.

O caso de José não é o corte, êle vive outro drama — o que os médicos chamam de **peripac.** Uma crise neurótica ou histérica. O motorista está com peripac. Já perguntou mais de 20 vêzes para o médico se está muito mal. Chega a irritar o médico e é dispensado.

Há uma tranqüilidade muito grande nesse plantão. Os médicos estão estranhando isso. Peralva, o enfermeiro da cirurgia, está cuidando da burocracia dos óbitos. Até agora são nove nesta madrugada. Sua previsão é de onze mortos até o fim do plantão. São 5,10 da manhã. Na porta do Pronto-Socorro, só a família de José Marcos ainda espera. Seu pai, o mecânico José Machado, está agora de malha vermelha. Há um litro de água mineral sôbre o muro, com um copo emborcado no gargalo da garrafa.

Doutor, por favor, uma injeção

O corredor interno está limpo. Foi lavado por três serventes. Tudo muito calmo e a chegada de Felipe Neto, dizendo-se envenenado por cianureto de potássio, tem jeito de último acontecimento. Êle falava com dificuldade com a mulher, chorosa ao lado.

O doutor Luís Roberto, um jovem muito decidido, é quem pega o caso pelo caminho e já vai diagnosticando **peripac.** Ninguém que tenha tomado cianureto de potássio dura a tempo de chegar a um Pronto-Socorro.

— Por que o senhor acha que está envenenado por cianureto?

— Meu corpo está todo dormido, doutor. Eu quero deitar, doutor. Estou piorando e os senhores não fazem nada. Não me deram nenhuma injeção. Doutor, por favor, uma injeção pelo menos, doutor!

O homem não ganha nenhuma resposta. Em cima de uma maca que vem entrando, está um japonês velho, todo ensanguentado. Tetsuo Kamichi, 73 anos, lavrador e budista, sofreu um desastre a uns 100 quilômetros do hospital. Está com a perna direita completamente esmagada e todos os dedos do pé esquerdo também.

Luís Roberto, o médico, deixa o homem do **peripac** falando sòzinho e fica possuído pelo caso do japonês. Mas o **peripacoso** continua gritando, implorando uma injeção. Luís Roberto agora está de cara amarrada, levanta a cabeça, vira-se para o homem e grita forte:

— Quer ver o que está se passando à sua volta?

O homem olha, leva um susto e abaixa o rosto escondendo entre as mãos para dizer:

— Está bem, eu sei, eu sei.

Faz cinco minutos que o velho Tetsuo está aqui. Suas duas pernas já estão garroteadas — com um elástico prendendo a circulação para não deixar descer mais sangue — e está recebendo sôro glicosado e dois litros de sangue. O velho vai começar a readquirir a pressão. Doutor Alberto também já largou a drenagem que fazia na cabeça de uma menina e vem salvar o japonês.

O Felipe, o do **peripac,** é levado andando, mais calmo, para a clínica médica onde toma uma injeção. Não tem mais nada, o impacto curou sua crise neurótica.

O dia começa a amanhecer. O céu está rosa, mais para vermelho.

SEGUE

Êste creme dental com anticárie Gardol diz tudo no próprio tubo

e prova diàriamente:

quem usa Colgate sorri ma s

Sorri mais, tem dentes mais bonitos, mais sadios.

É a proteção do anticárie Gardol, o ingrediente exclusivo de Colgate em ação.

Faz uma espuma miúda e penetrante que remove até os minimos residuos de comida que, muitas vêzes, causam a cárie dental e outros transtornos na bôca.

O hálito fica mais puro, os sorrisos se iluminam. Você também não acha que escovar os dentes com Colgate é mais gostoso, mais refrescante e, além de tudo, mais seguro?

Responda com um sorriso Colgate: não há sorriso mais positivo!

o creme dental anticárie preferido por mais familias no mundo todo.

PRONTO-SOCORRO CONTINUAÇÃO

O plantão vai terminar; hoje foram 362 casos

Luís Roberto e Alberto, os dois médicos, conseguem arrancar do japonês um sorriso, prova de que êle está melhorando. É preciso recuperar seu estado clínico para que possa ser operado — vai perder a perna direita e os dedos do pé esquerdo.

Vindo da pediatria uma enfermeira chega correndo. O coração de uma criança parou, não há nenhum médico lá. Luís Roberto sai correndo pelo corredor. O velho japonês fica entregue ao doutor Alberto.

São 6,10 da manhã. O velho Tetsuo está melhorando. Sua família começa a chegar nos corredores, japonêses novos, de terno e gravata.

Da janela da cirurgia dá para ver que o dia já amanheceu, mas está cinza, o céu carregado com uma névoa cobrindo quase tudo. Sentado ao lado do japonês, Luís Roberto observa:

— Tá vendo? Amanheceu. Às vêzes a gente pensa que isso não vai acontecer.

Há um relaxamento entre todos. Um dêles lembra que depois de 30 dias assim, no fim do mês, um sextanista, interno; ganha 97 cruzeiros novos, um médico residente de primeiro ano 204 e um residente de segundo ano 260 cruzeiros novos. E que nenhum dêles pode ter outro emprêgo.

O ódio de não poder salvar

Na portaria chega um prêto, jovem, cara de quem não dormiu e pergunta:

— Eu quero ver um garôto que morreu aqui essa madrugada. Êle foi atropelado, fui eu quem trouxe pra cá.

— O nome dêle é José Marcos? — pergunta o atendente da porta.

— Não sei o nome dêle, não conhecia, peguei na rua, as mulheres diziam para não mexer nêle, mas não ia deixá-lo morrer sem fazer nada. Me sujei todo de sangue e trouxe até aqui. Com um pretinho junto, mas êsse eu sei que se salvou.

— Então é o José Marcos mesmo. Venha, pode entrar. Êle ainda não morreu.

Sérgio da Silva José, o jovem, foi levado até a cirurgia e parou ao lado da maca de José Marcos. Ficou olhando e ouvindo o barulho do aparelho de respiração. Os olhos com um pouco de lágrimas. Ficou sabendo que José Marcos não tem salvação, pediu para escreverem isso num pedaço de papel, junto com o nome do garôto. E foi embora.

Na porta do Pronto-Socorro havia um grupo de cinco meninos. Sérgio parou e foi rodeado por êles. Tirou o papel do bôlso da camisa e mostrou. Havia um grande silêncio na roda de moleques. Sérgio foi o único a falar, quase chorando:

— Eu tô com ódio. Tentei salvar o moleque, fiquei todo sujo de sangue, se era para êle morrer assim, eu matava, não precisava vir até aqui.

Na porta também, a uns 50 metros do grupo, ainda está a família de José Marcos. Ninguém ouviu o que dizia o pretinho.

Faltam cinco minutos para às sete horas, o plantão vai terminar. Os funcionários estão sendo trocados. Já é um outro homem quem está fazendo os registros, uns poucos. Das 19 horas até agora foram atendidos 142 casos, ao todo nas 24 horas, 362 atendimentos. Até o fim do ano o Pronto-Socorro atenderá entre 100 a 120 mil casos.

Passando pelo corredor em sua maca, já fora de estado de choque, rumo à ortopedia vai o velho Tetsuo e seus 73 anos. Êle vai resistir, sobreviver. Saindo do Pronto-Socorro está o guarda da penitenciária, que foi substituído por outro. Sai dizendo:

— Eu não disse que vaso ruim não quebra? O cabra lá tá firme como ferro. Vai viver e talvez até os 60 anos de prisão que tem nas costas. Adeus.

O porteiro sorri. Está fazendo a ficha 93.420, a primeira do seu plantão. É do garôto Paulo Araújo, de 13 anos, que sofreu queda e machucou o braço.

Vai começar mais um dia no Pronto-Socorro.

Sabem, José Marcos morreu mesmo, pouco depois. FIM

3.524 - A

Tissot PR 516 – ultra-robusto um autêntico relógio de homem

Todo relógio Tissot é numerado. Com isso, cada fase de sua fabricação é sistemàticamente controlada. O número de identificação, gravado sôbre o mecanismo, está registrado na fábrica. E figura no Certificado de Garantia Internacional, reconhecido pelos Concessionários Autorizados Tissot no Brasil e em mais de 140 países.

Ref. 44516 PR 516, Visodate, impermeável, automático. Em aço inoxidável ou folheado a ouro, com sua revolucionária pulseira.

O nôvo Tissot PR 516 é um relógio excepcional, agora ao seu alcance. Possui a mais extraordinária robustez, com as seguintes inovações técnicas:

• Aro de encaixe especial e junta de proteção flexível que asseguram uma compressão elástica da máquina, amortecendo os choques verticais e laterais.

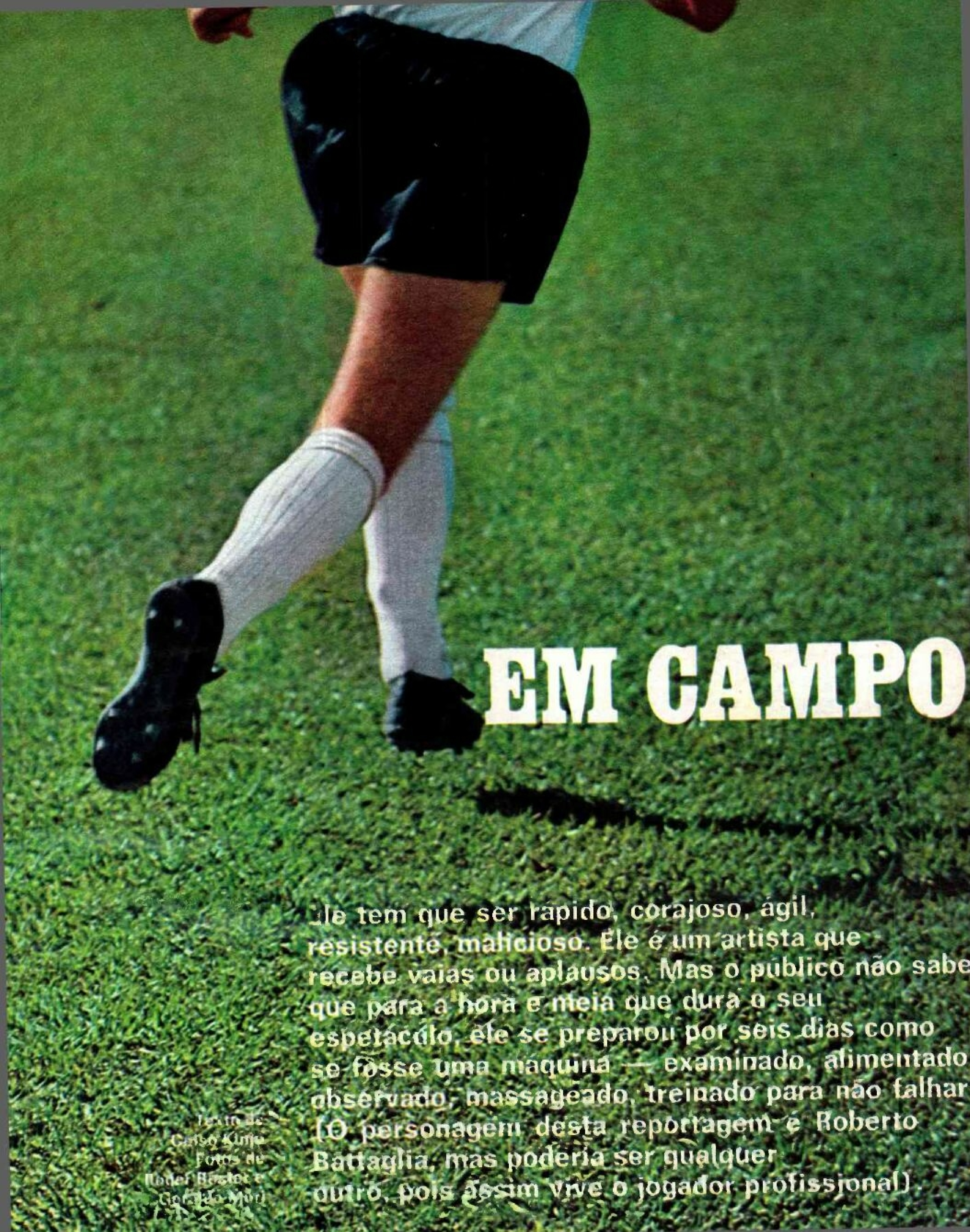
• Refôrço do vidro blindado por um aro de tensão. Coroa impermeável reforçada.

Criado pela Tissot, uma das fábricas relojoeiras suíças de maior conceito, o Tissot PR 516 é um relógio bem acima do comum. Foi feito para corresponder às mais severas exigências da vida moderna. É um autêntico relógio de homem.

TISSOT
MILITAR

Assistência Técnica Tissot: São Paulo: Av. Paulista, 352 - 13º • Rio de Janeiro: Av. Rio Branco, 99 - 7.º • Pôrto Alegre: R. Andradas, 1.629 - 1.º, ou por todos os Concessionários Autorizados Tissot.

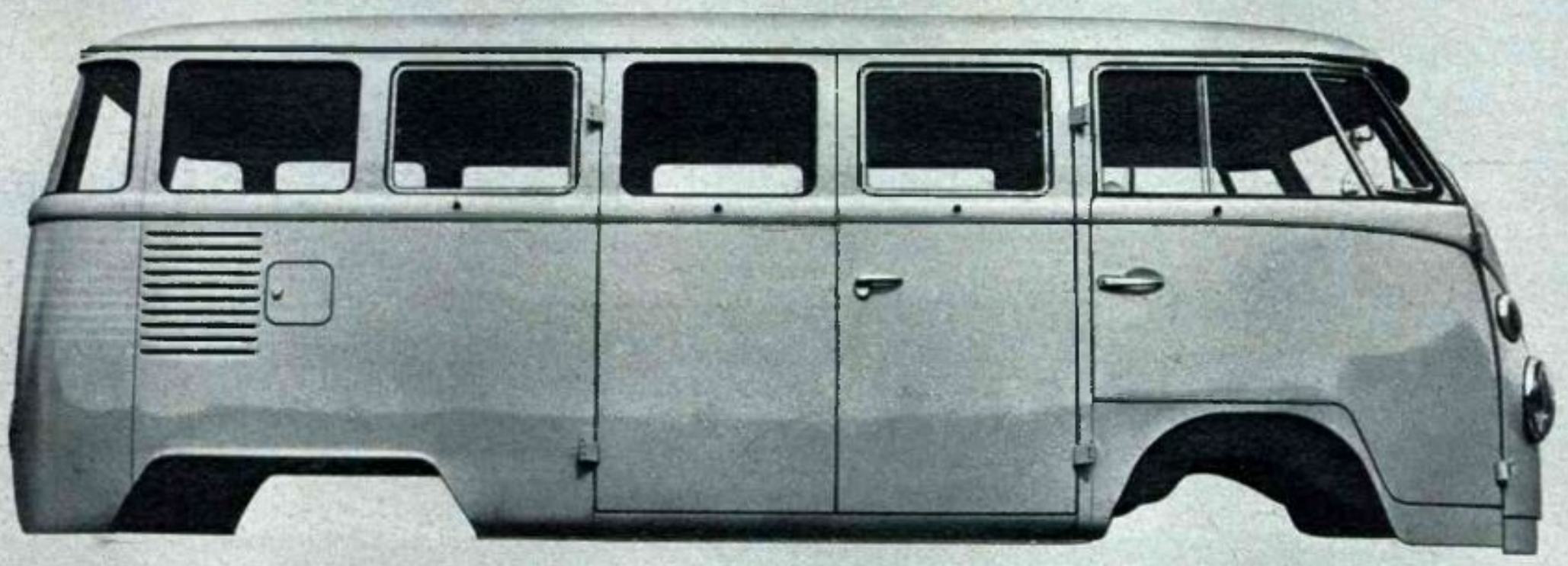
A MÁQUINA ENTROU



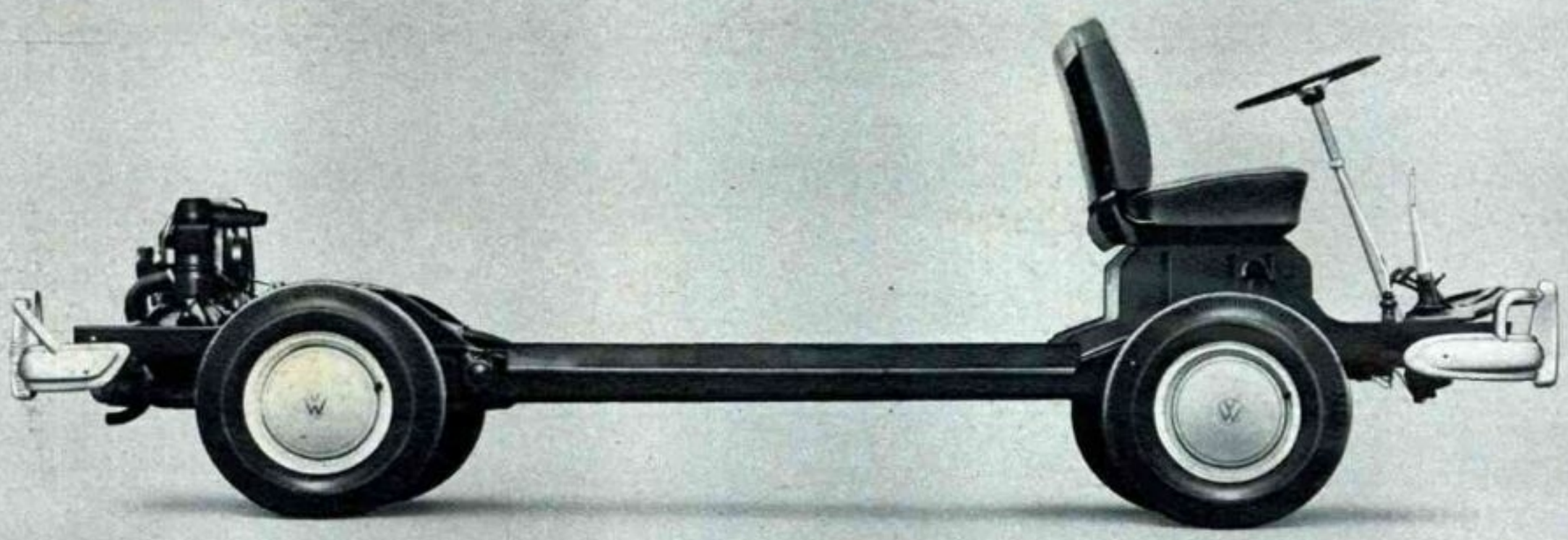
EM CAMPO

Ele tem que ser rapido, corajoso, ágil, resistente, malicioso. Ele é um artista que recebe vaias ou aplausos. Mas o público não sabe que para a hora e meia que dura o seu espetáculo, ele se preparou por seis dias como se fosse uma máquina — examinado, alimentado, observado, massageado, treinado para não falhar. (O personagem desta reportagem é Roberto Battaglia, mas poderia ser qualquer outro, pois assim vive o jogador profissional).

Texto de [illegible]
Fotos de [illegible]



Aqui V. ganha dinheiro.



Aqui V. economiza.

© VOLKSWAGEN DO BRASIL S.A

Ganhar dinheiro é uma das coisas boas da vida.

Por isso tem tanta gente tentando, por todos os meios possíveis.

Um dêles, por exemplo, é transportando cargas: sempre dá para fazer entrar um bom dinheirinho.

Mas sabe quem sempre acaba ganhando mais?

Aquêles que deixam menos dinheiro sair.

Êles usam a Kombi Volkswagen porque em cima, ela tem o que é indispensável para fazer entrar mais dinheiro: um grande espaço para carga.

Maior que o de qualquer outra camioneta.

Com duas grandes portas laterais, para não perder tempo carregando e descarregando.

E embaixo, ela tem tudo aquilo que evita o dinheiro sair.

Sua mecânica é a mais simples que existe, é Volkswagen.

Não dá tôdas aquelas complicações de oficina.

E nem tôdas aquelas despesas de gasolina, óleo, pneus.

V. está entre aquêles que estão tentando ganhar dinheiro?

Experimente, transportando cargas.

Mas aceite um conselho: escolha uma camioneta para fazer bastante dinheiro entrar, sem deixar bastante dinheiro sair.

Eis a máquina: está pronta para funcionar

O jogador entra em campo com andar ligeiro, faz o sinal da cruz e segue em frente, evitando encarar a torcida que, agitada, festeja o início do grande espetáculo. Relembra ràpidamente algumas frases que decorou para dizer aos repórteres de rádio e televisão, nas entrevistas de antes do jôgo: "É uma partida difícil, mas se Deus quiser vamos sair daqui com um bom resultado. Cada jôgo é uma história." O dia é bonito, e enquanto espera o juiz chamar para o sorteio de campo, êle forma uma rodinha com os companheiros para um bate-bola, que aquece os músculos e disfarça um certo receio que tem da torcida.

O clube onde jogou há dez anos — desde quando começou sua carreira — faz boa campanha no campeonato dêste ano. É natural, portanto, que esteja feliz em participar dessa boa fase. Costuma dizer aos amigos:

— É a maior oportunidade que tenho em dez anos de sofrimento. Sofrer, sofrer, já chega. Também quero desfrutar um pouco.

Na verdade, seus grandes sonhos fracassaram. Não é ídolo, é um jogador eficiente apenas. Mas ao falar em seu nome, os torcedores lembram mais os defeitos. E, até hoje, muitos jornalistas escrevem que não compreendem "como foi que êle conseguiu vaga de titular num clube de excelentes futebolistas".

O enriquecimento fácil e rápido, de que tôda a família pretendia se orgulhar, diluiu-se com sua ascensão muito precipitada. Aos 18 anos, despreparado e sonhador, vestiu a camisa titular, posou para fotografias e ganhou cinco contos de prêmio pela vitória que o time alcançou em sua estréia. Nove anos depois, êle continua lutando. Com o talento de seus pés, pôde comprar uma modesta casa em bairro distante, mas as grandes oportunidades profissionais se perderam por inexperiência. O jogador, entre outras coisas, aprendeu que a sobrevivência no futebol depende também de muita cautela fora do campo:

— Sempre tem alguém querendo prejudicar a gente.

O jogador cauteloso que acaba de entrar em campo com o pé direito, mas diz que isso não passa de pura coincidência, é Roberto Ludovico Battaglia, atual ponta-direita titular do Sport Club Corintians Paulista, uma das principais equipes do país. É verdade que não se arrepende de ter escolhido o futebol como carreira profissional, mas com isso seu comportamento sofreu profundas alterações. Para êle, hoje, o esporte não é mais uma possibilidade de glória, de afirmação pessoal, e transformou-se no trabalho sem o qual não vive. É por isso que joga por mais dinheiro e menos amor, com o receio permanente de perder o pôsto ou se machucar. Sente-se mais seguro quando pensa que a ameaça é de todos:

— Quem não tem mêdo de contusão? O jogador precisa se cuidar.

Impulsivo por temperamento, com grande esfôrço consegue controlar-se em campo. Iniciada a partida, passa a encarar o adversário como inimigo fatal, e fracassou muitas vêzes por causa disso. Foi expulso em tantos jogos que nem se lembra:

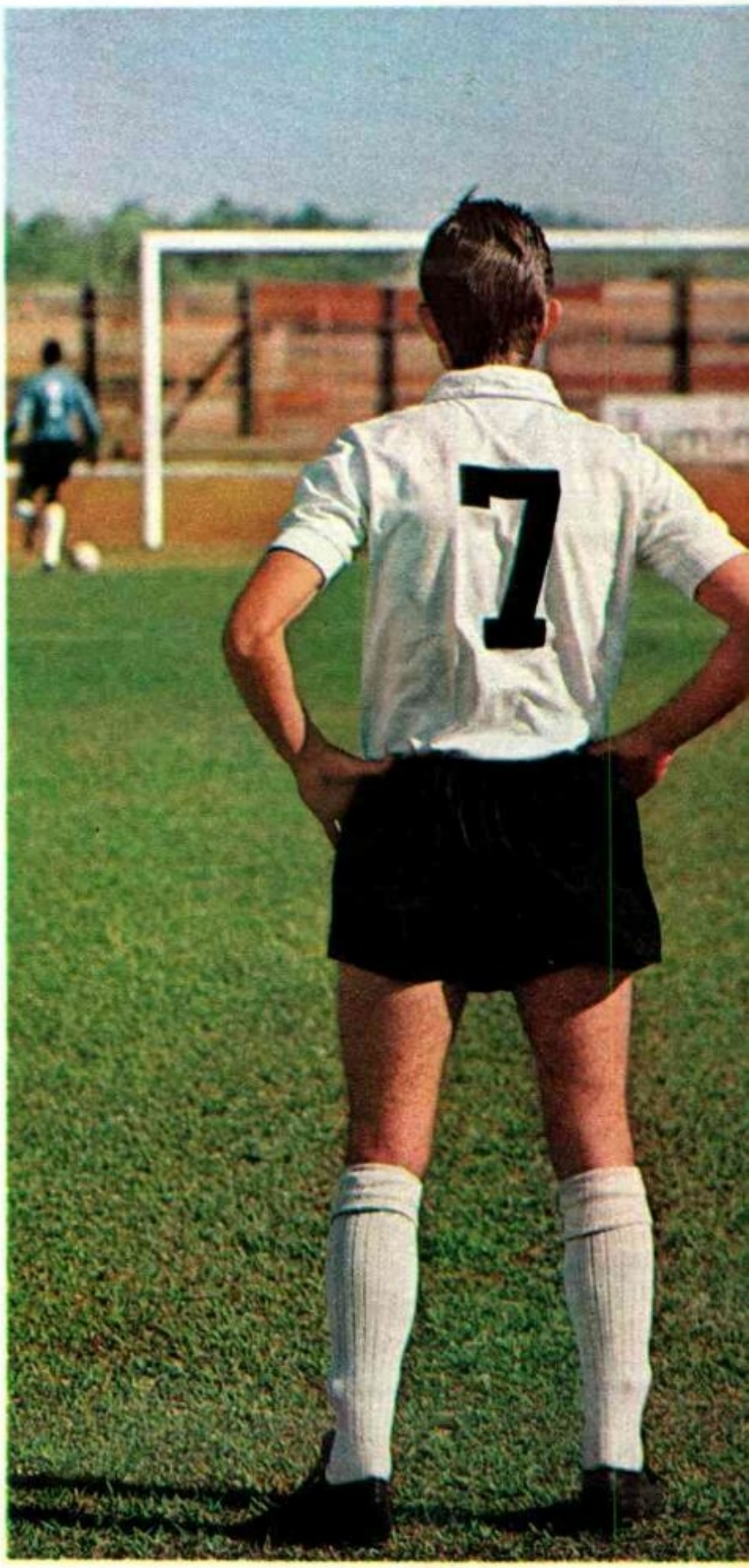
— Foram muitas vêzes, mais de dez. Na última, fui defender o Rivelino de uma agressão e o bandeirinha viu. Eu sou azarado.

No dia seguinte, os amigos chamaram-lhe a atenção para a indisciplina, que compromete qualquer profissional. Roberto ouviu também a crítica dura de Marli, sua mulher, em casa:

— E depois você diz que não tem de ser chamado de indisciplinado?

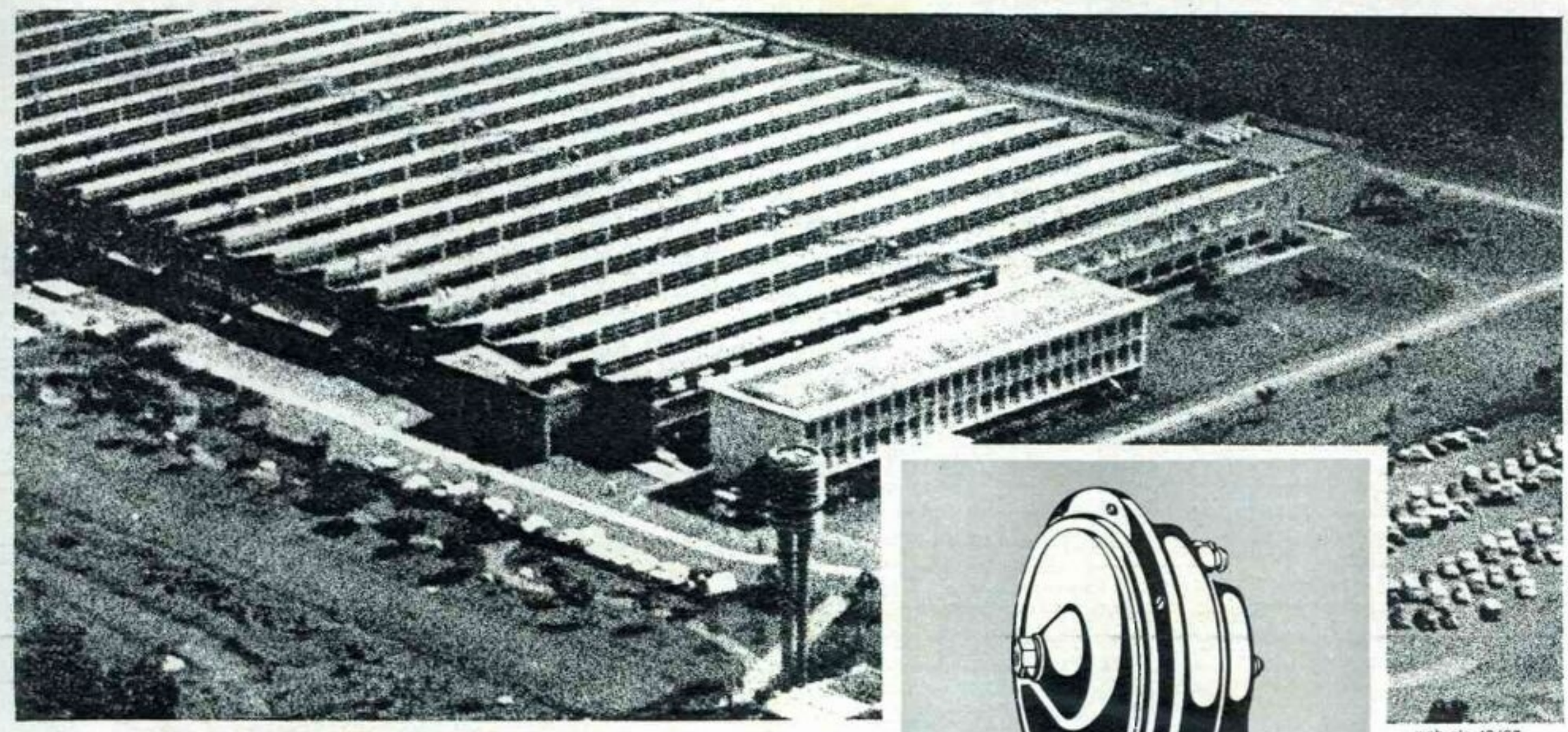
— Eu não devia fazer aquilo, sei que não devia. Ainda mais agora.

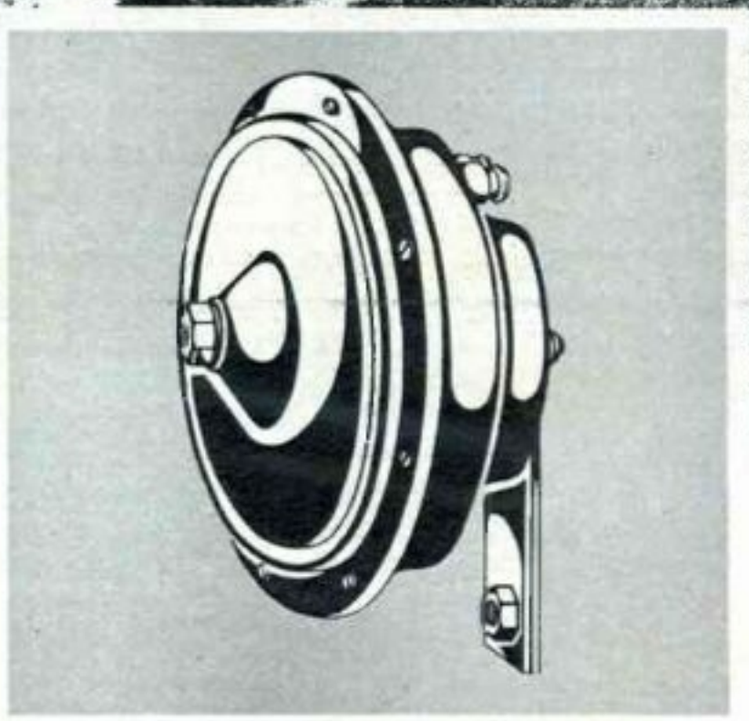
SEGUE



Em campo, o maior mêdo do jogador é um só: machucar-se.

fazer a melhor buzina é uma de nossas atividades





web-eia 19/67

Se V. abrir o capô do seu carro, logo saberá quais as outras atividades da Bosch: alternadores, dínamos, velas de ignição, motores de partida, distribuidores, reguladores de voltagem... Se V. olhar o motor do seu caminhão a óleo Diesel, distinguirá a bomba injetora e todo o equipamento de injeção com a plaquinha — "Bosch". Se V. tiver um trator, preste atenção: o equipamento hidráulico é Bosch. Em 12 anos de existência no Brasil, a Bosch foi aos poucos tornando-se a maior indústria de autopeças, não só daqui como de tôda a América Latina. E ainda encontrou tempo para produzir aquecedores de água a gás e ferramentas elétricas. Fórmula Mágica? Não tem. Apenas: dedicação e gôsto pela qualidade. Exatamente como na Alemanha.

ROBERT BOSCH DO BRASIL

Escritórios e Fábrica em Campinas (SP) à Via Anhangüera, Km. 98 • Fone 2-1031
Caixa Postal, 1195 • Filial em São Paulo: Rua Cesário Galeno, 477/483

Antes do treino, massagem, contrôle de pêso e da pressão

JOGADOR
CONTINUAÇÃO

O técnico, orientador e às vêzes professor dos onze jogadores, Zezé Moreira, não admite indisciplina, e pediu-lhe que se controle mais de outras vêzes. Zezé Moreira é um homem austero de 58 anos, que tem a função formal de instruir as táticas de jôgo. Para que haja rendimento máximo nas partidas, acha importante que os onze homens trabalhem com tranqüilidade.

Têrça-feira, trabalho

Sete horas da manhã. O despertador toca e Marli, em cinco minutos, está na cozinha preparando o café. Roberto vira-se na cama e espera que a mulher avise:

— Vem logo, Rô. Vai perder a hora, vamos.

Roberto lava o rosto preguiçosamente, veste-se e senta-se na mesa com os cabelos molhados. Engole rápido uma xícara de leite e duas fatias de pão. Sempre acorda sem apetite e, não fôsse sua profissão exigir tanta forma física, ficaria no cafèzinho simples. Acende um cigarro de filtro e fala:

— Hoje não venho almoçar, nêga. À tarde vou fazer uma visita.

Põe dez cruzeiros sôbre a mesa, para as compras na feira — que não são muitas porque êle dificilmente almoça em casa. Adverte:

— Vê se não fica ouvindo programa esportivo, você só se aborrece.

Alguns dias antes, sua mulher ouvira um comentarista falar mal do seu futebol. Mesmo habituado a todo tipo de críticas, acaba se irritando:

— Não é por mim, que eu não ligo mais. É pela Marli.

Anda dois quarteirões e toma o ônibus que cruza tôda a cidade e vai deixá-lo na porta do clube, depois de uma hora e vinte minutos de viagem. Irrita-se porque o ônibus está sempre lotado:

— Mas se eu pegar táxi todo dia, gasto uma fortuna. Preciso de um carro.

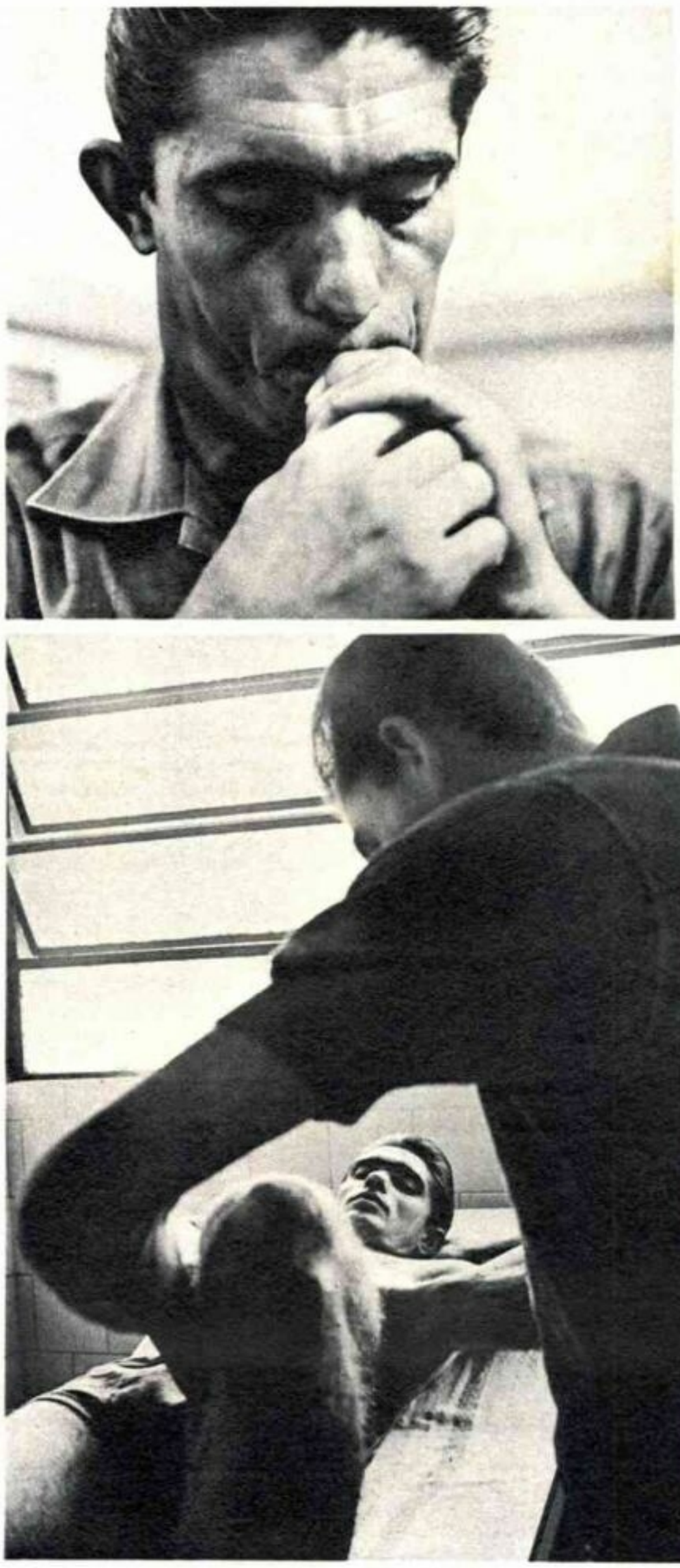
Nove horas. Roberto entra no vestiário cinzento, cumprimenta os companheiros e sobe na balança: Pêso: 58,600 quilos. Com as chuteiras 38 que usa nos jogos, vai para o gramado. Caminha devagar, até onde estão o técnico Zezé Moreira e o preparador físico, professor José Teixeira. O programa hoje é leve, um exercício de ginástica individual, numa quadra ao lado. Os atletas ficam satisfeitos com isso, pois os treinos de conjunto — como se fôssem jogos de verdade — esgotam e oferecem o risco de se machucarem.

Os jogadores iniciam uma marcha de dez minutos em volta de um quadrado de cimento. O preparador físico tem a difícil função de fazer a equipe jogar o ano inteiro sem se cansar. O treinamento não tem segredos:

— Primeiro, andar. Depois, correr. Depois, saltar.

Roberto segue os companheiros com entusiasmo. Os homens correm, suam e partem em seguida para a ginástica. Flexão de pernas, braços: o que importa no treinamento é ganhar agilidade e fôlego. Muito principalmente para Roberto — que, por seu estilo de jogar, corre os 90 minutos de partida quase sem parar — a preparação física é básica. Seu corpo é franzino e, à primeira vista, ninguém acredita que pratique esporte. Os braços são magros, os músculos das pernas aparecem pouco e seus ombros não são desenvolvidos. Deve superar essa deficiência com muita resistência, e consegue: os entendidos em futebol dizem que êle é o jogador mais sacrificado da equipe. Joga na ponta-direita, sua função seria apenas atacar, mas está sempre em todos os cantos do campo, perseguindo a bola.

SEGUE



Depois de examinado, o treino: andar, correr e saltar.

A matemática trabalha a seu favor...

...quando você adquire as Novas Obrigações Reajustáveis

Veja a evolução e o valor nominal dos Títulos:

1966 -	Dezembro	NCr$ 22,69
1967 -	Janeiro ..... NCr$ 23,23 + NCr$ 0,30	= NCr$ 23,53
	Fevereiro ..... NCr$ 23,78 + NCr$ 0,46	= NCr$ 24,24
	Março ..... NCr$ 24,28 + NCr$ 0,62	= NCr$ 24,90
	Abril ..... NCr$ 24,64 + NCr$ 0,79	= NCr$ 25,43
	Maio ..... NCr$ 25,01 + NCr$ 0,95	= NCr$ 25,96

De acôrdo com os cálculos acima, um Título das Novas Obrigações Reajustáveis adquirido em dezembro de 1966, cujo valor era de NCr$ 22,69, deu de rendimento, na forma de correção monetária e juros (até maio próximo passado), nada menos de 14,4%, passando a valer NCr$ 25,96 em apenas 6 meses! Já pensou no fim de um ano?

E tem mais:
- Os juros são pagos semestralmente
- Você tem a garantia do Tesouro Nacional

Você pode, ainda, deduzir da sua renda bruta, na declaração do impôsto de renda, 30% do valor total dos títulos adquiridos.

Qualquer financista lhe dirá que não há melhor negócio!

Adquira logo as Novas Obrigações Reajustáveis

À venda na

Bôlsa de Valôres, na Copeg e nas Agências do BEG

BANCO DO ESTADO DA GUANABARA

ALFÂNDEGA • B. RIBEIRO • BONSUCESSO • BOTAFOGO • BUENOS AIRES • C. GRANDE • CARIOCA • CASCADURA • CASTELO • CATETE • CATUMBI • CENTRAL • C. NETO • COPACABANA • DIAS DA CRUZ • GOVERNADOR • IPANEMA • IRAJÁ • JACARÉ • JACARÈPAGUÁ • MADUREIRA • MARQUÊS DE HERVAL • MAUÁ • MÉIER • OUVIDOR • PAQUETÁ • PENHA • PÔSTO 4 • SANTA CRUZ • S. CRISTO • SÃO CRISTÓVÃO • TIJUCA • VILA ISABEL • E, AINDA, EM SÃO PAULO • BELO HORIZONTE E NITERÓI

VA 36.015

Na concentração, comida controlada e nenhuma bebida

JOGADOR
CONTINUAÇÃO

No futebol, duas tarefas são específicas: a de dar combate ao adversário para roubar-lhe a bola; e a de preparar os ataques, prendendo a bola e lançando-a aos atacantes. Roberto, pelo físico e pela resistência, cumpre esta tarefa de receber as bolas da sua defesa e entregá-las para quem estiver avançado. Corre muito e diz que gosta:

— Eu não consigo ficar parado. É o meu gênio.

O médico Haroldo Campos, que conhece Roberto desde criança, concorda e diz mais:

— Quando o Battaglia não treina, até emagrece.

As possíveis falhas técnicas de Roberto são compensadas por uma grande responsabilidade profissional. Sabe que, se não fôr assim, pode ser passado para trás. Os directores do Corintians elogiam seu comportamento:

— Êle tem raça. É muito útil, gostamos de jogadores esforçados.

Roberto, se pudesse, correria menos, jogaria mais para a platéia, mostrando que sabe fazer coisas bonitas com uma bola de couro nos pés. Mas o profissional obedece a ordens:

— O clube me paga pra isso.

E, disciplinado, faz sua ginástica individual durante quarenta, cinqüenta minutos, com a mesma disposição. Até que o preparador físico encerre a sessão, às 11 horas, geralmente.

Os jogadores voltam então para o vestiário, suando muito, com braços e pernas amolecidos pelos movimentos. Sentam-se nos bancos e tomam fôlego. O vestiário é mal iluminado por janelas de vidro, instaladas a quatro metros de altura, está com o chão molhado e cheira a remédio. Atrás de um comprido balcão de madeira, o roupeiro recolhe os calções, camisas, meias e chuteiras deixados no chão, colocando tudo dentro de um saco. Antes do banho, Roberto costuma praticar halterofilismo, erguendo pequenos pesos nas duas mãos.

Debaixo do chuveiro, sente-se descansar. Enxuga-se e recebe duas cápsulas de vitamina, que engole com um copo de suco de uvas. Foi o médico que recomendou o tratamento:

— A vitamina dá energia. O físico dêle não é privilegiado.

No caminho para o restaurante do clube, Roberto dá entrevista a uma emissora de rádio e confessa com satisfação:

— Está chovendo na minha horta.

Está satisfeito mas prevenido: o apoio do público e da imprensa é passageiro. Existe porque agora o Corintians está fazendo sucesso, lidera o campeonato paulista, e o homem Roberto Battaglia procura não pensar em ilusões:

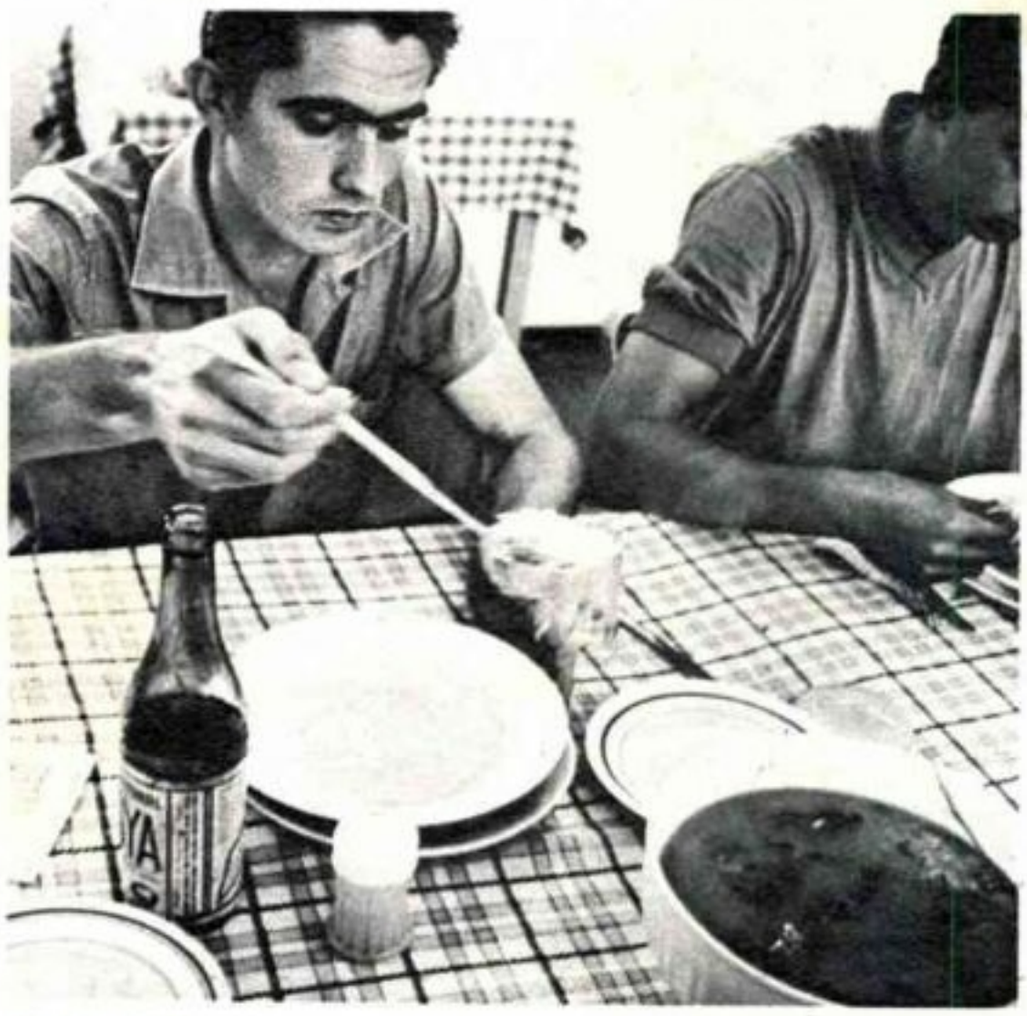
— Enquanto estiver bem assim, vou dando graças a Deus, porque depois...

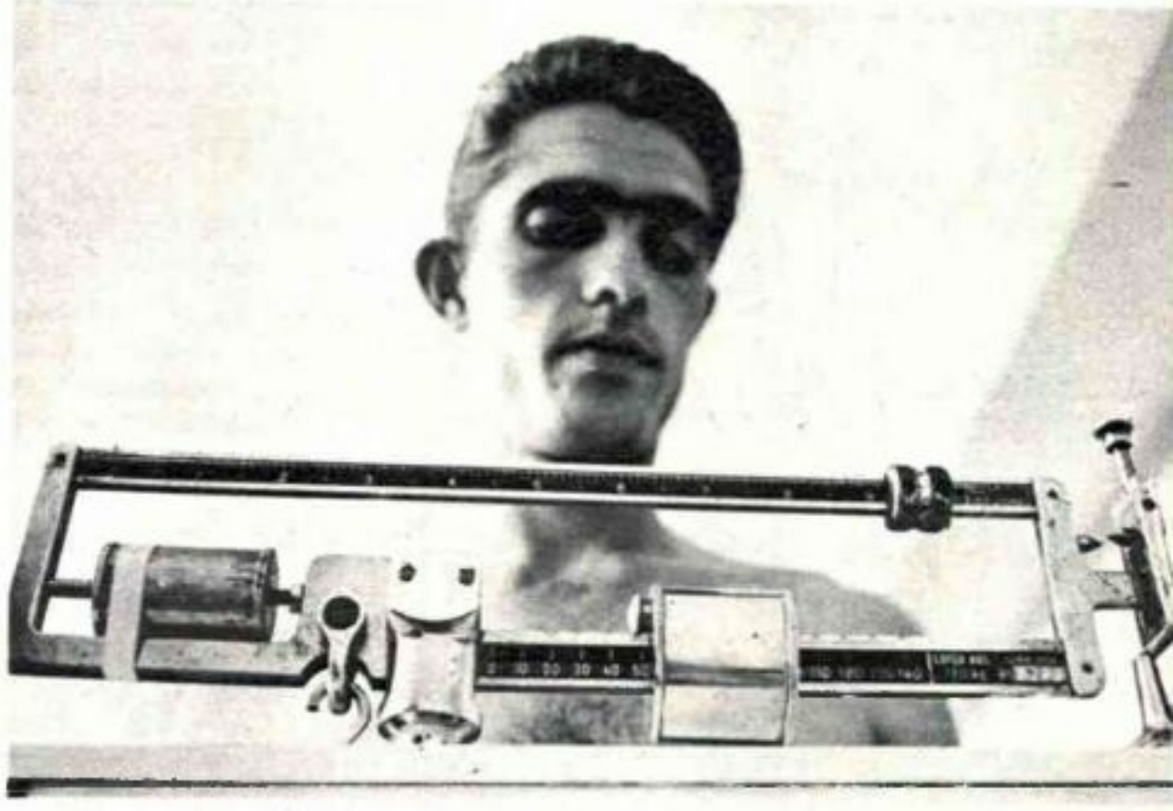
Almôço, dieta

Na concentração, a dieta registra um nível de quatro mil calorias diárias. Roberto almoça à vontade — carne e massas, principalmente. Gosta de tomar cerveja para acompanhar, mas na concentração não servem bebidas alcoólicas e, além disso, o regime deve ser controlado rigorosamente.

— Costumo beber uma cerveja só, em casa. Em qualquer lugar que a gente vá, pode ter alguém querendo nos prejudicar.

O médico, após os jogos, permite e até recomenda um chope ou cerveja, para auxiliar a recuperação do pêso perdido. No seu tempo de solteiro, entretanto, Roberto ia longe, passou noites comemorando vitórias, satisfeito por pertencer a um clube de prestígio. E é com alguma saudade que hoje em dia, casado, responsável mas sem muita segurança do pôsto que ocupa, determina-se uma vida calma e reservada. Não pode mais desistir da escolha: perde os melhores anos da vida, mas garante um futuro que, pelo menos econômicamente, pretende tranqüilo. Do seu regime de vida, fala pouco: SEGUE





Cerveja, só para recuperar pêso, depois de uma partida.

É a única solução!

Hoje, realmente, é. São cento e dez metros exigindo a transposição de dez barreiras, cada uma com cento e dez centimetros de altura. Tarefa para grandes atletas, como o José Telles da Conceição, por exemplo.
E você sabe quais as condições básicas de um grande atleta?
Ossos perfeitos. Músculos excelentes.
Entretanto, pouca gente sabe que a estrutura óssea de um adulto é construída, necessàriamente, na infância.
Mais ainda: sôbre ossos débeis não se assentam músculos rijos.

CALCIGENOL
IRRAD ADO
é cálcio para uma estrutura sadia

ENGENHO & ARTE

Cigarro, muito pouco; dormir tarde, às vêzes; farra, jamais

JOGADOR
CONTINUAÇÃO

— E claro que não faço mais certas coisas. Uma noite em boate, que muito solteiro faz, dá mais prejuízo que fumar três maços de cigarro num dia. Acaba com a resistência.

O fumo também não é recomendável, mas como eliminar o vício é tarefa impossível, êle compra apenas um maço de Hollywood com filtro, tôdas as manhãs. Sai para jantar fora uma vez por semana, com a mulher e o filho de três anos, freqüenta alguns amigos e dorme cedo.

O início difícil

— Quer largar os estudos, larga. Mas não me venha se queixar, depois.

Nilo Battaglia respondeu assim à pergunta do filho, Roberto, que estava entre a escola e a vocação. Os dois, trabalhando juntos numa pequena oficina mecânica de consêrto de automóveis, conversam sôbre o futuro. O pai, no fundo, queria ver o filho vestir a camisa do clube predileto. E Roberto saiu em busca da fama, o que lhe custou largar o ginásio na segunda série e a especialização como torneiro-mecânico, ofício bem remunerado na indústria. Na adolescência cheia de perspectivas, subiu com rapidez no futebol. Foi o principal jogador do ataque na equipe juvenil em 1957. A imprensa falava nêle como esperança do futebol nacional. Roberto foi lançado no time principal do Corintians em 1958, com vontade de agradar a curto prazo. Muito jovem porém, imaturo, fracassou sob o pêso da torcida que, em massa, passou a rejeitá-lo com vaias e agressões. Foi emprestado para um clube de menores possibilidades — o Guarani, da cidade de Campinas — onde ficou todo o ano de 1961. Recuperou-se mas era inevitável: mesmo os bons atletas de equipes modestas são sempre considerados piores que os de grandes clubes. Roberto se destacou no Guarani mas, ao retornar ao Corintians, continuou rejeitado.

A personalidade de Roberto Battaglia, expostas à reprovação de todos, modificou-se a ponto de erguer em tôrno de si uma autodefesa contra público, jornalistas, dirigentes e companheiros de profissão:

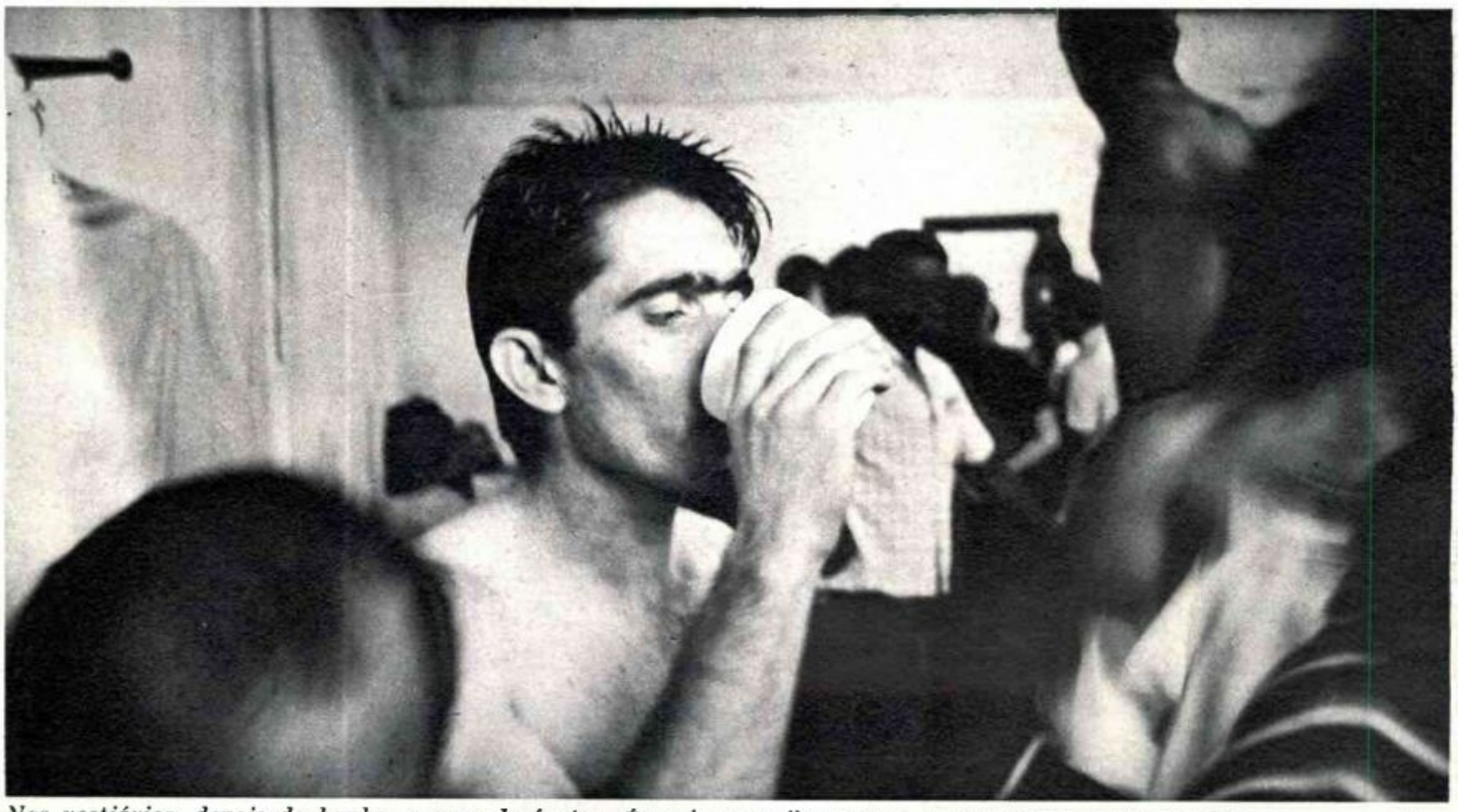
— O futebol é muito mais sacrifício e desgôsto.

Embora socialmente ajustado, o jogador quase sempre vive profissionalmente em tensão constante, resguardando-se como pode.

Roberto — para conveniência do clube, que não sabia como se desfazer de um problema, porque êle era marcado pela torcida — foi vendido para o Juventus da Itália, naquela época. Mas nem chegou a jogar, foi logo emprestado para o Catania, pequeno clube do Sul. Ganhava salários baixos e, como as derrotas eram constantes, as gratificações eram raras. O Juventus agiu como emprêsa: tendo investido boa soma no jogador, devia aguardar algum tempo para aproveitá-lo bem. Na temporada seguinte, Roberto foi reemprestado para o Atalanta, outro clube italiano. Era então, recém-casado: bem de amor, mal de profissão. Antes de começar o campeonato nacional, trincou o tornozelo e ficou quatro meses com o pé engessado. Voltou, afinal, aos treinamentos e recebeu a notícia da morte do pai. Nos seis jogos finais de que participou, o time perdeu cinco e empatou o último, em que êle foi expulso de campo. O dinheiro, então, encurtou, Roberto foi multado e teve que vender o carro para sobreviver.

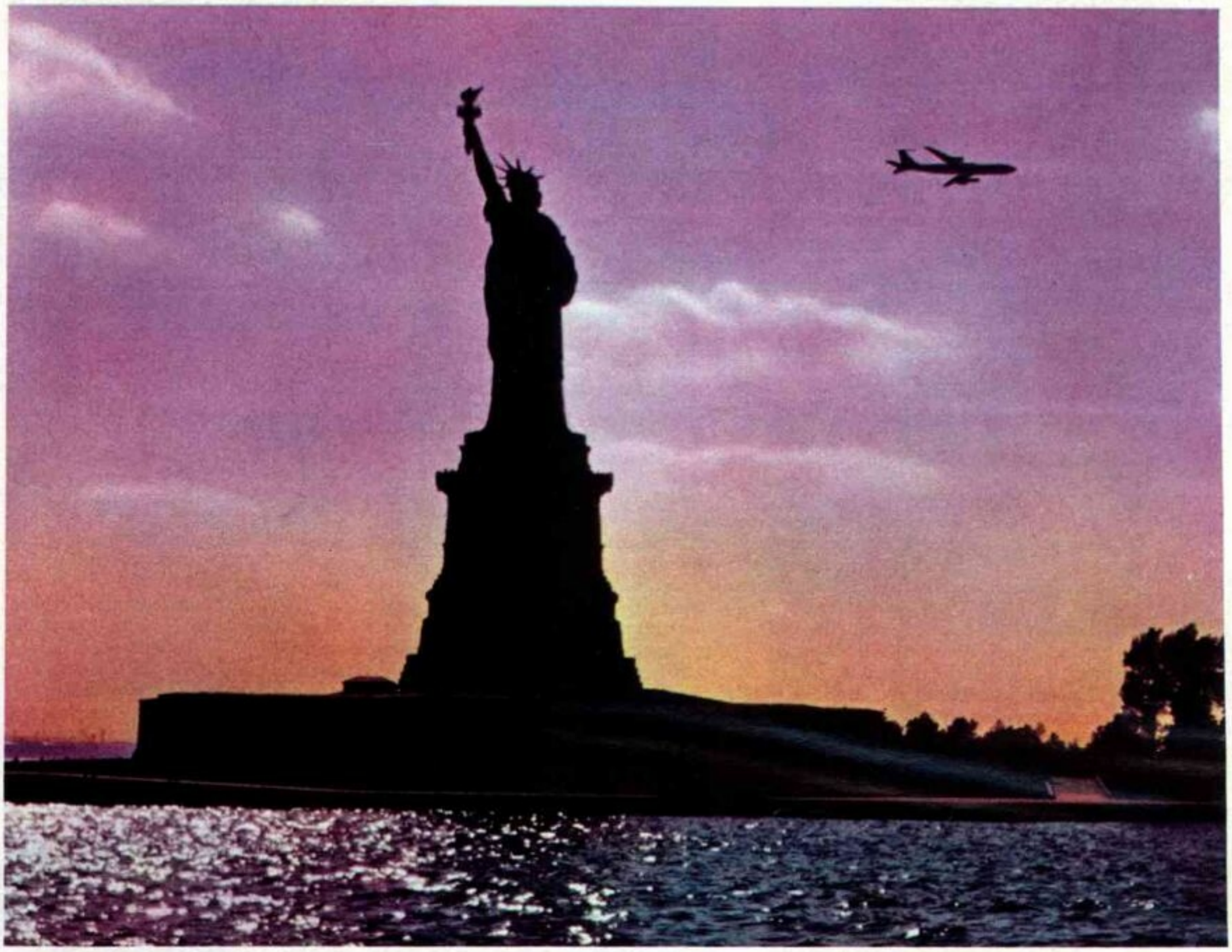
Alguns amigos do Brasil souberam da situação e convenceram o Corintians a pedir seu empréstimo. O Juventus concordou: também por conveniência estava se livrando de um jogador mal cotado no mercado.

SEGUE



Nos vestiários, depois do banho, o suco de frutas. É assim que êle começa a recuperar o pêso perdido durante o jôgo.

Seja bem-vindo.



Os E.U.A. querem conhecer você êste ano.

E nós queremos levá-lo até lá.

Do Grand Canyon ao Gôlfo do México, do Empire State aos estúdios de Hollywood, os E.U.A. o esperam de braços abertos em 1967. Jamais foi tão fácil ir vê-lo, a tarifas mais baixas que nunca. Voamos direto do Rio a New York. Ou a Los Angeles, San Francisco, Miami (também temos Jatos, para os EUA, de São Paulo, Brasília e Belém). Diga a que cidade americana quer ir — e terá a passagem. Basta chamar o seu Agente de Viagens e êle tomará conta de tudo. Ou chame a Pan Am. Depois, veja os E.U.A. com a boa sensação de saber que escolheu mesmo o melhor.

A linha aérea de maior experiência do mundo

Primeira na América Latina... Primeira sôbre o Atlântico... Primeira sôbre o Pacífico... Primeira ao redor do Mundo!

Rio de Janeiro: Avenida Presidente Wilson, 165-A - Telefone: 52-8070
São Paulo: Rua São Luís, 29 - Telefone: 36-0191
Outros escritórios em: Brasília, Belém, Belo Horizonte, Recife, Pôrto Alegre.

PAN AM

73.245

Tudo tem que ser feito com disciplina: até amor

JOGADOR CONTINUAÇÃO

Roberto Battaglia desembarcou em São Paulo com 54 quilos, o rosto encovado e algumas liras emprestadas por companheiros do Atalanta.

A reabilitação, por sorte

A casa de Roberto fica a 40 minutos do centro, escondida numa rua estreita de pouco movimento. Tem uma entrada pequena, à primeira vista parece em construção. Roberto se desculpa, diz que está providenciando reformas. Em frente da porta de entrada, um barzinho bem cuidado. Uma cortina branca filtra o sol que bate tôdas as manhãs na sala, onde cabem mais móveis que as duas poltronas, a mesinha, a televisão e três quadros. Ambiente neutro: o toque pessoal está ausente mesmo na decoração, e não há nenhuma fotografia sua. É que as lembranças ainda são amargas para que êle possa pendurá-las na parede.

O dormitório é pequeno e aconchegante — a cama do casal, o berço, a penteadeira e dois guarda-roupas, mobília barata, sem ostentação. Se os programas de televisão não o interessam, Roberto vai para a cama, acende o abajur e lê uma novela policial. Empolga-se com os detetives e a vitória inevitável dos justos. Pensa assim:

— Para quem sofreu tanto, mereço um pouco de sorte.

A casa custou 14 mil cruzeiros novos. Com as reformas no teto e nas janelas, passará a valer muito mais. A particularidade: no corredor que leva da sala à pequena cozinha, uma espécie de janelinha estabelece uma comunicação com a casa vizinha, onde moram seus sogros. Roberto e Marli se conhecem há nove anos e, mesmo assim, ela não se acostumou à vida do marido, obrigado a passar três dias por semana fora de casa, fechado em concentração.

Depois de pagar a casa — a última prestação foi completada em agôsto passado — Roberto pode pensar no automóvel. Sua nova fase chegou em boa hora, depois de permanecer mais de um ano sem executar seu trabalho de jogador. Vivia de um salário de 400 cruzeiros mensais, como substituto do titular, Marcos — mais jovem e mais bem visto pela torcida.

Foi por acaso: o técnico Zezé Moreira, contratado recentemente, acha que para se ganhar um jôgo importa mais a eficiência de Roberto que a beleza individual dos lances de Marcos. Nesta temporada, Roberto disputou 32 partidas, marcou três gols e não se machucou. As oportunidades para quem não tem o apoio do público aparecem uma vez na vida. Parece que Roberto sabe disso e dispõe-se a aproveitar a chance:

— Quanto mais vitórias, melhor, fico valorizado.

Conseguiu economizar 2,5 mil cruzeiros para dar de entrada no automóvel, que pretende comprar ainda êste mês e, em cada vitória do clube, recebe entre 300 e 400 de gratificação. O salário é fixo: 500 cruzeiros.

Quarta-feira, futebol

Roberto chegou indisposto, passara metade da noite sem dormir, velando o filho com febre. A balança acusou 59 quilos. Trocou de roupa e prestou atenção ao tornozelo esquerdo, levemente inchado. Sabia disso: a dôr aparece quando dorme mal. Protegeu o osso com duas bandagens de esparadrapo e saiu para o treino sem vontade. Com intenção de não se empenhar:

— Machucar em treino é coisa estúpida. Ainda se fôr em jôgo...

Não correu muito, procurou acompanhar de longe e, quando a bola estava entre êle e um adversário, não fazia questão de ganhar o lance.

SEGUE

A EDITÔRA ABRIL PROCURA JOVENS PARA UMA FASCINANTE REALIZAÇÃO JORNALÍSTICA.

SE VOCÊ ACHA QUE TEM TALENTO PARA ESCREVER E POSSUI DIPLOMA UNIVERSITÁRIO, APRESENTE-SE

A Editôra Abril — responsável pela publicação de REALIDADE, CLAUDIA, QUATRO RODAS e uma série de outras revistas de âmbito nacional — está a procura de jovens interessados numa carreira jornalística.

Procuramos homens e mulheres inteligentes e insatisfeitos, que leiam muito, sempre perguntam "por que" e queiram colaborar na construção do Brasil de amanhã.

Se você tem diploma universitário (seja qual fôr a especialização), gosta de escrever, e está com vontade de trabalhar muito numa profissão que pode lhe proporcionar grandes satisfações morais e materiais, escreva-nos dizendo: quem é você; em que se diplomou; quantos anos tem; onde nasceu; seu estado civil; no que já trabalhou e no que trabalha.

Em seguida, você receberá um questionário detalhado e — posteriormente — um comunicado marcando entrevista, ainda antes do fim do ano, nas cidades de São Paulo, Rio, Salvador, Recife, Brasília, Pôrto Alegre, Belo Horizonte ou Curitiba.

Após a entrevista, os candidatos escolhidos serão convidados a São Paulo (a Editôra Abril custeará passagens e estada dos candidatos residentes fora da capital paulista) para um curso intensivo de atualidades e jornalismo, durante 90 dias, com início em janeiro de 1968.

O resto depende de você.

EDITÔRA ABRIL

Escreva para
Diretor Editorial
Editôra Abril
Caixa Postal 2372
São Paulo

"UMA CAMISA ESPORTE TEM QUE SER REFRESCANTE COMO UM MERGULHO NO MAR?"

CAMISA ABBUD, TERGAL

tempo. É sempre assim: seu esfôrço pessoal anula as limitações técnicas. Como se entrega com dedicação, não compreende por que a torcida não gosta de seu futebol. Procura justificativas:

— O público gosta de ver gol.

E se os gols não aparecem, o público vibra com o jogador que sabe executar manobras habilidosas com a bola. Roberto não faz nem uma, nem outra coisa. Deve viver da simplicidade do seu futebol: recebendo a bola, passando-a a um companheiro bem colocado. De inteligência razoável, cumpre à risca as determinações do técnico, pensa bem e rápido antes de realizar cada jogada. Mas essa tarefa tem uma eficiência indireta que o público não enxerga: quando há o gol, o mérito é de quem chutou.

Sexta-feira, a concentração

À tarde, Roberto visita o bairro onde nasceu e cresceu. Tem muitos amigos — quase todos mecânicos, que fizeram fama de briguentos em campos de futebol. O primo Válter Battaglia lidera uma espécie de torcida organizada do ponta-direita Roberto. Recebe muitos cumprimentos: "Está todo mundo contente com você, Rô". O afeto com que é recebido lhe dá uma sensação de ser quase um ídolo.

Oito horas da noite. Roberto despede-se da mulher e do filho, que desejam boa sorte prometem rezar para que tudo corra bem. No caminho, pára num jornaleiro e compra dois romances policiais — série FBI. Não se preocupa com coisa melhor. Confessa:

— Não tenho cultura e não tenho vergonha de dizer.

Não se interessa por política e raramente compra jornais. O hábito se adapta à orientação do técnico Zezé Moreira que, por saber da insegurança da grande maioria dos profissionais, não gosta que êles leiam jornais, por causa das críticas que recebem. De maneira geral, jogador e torcedor se identificam na falta de opiniões firmadas e fundamentadas. São fàcilmente influenciáveis.

Roberto, antes das nove horas da noite, está instalado nunum pequeno apartamento da concentração. Fica dentro da se sede

Depois de 30 minutos de treino, Roberto pediu licença e foi dispensado. Na balança do vestiário conferiu seu pêso: perdera um quilo só. Levantou-se, tomou as vitaminas e seguiu para a cidade. Entrou num bar, pediu um chope:

— Isto é que é bom...

Quinta-feira, rotina

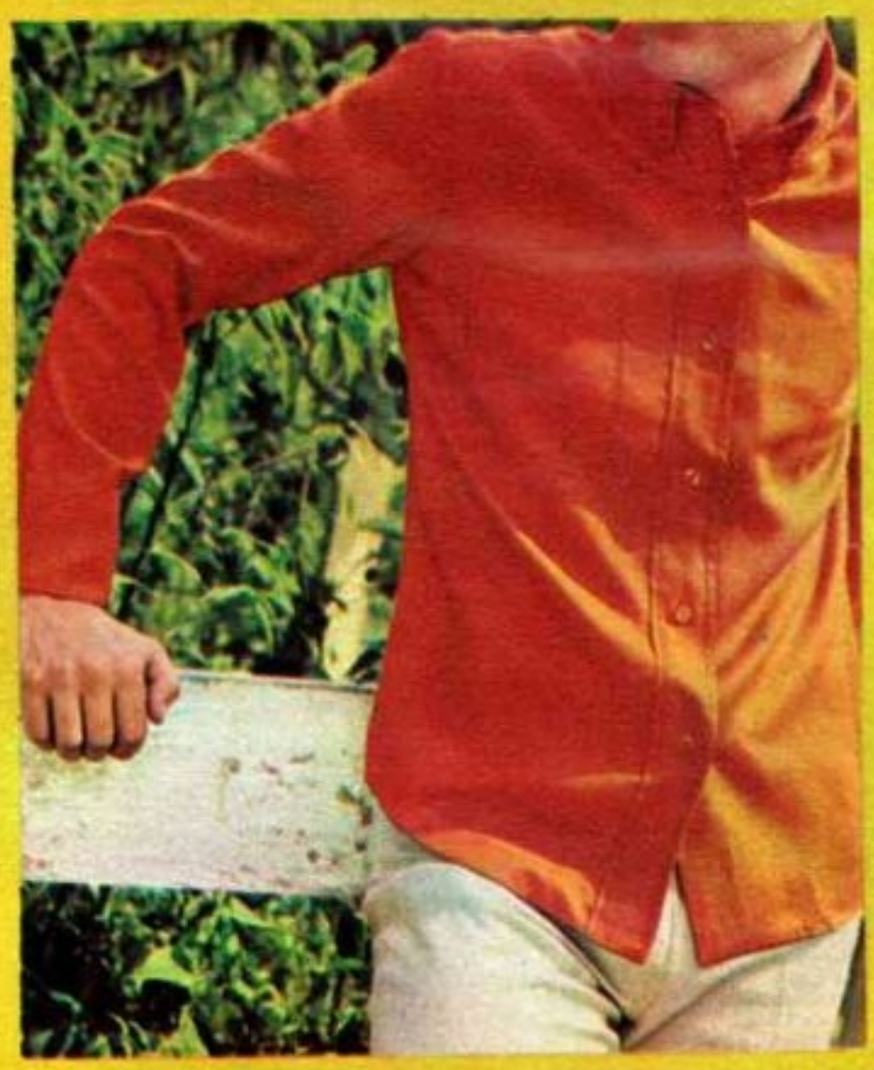
Com um calção surrado de treinamento, Roberto, às 9 horas da manhã, deita-se num estrado branco de metal para ser massageado nas pernas. Antoninho, especialista nesse serviço, apanha um sabão de côco, faz bastante espuma e esfrega forte. Com os dedos ágeis, aperta os músculos de cada atleta durante 20 minutos. Feita a massagem, passa uma pomada gordurosa e brilhante, que faz o sangue correr mais quente nas veias.

A tarefa de hoje é ginástica rápida. Roberto vai para o campo com os outros e ouve as ordens do preparador físico, o professor Teixeira:

— Vamos correr um pouco. Cada um dá 30 voltas pelo campo. São 12 mil metros.

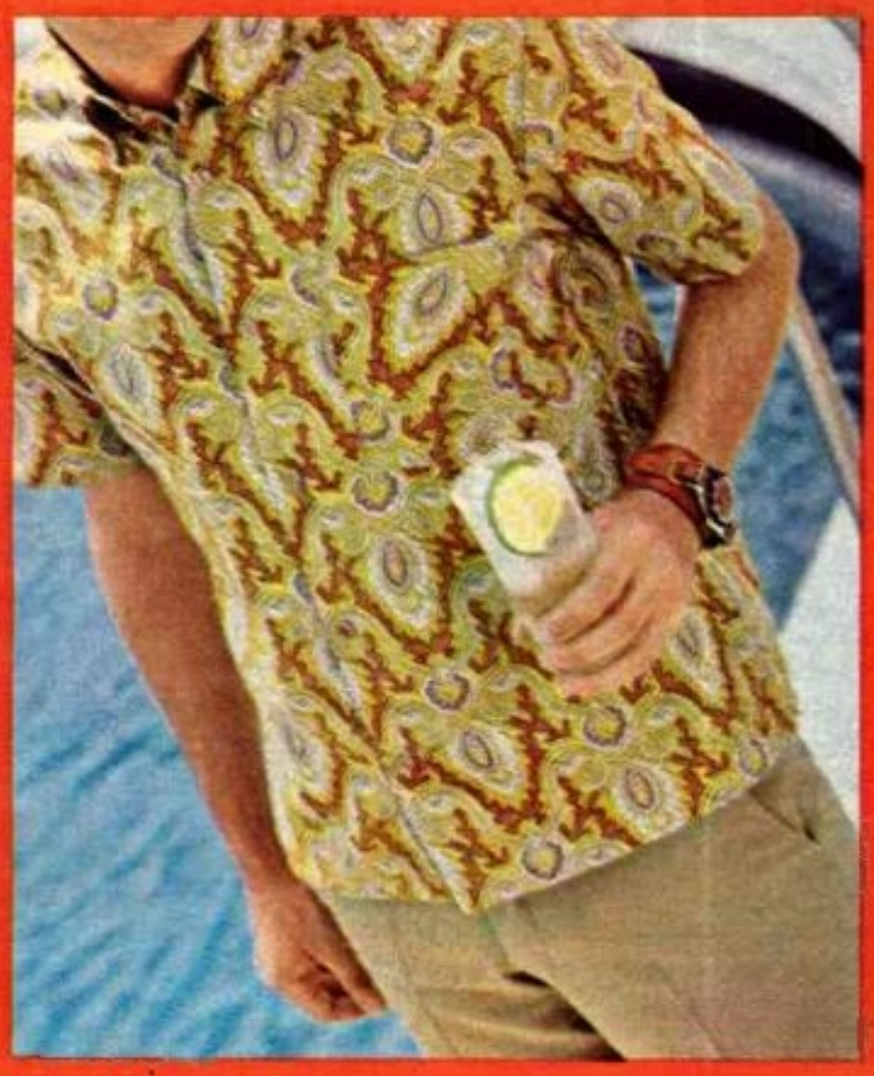
De cronômetro na mão, o preparador dá a partida para Roberto que vai respirando conforme o ritmo, agitando os braços compassadamente, enfrentando o sol. Meia hora depois vigésima volta. Tem vontade de parar mas, valentemente, completa o percurso. Cinqüenta e seis minutos. Se fôsse um corredor, o resultado já não seria mau, se bem que o professor Teixeira não dê muita importância à velocidade. O teste foi feito para avaliar o desprendimento do jogador. Roberto, um dos poucos a completar os 12 mil metros, obteve o melhor

"UMA CAMISA ESPORTE TEM QUE SER LEVE COMO AR DE MONTANHA?"



CAMISA ABBUD, NYCRON

"E TEM QUE SER BACANA COMO UMA VODCA-SAUER À BEIRA DA PISCINA?"



CAMISA ABBUD, ALGODÃO

do clube, atrás de um ginásio de esportes, no primeiro andar. Em cada apartamento, duas camas, guarda-roupa, mesa e luz fraca. Num salão de estar, amplo demais para que os atletas se sintam à vontade, êles se distraem jogando bilhar ou pingue-pongue. Alguns assistem televisão. Às dez, tomam um lanche leve.

Às onze horas, luzes apagadas. A disciplina é rigorosa. Durante o regime de concentração, ninguém pode sair, a não ser em casos excepcionais. Os onze homens devem estar perfeitamente aptos para apresentar o espetáculo, como os militares se preparam para uma batalha. Nesse ponto, os casados — como Roberto Battaglia — são mais úteis para o clube. Têm vida sossegada, sua atividade sexual é regular, adaptada inclusive às ausências periódicas de casa. E qualquer excesso, às vésperas de partidas difíceis, significa um risco desnecessário que não se deve correr.

Sábado, preparação

O Corintians joga no dia seguinte em Ribeirão Prêto, cidade distante de São Paulo cinco horas de viagem, por ônibus. A saída está marcada para uma da tarde.

De manhã, Roberto tomou o café reforçado: chocolate, frutas, queijo e omelete. Não há nada dentro da concentração que distraia realmente os jogadores. O médico Haroldo Campos explica:

— Temos jogos de salão, convidamos artistas para se apresentarem aqui. Mas não é como em casa, nem poderia ser.

Roberto sai para um terraço ensolarado. A tensão está começando: em véspera de jôgo, seu olhar se torna assustado e, embora não aparente, sofre com a possibilidade de uma derrota ou de um fracasso individual. São riscos que todo jogador comum enfrenta. Uma má apresentação pode causar pressões incontáveis: são jornalistas, torcedores e até diretores do clube pedindo seu afastamento. Dentro do futebol, a lei natural do mais forte prevalece. Êles são artistas pagos para mostrar seu talento, e dispõem de pouco tempo na vida profissional — dez a treze anos. Roberto ganhou consciência disso:

— Posso jogar mais uns sete anos. Mas o ano que vem, se Deus quiser, vou pensar num negócio pra fazer quando largar tudo.

Por enquanto, não pensa nisso, porque o conflito entre abandonar uma atividade pública e escolher outra, anônima e tranqüila, é de solução demorada.

A viagem para Ribeirão Prêto foi cansativa e monótona. Chegaram às sete horas da noite. Às oito, Roberto descansava numa cadeira. A camisa que vestia fôra oferecida por um torcedor do clube, dono de uma malharia. Seu guarda-roupa é simples: prefere côres discretas, e raramente sai de terno — sòmente em ocasiões especiais. Quase não se preocupa em comprar roupas, pois está sempre recebendo presentes de diretores ou torcedores. E, se o clube ganhar o campeonato estadual, a festa será grande. Além da gratificação alta — que deve chegar a 3 mil cruzeiros — virão brindes de valor: artigos elétricos, móveis, além da valorização profissional. Seu passe — o contrato obriga o jogador a pertencer a um clube — está prêso ao Juventus, da Itália, e o empréstimo expira em dezembro. Espera que o Juventus o chame de nôvo:

— Volto em condições muito boas. Não sou mais moleque, posso impor algumas condições.

Domingo, o jôgo

Pressão arterial: 11,7. Pulso: 61. Perímetro torácico, em repouso: 81 centímetros. Pêso: 59. Tudo normal.

Roberto sai da revisão médica apto para a partida e desce para o saguão do hotel, muito movimentado. É cumprimentado por moradores da cidade, dá autógrafos, mas os ídolos, naturalmente, são mais procurados. Roberto não faz questão de fama, acostumou-se ao anonimato do seu futebol. O jogapor Dino Sani é considerado o melhor homem do Corintians — experiente, técnico e líder natural. Impõe confiança aos companheiros, mas rende muito menos quando Roberto Battaglia não joga. Ambos são mais ou menos dependentes um do outro: Dino entra com experiência, Roberto com disposição física. No fim das contas, porém, as glórias da vitória vão para Dino Sani.

SEGUE

QUEM PENSA ASSIM É O SR. ABBUD, CRIADOR DAS CAMISAS CALOURO. CLAP? CLAP? CLAP? PALMAS PARA O SR. ABBUD.

CAMISA ABBUD, ALGODÃO

Sr. Abbud se trancou no seu estúdio à prova de som. Inventou a nova Coleção Calouro. Depois foi êle mesmo escolher os tecidos, os botões. E ainda deu uma olhada rigorosa em cada camisa, antes de pôr na caixa. Sr. Abbud não deixa por menos.

Confecções Abbud S.A. alta costura masculina. Rua 25 de Março, 1109

PODE UM CRISTÃO SER SOCIALISTA?

Pode um verdadeiro cristão servir ao capitalismo? Cinco autores católicos respondem corajosa e audaciosamente a estas interrogações cruciais de nosso tempo.
SOCIALISMO E CRISTIANISMO
de Jean Cardonnel, Raymond Domergue, Jean Bonneville, Hervé Chaigne, Michel Poirier.

JUVENTUDE E TEMPO PRESENTE
de Pierre Furter

A rebelião da juventude contra os mitos e preconceitos, analisada num livro indispensável a educadores e sociólogos.

A CORAGEM DE SER
de Paul Tillich

Um filósofo cristão aponta ao homem os caminhos para vencer as deformações de um mundo brutalizado.

LITERATURA E HUMANISMO
de Carlos Nelson Coutinho

Livro de um jovem pensador lukacsiano que revoluciona os conceitos de crítica literária no Brasil.

SOCIOLOGIA DO ROMANCE
de Lucien Goldmann

Livro apaixonante, que explica porque o homem inventa todo "êsse mundo" que é a literatura e a arte.

LANÇAMENTOS DA
Editôra Paz e Terra
distribuição da
Editôra CIVILIZAÇÃO BRASILEIRA S/A

Resultado: fêz 5 passes, perdeu 3 kg e ganhou o jôgo

JOGADOR CONTINUAÇÃO

Roberto Battaglia sabe disso e, sem confessar diretamente, gostaria que o público ficasse mais atento à sua maneira de jogar.

Almôço, tensão

Arroz, filé simples bem passado, purê, salada de tomate e água mineral. Laranja e pudim na sobremesa. Roberto come bem, repete o prato e, à uma hora da tarde, sobe para repousar. O almôço é de fácil digestão.

Duas e meia. O estádio do adversário, o Comercial de Ribeirão Prêto, está lotado. Os jogadores chegam do hotel e vão logo para o vestiário: dois bancos de madeira, um estrado de massagens, o balcão do roupeiro, a balança e a longa fila de chuveiros. A tensão aumenta à medida em que a hora do jôgo se aproxima. Roberto está preocupado, senta-se no banco e parece indeciso. Ouve palavra de estímulo: "Batalhinha Deus te ajude" — e troca de roupa. Vai até o balcão para receber cuidados especiais no tornozelo. O massagista aplica nove tiras de esparadrapo para dar firmeza às flexões do pé esquerdo. Em seguida, envolve o tornozelo com uma grossa bandagem de gaze. Roberto é massageado. São duas e quarenta. Logo depois, vai para um corredor e brinca com a bola. Está mais calmo: "Faremos o possível". O técnico Zezé Moreira chama seus homens para uma preleção, que tem o objetivo de dar tranqüilidade psicológica ao time, ao mesmo tempo em que fornece orientação para o sistema de jôgo a ser aplicado em campo. Fala pausadamente, seu tom é paternal:

— Não devemos ter mêdo de perder. Pelo contrário, quem deve ter mêdo são êles. Se tomarmos a iniciativa do jôgo, ganhamos fácil.

Roberto e os outros ouvem atentos as explicações. Recebem as camisas — a de Roberto tem nas costas o número 7 — e vão se encaminhando para o túnel que sai ao lado do gol.

Três e dez: os jogadores entram em campo, saudados com gritos e aplausos da torcida.

A vitória

Resultado: 6 a 2, vitória do Corintians. Roberto pegou na bola 51 vêzes e fêz apenas 8 passes errados. Os críticos gostaram de sua atuação, principalmente por ter dado os passes para dois gols, um dos quais êle mesmo poderia ter marcado. Não marcou por mêdo de perdê-lo — e se perdesse, sabia que a ótima conduta seria arruinada:

— Iam fazer a minha pele.

Em noventa minutos de jôgo, Roberto perdeu 3 quilos. Ao descer para o vestiário, recebendo parabéns de torcedores e diretores, sentiu-se mais vencedor que seus companheiros — por dar a prova, mais uma vez, da sua utilidade. Cansado, sentou-se no banco. Bebeu um gole d'água e descalçou as chuteiras empoeiradas. Tudo deu certo: o time ganhou, não se machucou e, cada vez mais, o título de campeão se aproxima. É uma conquista importante para Battaglia, seria a primeira como profissional — êle tem apenas uma medalha de campeão sul-americano das Fôrças Armadas, em 1959.

Podendo chegar até o fim da temporada em boas condições, sua situação estará mais folgada. Com a casa reformada e pronta para receber visitas, condução própria e reservas no banco. Serão as suas primeiras férias verdadeiramente tranqüilas:

— Sempre que chega o fim do ano, fico com mêdo. Ou campeonato termina, se a gente está mal, o público se esquece. E é duro, no ano seguinte, voltar a ser o que era.

Não tenha dó do sapato Samello.

Ref. 66 Mod. Spartan

Ref. 67 Mod. Solid

Samello faz sapatos para serem pisados, batidos, castigados. Eles duram tanto que se não fossem tão bonitos você ficaria enjoado de usá-los.

Desde o primeiro dia você pode usar os sapatos Samello como se êles fôssem sapatos velhos, daqueles que você não liga muito – êles são feitos para isso.

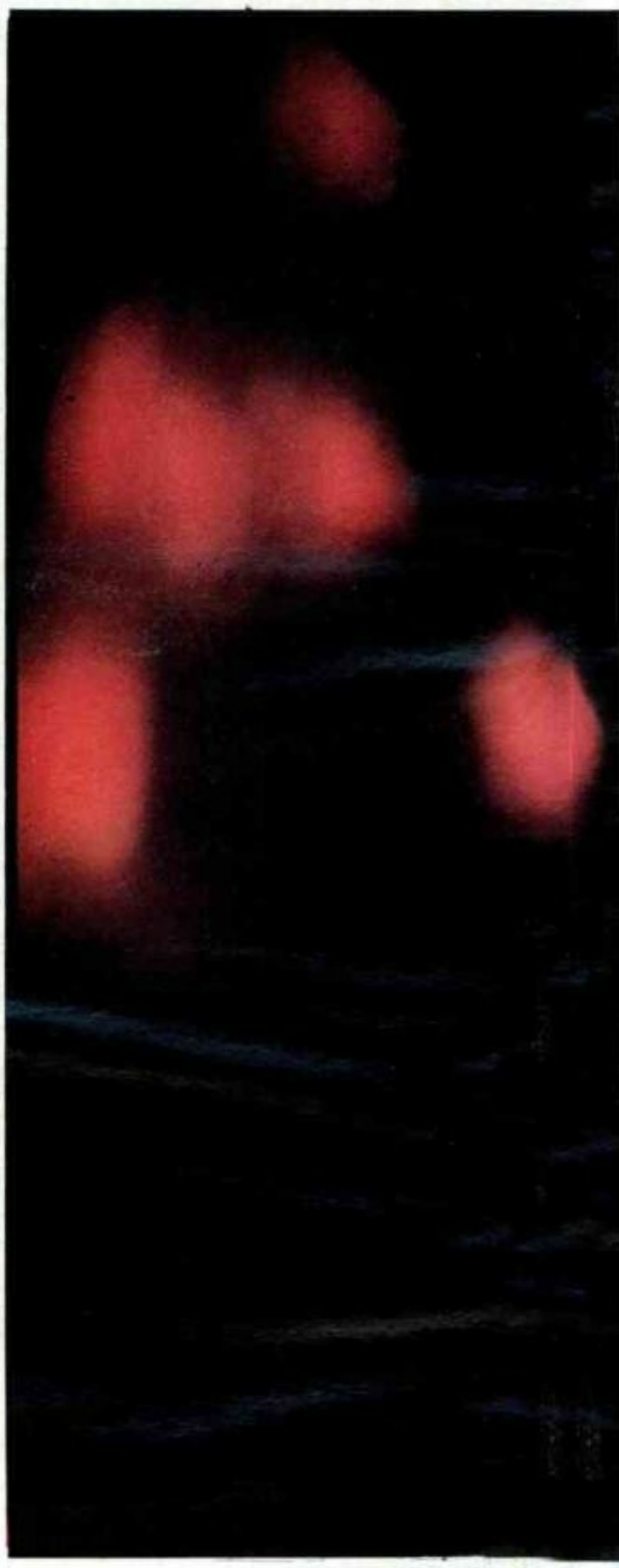
A única coisa que você deve fazer é engraxá-los de vez em quando.

O que não é pedir muito.

Samello

Ref. 14 Mod. St. Tropez

O QUE É MULHER BONITA?



Mulher bonita já foi rechonchuda na Grécia antiga, esguia e recatada na Idade Média, cheia de carnes e sensual no século dezessete, delicada adolescente no dezoito, serena ou quase triste no século passado. E agora? Em nosso século quem manda é o cinema, a televisão, a imprensa. São os meios de comunicação de massa que impõem novos modelos de beleza feminina. O primeiro mito do cinema, a partir de 1920, foi a **vamp**, mulher mistério, de olhos profundos, que fazia o homem sofrer. Em 1950 a vamp foi substituída pela **pin-up**, a mulher-objeto, utilizável, que divertia o homem — e só. O símbolo era Marilyn Monroe. De 1960 para cá, ninguém entende mais nada: estamos entre Brigitte Bardot, que muitos dizem parecer um bichinho; Lollobrigida, cheia de corpo; Jeanne Moreau, intelectualizada; Sophia Loren, exuberante; Ursula Andress, sensual; ou Twiggy, manequim inglês que mais parece um rapazinho (e neste caso, muitos psicólogos vêem um sinal de indecisão sexual de nossa década). Mas estas são as mulheres bonitas que ficam na moda, depois passam, substituídas por outros mitos. Na vida real, entretanto, beleza é ainda questão de gôsto pessoal. Um latino-americano pode achar lindo o corpo moreno de Sophia Loren, mas prefere sair com uma loura, o que socialmente lhe parecerá um sinal de prestígio. Um americano admirará muitíssimo o ar intelectual de Jeanne Moreau, mas pode querer namorar garôtas que usam trancinhas e enormes brincos, imitando as africanas: é o gôsto pelo exótico. Enfim, alta ou baixa, loura ou morena, magra ou rechonchuda, a verdade é que, segundo uma pesquisa americana, 72% dos homens se impressionam mesmo é com o aspecto físico das mulheres. E, como se trata de questão muito particular, é quase impossível encontrar duas opiniões iguais. Aí estão alguns exemplos disso: um tipógrafo, um motorista, um agricultor, um garçom, um compositor e um ex-presidente da República — cada um tem o seu tipo de mulher bonita, interpretado por cinco fotógrafos de REALIDADE.

Luis Carlos Paraná,
34 anos, compositor

FOTO DE OLIVIER PERROY

Róseas mulheres de Renoir

"Para mim, só um pintor conseguiu retratar a beleza feminina ideal: Renoir, com suas mulheres claras e rechonchudas."

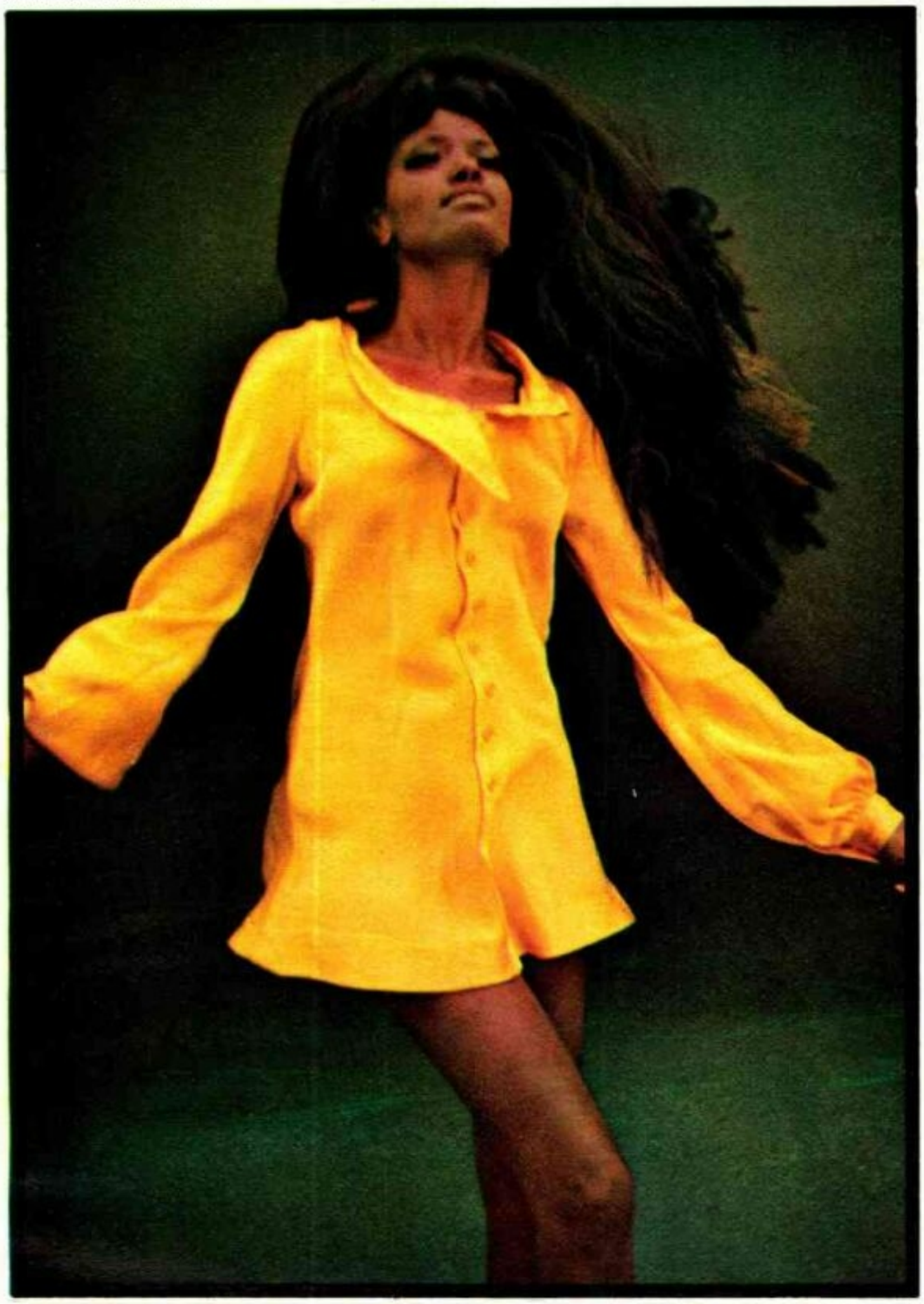
Flor na hora certa

FOTO DE CLÁUDIA ANDUJAR

"Môça bonita é flor. Pode ser violeta, rosa, margarida, mas tem que ser prestimosa e muito quieta. E aparecer na hora certa, de tarde, quando eu saio do trabalho e tudo fica lindo."

Belmiro Celestino,
45 anos, chacareiro

FOTO DE LENITA PERROY



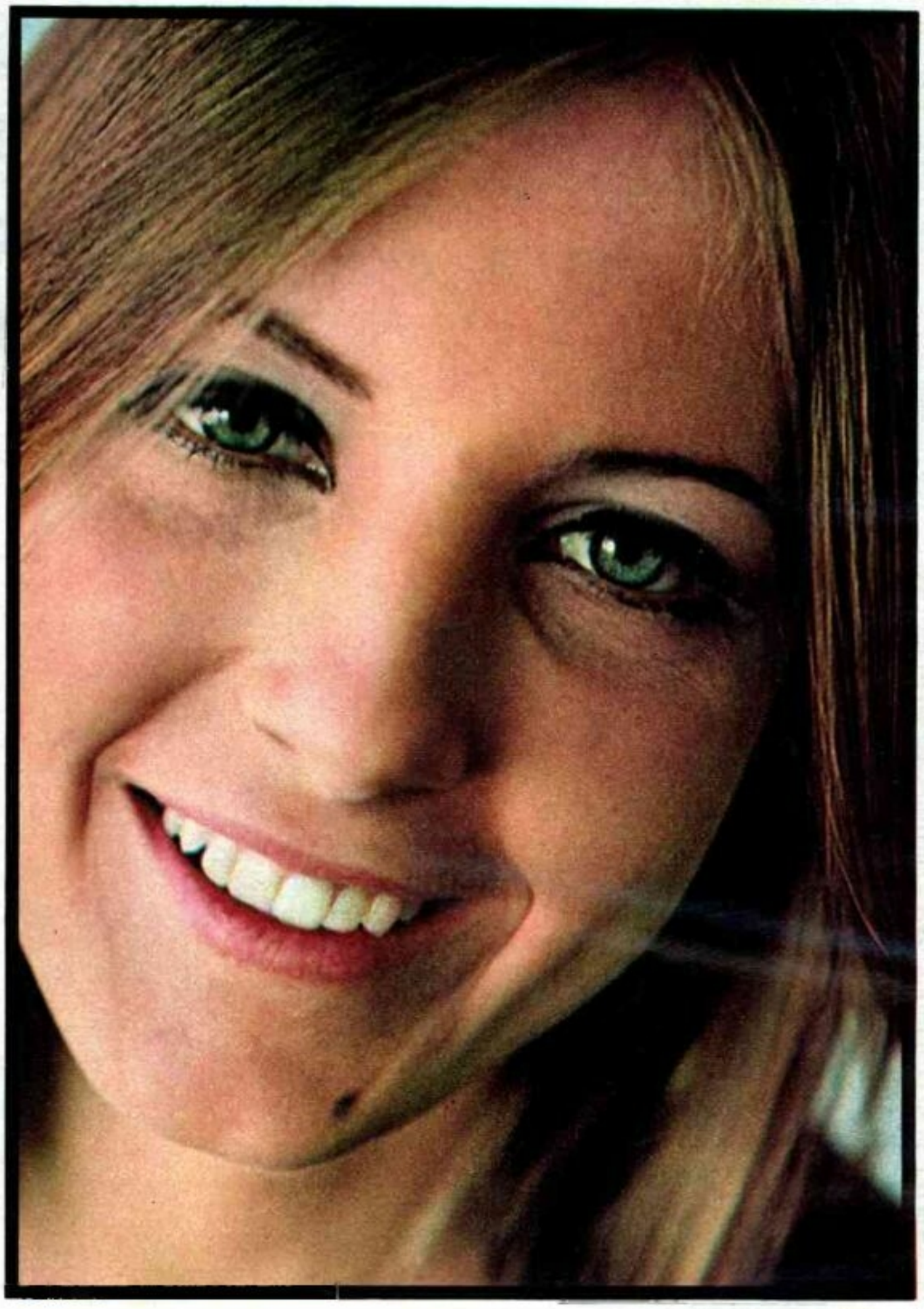
Na roda do samba

"Ela tem que ter simpatia, não pode ter tristeza. E, quando a gente olha para ela, é bom ver um sorriso de ôlho prêto, a saia rodando, como se fôsse dançar um samba."

Nélson Sabino de Andrade.
21 anos, garçom

Loira, para morrer cedo

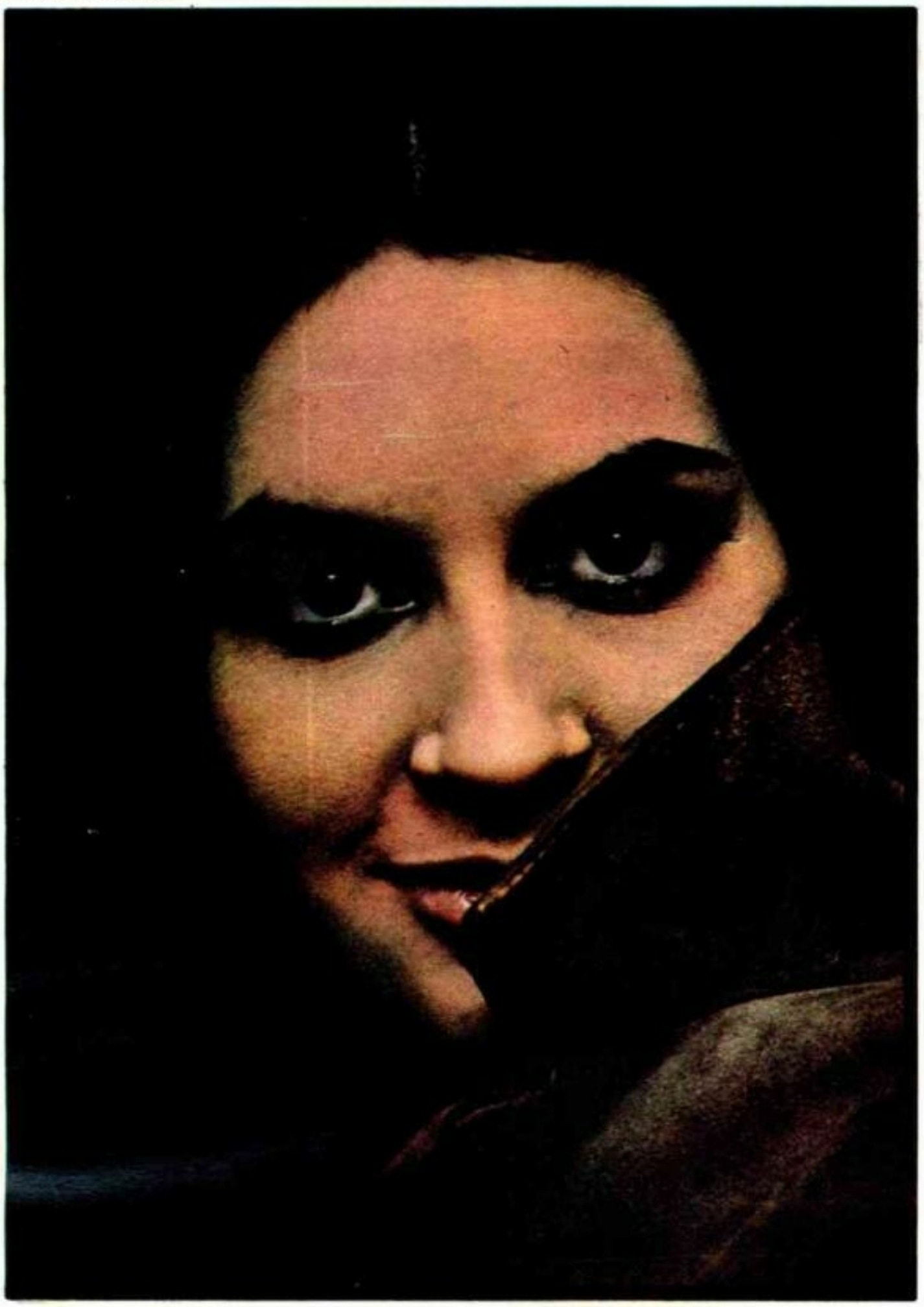
FOTO DE CLÁUDIA ANDUJAR



"Mulher que é bonita fica bem em qualquer lugar. Eu conheci uma assim, quando tinha 18 anos e morava no Paraná. Era loira, tinha ôlho verde. Se eu mandasse alguma coisa, mulher loira morria aos 20 anos. Depois dessa idade vai fenecendo..."

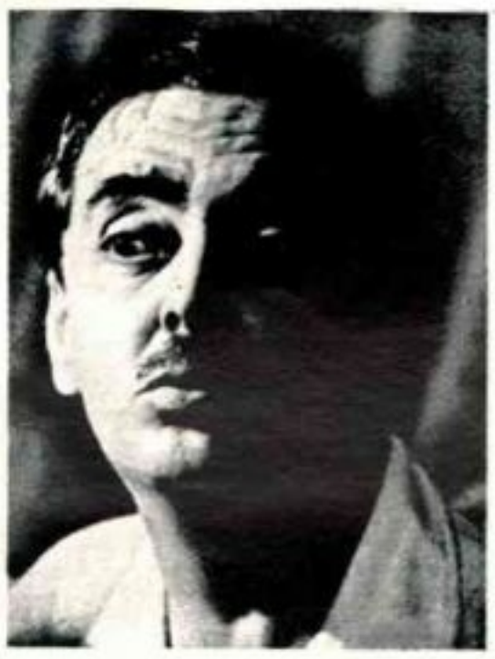
Alessandro Urbani,
36 anos, motorista de táxi

FOTO DE ZÉPINTO



Mar ou pôr de sol

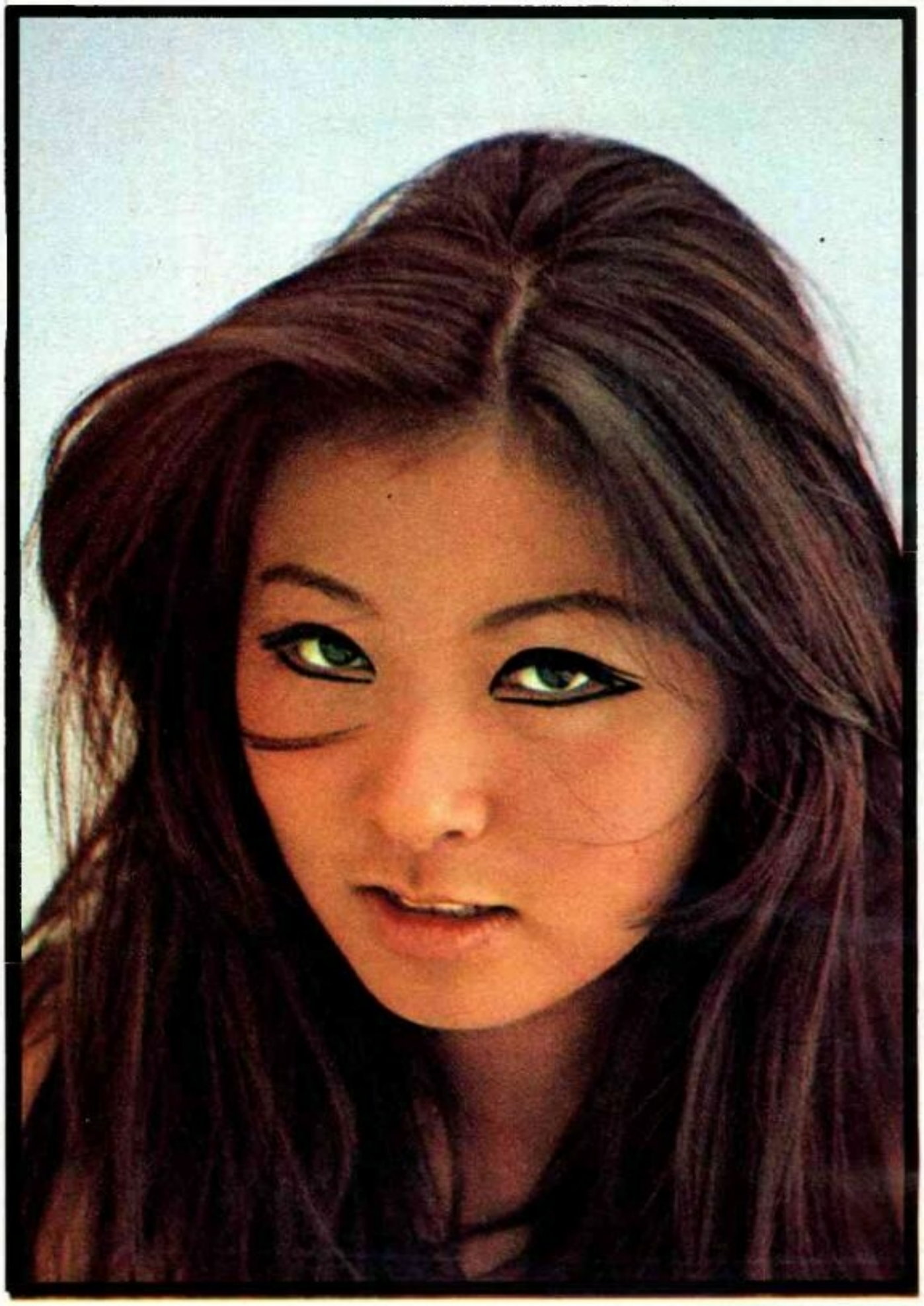
"O que é uma mulher bonita? Pode ser um pôr de sol, ou o mar fervendo e bramindo nas rochas. Ou olhos surpresos, com ingenuidade de santa ou malícia de demônio."



Jânio Quadros, 50 anos, professor de português e ex-presidente da República

O amor nasce do oriente

FOTO DE ROGER BESTER



"Mulher bonita? Ah, tem que ser japonêsa! Ela tem cabelos lisos, os olhos meigos e é muito amorosa."

Adauto Serapião de Oliveira, 25 anos, linotipista

sardinhas Coqueiro

no aimôço. no jantar.
no aperitivo. no lanche.

sardinhas Coqueiro

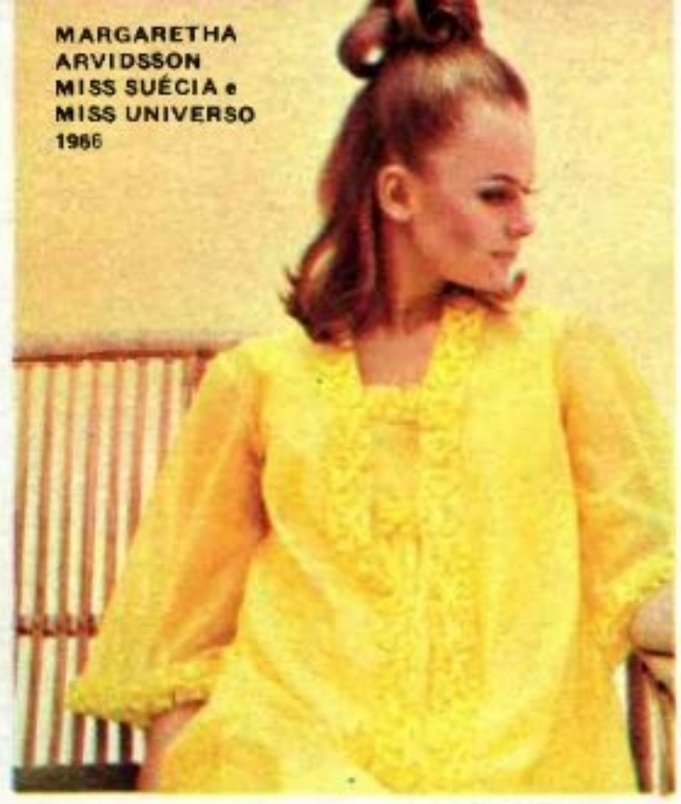
esterilizadas na lata:
sempre puras, saborosas,
nutritivas.

sardinhas **Coqueiro**

grátis

nôvo livro de receitas Coqueiro
ilustrado a côres:
65 sugestões de helena b. sangirardi.
receba-o gratis escrevendo para:
c. postal 142 niterói e. do rio

Provamos aqui que as mulheres mais lindas do mundo usam lingerie Valisère.



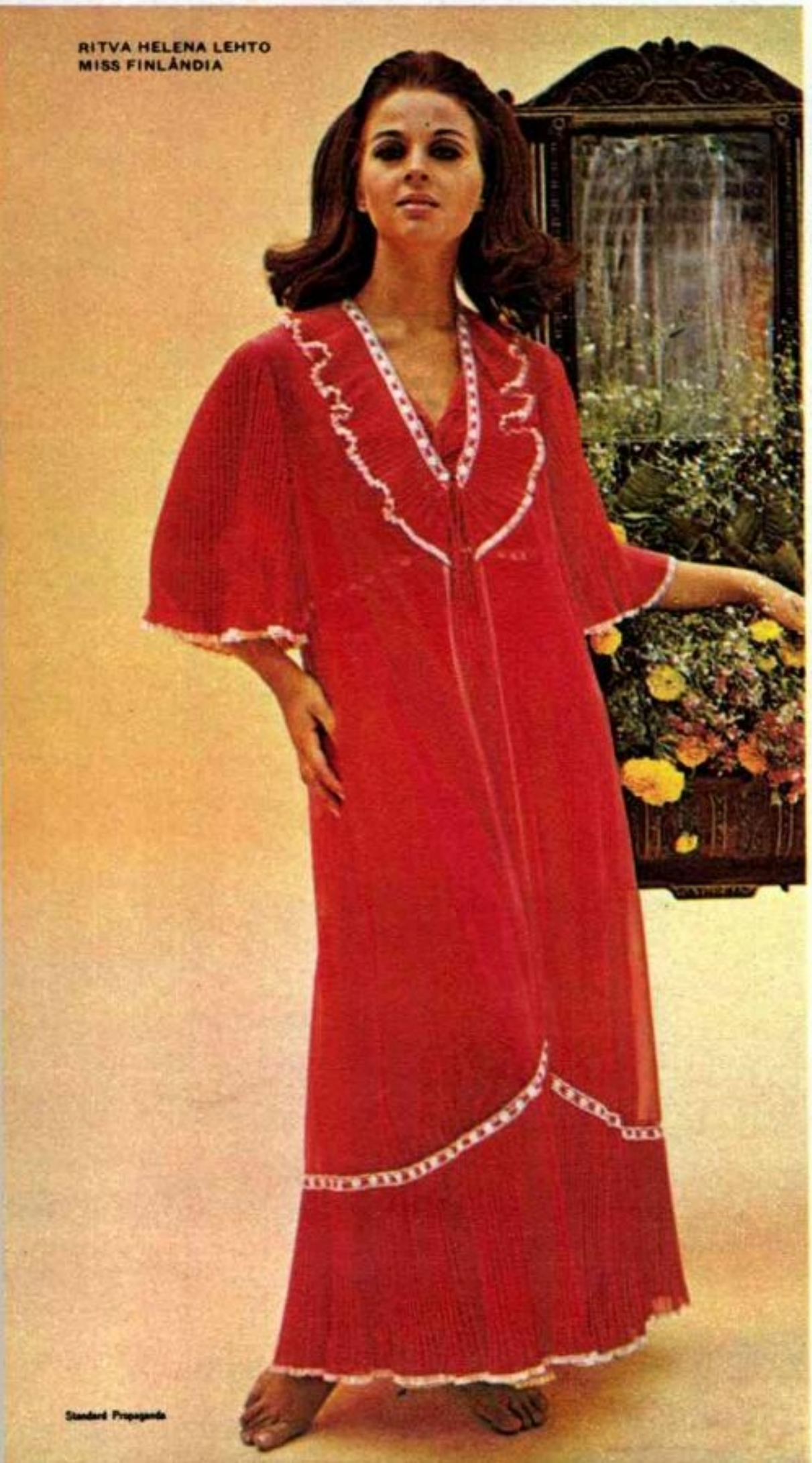
Experimentamos a nova Coleção de Lingerie Valisère e seus preciosos tecidos em algumas das mulheres mais lindas do mundo. E o que pudemos constatar é o seguinte:
não é preciso haver ganho um concurso de beleza para ficar linda, linda, linda com essa nova Coleção.
Valisère chamou **Désir** a sua nova Coleção. O nome diz tudo.

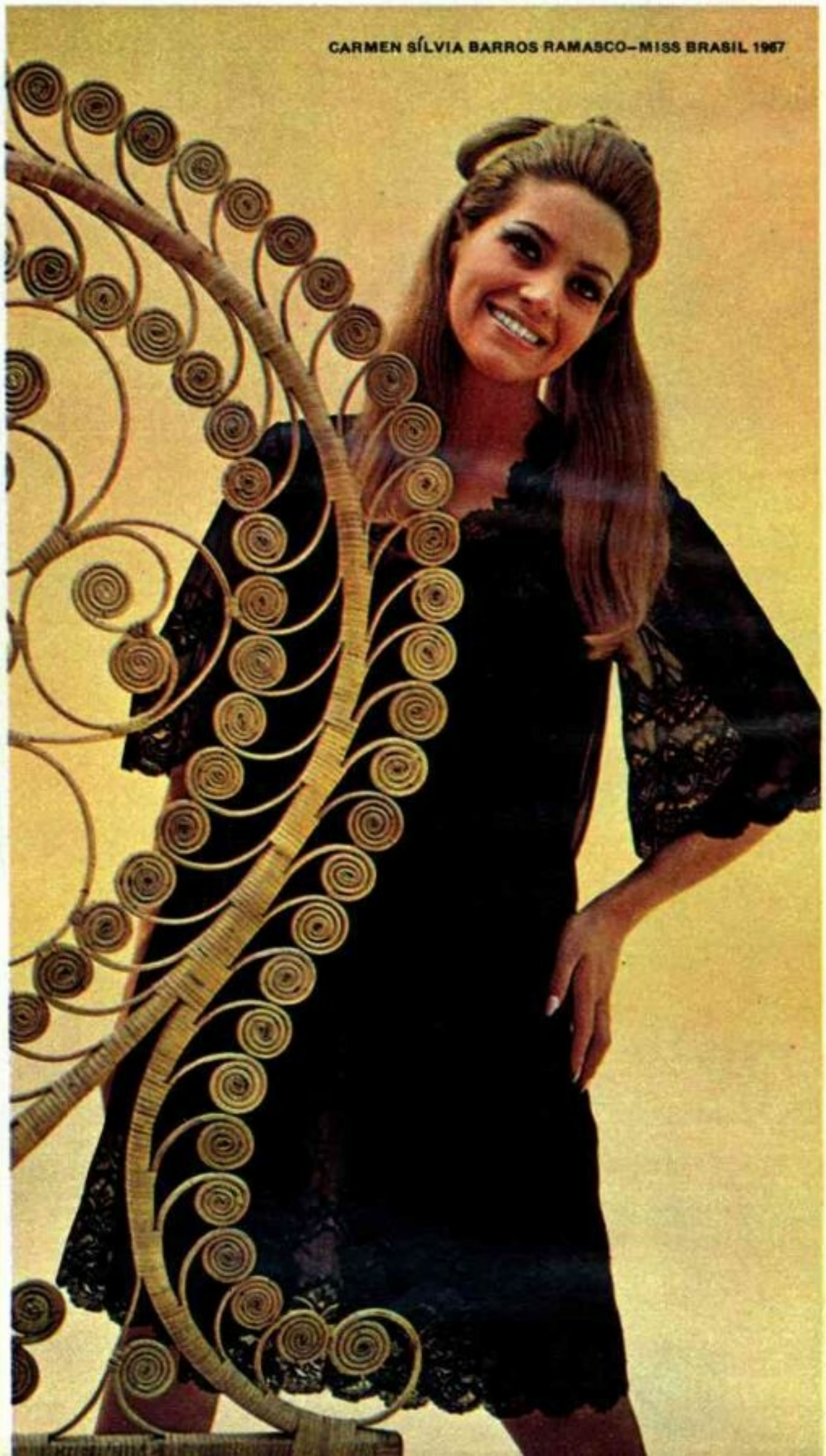
lingerie

Valisère

antissèticamente pura, graças ao processo Sanitized

RHODIANYL





Standard Propaganda

MARIELA PEREZ BRANGER—MISS VENEZUELA

SYLVIA LOUISE HITCHCOCK - MISS UNIVERSO 1967

Foto de Geraldo Mori

ÊSTE HOMEM NÃO BRINCA EM SERVIÇO

Texto de João Antônio

Vamos entrar no salão

O prédio, de ordinário, é velho, imundo, descorado, e em suas paredes sobram suores, tensões, histórias. À entrada ficam tipos magros que vagabundeiam, esbranquiçados ou encardidos, mexendo a prosa macia que verifica pernas, discute jôgo e conta casos, com as falas coloridas de uma gíria própria, tão dissimulada quanto a dos bicheiros, dos camelôs ou dos turfistas. A entrada é de um bar comum, comum. Como os outros. Mas êste é um fecha-nunca, ôlho aceso dia e noite. Mantém pipoqueiro, engraxataria, banca de jornais. E movimento. Adiante é que estão o balcão das bebidas, o salão de barbeiro, a manicure, talvez até a prateleira de frutas. Depois, as cortinas verdes, em todo o rigor do estilo, ou, mais simplesmente, a porta de vaivém. E, a um passo, se cai na "bôca do inferno", também chamada salão, ou campo, ou casa, ou bigorna, ou gramado. O nome mais usual e descolorido é salão de bilhar. É lá que se ouve, logo à entradinha, uma fala macia enfeitada de um gesto de mão, um chamamento e uma ginga de corpo, como uma suave declaração de guerra:

— Olá, meu parceirinho! Está a jôgo ou a passeio?

Jogar o joguinho

Um salão é feito de homens e de bolas. Com taco e com giz, os homens "correm" atrás das bolas que correm atrás das caçapas. Tudo isso se passa em cima das mesas verdes, que têm altura de 82 centímetros, largura de metro e meio e comprimento que é exatamente o dôbro — 3 metros. Uma mesa tem seis caçapas, pequenos sacos de couro curtido, com a circunferência de 25 centímetros, onde o jogador emboca, mata ou encaçapa as bolas. Numa das metades da mesa está um semicírculo traçado a grafite, onde ficam as principais bolas de menor valor, no comêço das partidas de sinuca simples. Cada bola tem 17 centímetros de circunferência e alguns quilômetros de angústia para o jogador. O taco mede entre 130 a 140 centímetros. Há muita divergência se as bolas são de marfim ou não. Os fabricantes e os donos dos salões garantem que sim. Os perdedores do joguinho asseveram que são "uns estrepes feitos de massa colorida". Em geral, as bolas, quando menores, têm marfim e, se maiores, são de massa.

Tudo isso varia pouco, pouco. Mas a sinuca se joga com a bola vermelha valendo 1 ponto, a amarela valendo 2, a verde valendo 3, a marrom valendo 4, a azul valendo 5, a rosa valendo 6, e a preta, caroço de maior valor, valendo 7 pontos. A bola fundamental, com que se pode encaçapar as outras, é a branca, caroço fatídico, que não pode cair na caçapa e, caindo, representa prejuízo igual aos pontos arriscados na jogada.

No taco, para que não espirre ao tocar na branca, se passa giz na extremidade superior, chamada cabeça. O giz pode ser nacional, e não presta. Ou pode ser americano e é o usado pelos profissionais do joguinho. Que alertam:

— O nacional parece areia. O estrangeiro é macio como pomada.

Os profissionais usam instrumentos refinados. Tacos desmontáveis, chamados de rôsca, que podem até aumentar ou diminuir de pêso. SEGUE

FOTOS DE ROGER BESTER

O marcador de pontos é o livro de registro das partidas; o giz americano é um código — só anda na mão de profissionais; as peças de trabalho no joguinho são quase tôdas desmontáveis, francesas ou norte-americanas, e são também um privilégio dos sabidos; pela pegada macia no taco se pode medir a qualidade do jogador.

É natural que Atkinsons faça os sabonetes com os melhores perfumes.

Atkinsons é perfumista!!!

Atkinsons entende muito de perfumes.
Atkinsons entende muito de mulheres.
Portanto, Atkinsons tinha tudo
para fazer sabonetes. E fêz.
Resultado:
Ninguém havia conseguido
nada tão feminino e com tanto
perfume para o seu banho.
Sandalwood! Pine!
White Lilac! Cologne!
(Encontrados também em caixas
de três, para presente.)
Inevitàvelmente, você vai se apaixonar
por êles. Inevitàvelmente!

Em tempo: A Linha de Banho Atkinsons
inclui também Talcos com as mesmas
deliciosas fragrâncias dos Sabonetes.

Você pode esperar muito
de uma criação Atkinsons.
Porque Londres é a cidade mais ousada
do século XX, e Atkinsons veio de lá.

Lintas

Está começando o espetáculo

SINUCA CONTINUAÇÃO

Carregam essas armas importadas dos Estados Unidos ou da França, em suas viagens pelo Brasil, à procura de parceiros bons ou simplesmente de otários cheios de dinheiro, "que lhes amansem a pisada". Têm estojos especiais, também importados e trancafiados a chave.

Os profissionais usam uma linguagem especial, desnorteando novatos e confundindo curiosos. Com o aparecimento do cruzeiro nôvo, algumas notas saíram de circulação e, àquela altura da economia nacional, algumas outras já haviam deixado a sinuca fazia muito tempo. Bem. Mas o fato é que o sabido da sinuca sempre teve, por exemplo, uma língua particular para tratar do dinheiro, uma das suas grandes aspirações.

Cinco cruzeiros antigos chamavam-se cachorro ou cão. Dez eram um coelho. A nota de vinte era chamada peru. A de cinqüenta, um galo. A cédula de cem era uma perna, uma gambeta ou uma gâmbia. A de duzentos, um duque ou duas gâmbias ou duas pernas. A de quinhentos, uma quina ou cinco pernas ou um dom joão.

Hoje, a quina continua quina. A nota de um cruzeiro nôvo se chama cabral, jirau, nota de conto, pedro, pedrinho, pedroca. A cédula de cinco cruzeiros novos atende pelo chamamento de barbudo, enforcado, corda no pescoço ou tiradentes. A de dez cruzeiros novos se denomina aviador ou chapeludo.

Na sinuca o dinheiro tem muitos nomes e, às vêzes, é até chamado de dinheiro. Quando não, tem aproximadamente êstes apelidos: carvão, mocó, gordura, maldito, tutu, pororó, mango, vento, granuncha, sêda, gaita, grana, gaitolina, capim, concreto, abre-caminho, cobre, nota, manteiga, agrião, pinhão, positivo, algum, dinheiroso, aquêle um, luz, massa, milho, arame, bronze, ouro, ferro, pataca, prata e bufunfa.

O otário, essa entidade

Bilhar para os família, **snooker** para os bens comportados e joguinho para os malandros, malandrinhos e malandrecos, todos profissionais convictos e alguns sem salvação, o ciclo da sinuca jogada a dinheiro continua aí, em São Paulo, no norte do Paraná, em Belo Horizonte, em Campo Grande, no Nordeste, em todos os bairros do Rio de Janeiro ou em qualquer salãozinho do interior do Brasil.

O mundo verde dos parceirinhos e sabidos vai dando um espetáculo humano de códigos, éticas, manhas, picardias, marmeladas, dissimulações, tramóias, brilhos e tragédias. É uma faixa autônoma dentro da própria malandragem geral. Que não admite intromissões de outras áreas, criando a sua própria diversidade — num salão de sinuca se joga o jôgo de vida, o vinte-e-um, o mata-mata, a parceirada, o torneio, a carambola de caçapa. Mesmo a sinuca pròpriamente dita é jogada muito variadamente, em têrmos de número de bolas e segundo convenções individuais de cada par de adversários. E até de cada partida em particular. Na sinuca, cada jôgo é cada jôgo. E cada um tem a sua chave própria.

Ali se mexem — entre partidas caras e baratas — supetões, vibrações, suor frio, sorrisos e pragas, palavrões e cantorias. E dinheiro (ou principalmente). Misturam-se otários e sabidos, patrões e empregdos, curiosos e fanáticos. Os sabidos pràticamente não comem, nem dormem, porque estão **a trabalho**, e são magros, olhos fundos, a pele dêsse amarelo esbranquiçado de quem vara meses sem ver o sol. Andam quilômetros ao redor das mesas, o taco na mão, o cigarro no bico, em paradas que podem variar de 5 a 12 ou 15 horas de jôgo.

Ali a vibração se multiplica e se distribui nos pormenores mais escondidos, e cada coisa tem seu motivo e sua intenção. Na sinuca não há fricotes, e até os fricotes escondem um objetivo, uma picardia. Tudo tem seu porquê — o dinheiro das apostas que vai para o fundo das caçapas, o giz e a qualidade do giz que se esfrega na cabeça dos tacos, o marcador de pontos e suas adulterações. Até o banco lateral, onde a assistência e a torcida se sentam, é uma instituição de todo salão que se preza, fazendo desfilar um corredor de misérias e suores frios, com gente varando dias e noites, engolindo sanduíches, cafés, ou cochilando, apostando ou apenas (ah, os velhos mendigos dos salões de sinuca!) curtindo fome e sono sem fazer barulho.

SEGUE

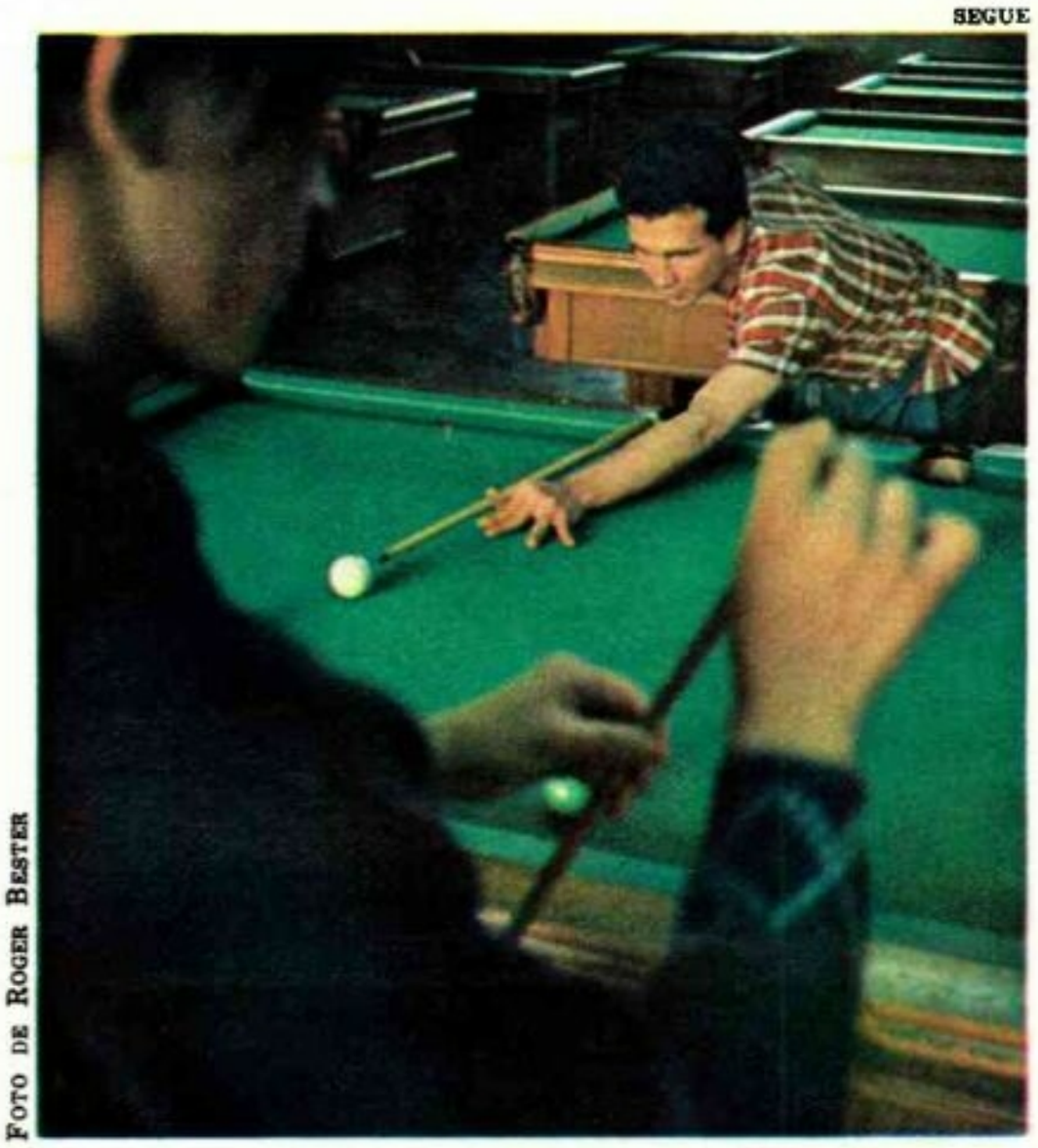


FOTO DE ROGER BESTER

FOTO DE GERALDO MORI

O taco buscando a branca, o caroço fundamental em qualquer parada. Se ela entra na caçapa é o suicídio.
A branca é a dolorosa bola-mãe. Na definição malandra: "a mesa é triste como uma branca que cai".
Ela faz ganhar alguns pontos ou perder todos os pontos de uma tacada.

Sol e sal. Brisa marinha.
Aventura. Ritmo impetuoso.
Alegre. Jovial.
O ritmo da vida moderna.
E um cigarro moderno.

Capri

CIA. DE CIGARROS SOUZA CRUZ

GRANT-R-1744

Palmas, alegria: chegou o otário

SINUCA CONTINUAÇÃO

Otário, coió-sem-sorte, estrêla, mocorongo, cavalo de têta, zé-mané, loque, pixote, trouxa, pangaré, jóia, pato, paca são os nomes nacionais com que naquele território humano se denomina um animal vulgaríssimo, porém fundamental para a sobrevivência do joguinho. Sem êle não há perspectivas nem para os iniciados nem para os sabidos. Sem êle, a malandragem na sinuca é um martelo sem cabo. No entanto, canalha à sua maneira, êle é o homem que invade o salão à cata de divertimento, jôgo fácil, lucro rápido, volumoso e certo. E principalmente muito riso. Essa gula o perde. No fundo não passa de um afobadinho (que a malandragem chama de abofadinho), que chega sempre ao salão carregando dinheiro como se fôsse empreender um investimento líquido e infalível, já sonhando com vitória. E o afobadinho, como dizem os cobras da sinuca carioca, "acaba comendo cru". E o que se come cru, "desce quadrado". A acurada observação do malandro estabeleceu uma filosofia acêrca dêsse tipo:

— Pra quê trouxa quer dinheiro?

Quando chega o pagamento

Êle é um homem que jamais acredita na sua inferioridade. Por isso é um inveterado e um prisioneiro. Não desenvolveu autocrítica, nunca sequer passou em revista o seu modo de jogar. Passa por todos os ambientes e realmente não enxerga nenhum dêles. Ou antes, os ambientes é que passam por êle. Mas não ficam nêle. É o tipo que, na mesa de sinuca, pode ser batido 31 noites por mês e jamais se convencerá da mediocridade do seu taco. Na linguagem ambiente é o homem malhado, mordido, beliscado, furtado, entortado, quebrado, entronchado, roubado e assaltado. É, numa palavra, o parceirinho. Mas êsse otário ofertado, em profundidade, é aquêle que alimenta os salões de sinuca. Ainda na fala do malandro é o bandeira, o papagaio enfeitado. É, enfim, o dinheiro que chega, e os malandros, braços no ar e sorriso aberto, o saúdam à sua entrada gloriosa no salão:

— Chegou o leão, chegou o dinheiro, chegou o nosso pagamento!

Quando perde ou quando ganha, não sabe perder ou ganhar. Na segunda situação não reconhece quando está sendo engrupido, adoçado, aliciado para perder paradas futuras, e dá alarde aos seus entusiasmos, desacata o adversário, zomba, tripudia. Se perdedor, é o típico mau cabrito. Esperneia, vocifera, pragueja, faz uma jeremiada mais parecendo um bebê, se desarticula, ofende o adversário e apronta ingresias. Por uma asa de barata, por um nada, perde a linha. Mau ganhador e pior perdedor. Enfim, é um homem que briga consigo mesmo na frente de todos.

Com qualquer dose de lucidez em têrmos do joguinho se percebe claramente que o trouxa representa um absurdo. Sua triste figura chega ao patético. É sempre um trabalhador, muitas vêzes operário, pobre, morando de aluguel e morando mal e longe, vizinho de uma classe média bastante decadente. Quase sempre casado, com alguns filhos no lombo, um homem de vida brava. Mas esbagaça dinheiro na sinuca. É só ter para perder. Em poucas horas, suas gratificações e salários extras voam e, às vêzes, vai a extremos — é aí que deixa o leite das crianças. Freqüenta sinuca à noite, depois das sete ou oito, após o batente e sem janta na barriga, e ali passa seus sábados, domingos, feriados e dias santos de guarda. É um prisioneiro.

O ambiente é de respeito

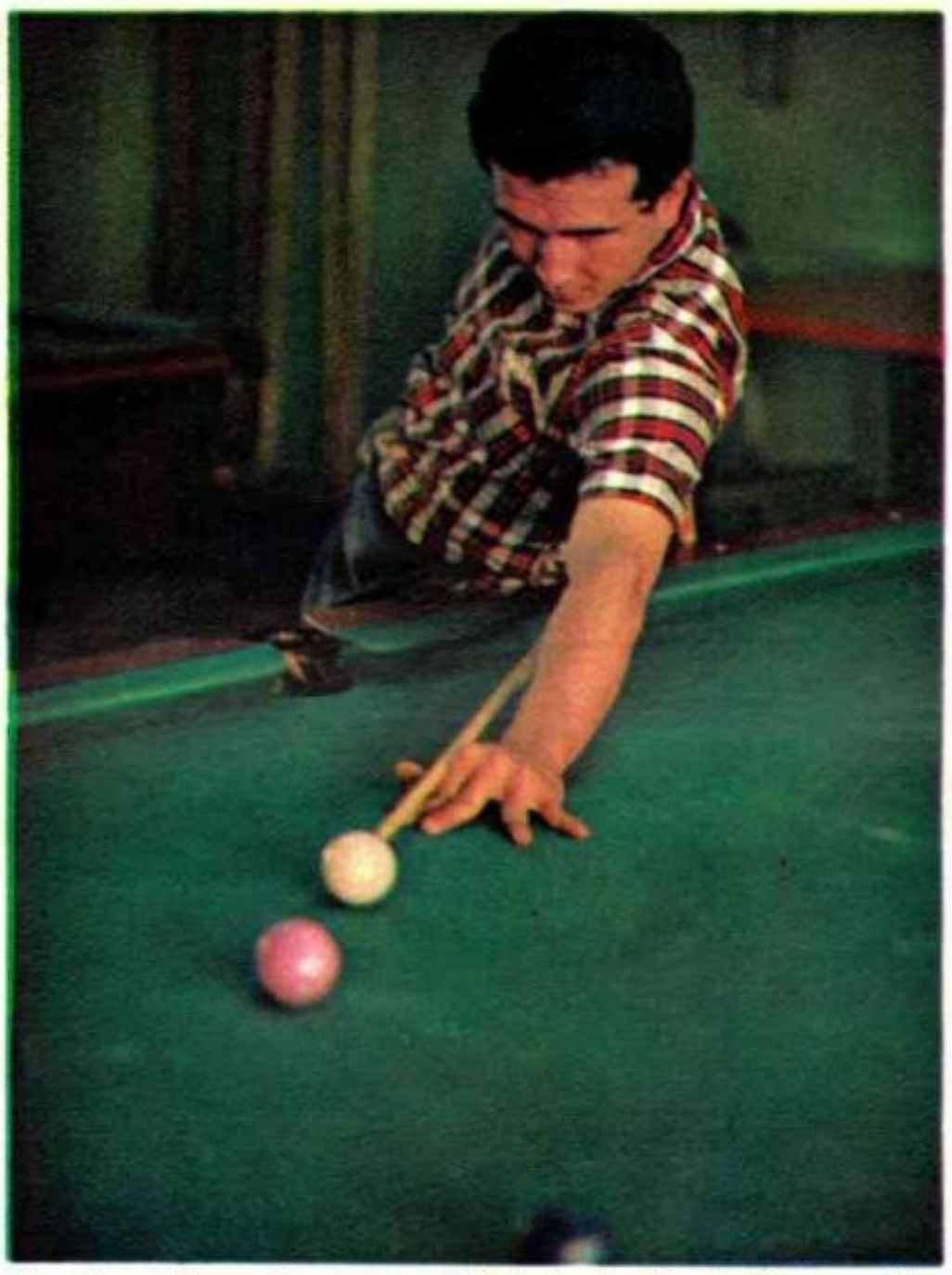
— Malandro que é malandro não espera cair do céu. O que cai do céu é chuva.

Frase ouvida na Lapa carioca, repetida na Gávea ou em qualquer salão do centro de São Paulo. Dita por jogadores, parece mais haver sido ditada por algum esperto patrão de jôgo. Aquêle que ganha apenas apostando, sem pegar no taco, sem atacar, pagando a outro para que defenda o seu dinheiro. Em todo o caso, o dito reflete um espírito verdadeiro. Lutar para ganhar. Que em têrmos de sinuca, a vida não faz graça pra ninguém, não.

Os avisos nas paredes de quase todos os salões de sinuca contrariam a realidade: "Não são permitidas as apostas neste recinto". Bem. Entenda-se o contra-senso. Ali só se joga a dinheiro e há quase uma total impossibilidade, principalmente na madrugada, de se jogar a leite-de-pato ou no amorzinho, isto é, jogar exclusivamente para divertir ou passar tempo.

O dono do salão está cobrando em média, por hora, NCr$ 1,20 pelo aluguel de uma mesa. E o freguês tem todo o direito de se portar como gente. SEGUE

FOTO DE ROGER BESTER



Um taco é um taco e se dá à fantasia de fazer estilo.

Não é atoa que dizemos que o Aero-Willys é o carro dos homens bem sucedidos.

Quando dizemos que o Aero-Willys é o carro dos homens bem sucedidos, estamos apenas repetindo uma verdade corriqueira.

Se não, responda: qual é o carro dos seus amigos que estão progredindo na vida?

Qual é o carro que, quase sempre, ostenta as chapas douradas dos Tribunais de Justiça, dos Ministérios, das Assembléias Legislativas, das Secretarias de Estado, Prefeituras, etc.?

Qual é o carro grande, fabricado no Brasil, que você mais vê nas ruas? Não precisa responder o óbvio.

A razão dessa preferência é simples. O Aero-Willys além de bonito, luxuoso e sóbrio é resistente. Muito resistente. Inspira total confiança. Você sempre pode contar com êle. Pessoas que alcançam sucesso na vida são dinâmicas e ativas e não podem perder tempo em oficinas.

Á propósito: qual é mesmo o carro que você está pensando comprar?

© Willys - Overland - 67.1380

Aero Willys 67

Um produto da Willys-Overland – Fabricante de veículos de alta qualidade

Eis os heróis e suas armas

SINUCA CONTINUAÇÃO

Como naquele salão carioca da Praça Tiradentes: "Aos senhores fregueses solicitamos não dizer palavras obscenas". O ambiente exige respeito.

A sinuca, entre nós, já teve melhores dias. O número de salões tem diminuído, e agora o volume de jôgo está nas casas tradicionais. Mas será difícil garantir que a sinuca esteja decaindo. O mínimo que se aposta por partida é um tiradentes ou um coelho, ou seja, uma nota de NCr$ 5,00. Em qualquer grande salão atual fàcilmente se vêem, ao mesmo tempo, duas ou três paradas de 20 a 50 cruzeiros novos. Um perdedor médio nos dias de hoje está largando na mesa de 300 a 400 cruzeiros novos — e isto numa noite. É pràticamente impossível pilhar uma mesa vazia num sábado, domingo ou sexta-feira à noite, em São Paulo, Rio, Belo Horizonte ou Curitiba. Nos subúrbios a dificuldade aumenta e nas cidades do interior mais de noventa por cento da rapaziada joga sinuca.

No entanto, o sintoma mais evidente de que o joguinho não decaiu é a nova safra de cobras que todos os salões apresentam. Meninos de 18, 19, 20 anos já estão correndo nas mesas e isto significa que começaram a aprender aos 14 ou 15. Novinhos, sem tremura nas mãos, vista boa, estão dando trabalho aos veteranos. Embora inexperientes, são uns perigosos, ossos duros de roer, tacos de bom tamanho.

As três armas

O malandro, o malandrinho, o malandreco. Não é apenas inflexão de gíria. São três pesos e valôres distintos. O malandro é o bom, o ponta firme, o cobra, o que barbariza, a fôrça, o taco, o muito considerado, o porreta. Em geral autônomo, joga o jôgo com o seu dinheiro e se bate com certa dignidade, fala pouco ("falar muito é pra doutor"), sua pisada é macia, respeita adversário, e quando fala, sua palavra vale. Capricha no vestir, mas capricha a seu modo, o que significa que é espalhafatoso e que se veste rìgidamente dentro do conceito ambiente de elegância: sempre de terno, a côr preta é infalível, abusa dos tecidos brilhantes, chuveiro luzindo num dedo da mão esquerda, mãos manicuradas, sapatos invariàvelmente muito polidos, barba feita, os cabelos alinhados. O seu tipo de vaidade no trajar empata redondamente com o dos investigadores. Não é fácil distinguir o malandro do policial. Vestido, o malandro é um rótulo, reconhecível pela evidência. No joguinho respeita tôda a ética. Não desacata o que é de lei, dificilmente discute o pré-estabelecido em têrmos de sinuca — paga a estia, gratificação de dez por cento que o ganhador dá ao perdedor, paga tôdas as despesas da mesa e tem a característica maior de saber fazer parceiro, tratando jeitosamente o perdedor. Trabalha o trouxa, deixando-lhe sempre a ilusão de que haverá, no futuro, uma possibilidade de desforra. Toma-lhe o dinheiro e aumenta-lhe o vício.

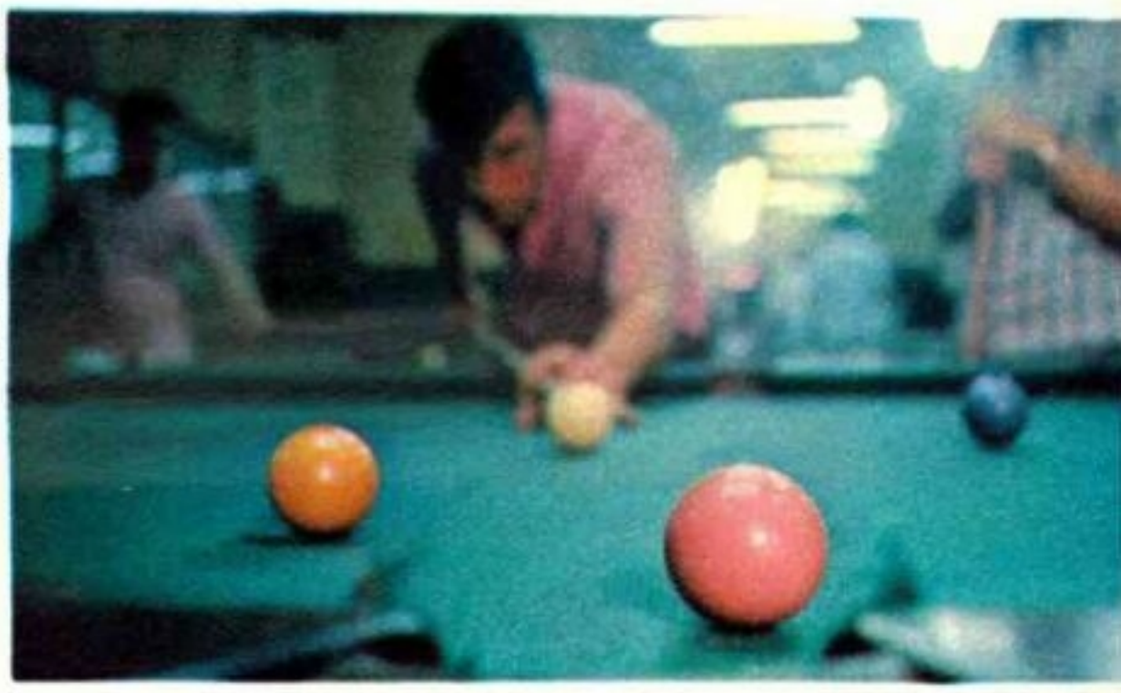
O malandrinho, falso malandro, se diz professor da manha, do enruste, do desacato e das mil e uma presepadas, habilidades torpes e picardias. No fundo, não passa de um grande cultor de gíria, isto sim. Veste à esportiva, gosta dos sapatos da moda, dispensa gravata e paletó, capricha nos blusões modernos e extravagantes, seu penteado também acompanha o figurino. É chamado menino, antes do nome: menino José, menino Ponta Grossa, menino Paiçandu... Falando é uma fôrça colorida, pitoresca, um dos valôres do nosso folclore urbano, de macios rebolados e gingas jeitosas. Sua fala não confere com os fatos. Pois é na mesa, com um taco na mão, uma tensão na cabeça e o dinheiro ardendo nas apostas, que se sabe até onde um jogador é bom. E aí, o bichinho se encabula, tropeça, dá-lhe uma onda de azar, fica torcendo com o corpo magro e pedindo com os olhos sombreados para as bolas cair. Um futricado. Perde o alegre rebolado e se apresenta como é, na realidade. Um trouxa enfeitado, um verboso que faz coisas bonitas com a gíria e que seria talvez um excelente camelô, se tivesse um objetivo na vida e desenvolvesse uma personalidade. Jamais um jogador.

Ao malandro falta canalhice. Ao malandrinho falta maturidade. Mas o malandreco é o puro, o verdadeiro picardo — é aquêle que carrega tôdas as chaves para tirar friamente, medidamente, as vantagens que dá a sinuca. É também chamado virador e êste nome lhe fica bem. Usa pouca gíria, suas roupas são comuns e, às vêzes, se veste como otário. Seu sapato não brilha, o corte de cabelo é comum, não manicura as mãos, não tem camisas bonitas, seu paletó é meio cambaio, barba por fazer e, quando fala, diz coisas aparentemente sem intenção. Êle não é um taco, no que a expressão envolve como demonstração de habilidade, brilhos e proezas, mas é um defensivo excelente e tem a paciência de uma formiga. É o homem que agüenta xingos, pragas, resmungos. Prefere tratar todos por "senhor". Mas é o malandreco o jogador que sai invariàvelmente com dinheiro do salão. É frio e calculista no trabalho, todos os seus atos são dissimulados. Às vêzes, perde dias e noites seguidas e ilude todo o salão. É que está cevando a turma e, chegado o momento maduro, apresenta a verdadeira fôrça de seu jôgo, estraçalhando todos os tacos de um salão, deixando tudo de pernas para o ar e levando o dinheiro. É o malandreco.

O malandro adora jogar. O malandrinho gostaria muito, no fundo da alma, de jogar bem, e isso o realizaria na vida. O malandreco detesta o jôgo, sente nojo da mesa, do giz, do taco, da poeira, das caras, das falas. Se não tiver êsse ódio não será malandreco, mas se o tiver, será um perigo.

SEGUE

FOTO DE GERALDO MORI



Embocará o seis. Depois o sete, caroço maior da sinuca.

Acabou a briga, acabou o jôgo

SINUCA CONTINUAÇÃO

Nunca se verá tamanha falta de paixão e não haverá ninguém, nem nada mais frio na sinuca do que êle.

Malandro, malandrinho ou malandreco, figuras incoerentes do ponto de vista do rendimento de suas malandragens, têm inteira consciência dos fundamentos do joguinho. Um jogador não bebe, um profissional não deve beber nem mesmo café puro, deve manter uma vida sexual bastante ajuizada para que as mãos não tremam na tacada — e isto informa também que, quem se dá ao joguinho como profissão, não pode ser um bom cáften. Tudo isso, entretanto, não significa que os tacos não tenham suas minas, seus conluios noutros jogos ou que se dediquem, por exemplo, a bater carteiras ou a queimar o pé, vez ou outra, ou seja, a tomar um porre. Mas têm perfeita lucidez de que, joga bem aquêle que conserva vista boa, punho firme e cabeça fresca, livre de preocupações. O jogador ideal seria um frio, bem próximo ao que é, já realizado, o malandreco.

A luta fria pela sobrevivência

Os três tipos sabem que o salão é um poço de piranhas. Uma das maneiras mais eficazes de sobrevivência ali é o conluio, o conchavo, a sociedade, a tramóia, o acolegamento. Juntos e conluiados, costumam desenvolver vários tipos de marmelada. O autor cerebral do marmelo é o marmeleiro, e os ajudantes são os agás.

O marmelo simples — que dois tacos aplicam sôbre a assistência sentada no banco lateral, ou de pé ao redor da mesa, fazendo apostas num dos jogadores — é coisa de atôres, uma excelente dissimulação. Dois jogadores podem pespegar jeitosamente, ao patrão de jôgo, outro marmelo, o passa-patrão. E o patrão, financiador de um dos adversários, é furtado cara a cara, sem acordar.

O passa, ou três-ligados, envolve três jogadores comendo um quarto, em partidas de parceirada, dois contra dois, mas que por se tratar de marmelada, são na verdade três jogadores contra um. O marmelo é típico, comum como "abacate maduro" no mundo verde da sinuca, e é praticado em todos os jogos. O de vida, o vinte-e-um, a parceirada, a sinuca simples...

Malandros, malandrinhos e malandrecos formam as curriolas, também chamadas cambadas e, mesmo não conluiados, têm um objetivo no salão — o otário pode entrar no ambiente trazendo dinheiro, mas não sairá com êle. Alguém tem a obrigação de tomá-lo. Isto é de lei. À chegada do otário um sabido avisa o outro através de um código. Se é trouxa simples, o ladino assobia o **Garufa**, velho tango argentino que pinta as burradas de um otário metido a malandro, que termina sua noite de "farra" com uma média e um pão com manteiga. Sendo otário com bom carregamento de dinheiro, o aviso se dá enchendo as bochechas de ar, dando a saber que o bicho está gordo e cheio de vento, isto é, de cobre. À chegada da polícia ou de algum perigoso, o ladino tosse disfarçadamente ou esfrega as pontas dos dedos no lado direito do peito, significando "escama", sujeira. É como se gritasse ao companheiro:

— Estamos a perigo, meu!

Êsses truques, códigos e picardias funcionam com a presteza dos botões automáticos.

Malandro também é aquêle que muda de nome para agir melhor. Ou antes, adota um apelido, é um homem sem endereço e quando abre a bôca para falar dos seus, não revela nada além de mentiras miúdas. É o bôca-de-mocó, o come-quieto, que não conta sua vida a ninguém. Vê, ouve, esquece. Tem um dito na memória: "Falador se dá mal na vida." E quem caiu na vida há de andar com juízo. Sua identidade some em apelidos assim: Tonicão, Zé Sofrimento, Mão de Onça, Sanduíche, Bate-Estaca, Pirulito, Taquara, Estilingada, Brama... Com um dêsses apelidos, o ladino fica mais à vontade. É um livra-cara, um agá.

Empregado e patrão

Os patrões do jôgo, aquêles financiadores que vão ao salão para ganhar sem jogar, pagando para que outro lute pelo seu dinheiro, preferem o taco bôca-de-mocó. É mais sério, não falha, não dá mancada, e precisa de dinheiro. Patrão é o homem que patroa ou patrona. O resultado do jôgo, o ganho, é dividido sagradamente, meio a meio. Metade para o patrão, ou patrãozinho, e o restante para o empregado, ou cavalo.

O jôgo acabou. A briga está ganha. Chegou a hora do dinheiro. A curriola vem se chegando para as beiradas da mesa. Não se ouve uma palavra. É a hora do pagamento e a cambada espera uma estia, uma migalha dada na camaradagem. Por paradoxo, nesse ambiente em que cão come cão e lôbo come lôbo, pode existir camaradagem. A divisão começa. O empregado divide o ganho em cédulas variadas, amarfanhadas no bôlso direito da calça, e agora descansando sôbre o pano verde da mesa. Vai espalhando o dinheiro em notas do mesmo valor. Assim: uma cédula dentro do semicírculo traçado a grafite, outra fora, uma dentro, outra fora, e assim por diante, até chegar à divisão total. Os pixulés ou caraminguás — dinheiro miúdo, em geral maltratado e de pouco valor — são dados como gorjeta ao garção, homem que carrega os sanduíches, os cafés e os refrigerantes para as mesas. O cavalo brinca:

— Isso é o seu, comandante. Pra comprar de milho lá pras galinhas de sua fazenda.

Compete ao patrão de jôgo dar, ou não, uma pequena estia à assistência, à curriola. Mas ninguém da turma abre a bôca para pedir.

SEGUE

FOTO DE ROGER BESTER

O jógo acabou. A noite acabou. Ficou o cigarro companheiro

Qualidade

BRASTEMP

Quantas vêzes você pensou para comprar um refrigerador?
Quatro? Quinze? Quinhentas?
Sim, porque a compra de um Refrigerador de categoria não é uma compra comum. Envolve decisões baseadas em **fatos**. O que leva qualquer dona-de-casa (e o marido também) à BRASTEMP é sempre **qualidade**! comprovada no dia-a-dia, no abre-fecha - abre-fecha do seu Refrigerador.

✔ O Duplex BRASTEMP (modêlo apresentado) conjuga em um mesmo aparêlho Refrigerador e Congelador - solução a mais avançada e completa para o seu problema de conservação e refrigeração de alimentos.

✔ O Duplex pode ser equipado com ICE-MAGIC, aparêlho que produz gêlo contínua e automàticamente, dispensando as tradicionais gavetas. O gêlo, à medida que se forma, vai sendo armazenado no recipiente plástico e lá permanece, sêco, sôlto, pronto para usar. Só BRASTEMP tem Ice-Magic.

✔ Existem na linha BRASTEMP, outros modelos à sua escolha e todos êles são produzidos segundo especificações da WHIRLPOOL CORP., indústria líder nos EE.UU., vendendo mais de um milhão de Refrigeradores por ano.

✔ Quinquênio Brastemp. Cinco anos de garantia que não é uma garantia qualquer; É GARANTIA BRASTEMP!

Brastemp
– o que há de melhor

Patente protegida

Mas ninguém deixa o palco

SINUCA CONTINUAÇÃO

A divisão do dinheiro em jôgo patroado estabelece um contraste nos salões de sinuca. Há certas leis do joguinho que incluem quase a fraternidade, e êsse momento é um dêles. É a hora em que a cambada está prestes a matar a fome.

Palpite infeliz

O que não falta em salão de sinuca é curioso, coió-de-mola, palpiteiro, sabidinho e sapo de fora. Não jogam, não fazem apostas, não entendem o joguinho e constituem aquilo que se chama assistência ou torcida. Sobretudo perturbam uma partida.

Têm uns olhos dêste tamanho e, no dizer do jogador, secam qualquer boa colheita. Gente encabuladora, em geral pé-de-chinelo, sem dinheiro e sem propósitos, que talvez vá ao salão para se divertir ou encostar a solidão. O desconhecimento da tensão de uma partida, o fato de não sentir na pele o castigo de perder uma aposta, faz dêsse indivíduo, o sapo de fora, um dos inimigos ocultos do jogador médio de sinuca. A sua simples presença é um incômodo, as côres de sua roupa atrapalham a visão, os seus pequenos gestos enervam. Estorvam as tacadas porque se encostam à mesa, são aves de azar para um tipo de jogador que pretende aparentar calma, mas em profundidade é um animal elétrico. E, às vêzes, perdida a calma, interrompe a tacada, abre os braços e encara o curioso:

— Que é que há, amigo? O senhor nem rema e nem sai da canoa. Não joga, não aposta. E ainda fica me encabulando.

Mas o sapo de fora não chia. Humilhado, desenxabido, encolhe-se e murcho se afasta da mesa. Mas não abandona o salão e fica de longe, espiando.

O ventana, o pé-pé-pé, a polícia, o pó-pó-pó

Há de entrar, na crônica malandra-da sinuca, a figura sutil do ventana. Essa ave noturna costuma agir nas horas cansadas ou neutras da madrugada. Como os profissionais do joguinho, àvidamente interessados em aliviar o pêso do dinheiro alheio, os salões de sinuca abrigam às altas da madrugada um tipo bem miúdo de malandro, muito sonso, metido a sonolento, mas que na verdade está "a fim de" carregar distraìdamente o paletó do freguês. Na linguagem regional essa pinta já se chamou ventanista. Mas na sinuca se abrevia quase tudo.

A sinuca abrevia outras coisas e valôres. Principalmente a juventude, o entusiasmo, o brilho dos cabelos e os pulmões. Às vêzes, até o cérebro.

Um jogador de 25 anos aparenta 32. Em 3, o convívio num salão faz uma devastação de 10 ou 15 anos na cara e no espírito. Um grande jogador, Bicicleta, foi acabar no sanatório, já falando sòzinho e com o juízo fora do lugar. Outro, Soldadinho, volta e meia, retorna à cidade serrana de Correias, para tratamento do pulmão. Um profissional funciona em volta da mesa, em média, 10 a 12 horas por dia. Não dorme e faz do sanduíche, do refrigerante, do café com leite e do cigarro uma ponte para se manter de pé. O pó do ambiente contém vários tipos de giz, o branco e o azul, ambos ordinários, que em essência não passam de cal e anilina. De 23 tacos conhecidos num salão central de São Paulo, apenas um era gordo, mas tinha os brônquios encrencados. Nenhum dêles tinha mais de 35 anos e vários aparentavam 45. Três dêles ficaram de cabelos brancos em menos de 3 anos. Quatro dos que tinham menos de 20 anos não pesavam mais de 55 quilos. E apenas 10 entre 23 declararam gostar do joguinho, o resto reconhecia que se atirava ao ataque na sinuca para sobreviver. Sòmente um dêles — e é um dos 3 maiores tacos do Brasil — morava em apartamento, num prédio suspeito do centro da cidade. A maioria se abrigava em hotelecos e pensões de quinta categoria. E três, todos menores de 20 anos, confessaram que não tinham onde morar, e quando dormiam era de favor. Todos, sem exceção, têm verdadeiro ódio ao chamado leite-de-pato, o joguinho jogado a passatempo.

Nesse palco a polícia tem entrado como entra nos cenários da malandragem. Ansiosa para apresentar trabalho quando as determinações superiores pedem trabalho. Indiferente quando a perspectiva de exploração sôbre o jogador é duvidosa. Conivente, participante e cooperante quando as possibilidades de lucro se anunciam generosas. Afinal, os investigadores também jogam sinuca e não desconhecem que as caçapas são os cofres das mesas. A presença policial apenas cresce nas safras gordas. Mas, então, mediante o pagamento do pedágio, pau, arrêgo, arreglo ou acêrto, tudo volta à santa paz entre as partes que se tocam — policiais e jogadores.

O pé-pé-pé funciona como outro contraste avançado naquele mundão. Coxo, torto, se agüenta nas pernas e funciona como taco normal. Em geral é vaidoso no vestir e paciente no jôgo. Mesmo não sendo cobra, o pé-pé-pé é um jogador de brio e não entrega fácil o seu ouro aos bandidos. Mais um osso duro de roer. E os apostadores mais avisados não vacilam em apostar nêle quando o adversário representa uma fôrça igual. O manquitola será sempre o mais teimoso, o que mais se aferra às bolas, o que não dá mancada.

Parente direto do palpiteiro, e mais intrometido ainda, é o pó-pó-pó, assim chamado principalmente nas sinucas cariocas. Fica o tempo todo falando e falando. O taco que tiver de enfrentá-lo há de ser surdo à sua conversa fiada. Aparentemente sonso, idiota, esconde uma essência mais profunda de vivaço. Com sua charla cheia de leros pretende distrair o adversário, ou enervá-lo e deixá-lo encabulado, de cabeça quente, invocado. É um catimbeiro, um manhoso, e tira partido de sua conversa mole.

Outro teimoso dos salões é o mãozinha. Leva o respeito de alguns, a indiferença da maioria e, às vêzes, até o dinheiro de seus parceirinhos. Tem um defeito qualquer na mão, falta-lhe um dedo ou articulação perfeita, e aparentemente sustenta o taco com dificuldade. Engano. Jogador de pulso firme, ataca tão bem, ou ainda melhor, com uma mão só do que com as duas. Aí, a natureza deu uma "colher de chá" ao mãozinha. E, de certa forma, êle parte com uma vantagem. A do seu defeito.

Com seus tipos autênticos, insubstituíveis, difíceis de encontrar em qualquer outro palco de malandragem, a sinuca entre nós continua a correr, misturando tragédias e picardias, engolindo malandros e arruinando patrões, favorecendo noitadas de suor, ódio e tensão, triturando dinheiro e gente, como um calvário de todos, otários ou sabidos, e como um paraíso de ninguém. FIM

Razão, cada qual tem a sua... Êste prefere a camiseta Hering, simples ou com meia-manga, para proteger da transpiração a camisa social. Aquêle, para "não se resfriar"... Outros, para a prática do tênis e de outros esportes. Muitos, como simples camisa esportiva, justa no corpo, desenhando o tórax, discreta, elegante, indeformável. Mas todos têm uma razão em comum, que os leva a preferir também as cuecas V-8: a qualidade Hering.

debaixo da elegância, confôrto...

malhas hering

OS DOIS PEIXINHOS GARANTEM QUALIDADE

® INDÚSTRIA TÊXTIL COMPANHIA HERING
BLUMENAU - SANTA CATARINA

DISTRIBUIDORES: São Paulo: COMALHAS S/A, R. Vitória, 50 - CIA. TÊXTIL SANTA CATARINA, R. Aurora, 283 • **Guanabara:** Comercial Joto S/A, R. do Lavradio, 74 • **Belo Horizonte:** DITEX S/A, R. Goitacazes, 747 • **Curitiba:** CODIPA, R. 13 de Maio, 418 • **Blumenau:** R. 15 de Novembro, 759 • **Pôrto Alegre:** GAREMA S/A, Av. Farrapos, 137

Quando o sangue tinge o mar, os homens sorriem. Ganharam mais uma batalha. A caça da baleia é um espetáculo violento que se desenrola seis meses por ano nos mares do nordeste. Nêle entram a experiência, a agilidade, a fôrça, a astúcia, a morte.

FOGO!

Texto de
Eurico Andrade

Fotos de
Luigi Mamprin

Todos em silêncio: é hora de matar

O **Koio Maru** navega a 30 milhas da costa, subindo e descendo ao balanço do mar. O sol está nascendo diante de sua proa, onde as ondas se arrebentam, molhando canhão e artilheiro. O artilheiro é Sakaguchi — um japonês de 47 anos, coberto da cabeça aos pés por uma roupa preta que deixa à mostra sòmente o rosto queimado. Suas pernas estão abertas para manter o equilíbrio do corpo que balança no mesmo ritmo do navio. As mãos se agarram ao canhão: uma na alça de apoio, outra no gatilho. A cabeça gira de um lado para outro, olhos presos ao mar. Êle é o matador.

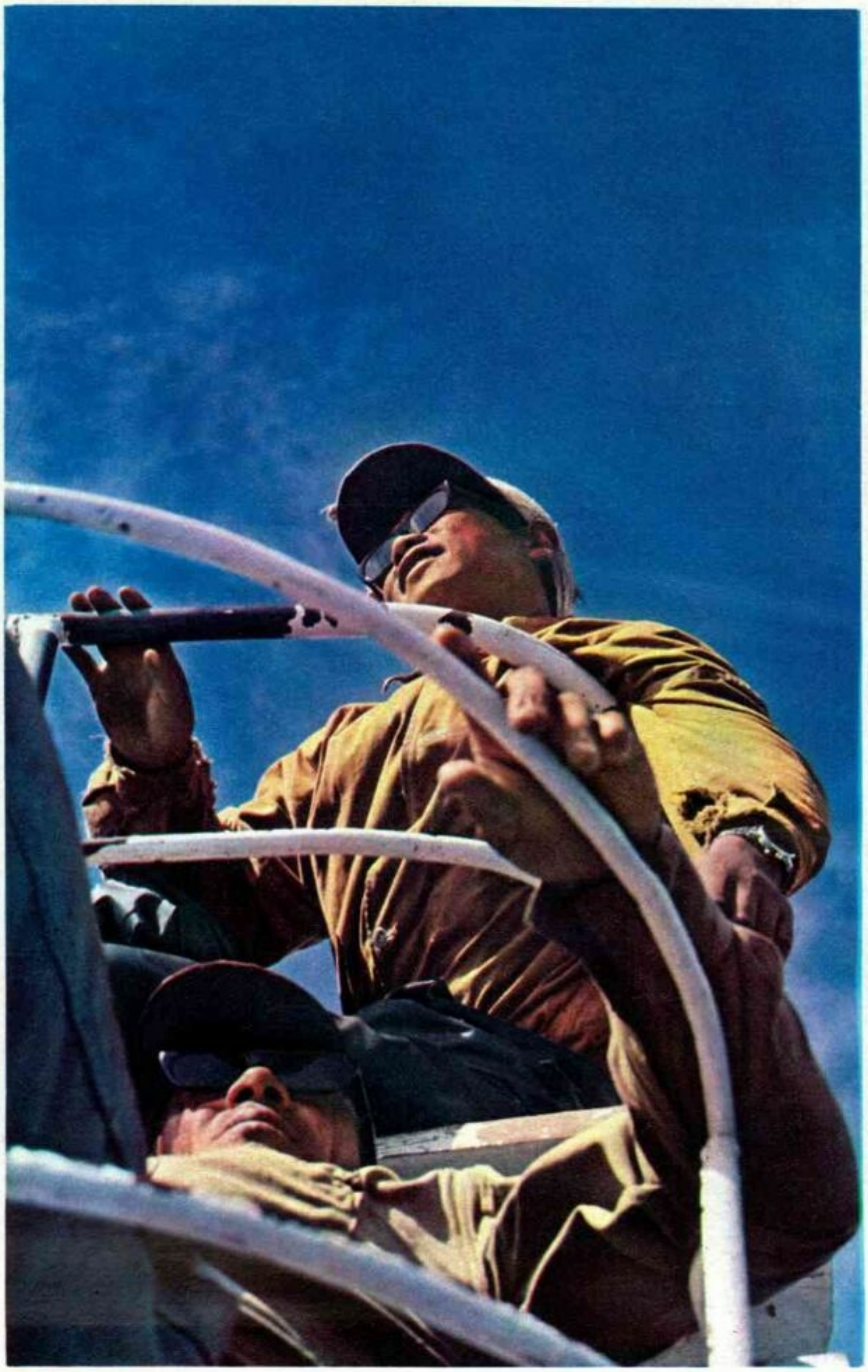
Na gávea, lá no alto do mastro, outro japonês — Koriuche — amarra uma toalha no meio da cabeça para proteger-se do vento forte. Koriuche sempre usou toalha em vez de boné, hábito que adquiriu aos 18 anos quando era pilôto da fôrça aérea japonêsa. Hoje êle comanda a caçada gritando do seu pôsto de observação meia dúzia de palavras num dialeto nipo-anglo-português:

— Borô! — o grito de Koriuche é rouco e espalha-se pelos alto-falantes de bordo.

O marinheiro gira o leme todo para a esquerda. O navio obedece, estremecendo.

— Storê! — Koriuche ordena que o navio mantenha o rumo. Continua gritando:

— Slow! — o maquinista reduz a marcha. O **Koio** agora é um cão de caça que prepara o bote final. Os 24 tripulantes acompanham em silêncio: a rotina não tira a emoção da caçada. O canhão gira de um lado para outro, nas mãos de Sakaguchi. Sua roupa de plástico enche-se de ar, dando-lhe o aspecto de um estranho monstro. SEGUE

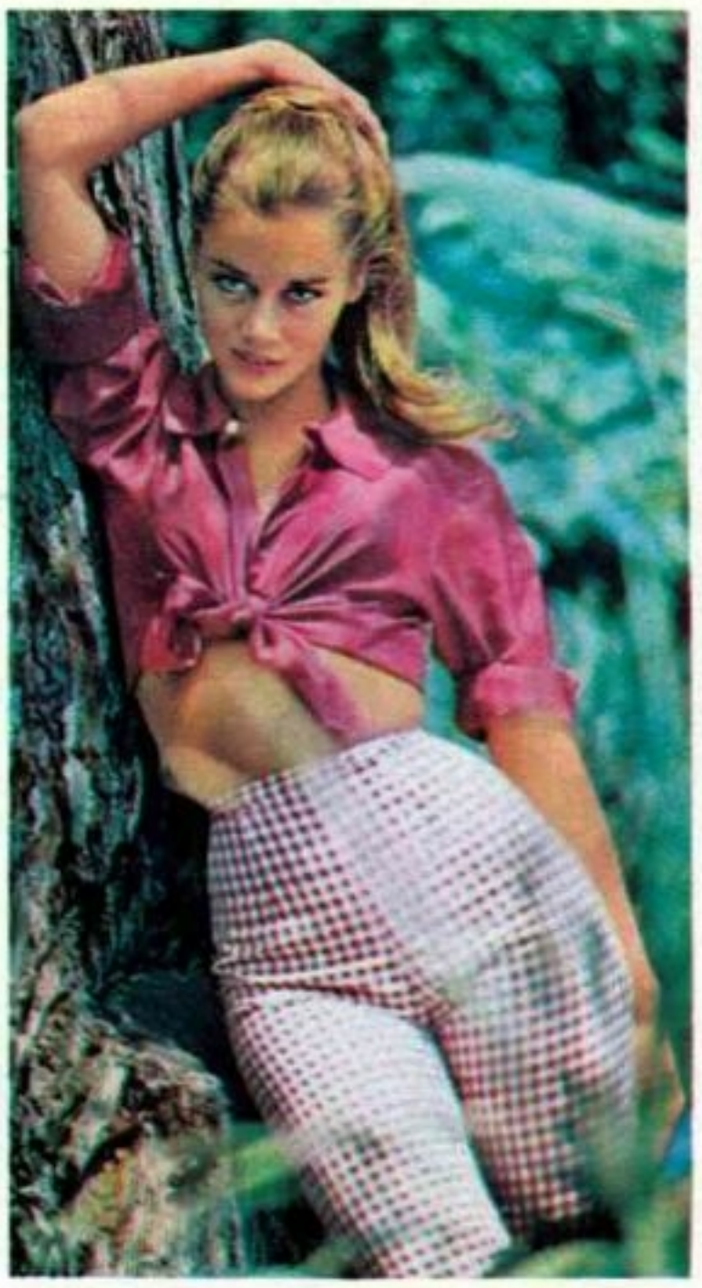


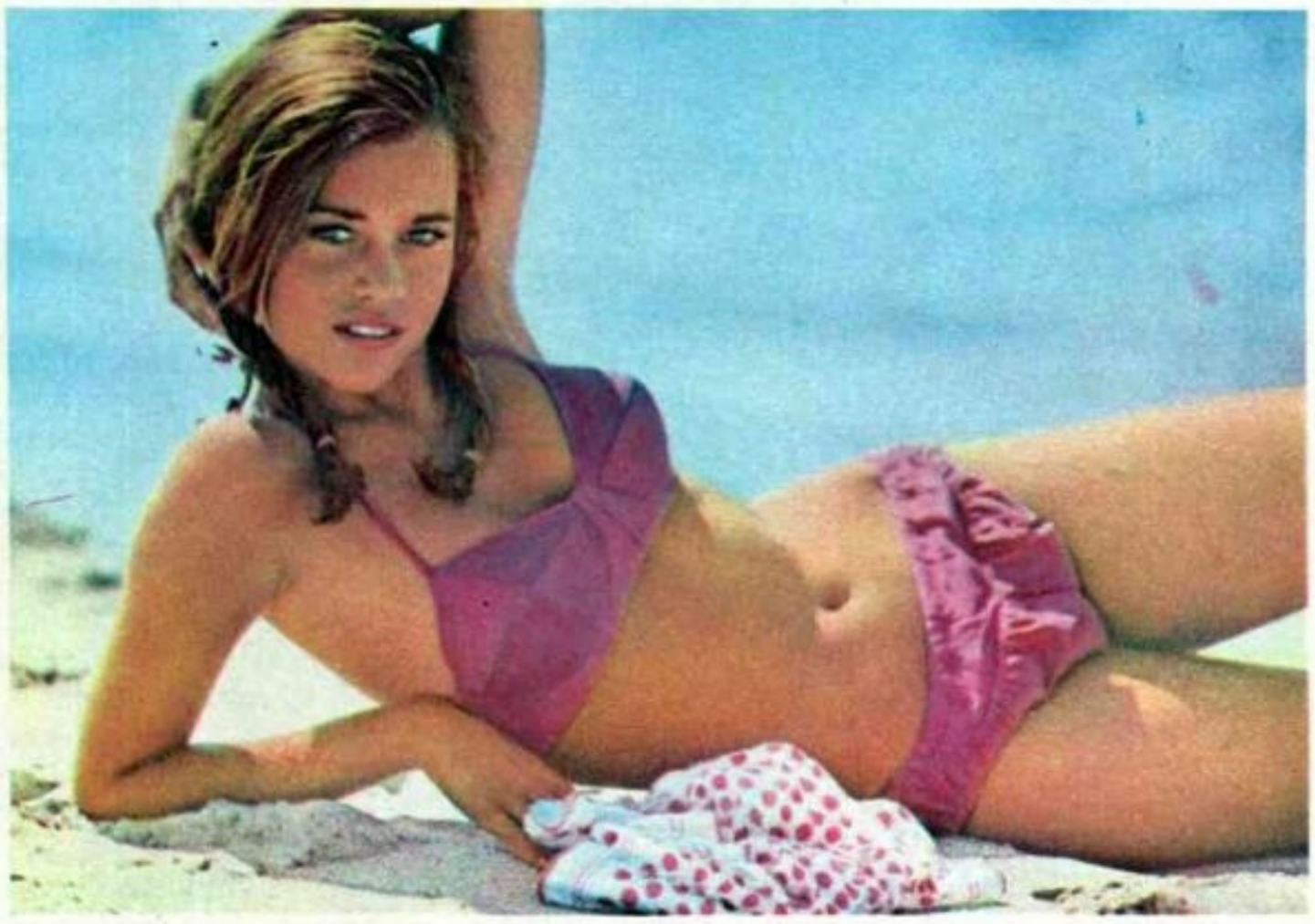
O homem que fica na gávea é um especialista que identifica uma baleia a 8 ou 9 km de distância, dizendo até seu tipo; o artilheiro apronta o canhão e faz a mira quando a caça está mais ou menos a 100 metros do navio, e em seguida dispara; o artilheiro é mais respeitado que um comandante — êle raramente erra um tiro. Das 30 mil baleias caçadas por ano no mundo, 500 saem de nossas costas.

O grito, o tiro, sangue

Jane Fonda
– uma linda americana em Paris, diz: "Lux suaviza a pele enquanto limpa..."

Jovem e cheia de vida, sensível e cativante, cintilante como a música de Gershwin, Jane é uma das mulheres cuja beleza dispensa o auxílio de preparados complicados.





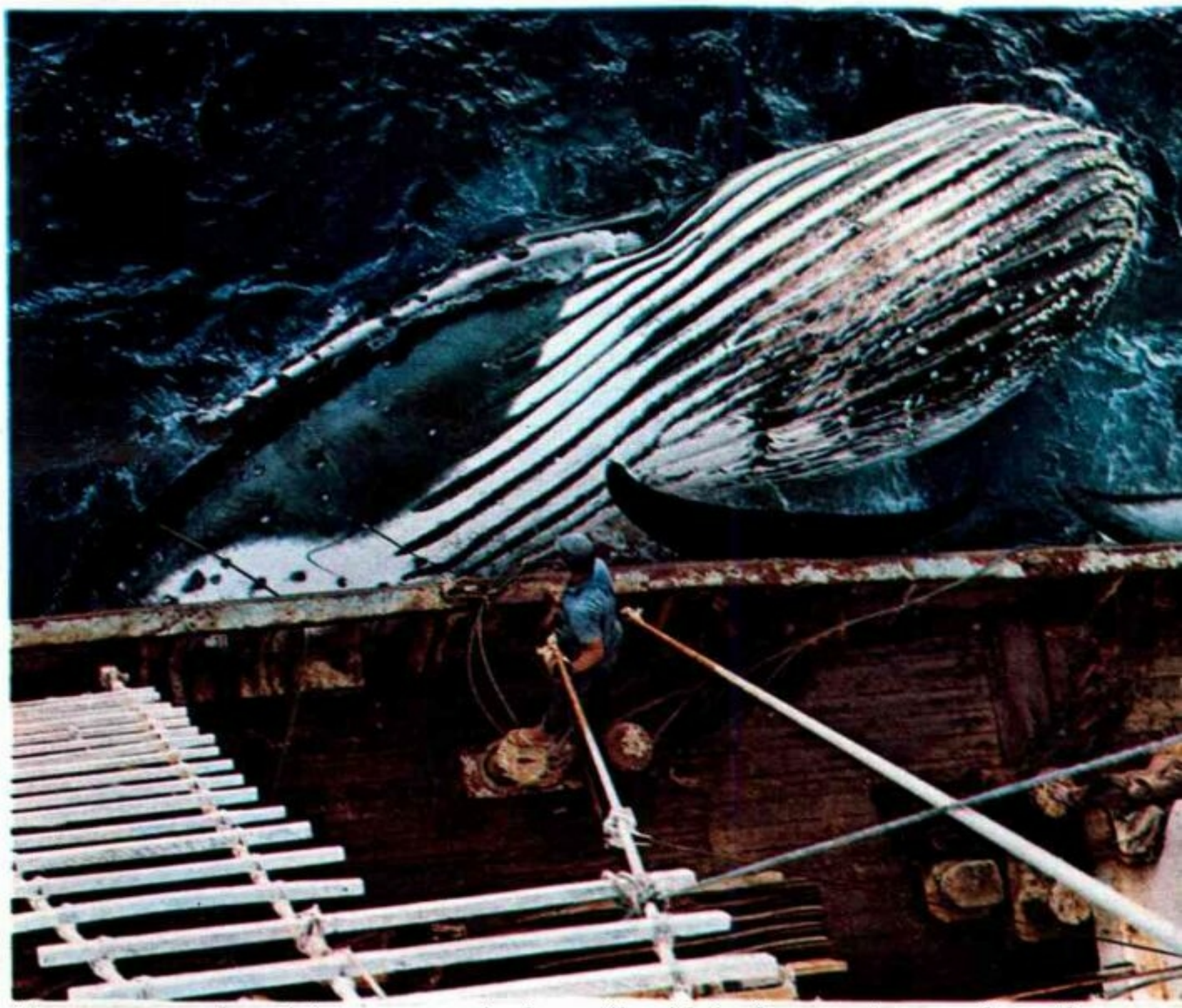
Mas ela tem o máximo cuidado com sua pele. "É a minha única preocupação", diz ela, "e entreguei-a ao cuidado do Sabonete de Beleza Lux". Não é surpreendente, então, que ela tenha uma pele tão macia, tão luminosa. E pouco se preocupa com a pele durante o dia. Enfrenta os refletores e as máquinas fotográficas, passeia, goza a vida com sua vitalidade exuberante.

Sua pele se sujeita à tensão a todo instante. Onde quer que ande, sua beleza e o frescor de seu encanto causam admiração. "Meu segrêdo — diz ela — é o mais simples de todos. Diàriamente, pela manhã, faço uma massagem profunda com a rica espuma cosmética de Lux, com especial cuidado ao meu rosto! Que momento delicioso! Lux é tão suave, tão puro, e o seu perfume é tão marcante! É o meu tratamento de beleza, e não poderia encontrar um melhor. Sòmente Lux me proporciona uma pele tão macia, tão luminosa, tão naturalmente jovem E, acreditem, isto é importantíssimo na minha carreira!".

Sakaguchi, o matador, é homem calado

BALEIA
CONTINUAÇÃO

Nêgo Bum ganha NCr$ 140 por mês, mais NCr$ 2,20 a NCr$ 6,60 por baleia morta. Sakaguchi recebe NCr$ 1.500 de salário e dobra para três milhões velhos quando o mês é bom. A produção da safra passada — seis meses — foi de 445 baleias.



Uma enorme seringa injeta ar no animal, que ficará boiando enquanto a caçada continua.

Seis meses para matar

Sakaguchi olha o relógio: sete em ponto. Anota hora, local e temperatura da água num caderno e põe um número: 1870. É o total de baleias que já matou. Aqui, no Japão, na Antártica e no Atlântico Norte. Guarda o livro, diz ao pilôto o rumo a ser seguido e então vai descansar.

Seu camarote tem um beliche, duas camisas cáqui no cabide; um pacote de cigarros e um livro policial sôbre a mesinha; uma garrafa d'água, sandálias, pasta, sabonete e escôva. É o necessário para êle viver seis meses cada ano. Os outros seis passa em Tóquio, com a mulher e os filhos. Durante a safra, dorme no próprio **Koio Maru** que fica ancorado no pôrto de Cabedelo. Cura a solidão e a insônia à base de rum com água, na boate de Maria do Céu. Mas não há muito tempo para coisas sentimentais: o navio ancora às 22 e parte às 5 horas, todo dia. Não existe domingo, sábado, feriado.

Sakaguchi é um homem calado. Os tripulantes conhecem-no há dois anos. Riem juntos, vivem juntos, mas nunca o viram falar de outra coisa: só baleia. Veio substituir o artilheiro brasileiro Wilson, que morreu com 34 anos; gostou do Brasil e foi ficando. É tudo que se conhece dêle. Não lhe perguntam nada. Poucos sabem que é calado assim há 22 anos: sargento jovem, fazia a guerra do Pacífico num destróier, pensando em voltar para sua terra, Nagasaki. A bomba atômica explodiu de repente, levando sonhos e a família.

A paz veio em forma de baleias. Continua até hoje com o dedo no gatilho. Não pensa ou não quer pensar em mais nada:

— Minha vida são baleias, baleias e baleias; fora da temporada eu descanso — só fala o essencial.

No grande convés — o **Koio** mede 47 metros — não cabe mais ninguém. O guindaste recupera os 500 metros do cabo de aço que o arpão levou. A baleia está bem próxima.

É uma **sei whale**, na classificação universal. A mais elegante raça. Principalmente quando é fêmea, como esta, longa e delgada. Seu macho não deve ter chegado ainda da Antártica, pois do contrário teria sido visto.

As baleias viajam muito. Depois de se alimentaram bem nos mares frios, caminham no sentido do Equador, para veranear. Ou morrer.

No Brasil preferem as costas da Paraíba. Tôdas juntas: azuis (as mais raras), pretas (muito valiosas), minkes (as menores). E vêm também os cachalotes, os maiores cetáceos do mundo, únicos que têm dentes.

Um banquete sangrento

A que Sakaguchi acaba de matar está amarrada pela cauda, no buraco do convés.

SEGUE

O SORRISO DE SEUS FILHOS É NOSSO PONTO FINAL

Vamos lhe contar nossa história. Pesquisas e testes de qualidade, côr, sabor, consistência. Aí, fase de produção: nossa matéria-prima é submetida à escolha de uma "peneira fina", em que só passa o ingrediente perfeito. Na fábrica, tudo automático: ninguém "põe-a-mão-na-massa". O serviço é feito com a maior dedicação: as crianças — elas nos adoram — merecem tudo. Há criança que não aceita bem o leite, mas gosta de Pudim, Manjar e Flan Royal, o que dá no mesmo. Nós, as Gelatinas Royal, levamos proteínas e Vitamina C. Finalmente, chegamos a você, que também nos prepara com amor. Somos as suas Sobremesas Royal. Até já...

F&R

FLEISCHMANN
ROYAL

F&R-578/67

Para Josias, é covardia e dá azar

BALEIA
CONTINUAÇÃO

Sangra muito. O arpão de 75 quilos e mais de um metro enterrou-se no seu dorso, abrindo-se como um guarda-chuva.

Numa extremidade, está prêso o cabo; na outra, ia uma granada com oito quilos de ferro e 600 gramas de pólvora, que explodiu quando as hastes se abriram em suas carnes. Os estilhaços penetram os órgãos vitais. O tiro certeiro dispensou um segundo arpão.

Com 50 libras de ar injetado no estômago, a baleia flutua. O guindaste retira o arpão, o sangue jorra. Cações se aproximam, arrancando do corpo sedoso pedaços de carne de dez quilos. É um banquete, sem a interferência de ninguém. A baleia é largada ao mar, junto com um rádio-sonda e uma bandeira vermelha. Na volta, será recolhida. A caça vai prosseguir.

As máquinas, quase paradas, aumentam de velocidade. A bússola indica 90 graus.

A aventura de Josias

Nêgo Bum subiu para a gávea. É o seu turno de procurar baleia. Josias desce para o leme. É o mais jovem tripulante: 25 anos. Embarcou em junho, sem conhecer a caça da baleia, a que ainda não se acostumou:

— Dá azar matar baleia. É bicho de sangue. Covardia matar assim. Gosto mesmo é de pescar vermelho.

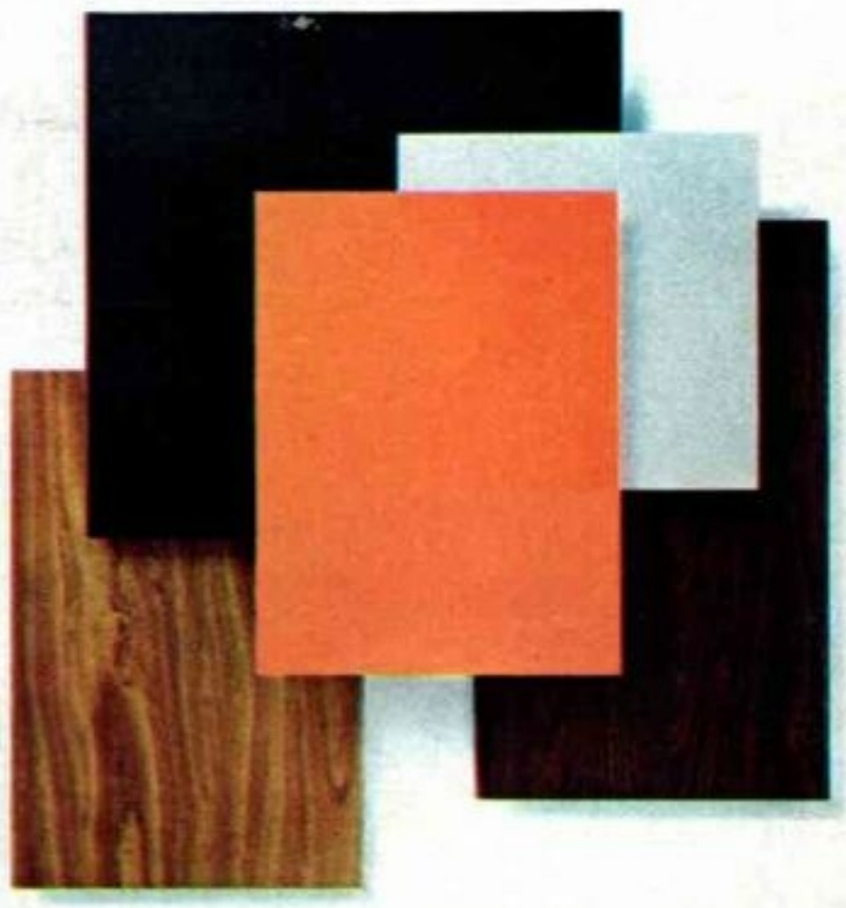
Josias é pescador diplomado pela Escola de Pesca Tamandaré, em Pernambuco. Começou com lagosta, passou a trabalhar com pesqueiros japonêses e ficou dois anos pescando vermelho — um peixe médio — em alto mar. Então, uma viagem durava de 50 a 60 dias. O navio-frigorífico levava dezenas de pescadores e soltava-os cada um em seu barco. Josias era deixado às seis da manhã, no seu caíque — barquinho que comporta 500 quilos de peixe. Levava anzóis, linhas, uma garrafa d'água, uma faca e uma tocha. Ao meio-dia, o navio passava para deixar o almôço. De noite, recolhia os homens e seus vermelhos. Por segurança, os barquinhos caminhavam próximos do navio. Mas quando os vermelhos eram muitos — o pagamento é por produção — ninguém prestava atenção aos esquemas de segurança.

E um dia Josias viu-se só no meio da noite. A tocha apagara-se, a caixa de fósforos caíra no mar, as luzes do navio apareciam lá longe. Josias gritou desesperadamente, remando até desfalecer.

Acordou na manhã seguinte sentindo-se arrastado sem saber para onde. Ao meio-dia a sêde e a fome aumentaram-lhe o pânico. Pensou em suicídio. Amolou a faca na borda do caíque mas logo desistiu da idéia. Lutou para manter-se vivo, salgando um dourado no mar para comê-lo cru, no outro dia. À noite, nem ao menos as luzes do navio. Encostou a ponta da faca na barriga até sentir o sangue pingar entre os dedos. Bebeu urina e desfaleceu chorando. Sem coragem de viver e sem coragem de morrer. Acordou de dia, o rosto batido pela chuva. Chorou de nôvo, agora de alegria. Bebeu tôda a água que caiu no barco e na roupa. Sentia o corpo queimar por dentro e por fora. As idéias embaralhavam-se. Pedaços de recordações da infância junto com pedaços de navio. Água doce.

SEGUE

Uma bandeirinha marca o lugar onde a caça foi deixada.



quando nós dizemos que o seu escritório fica mais bonito e mais moderno se você aplicar lambris de Duraplac...

Imagine a combinação que mais lhe agrada. Imagine os elementos de decoração que prefere utilizar. Depois utilize Duraplac. Que possui vinte padrões diferentes. São doze padrões lisos: branco, azul, verde, coral, cinza, prêto, areia, vermelho, mel, pérola, azul-celeste e verde-turquesa. E oito padrões-madeira: jacarandá-da-Bahia, jacarandá-paulista, perobinha, caviúna, marfim, imbuia, cerejeira e sucupira. Nenhum outro material lhe oferece tantas possibilidades de uso. E nenhum outro é tão fácil de aplicar como os lambris de Duraplac. Tente.

nós provamos:

a melhor divisão · o melhor lambris

DURA PLAC

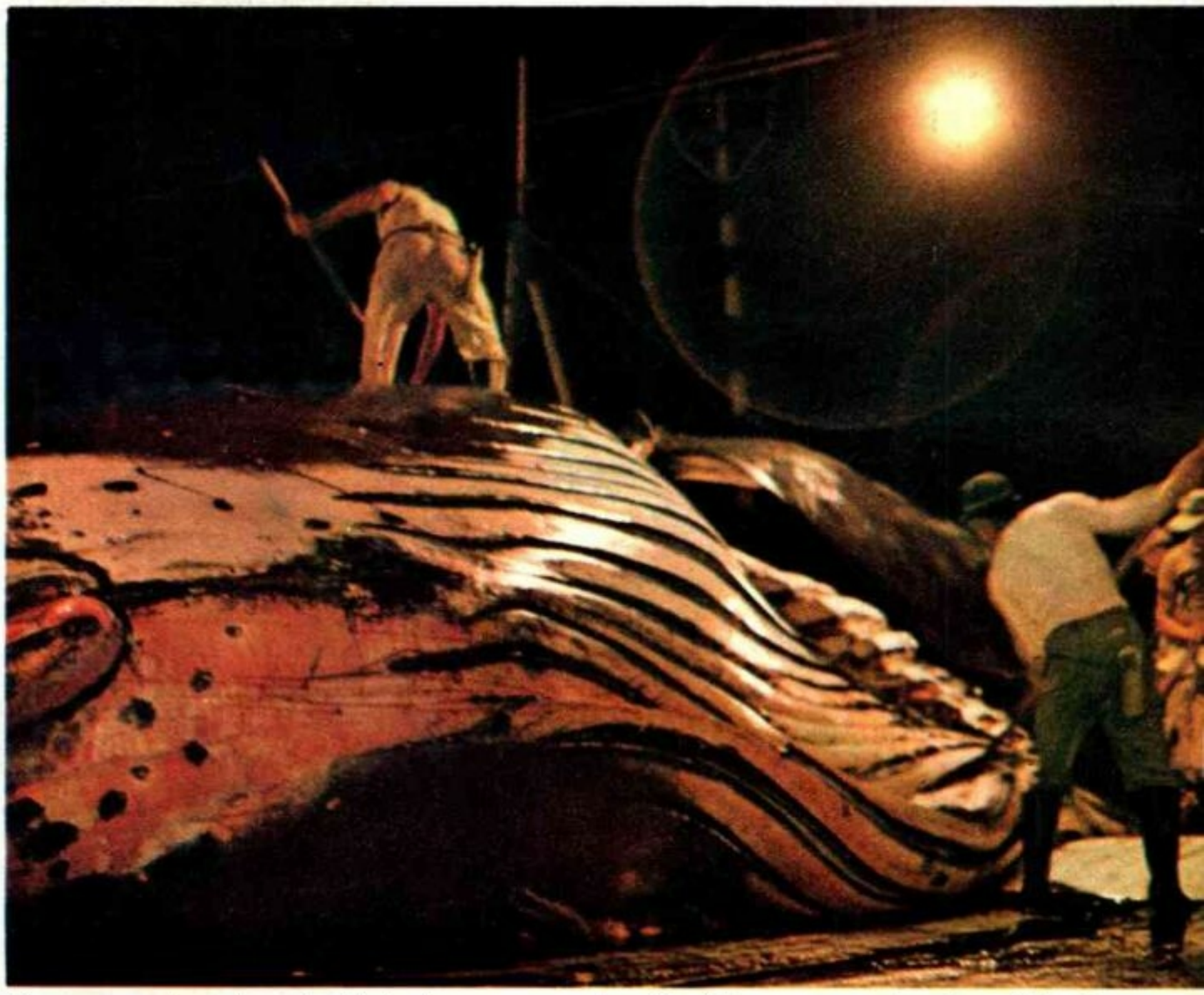
orgulho e produto da **DURATEX S.A.**

Aqui todos os dias são do caçador

BALEIA
CONTINUAÇÃO

Os amigos. A faca. Dor de cabeça. As luzes do navio. Perdeu os sentidos. No quinto dia viu um grande navio. Acenou com o remo e a camisa até cair exausto. Acordou sendo içado para bordo. Tomou água mordendo o copo e desmaiou de nôvo. O navio — era um cargueiro inglês — deixou-o em Natal, no sexto dia. No oitavo, desembarcava de avião em Recife, seguindo direto para o cais. Os navios apitaram longamente quando êle chegou. Seus colegas queimaram todo o estoque de foguetes que havia no Recife. E todos juntos — mais de 80 — caminharam para um bar.

— Foi uma procissão movida a rum. Eu chorei de alegria. Vermelho, sim, é pesca boa. Baleia é covardia.



São empregados cêrca de trinta homens, armados de foices, no serviço de retalhação.

Brincando com a morte

— Borô! — Josias vira o leme. Sakaguchi chega à cabine ainda sem camisa, catando o binóculo sem tirar os olhos do mar. Não se passaram dois minutos entre o grito e a chegada.

— Êle não dorme, não. Só pensa em baleia — na observação de Josias há um toque de admiração. Êle também procura o jato d'água da baleia — a cachimbada, como dizem os brasileiros.

— Storê — o grito é calmo, para manter o rumo. Só os homens da gávea viram a cachimbada. Vinte minutos depois, vem o pedido de **full,** isto é, tôda velocidade. O navio pula na crista das ondas como um cavalinho de carrossel. Sakaguchi verga o corpo para a frente, tentando ampliar o alcance do binóculo, enquanto o alto-falante transmite informações em japonês: há duas minkes na frente, vão aparecer diante da proa.

Confirmado: nem é preciso binóculo para ver a cachimbada da primeira. Depois, da outra. Pelo jato d'água, sabe-se que é minke, realmente. Cada espécie expele a água com um toque próprio: o cachalote para a frente; a preta tem a cachimbada bem aberta; a do espadarte é mais alta. O tempo de mergulho de cada uma também identifica a raça: enquanto o cachalote fica submerso 45 minutos, a minke só suporta uns 5 ou 10. E sua cachimbada é mais curta. Fica difícil distingui-la da espuma das ondas. Só com muita prática nota-se a diferença. Quando o dia é bom, os japonêses conseguem distinguir uma cachimbada até a quatro milhas de distância.

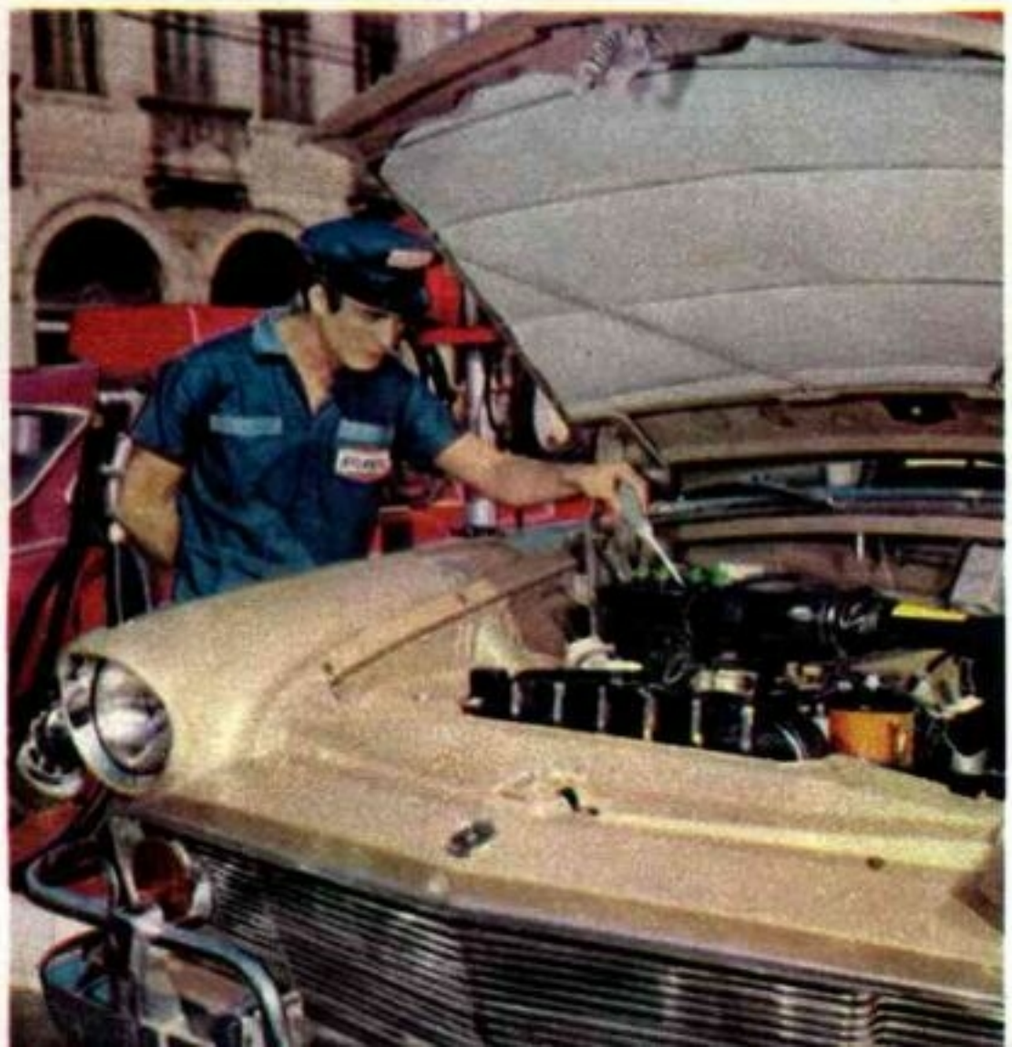
A velocidade das minkes é de mais ou menos 10 milhas por hora. O **Koio** anda a 14; a distância se reduz. As duas baleias parecem brincar de esconde-esconde. Quando uma aparece, a outra afunda. Mantêm-se despreocupadas até perceber a presença do navio que a uns 500 metros aponta a proa contra elas. O esconde-esconde agora é entre barco e baleia. A velocidade diminui. O **Koio** pula para a esquerda; a baleia mergulha e sai atrás; êle faz a volta; ela foge para o outro lado. A outra reaparece na frente e mergulha quase por baixo do navio. Sakaguchi manda concentrar a perseguição contra a mais próxima. Já está com a roupa preta, mordendo o filtro do cigarro. Asano, o comandante, pega o leme. Máquina e leme agem com sincronismo.

SEGUE

Quanto está custando uma bateria nova?

Quando você vai ao seu Pôsto Atlantic para abastecer, seu carro recebe todos os serviços de pista: radiador, nivel do óleo, limpeza do pára-brisa, calibragem dos pneus; e damos especial atenção à sua bateria. Não precisa pedir: sabemos que o carro mais importante do mundo é o seu. Um momento: vamos limpar, ainda, o vidro dos faróis.

Seu carro merece sempre mais um minuto



Atlantic serviço nota 10

ATLANTIC

COMPANHIA ATLANTIC DE PETRÓLEO

6.910

O assunto na hora do almôço: baleia

BALEIA
CONTINUAÇÃO

O **Koio** tem enorme flexibilidade de manobra. Esquerda, direita, para frente, para trás, a baleia tenta fugir, mas já é tarde. Quando mergulha, a posição da cauda denuncia suas intenções. Koriuche adivinha o lance seguinte e adverte:

— Borô!

Sakaguchi limpa a alça de mira do canhão. O navio vira-se um pouco para a direita, o canhão também. Os olhos semicerrados do artilheiro se protegem contra os reflexos do sol. Êle ajeita a altura do canhão com o pé, está pronto.

— Haaíííííí!

A minke estremece, sangra em duas feridas, vira-se na última cambalhota.

Desta vez Sakaguchi não ri. Agita-se, fazendo sinal para os tripulantes, sem tirar os olhos d'água. Outra bala, outro arpão. A tripulação entendeu e olha em volta: é a vez do macho.

Mês de mar bravo

— Êsse bêsta já morreu também — Asano, o comandante, fala português com sotaque de nordestino. Seus cinco filhos e a espôsa são paraibanos. Gira a proa para uma posição melhor. O tiro é certeiro. As duas manchas de sangue aos poucos se encontram. O **Koio Maru** dança entre as duas baleias mortas. O mar vermelho-verde-azul entra pelo convés, salpicando os sorrisos dos marinheiros.

— O japonês tá mesmo c'a gôta — tôda a tripulação repete a frase de Nêgo Bum.

Sato, o pilôto, amarrou o sonar e uma bandeira vermelha em cada baleia. As duas minkes ficaram boiando juntinhas. O **Koio Maru** prosseguiu. São onze horas.

Sakaguchi e Nêgo Bum atravessam a ponte do convés e descem para almoçar. O japonês entra na sala da esquerda, recebe de Zèzinho um sa-chi-mim (carne crua) de baleia com muito aji-no-moto, uma tigela de arroz sem sal e uma salada de verduras. Nêgo Bum fica sentado entre outros tripulantes, aguardando seu almôço.

— O mar queria comer teu feijão, Aderaldo! — Zèzinho traz um prato grande com feijão e arroz, outro prato de carne de boi e conta como salvou a panela quando o navio balançou muito.

— Primeira segunda-feira de agôsto tem mar brabo, num é, Luiz?

Luiz é o subchefe do convés. Foi comandante de barcaça, pescou em jangada, conhece aquêle pedaço de mar como a palma da mão:

— Hoje eu não tenho o que dizer do mar. Já deu três baleias. Se continuar nessa pisada, Bum, tu vai chorar antes de terminar setembro.

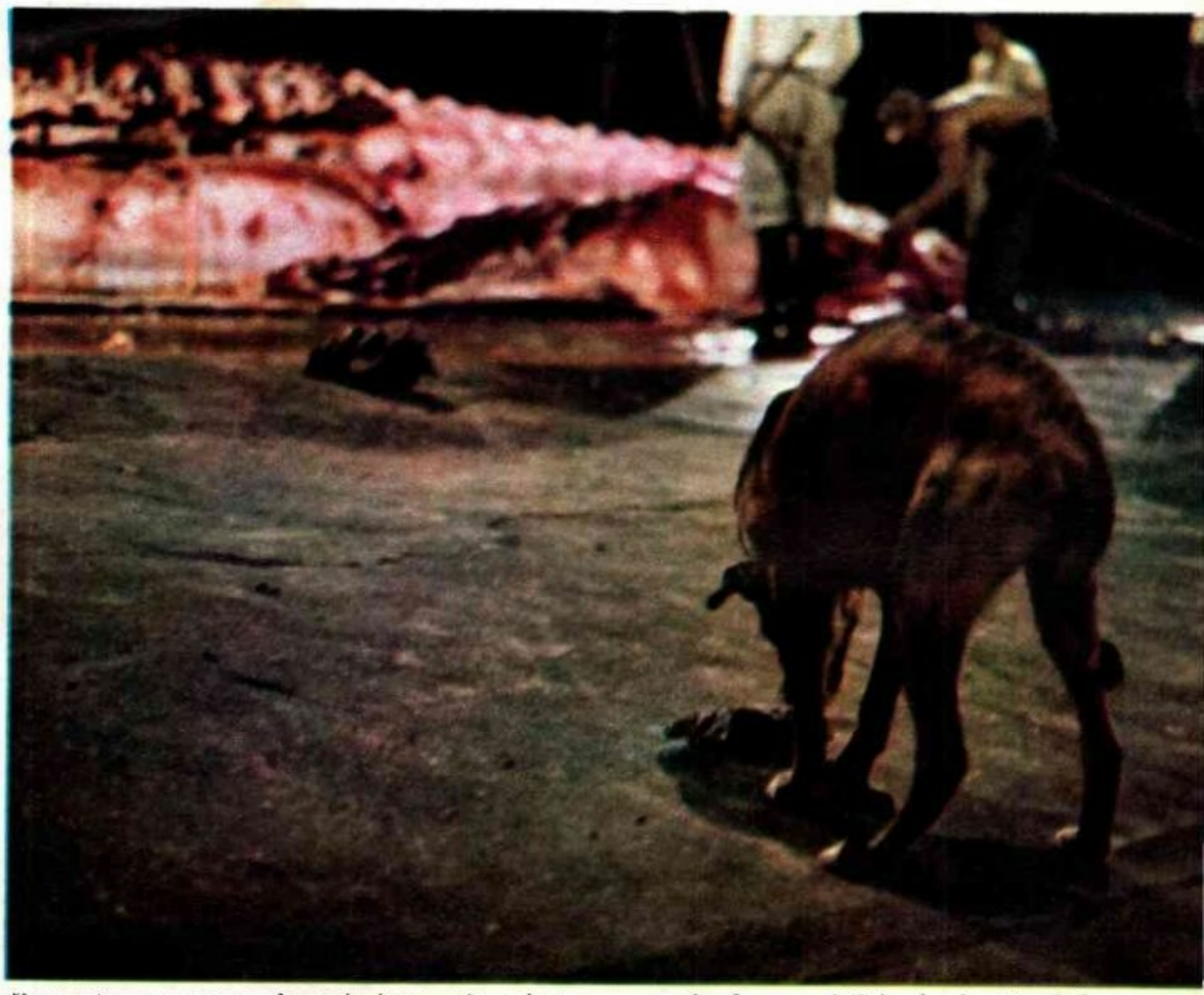
Bum chora quando bebe muito. E todos beberão muito até o fim de setembro, quando chegar a 300 o número de baleias capturadas pelo **Koio.** No ano passado, nesse dia 30, a companhia pagou uma conta de 32 litros de rum e 78 coca-colas.

— Num precisa esperar pelas 300 baleias pra gente beber, não. Minha mulher tá esperando menino daqui pra sábado. — Nelson entrou na sala equilibrando o enorme prato que tinha preparado na cozinha.

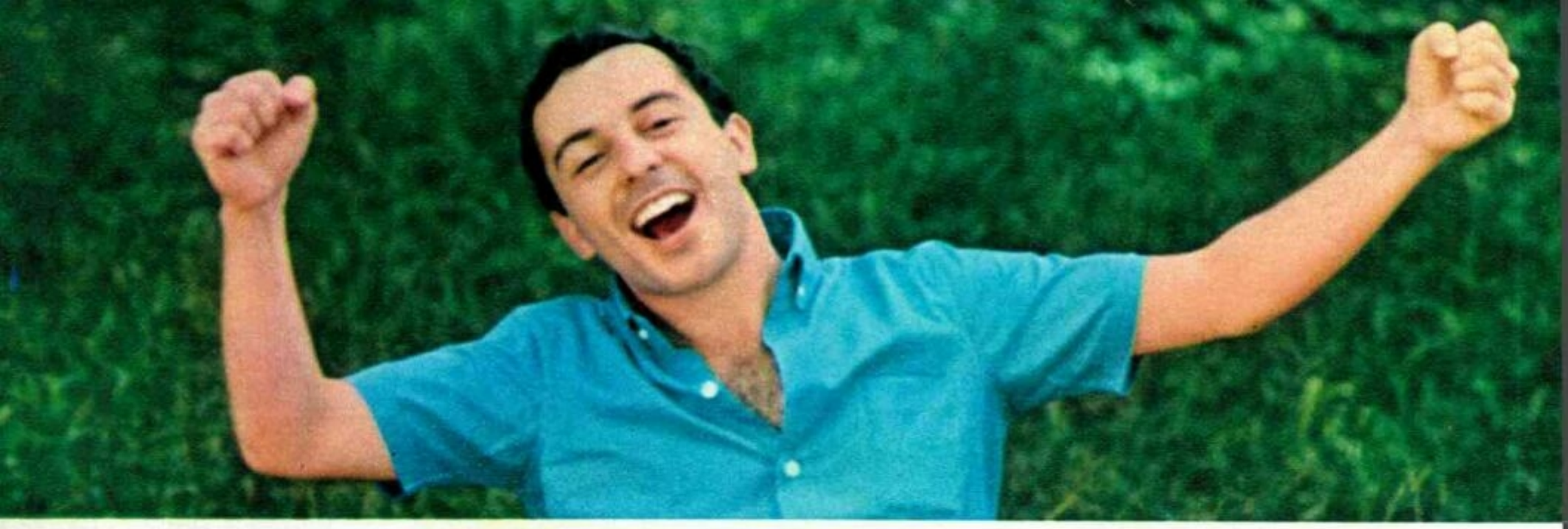
— Então vamos beber logo hoje o mijo dessa cachalotezinha . . .

— . . . zinha, não; só tem rum se fôr homem. Vai ser artilheiro bom. Capaz de matar até sardinha de canhão.

— Então é filho de Sakaguchi. SEGUE



E pronto: em menos de meia hora, não sobra quase nada de uma baleia de dez toneladas.



Fabulosa! Tem farol embutido.

Reclam

NOVA

Monark

GALÁXIA 67

— com sua Estrêla da Sorte

É a mais moderna bicicleta do mundo

A única com farol embutido. Tem a qualidade Monark, famosa em 5 continentes. A resistência do aço temperado. Linhas aerodinâmicas. Deslizar macio. Selim Confôrto Flutuante. Tração Monobloco, forjada numa só peça. Cintilantes côres espaciais: Vermelho Galáxia, Azul Cosmos, Verde Gemini, Verde Espacial. E o exclusivo farol embutido, com foco panavision, que abre caminho dentro da noite. Ainda por cima, Monark tem a Estrêla da Sorte, para ajudar Você a vencer na vida. Nem precisava. Pois todos sabem: sorte de quem tem Monark - a melhor bicicleta do mundo!

COMPRE SUA BICICLETA. MAS, COMPRE LOGO A MELHOR. COMPRE A NOVA MONARK GALÁXIA 67

A festa da volta

— Num é bêsta não, cachorro. Meto-lhe a peixeira já...

Vive-se de baleia

Costinha é uma praia tranqüila, diante do pôrto de Cabedelo. Duzentas casas, seis mil coqueiros, o campo de futebol, a fábrica e o trapiche. A fábrica é a companhia de baleias — Companhia de Pesca Norte do Brasil. Há mais de 50 anos o lugar vive de caçar baleia. Antigamente, a fábrica era de um brasileiro que usava processos ultrapassados. Não aproveitava a carne, só o óleo. Faliu. Os japonêses assumiram o contrôle em 1958 e organizaram melhor o trabalho. Hoje não sobra nada das baleias: só o sangue que vem derramando pelo mar.

O apito da fábrica soa três vêzes, longamente. É o sinal de que o **Koio Maru** chega dentro de uma hora.

Os homens estão descansando em casa ou voltando da pesca particular. Os meninos já pararam de apanhar côcos secos que vendem nas ruas e vão jantar correndo para esperar o navio.

Começa o segundo ato

Saito desce do escritório, no primeiro andar da fábrica, com o boné na mão, camisa aberta no peito e bota de borracha. Todos os trabalhadores têm botas e roupas de plástico.

A sola das botas têm pinos — como pregos — para não derrapar na carne das baleias. Os passos fazem barulho no cimento. Saito começa a distribuir as ordens de rotina, com o português atrapalhado mas com um jeito simples:

— Severino, acende as lâmpadas do trapiche e manda aumentar o vapor daqui a meia hora.

Saito é o gerente da fábrica. Mora em João Pessoa, a 28 quilômetros, mas chega à fábrica às sete e meia e só volta para casa quando a última baleia fôr cortada. Trabalha sem parar durante os seis meses da safra. Sua luva de beisebol está coberta de poeira num canto do escritório.

— Não há tempo para nada.

Os cortadores já estão vestidos. Alguns encapuçados, carregando foices ou facões de grandes cabos. O **Koio Maru** aproxima-se do pôrto.

A alegria da chegada

Além dos trabalhadores — uns 80 homens — há crianças e mulheres esperando o navio no cais iluminado. Tôda vez que o navio chega é uma festa. E no ano passado, quando apanharam uma baleia de 27 metros e 40 toneladas, a festa durou a noite inteira. Veio gente até de João Pessoa.

O **Koio** encosta lentamente, como um caçador orgulhoso, a ilharga cheia de baleias — cinco. No total de 70 toneladas. Bate de proa no ancoradouro.

A viagem e o ar que foi injetado tiraram a elegância da primeira baleia, que está sendo descarregada. Está meio mole, um monte de carne apenas, com a cauda mutilada pelos tubarões. Já perdeu mais de mil litros de sangue e continua sangrando, como um caminhão-tanque com a torneira aberta. SEGUE

QUE TIPO DE JOVEM VOCÊ É?

VIRE A PÁGINA PARA SABER O TIPO DE CALÇA ADEQUADO A SUA PERSONALIDADE

INOVADOR
"Na crista da onda" com Topeka

ESPORTIVO
Topeka é a "jogada"

CONQUISTADOR
É "fogo" com Topeka

JOVEM GUARDA
Topeka é "barra"

para todos os tipos de jovem a calça é Topeka

...bem, para quase todos, pois se você fôr

ANTIQUADO
não recomendamos Topeka a não ser que você queira se atualizar.

• Cintura baixa na frente • Corte justo e afunilado • Ziper na vista • Botão de pressão • Etiquêta de couro legítimo

Topeka®

mais uma boa confecção **ALPARGATAS**

O fim do gigante

Adachi, o chefe dos cortadores, está em cima dela, observando a carne, a gordura e orientando os homens, já prontos para a retalhação. A primeira foice entra perto da cauda, a segunda começa a cortá-la, outras duas decepam a cabeça. Logo são 15 foices despedaçando o corpo gigantesco. A cauda caiu e é arrastada pelo guincho. O corte na cabeça deixa à mostra um lençol de toucinho que é separado da carne aos poucos, com certeiros golpes. Outro homem corre em cima da baleia com um gancho de ferro. Amarra-o na gordura branca fazendo sinal para o guindaste. Um motor arranca as fatias de toucinho, despregando-as da carne com barulho. A primeira tira desprendeu-se: tem uns 10 metros de comprimento por dois de largura, e vai afinando no sentido da cauda. Outro guindaste a arrasta para uma plataforma, onde uma turma corta-a em pedacinhos de cinco quilos mais ou menos, e atira tudo no tanque fervendo. Amanhã ao meio-dia será óleo refinado.

As facas passam a cortar rente à espinha dorsal, enquanto os guindastes continuam arrastando pedaços da baleia. Bifes de duas toneladas são arrastados para o armazém do lado, cortados em pedaços de 10 a 20 quilos e levados para a balança, na entrada da fábrica. Aqui há fila.

Metade da carne é vendida na hora, para ir aos açougues das redondezas no dia seguinte. Muitos compram 500 quilos, outros um quilo ou dois. O preço é igual para todos: 58 centavos de cruzeiro nôvo. A carne que sobra será charque, a um cruzeiro o quilo. Os restos de carne, sangue, peles vão para o forno, passam num moinho, virando ração balanceada para aves.

A corrida do trabalho

Faz meia hora que a primeira baleia chegou ao estrado de corte. Só resta dela a espinha dorsal, que o guindaste leva para a plataforma. Será decomposta vértebra por vértebra e posta no forno. O osso deixa todo resíduo de óleo e vai para o triturador: será adubo para as plantações de pimenta-do-reino no Pará. O principal produto é o óleo — refinado ali mesmo em Costinha — e vendido a um cruzeiro nôvo o litro — para indústria de couro. Esta baleia dará perto de nove toneladas de carne, quatro de óleo, três de adubo. Seu coração, quase 10 quilos de charque. As barbatanas serão vendidas para o exterior ou para decoração; não têm aproveitamento industrial quando são pequenas. As grandes vão para a França e servem de armação de **soutien.** Os cortadores ganham por produção. Isso influencia o sistema de trabalho: trabalham correndo, como se apostassem para terminar mais depressa. Ganham uma média mensal de NCr$ 100, que é o dôbro do que ganha um camponês da região e trabalham geralmente das 8 da noite à uma da manhã. Ficam com o dia para dormir e pescar por conta própria.

Um homem tranqüilo

João é o chefe de uma turma. Trabalha com a foice maior, cortando toucinho e dizendo palavrão. Parece um louco, ou um carrasco empolgado com a profissão.

SEGUE

Agora tudo é paz

As botas vermelhas, roupa ensanguentada, capuz negro caindo nos ombros, correndo o tempo todo. Saito considera-o um excelente funcionário. "Aprendeu o serviço e trabalha como um japonês."

Antes de duas da manhã acabou o serviço. Costinha está calma. Os últimos trabalhadores tiram o sangue do cimento com jatos de mangueira.

A brisa da madrugada mexe com os coqueiros. Saito se encaminha para o trapiche, em companhia de Haiakawa.

Enquanto Saito distribui as últimas ordens, Haiakawa anda cabisbaixo e distraído. Está vestido com uma calça escura, impecável, camisa social de cambraia e a gravata italiana saindo do bôlso.

Encontrou felicidade cortando baleias

Foi cortador de baleia durante cinco anos. Agora é o gerente da companhia em João Pessoa. Seu dia de trabalho foi fatigante: almôço com clientes, jantar com autoridades, muitas cartas importantes ditadas à secretária, telefonemas para várias capitais. Findo o expediente, seu motorista particular o trouxe até o pôrto de Cabedelo, onde se apanha a lancha de Costinha. Êle gosta de ir à fábrica ver os antigos companheiros.

— Passei cinco anos entre baleias e coqueiros, trabalhando com gente simples. Mas gostei. Tinha uma vida só para mim. Hoje, o trabalho do escritório é bem melhor em certos aspectos, mas às vêzes é como uma engrenagem.

Haiakawa é formado em Direito pela Universidade de Tóquio.

Podia ter ficado ao lado do pai, economista e diretor de uma indústria. Mas preferiu uma vida só para êle: chegou à Austrália num navio de carga, o preconceito racial devolveu-o a Tóquio. Escolheu o Brasil. Primeiro São Paulo, onde a **engrenagem** o atemorizou. Acabou, feliz da vida, cortando baleia em Costinha.

Os primeiros tempos foram duros. Sua missão era policiar a carne para evitar furtos. Pelo sistema antigo, a carne não era aproveitada, a gente pobre da praia tirava o que queria. Com o processo japonês, houve atrito com a população local, furto de carne e algumas brigas. Uma noite, um grupo de homens, armados de facas, cercou Haiakawa. Queriam carne, de qualquer maneira. Haiakawa falou no melhor português que pôde:

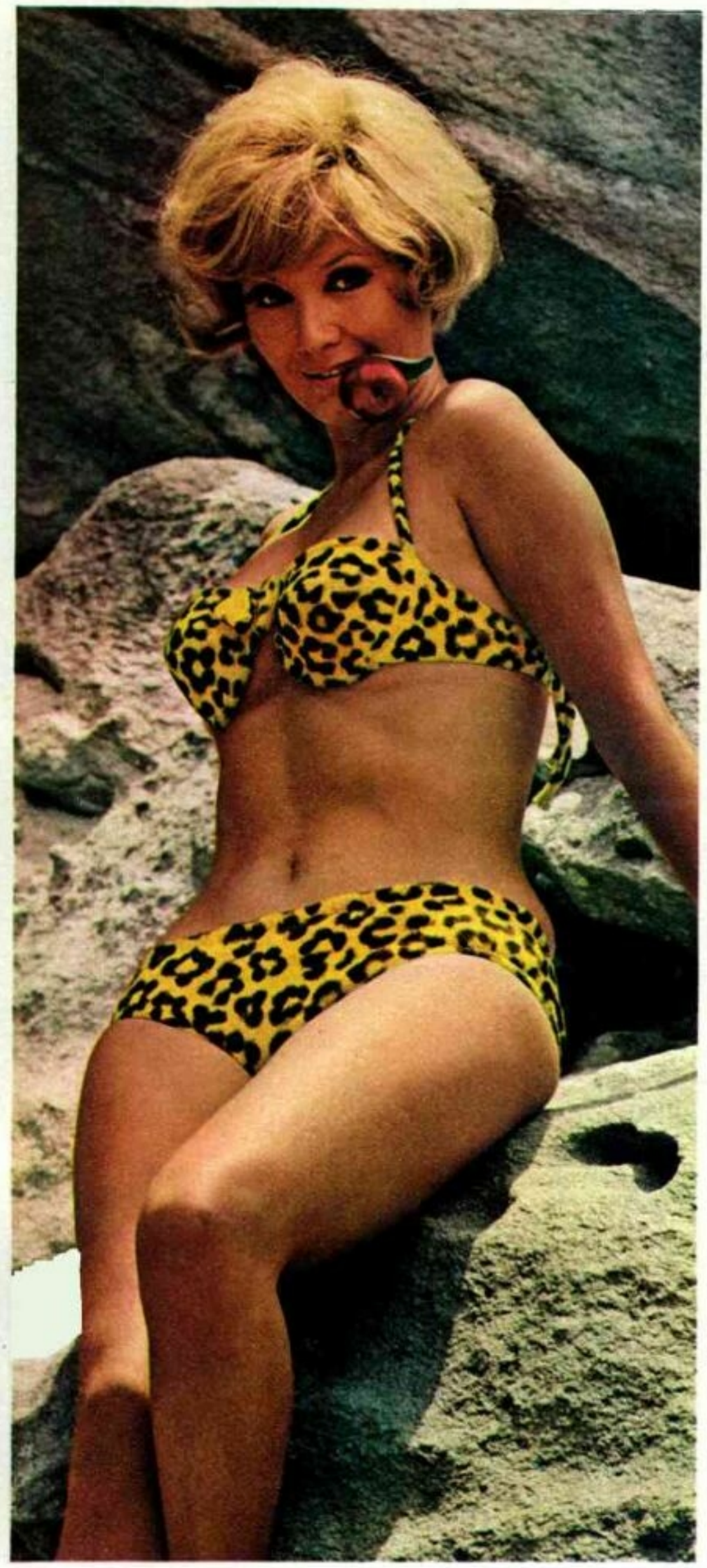
— Meu emprêgo é proibir tirar carne. Não faz mal morrer. Não posso deixar tirar nem vou matar vocês.

Êle veio para ficar

Ainda hoje recorda a cena. Um país estranho, a morte pertinho entre coqueiros e baleias, os homens com raiva. Aquela noite foi seu grande teste. Êle venceu. Os homens admiraram sua decisão, recuaram. A companhia melhorou a situação do povo de Costinha, as brigas cessaram.

Hoje japonêses e brasileiros vivem juntos e tranqüilos. Haiakawa sorri dos velhos tempos. Acha difícil deixar Costinha.

— O importante é ter uma vida só para mim. Não faz mal que seja entre baleias e coqueiros. FIM



E depois da 3.ª ou 4.ª dose, então. . . todo "whisky" fica bom. Mas no dia seguinte, mesmo, é que você vai saber.

E Old Eight?

Depois de conhecer "Old Eight" você vai entender porque um whisky realmente extra precisa ser envelhecido oito anos. Aliás, a fama dos whiskies escoceses vem daí: seu envelhecimento.

"Old Eight" é produzido com extra scotch malt whisky importado das melhores destilarias da Escócia. Não estranhe, pois, que "Old Eight" custe um pouco mais. Êsse pouco mais, faz muita diferença... no dia seguinte.

Old Eight é envelhecido 8 anos ...que quer dizer isso?

Quer dizer que "Old Eight" passou 8 anos na Escócia esperando amadurecer, aprontando-se para o grande dia. "Old Eight" e você vão ficar velhos amigos desde o primeiro encontro. E quem garante o envelhecimento de "Old Eight" é DRURY'S - o maior nome em whisky no Brasil.

Faça a prova

Colôque "Old Eight" num copo e o melhor whisky escocês noutro copo. Convide aquêle seu amigo que se diz grande conhecedor de whisky. Veja se êle nota alguma diferença. Êle vai achar que você está brincando. Seja bonzinho e informe que "Old Eight" já existe no Brasil.

e...onde está à venda?

Em algumas poucas casas, exatamente aquelas que fazem questão de ter o melhor produto de cada especialidade.

produzido e engarrafado por
Drury's S.A. para:
Fabrizio Fasano & Cia.
Rua Maestro Elias Lobo, 987
Fone: 81-7521 - São Paulo

O bom whisky você conhece no dia seguinte...

ESPETACULAR!

OS MAIORES SUCESSOS DE TODOS OS CARNAVAIS!

Pandeiro, cuíca, tamborim, reco-reco, frigideira. Confete, serpentina, lança-perfumes, côres, sorrisos, música. Tôda a estupenda alegria de todos os carnavais, para reviver emoções inesquecíveis. De 1852 - "Zé Pereira" - passando por "Ó abre alas", "Pelo telefone", "O pé de anjo", "Ora vejam só", "Amélia", "As pastorinhas", "Jardineira", "Daqui não saio", "Aurora", "Se você jurar", "Pierrô apaixonado", a 1967 - "Máscara Negra" e tantas outras maravilhas. Orquestra de metais, regional e côro misto. Arranjos e regência dos Maestros Rogério Duprat, Portinho e Waldemiro Lenke. Gravação magnífica, alta fidelidade. "Sempre Carnaval" - uma coleção de 6 LP -com 72 sucessos, exclusividade absoluta da Discoteca Abril Cultural.

1852 a 1929 – Arranjos e regência: Maestro Rogério Duprat
Zé Pereira - Ó abre alas - Vem cá mulata - No bico da chaleira - Pelo telefone - A baratinha - O pé de anjo - O fubá - Zizinha - Ora vejam só - Pinião - Suspira, nega suspira.

1930 a 1933 – Arranjos e regência: Maestro Rogério Duprat
Dá nela - Prá você gostar de mim - Quebra, quebra, gabiroba - Na Pavuna - Com que roupa - Se você jurar - Deixa essa mulher chorar - A-E-I-O-U - Teu cabelo não nega - Marchinha do amor - Moreninha da praia - Linda morena.

1933 a 1935 – Arranjos e regência: Maestro Portinho
Fita amarela - Formosa - Arrasta sandália - O Orvalho vem caindo - Agora é cinza - Carolina - Se a lua contasse - Linda lourinha - Implorar - Foi ela - Grau dez - Deixa a lua sossegada.

1935 a 1938 – Arranjos e regência: Maestro Portinho
Eva querida - Salada portuguêsa - Cidade maravilhosa - É bom parar - Pierrô apaixonado - Marchinha do grande galo - Mamãe eu quero - Lig-Lig-Lig-Lé - Como "vais" você - Periquitinho verde - Não tenho lágrimas - Touradas em Madrid.

1938 a 1955 – Arranjos e regência: Maestro Waldemiro Lenke
As pastorinhas - Hino do carnaval brasileiro - Meu consôlo é você - Jardineira - Upa upa - Cai, Cai - Helena, Helena - Aurora - Alá-lá-o - Ai que saudade da Amélia - Emília - Eu brinco.

1948 a 1967 – Arranjos e regência: Maestro Waldemiro Lenke
Não me diga adeus - General da banda - Daqui não saio - Tomara que chova - Lata d'água - Cachaça - Saca rôlha - Cabeleira do Zezé - Mulata Iê-Iê-Iê - Roubaram a mulher do Rui - Tristeza - Máscara Negra.

Compre "Sempre Carnaval", sem sair de casa e ganhe dinheiro!

OFERTA DE LANÇAMENTO

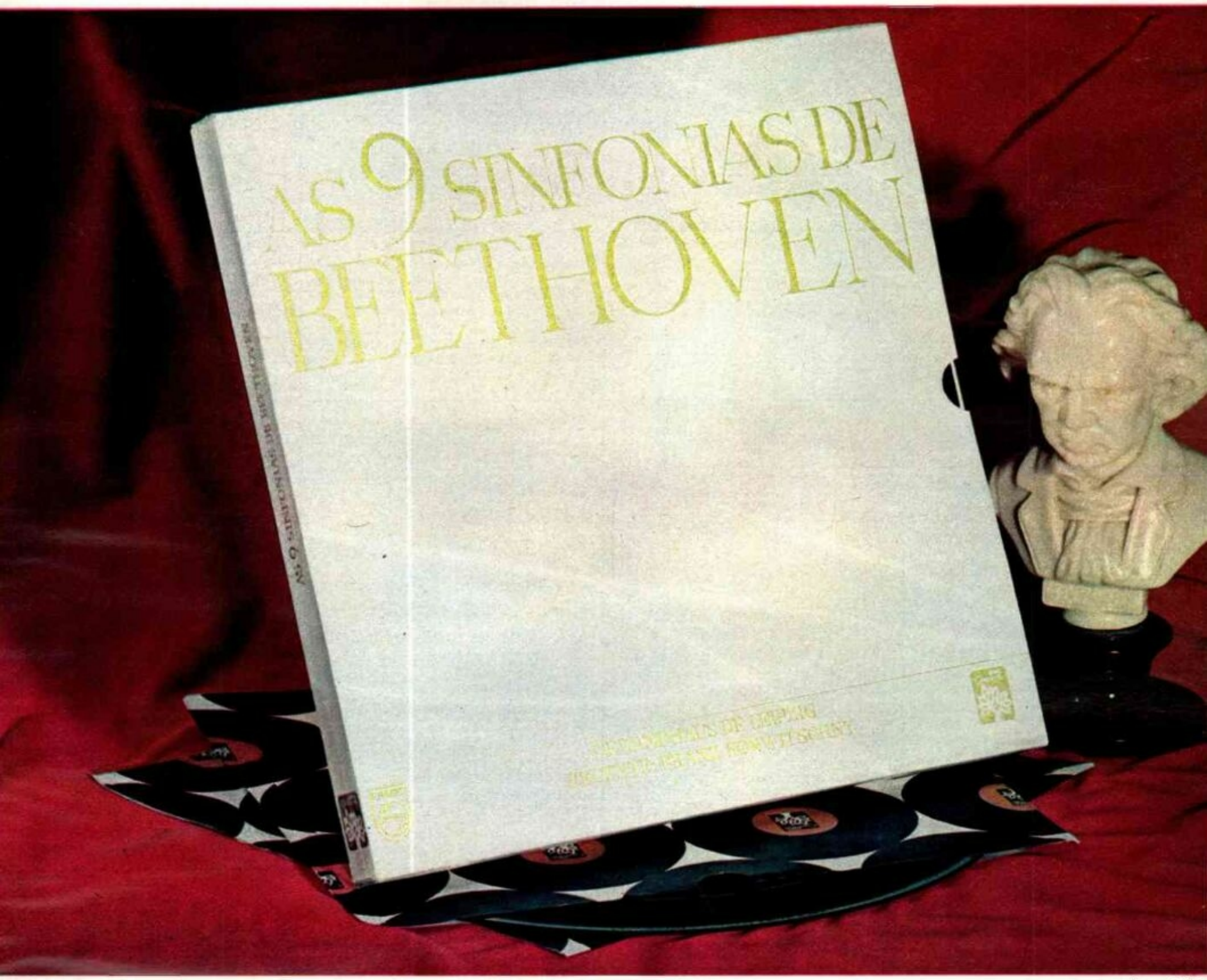
NCr$ 39,90

Preço de 6 LP de música popular NCr$ 54,00
VOCÊ GANHA NCr$ 14,10
GRÁTIS! Libreto ilustrado e luxuosamente impresso.

Preencha e mande-nos, ainda hoje, o cartão pedido.

Mais um notável lançamento da
DISCOTECA ABRIL CULTURAL

ABRIL CULTURAL APRESENTA



pdp propaganda

O LANÇAMENTO CLÁSSICO DO ANO!

"As 9 Sinfonias de Beethoven". 6 LP esplendidamente gravados em alta fidelidade, estéreo e mono, pelo Côro e Cantores da Rádio de Leipzig e pela Orquestra Gewandhaus, sob a regência de Franz Konwitschny. Esta maravilhosa coleção é exclusiva da Discoteca Abril Cultural e V. pode comprá-la fàcilmente, sem sair de sua casa, em condições que ninguém mais pode oferecer.

"AS 9 SINFONIAS DE BEETHOVEN"

Orquestra Gewandhaus, Regente Franz Konwitschny, Côro e Cantores da Rádio de Leipzig.

Sinfonia n.º 1, em dó maior, op. 21
Sinfonia n.º 2, em ré maior, op. 36
Sinfonia n.º 3, em mi bemol maior, op. 55 (Eroica)
Sinfonia n.º 4, em si bemol maior, op. 60
Sinfonia n.º 5, em dó menor, op. 67
Sinfonia n.º 6, em fá maior, op. 68 (Pastoral)
Sinfonia n.º 7, em lá maior, op. 92
Sinfonia n.º 8, em fá maior, op. 93

OFERTA DE LANÇAMENTO

NCr$ 42,00*

*estereofônico NCr$ 44,10

Preço de 6 LP de música clássica NCr$ 66,00

VOCÊ GANHA NCr$24,00

GRÁTIS! Libreto ilustrado e luxuosamente impresso.

Preencha e mande-nos, ainda hoje, o seu cartão pedido.

Mais um notável lançamento da DISCOTECA ABRIL CULTURAL

ERA UMA VEZ... VOL. 1
6 LP - 6 maravilhosas estórias!

Lady e o Vagabundo - Dumbo - Bambi - Estórias do Tio Remus - Bobby dos Franciscanos - Os 3 Porquinhos.

6 LP infantis = NCr$ 51,00
ERA UMA VEZ... vol. 1 = NCr$ 31,50
(Ganhe NCr$ 19,50)

ERA UMA VEZ... VOL. 2
6 LP - 11 inesquecíveis aventuras!

Peter Pan - Aladim - Ali Babá - Moura Torta - Pinocchio - Gulliver - A Bela e a Fera - A Bela Adormecida - Chapeuzinho Vermelho - Pedro Malazarte - Sindbad.

6 LP infantis = NCr$ 51,00
ERA UMA VEZ... vol. 2 = NCr$ 31,50
(Ganhe NCr$ 19,50)

RITMOS E MELODIAS NA MÚSICA POPULAR
6 LP - 76 gravações!

Nanã - Garôta de Ipanema - Ela é Carioca - Ai que saudade da Amélia - Chão de estrêlas - Quero que vá tudo pró inferno - Que c'est triste Venize - Ma vie - Around the world - Tarde fria - Multiplication - Exodus . e mais 64 sucessos!
6 LP de mús. pop. = NCr$ 51,00
RITMOS E MELODIAS NA MÚSICA POPULAR = NCr$ 33,60
(Ganhe NCr$ 17,40)

VIVA A MÚSICA
6 LP - 72 gravações!

Disparada - A banda - Strangers in the night Esqueça - Yesterday - Submarino amarelo - Meu bem - A praia - Et maintenant - Feitiço da Vila - Olé, olá - Lá vem o bloco - 7 homens de ouro - Tema de Lara - Michelle... e mais 57 sucessos!

6 LP de mús. pop. = NCr$ 51,00
VIVA A MÚSICA = NCr$ 33,60
(Ganhe NCr$ 17,40)

SEMPRE CARNAVAL
6 LP - "Sempre Carnaval" 1852 a 1967

Zé Pereira - Ó abre alas - Pelo Telefone - O pé de anjo - Dá nela - Na Pavuna - Se você jurar - Teu cabelo não nega - Fita amarela - O orvalho vem caindo - Grau dez - Pierrô apaixonado - Mamãe eu quero - Jardineira Ai que saudade da Amélia - General da banda - Máscara Negra... e mais 55 sucessos!

6 LP de mús. pop. = NCr$ 54,00
SEMPRE CARNAVAL = NCr$ 39,90
(Ganhe NCr$ 14,10)
E mais! Libreto luxuosamente impresso.

GÊNIOS DA MÚSICA
6 LP - 10 peças clássicas completas!

BERLIOZ - CHOPIN - LISZT - BOCCHERINI - HAYDN - MOZART - BEETHOVEN - BACH.

As maiores Orquestras e Filarmônicas do mundo!

6 LP de mús. clás. = NCr$ 60,00
GÊNIOS DA MÚSICA = NCr$ 37,80
(Ganhe NCr$ 22,20)
E mais! Libreto luxuosamente impresso.

CLÁSSICOS DE TODOS OS TEMPOS
18 LP - 47 obras primas!

VIVALDI - RIMSKY KORSAKOV - TCHAIKOVSKY - DVORAK - GIORDANI - VERDI - ROSSINI - PAGANINI - DONIZETTI... e outros grandes mestres!

10 LP de mús. clás. = NCr$ 100,00
CLÁSSICOS DE TODOS OS TEMPOS = NCr$ 46,20
(Ganhe NCr$ 53,80)
E mais! Libreto luxuosamente impresso.

AS 9 SINFONIAS DE BEETHOVEN
6 LP - Em estéreo ou mono

Sinfonia n.º 1, em dó maior, op. 21 - N.º 2, em ré maior, op. 36 - N.º 3, em mi bemol maior, op. 55 (Eroica) - N.º 4, em si bemol maior, op. 60 - N.º 5, em dó maior, op. 67 - N.º 6, em fá maior, op. 68 (Pastoral) - N.º 7, em lá maior, op. 92 - N.º 8, em fá maior, op. 93 e N.º 9, em ré menor, op. 126 (Coral).

6 LP de mús. clás. = NCr$ 66,00
AS 9 SINFONIAS DE BEETHOVEN = NCr$ 42,00
(Ganhe NCr$ 24,00)
E mais! Libreto luxuosamente impresso

ESPETACULAR OFERTA DE DISCOS!

PEÇA HOJE MESMO DUAS OU MAIS DESTAS MARAVILHOSAS COLEÇÕES. VEJA QUANTAS VANTAGENS:

ECONOMIZE:

Mais NCr$ 4,00 na compra de 2
Mais NCr$ 8,00 na compra de 3
Mais NCr$ 12,00 na compra de 4
Mais NCr$ 16,00 na compra de 5
Mais NCr$ 20,00 na compra de 6
Mais NCr$ 24,00 na compra de 7
Mais NCr$ 28,00 na compra de 8

- **Escolha entre mais de 300 gravações exclusivas.**
- **Compre sem sair de casa e aproveite os descontos progressivos.**
- **Em cada álbum uma seleção cuidadosa, que representa o melhor em música clássica, popular e estórias infantis.**
- **Alta fidelidade, sonoridade perfeita e qualidade garantida.**
- **Em cada coleção, um magnífico folheto explicativo.**
- **Um luxuoso estôjo-discoteca protege seus discos.**

Preencha e mande-nos, ainda hoje, seu cartão pedido.

Exclusividade no Brasil para a
DISCOTECA ABRIL CULTURAL

CIBRAÇO S/A

fornece nesta obra

louças ferros metais

Nós damos muita importância à placa da Cibraço em sua obra. E o senhor pode tirar um bom proveito dêste nosso orgulho.

Talvez seja vaidade, não discutimos. A verdade é que uma firma como a Cibraço, que há 25 anos vem fornecendo ferro e materiais para a construção civil, tem muito por que zelar. Não é só amor à tradição, visto que temos nos renovado. É, principalmente, valorizar um patrimônio de experiência. Um exemplo. O senhor já deve ter notado que nós da Cibraço, embora dispondo de um considerável estoque em materiais de construção, não vendemos qualquer marca. Cada novo produto que nos é oferecido é testado. Se não atende aos padrões de qualidade exigidos, nós não o aceitamos. E o senhor é quem ganha com isso. Cada vez que encomenda um material na Cibraço, o senhor sabe que não vai receber um "igualzinho", mas o certo. Confessamos ter um orgulho danado quando vemos nossa placa em sua obra. É, pensando bem, deve ser vaidade.

CIBRAÇO S/A

comercial e importadora brasileira de ferro e aço

WH

loja: av. casper libero, 390/400 - fones: 32-2916 - 36-5559 - 36-5171 • filial: rua florêncio de abreu, 738 - fone: 36-4361

Seu nome é Francisco Matarazzo Sobrinho, mas seu apelido diz tudo: "pai da Bienal".

ARTE É COM ÊLE

Texto de
Luiz Fernando Mercadante
Fotos de ZéPinto

Ainda tem lugar no ônibus das quatro?

– Tem.

– Ótimo. É monobloco?

– Não.

– Oh, que pena!

Olha como o ônibus das quatro seria bonito, se fôsse monobloco...

É, pena mesmo.

Quem sabe o que é monobloco faz questão de viajar nêle.

Porque o monobloco Mercedes-Benz só leva os passageiros dentro: o motor vai fora, lá atrás, junto com o barulho, o calor e o cheiro de óleo. Por isso, v. pode bater papo à vontade, durante a viagem.

Ou tirar uma soneca se quiser.

E se v. não quiser conversar, nem dormir, pode ler: porque monobloco não trepida, mesmo quando a estrada não é lá essas coisas...

Afinal, a suspensão por molas espirais dêle é igual à dos automóveis modernos.

E os bancos reclináveis são macios e de desenho anatômico. (Isso melhora qualquer estrada.)

Depois, o ônibus monobloco "Mercedes", é construído com uma estrutura integral de uma peça só, que absorve os choques e as vibrações da estrada. Por isso se chama Monobloco.

Nos outros ônibus, essas vibrações são absorvidas pelos passageiros.

Agora, tem coisas que os outros ônibus têm, e o monobloco não: aquêles nhec, nhec, nhec, por exemplo, que irritam v. a viagem tôda.

Mas não é só.

Talvez v. tenha a impressão de que a viagem foi mais curta, viajando nêle.

Nesse caso, é muito provável que não tenha sido só impressão.

Porque êle é mais leve, e por isso usa melhor a potência do motor.

Então, é mais fácil êle chegar adiantado do que atrasado.

Essa é outra vantagem de ser monobloco. (Viu só por que tanta gente prefere viajar em ônibus da "Mercedes"?)

E olhe, se v. não conseguir passagem no monobloco das quatro, não se aborreça.

Tantas emprêsas de ônibus estão substituindo suas frotas por monoblocos "Mercedes", que logo logo quase todos os ônibus na estrada serão monobloco. E aí, quando v. comprar passagem, nem precisará perguntar se é monobloco. É só entrar nêle e fazer boa viagem. Votos da Mercedes-Benz do Brasil S.A.

No comêço fazia tado desde dar dinheiro até pregar quadros na parede

O homem está só, de pé diante da sede da prefeitura da pequena cidade paulista, à espera do seu automóvel.

Num grupo que passa, alguém comenta:

— É o manda-chuva.

O homem sai do elevador e atravessa os escritórios da grande metalúrgica no bairro do Brás, em São Paulo.

O chefe da portaria adverte o nôvo contínuo:

— É o manda-chuva.

O homem percorre familiarmente os salões da IX Bienal de São Paulo, vê uma tabuleta fora de lugar e providencia sua reposição.

Um monitor aponta-o a alguns visitantes:

— É o manda-chuva.

O manda chuva da cidadezinha, da fábrica e da Bienal é o mesmo homem: Francisco Matarazzo Sobrinho, 69 anos de idade, uma grossa bengala a lhe abrir caminho, prefeito de Ubatuba, dono da Metalma — maior fabricante de latas do Brasil — e pai da Bienal de São Paulo, uma das mais expressivas mostras internacionais de arte em todo o mundo.

Há dias, ao inaugurar a IX Bienal, um jornalista lhe perguntou se estava contente.

— Claro — respondeu com seu leve sotaque italiano — Estou muito contente.

— Esta IX Bienal — continuou o repórter — com 60 países além do Brasil e um total de seis mil obras é insuperável?

— Claro que não, rebate o homem. Espere só a décima para ver uma coisa.

O pai da Bienal

— Eu fui o pai da Bienal. E, de certa forma, continuo sendo, ainda que hoje ela já ande com suas próprias pernas. No comêço eu era tudo e eu fazia tudo, desde dar dinheiro até quase pregar quadros nas paredes. Hoje, não. Hoje, a Bienal é uma Fundação, tem subvenções governamentais e uma equipe capaz de dirigi-la convenientemente. Eu ainda sou o presidente e continuarei presidente também na próxima. Então, vou descansar. Naturalmente êles me farão presidente honorário ou presidente perpétuo. Mas, nada além disso. Daí, sim, poderei vir a tôdas as Bienais como visitante. E só aí, finalmente, poderei parar diante de um quadro ou uma escultura e dizer bem alto: que bonito!

Enquanto o homem vai falando, sua voz, doce e baixa a princípio, vai ganhando vida. Suas últimas frases saem entusiasmadas. Às vésperas dos 70 anos êle tem momentos de cansaço e exaustão que o fazem parecer vencido. Mas são momentos. Um instante depois êle renasce e explode:

— Entre e veja: a Bienal é, como disse um crítico, o maior comício internacional das artes de que se tem notícia. SEGUE

Êle continua presidente da Bienal, porém quer deixar o cargo para, nas próximas, se tornar um simples visitante.

COMO É GOSTOSO O BANHO COM GESSY.
COMO É GOSTOSO !!!

Contato carinhoso em todo o seu corpo.
Espuma delicada em você inteirinha. Perfume.
Sensação gostosa. É todo o prazer para o seu banho.
É Gessy. Sabonete Gessy.

Lintas c

Para a primeira Bienal convidou 21 países; hoje traz o mundo inteiro

CICCILLO
CONTINUAÇÃO

São três andares, 36 mil metros quadrados de área, meia dúzia de quilômetros de pinturas, esculturas, gravuras e desenhos que pretendem retratar o panorama da arte do nosso tempo, no Brasil e no mundo.

Ali, 374 artistas brasileiros e 500 estrangeiros lutaram pelo Prêmio Itamarati — dez mil dólares em dinheiro — e por dezenas de outros prêmios.

Ali estão as salas especiais de Fernando Odriozola, desenho, Danilo Di Prete, pintura, e Bruno Giorgi, escultura — brasileiros premiados em Bienais passadas.

Ali podem ser vistos 39 óleos do norte-americano Edward Wooper, falecido em maio último, cuja obra, na opinião da crítica, expressa nìtidamente a vida do seu país. Esta mostra individual reúne trabalhos elaborados entre 1913 e 1965 e é de propriedade de museus e colecionadores. Está avaliada, no seguro, em um milhão de dólares.

Ali, ao lado da de Hooper, há uma mostra coletiva de 21 artistas norte-americanos, intitulada Ambiente U.S.A. 1957-1967, com temas da vida e do ambiente dos Estados Unidos.

Ali, entre outras, a França apresenta esculturas de ferragem de Baldacini Cesar, que trabalha com refugos industriais e latarias de automóveis, e os objetos-esculturas de Jean-Pierre Raynaud, todos cuidadosamente pintados de branco.

Ali, italianos exibem seis estruturas de animação eletromecânica de Gianni Colombo e dois grupos de estrutura-tela de Pino Pascali, intitulados "A decapitação da girafa" e "A decapitação do rinoceronte", e trabalhos de mais 17 artistas.

Ali, o inglês William Turnbull exibe um quadro a óleo e três de acrílico; o húngaro Gyula Feledy, com suas gravuras, registra os problemas sociais da atualidade; o argentino Le Parc, premiado na última Bienal de Veneza, oferece uma visão de sua obra em sala especial; o alemão Rainer Kuchenmeister traz a sua pintura silenciosa, de côres tôscas, sem brilhos; e os russos chegaram com oito maquetes e 196 pinturas de cenários e vestuários, mostra restrita às artes decorativas no teatro.

Ali se encontram representações de países dos cinco continentes: é possível visitar numa só tarde Barbados e Coréia, Haiti e Líbano, Paquistão e Taiti, Honduras e Ceilão, Finlândia e Tailândia. Ali é o mundo.

Para que isso fôsse possível, 40 pessoas trabalharam durante dois anos seguidos. É a equipe fixa da Fundação Bienal, equipe que cresce nas vésperas do certame e na sua abertura, e que, agora mesmo, já começa a preparar a próxima para 1969.

O chefão dessa equipe é o manda-chuva Francisco Matarazzo Sobrinho, a quem a maioria chama simplesmente de **seu** Matarazzo e os íntimos tratam pelo apelido de **Ciccillo.**

Êle sempre foi assim

Um mês antes da inauguração da IX Bienal, Ciccillo cobrava à sua equipe:

— Mas como? Ainda não pregaram nenhum quadro?

Cinco minutos depois uma auxiliar vinha com a notícia:

— Pronto, Ciccillo, já penduramos o primeiro quadro.

Ciccillo sorriu. Mas continuou cobrando:

— Então toquem para a frente. Pendurem os outros...

E a voz do homem tem um quê de afobação.

Quem o conhece sabe: desde a I Bienal, em 1951, quando se reuniram 21 países para apresentar um total de 1.600 obras, o homem é o mesmo, apressado e exigente. Não é difícil irritá-lo. Quando se preparava a primeira, realizada no Trianon, em plena Avenida Paulista, num grande galpão capaz de abrigar tôda a mostra, espalhou-se que aquilo tudo iria ruir, sob o pêso dos convidados, no dia da inauguração. Ciccillo estrilou. Chegou-se até a pensar em interditar o local. Ciccillo brigou. A festa de abertura foi um sucesso, o galpão não caiu e a exposição virou notícia no mundo todo. Ciccillo riu muito. Ainda hoje ri quando lembra: apareceu tanta gente na inauguração que êle surpreendeu o embaixador da Inglaterra trepado num muro para ver melhor a festa.

Ciccillo sabe, melhor do que ninguém, que a Bienal é polêmica:

— E você queria tratar com artistas e não encontrar polêmicas? — pergunta com firmeza.

Melhor do que ninguém, ainda, êle aprendeu que as Bienais produzem encrencas, antes, durante e depois:

— Se eu tivesse mêdo de encrencas, não me meteria nisto.

Ciccillo se lembra da I Bienal, quando três brasileiros — Portinari, Di Cavalcanti e Lasar Segall — distinguidos com salas especiais, tinham, cada qual, como certa a sua vitória entre os pintores nacionais. E já faziam planos de como aplicar os Cr$ 100 mil, maior prêmio de então.

Êle gosta de arte

Antes da Bienal, os críticos divididos entre os três importantes competidores armaram uma guerra pelos jornais.

Durante ela, surpreendidos com a não premiação dos seus preferidos, caíram sôbre o júri que, inspirado em Salomão — segundo alguns — e em Ciccillo — segundo outros, premiou Danilo Di Prete, preterindo os três grandes.

E depois, por muitos meses, atacando a obra do premiado Di Prete:

— Uns limõezinhos à-toa — chegaram a escrever.

— À-toa, uma ova — respondeu Ciccillo. SEGUE

Para Ciccillo, a nossa arte moderna já é importante.

Sempre viveu com a arte por amor à arte

Faz questão de ressaltar que não é um entendido. Conhece arte porque vive com ela. E vive com ela, porque gosta.

Poderia ter aplicado seu dinheiro em cavalos puro-sangue, iates luxuosos ou automóveis de corrida. Mas ficou com a arte: quadros, esculturas e gravuras entraram pela sua vida. Êle nem sabe como. Principiou pelas escolas francesa e italiana de 1800, das quais continua admirador. E, de repente, após a II Guerra, visitando exposições européias, em companhia de um crítico de arte italiano, começou a sentir a fôrça da arte moderna.

— Então, eu entendi — diz, com seriedade.

Os abstratos tomavam conta da arte no mundo. E o Brasil, ainda que tivesse vivido uma barulhenta Semana de Arte Moderna em 1922, estava de certa forma marginalizado e distante dos movimentos artísticos que se revitalizavam especialmente na Europa e nos Estados Unidos. Ciccillo, então, teve a idéia: criar um museu de arte moderna em São Paulo. Corriam os anos de 1946 e 1947. E em setembro de 1948, quando descansava numa clínica suíça, encontrou Nierendorf, diretor do grande museu Guggenheim, de Nova Iorque, e não perdeu tempo: começou a organizar, em nome do futuro Museu de Arte Moderna de São Paulo, uma exposição internacional de arte abstrata, das suas origens até aquêles dias.

Em carta a um amigo, nessa ocasião, êle afirmava, um pouco em italiano e um pouco em português:

— **Non è chi io sono abstrattista**... mas eu penso que um movimento tão importante de arte moderna é completamente ignorado no Brasil.

Êle ama as Bienais

Em março do ano seguinte (1949), inaugurava-se em São Paulo o Museu de Arte Moderna com uma colossal exposição de não figurativos. Ciccillo era o presidente.

Dois anos depois, o Museu inaugurava a primeira Bienal. Ciccillo era o dono.

Tem mais de cinqüenta condecorações do mundo inteiro.

Ao final da VI Bienal, já em 1962, Museu e Bienal desligaram-se com a criação da Fundação. Mas, ainda Ciccillo dá as cartas em ambos.

Ciccillo ama as Bienais e tem lembranças particulares de cada uma. Há quem diga que gosta de lembrar a primeira porque foi a primeira, a segunda porque foi a segunda, a terceira porque foi a terceira, e assim por diante. Talvez seja verdade. Agora, diz que a décima, em 1969, será a mais importante de tôdas.

— Por quê?

— Porque vai ser a décima...

Ciccillo dirá sempre alguma coisa de bom sôbre as bienais do passado, do presente e do futuro. Lembrará, com certeza, que para a primeira vieram três Picassos — "Mulher deitada", "Mulher em repouso" e "Mulher dormindo". Dois outros trabalhos inscritos, do grande pintor espanhol, não chegaram. Dizia-se, então, maldosamente, que as mulheres dos quadros faltantes levantaram-se e não quiseram vir até São Paulo. Mas Ciccillo preferirá contar que entre os expositores estava Georges Rouault, com seis gravuras do seu "Miserere", que a representação norte-americana foi organizada pelo Museu de Arte Moderna de Nova Iorque e que a italiana foi preparada pela Bienal de Veneza.

Ciccillo lembrará que houve carinho dobrado com a II Bienal. Aberta nos últimos meses de 1953, ela entraria pelo ano seguinte em que São Paulo comemorava seu IV Centenário. Ciccillo presidia à comissão de festejos, e estava disposto a comemorar o aniversário da cidade com uma grande Bienal. Conseguiu. Trouxe da França uma seleção das obras mais famosas do cubismo; da Itália, uma síntese do futurismo; da Bélgica, Áustria, Luxemburgo e Noruega, os seus mais conhecidos expressionistas; da Alemanha, uma exposição de Klee; e dos Estados Unidos, uma série de Calder. E isto tudo, sem falar na grande mostra de Picasso, com 51 telas, na sala especial de Elyseu Visconti, o grande impressionista brasileiro, e na exposição "A paisagem brasileira até 1900", organizada pelo professor Rodrigo Mello Franco de Andrade, o homem que mais se dedicou ao patrimônio histórico e artístico do Brasil.

O que quer a Bienal

Ciccillo recordará que a II Bienal apresentou salas especiais do cubista Leger, da França, da abstracionista concretista Taeuber-Arp, da Suíça, e do surrealista Sutherland, da Inglaterra; que na quarta havia salas especiais do russo Chagall, do norte-americano Pollock, do inglês Ben Nicholson e do italiano Giorgio Morandi; que a quinta foi marcada por uma exposição com 15 pinturas e 15 desenhos de Vincent Van Gogh; que a sexta trouxe uma retrospectiva da caligrafia sino-japonêsa a partir do século VIII; murais de Ajanta, na Índia, e afrescos bizantinos da Macedônia, na Iugoslávia; que na sétima tiveram grande êxito as salas especiais do Brasil, com uma retrospectiva de Anita Malfati — a primeira modernista brasileira (expôs pela primeira vez em 1917), e mostras de Di Cavalcanti, Flávio de Carvalho, Tarsila, Anatol Wladislaw, Artur Luís Piza, Frans Krajcberg, Iberê Camargo, Isabel Pons, Lygia Clark, Manabu Mabe e Wega; e que a oitava ganhou impacto com uma grande sala "hors concours" apresentando "Surrealismo e arte fantástica". SEGUE

DISTINGA-SE EXIGINDO VINHOS PRECIOSO

Tanto quando V. recebe, como na simplicidade do cotidiano,
bom-gôsto em vinhos chama-se PRECIOSO.
Produzido exclusivamente de uvas européias selecionadas.

Vinhos PRECIOSO - Prestígio Internacional

Produzido e engarrafado pela
COOPERATIVA VINÍCOLA GARIBALDI LTDA.
Garibaldi – Rio Grande do Sul

Standard Propaganda

Tem mais dois mundos: um dêles é a política, onde o chamam de louco

Sentado em seu escritório, na Fundação Bienal, a grossa bengala prêsa entre os joelhos deixando as mãos livres para os gestos, Ciccillo garante que a missão está cumprida.

— Com as bienais nós tínhamos dois objetivos principais. O primeiro seria o de colocar a arte moderna brasileira não diante, mas dentro da arte do mundo. O segundo, conquistar para São Paulo uma posição de centro artístico mundial. Você tem dúvidas a respeito? Atingimos ou não os dois objetivos?

Sua pergunta não é meramente retórica. Êle quer respostas. Êle quer a concordância expressa. Êle está cansado de ouvir expositores clamando contra gastos absurdos (a IX Bienal custou quase um bilhão velho); êle já não tem mais paciência de ouvir as vozes que afirmam ser a nossa Bienal cópia da de Veneza, criada em 1893, e portanto estar fora do nosso tempo; êle é capaz de zangar se se falar em elefantíase da exposição, com seus vários quilômetros de obras de arte.

Ciccillo dirá sempre que êsse dinheiro é muito bem empregado e que uma Bienal vale cem escolas de arte; que depois da criação da brasileira surgiram outras, entre as quais a de Tóquio e a de Paris; e que ninguém está obrigado a percorrer tôda a exposição, nem visitá-la uma só vez.

Mas Ciccilo é sempre capaz de reconhecer uma crítica construtiva e de procurar uma solução verdadeira quando um problema se apresenta ou se agrava. É assim que, agora, a partir do próximo ano, nos anos pares, isto é, nos anos que antecedem a Bienal, organizará pré-bienais para os artistas brasileiros. A seleção brasileira para as bienais, então, sairá dessas pré-exposições, onde se reunirão todos os trabalhos enviados. Será menor o número de brasileiros selecionados por êsse nôvo sistema, mas as pré-bienais darão uma oportunidade melhor para todos. Ao mesmo tempo, permitirão que cada selecionado prepare e apresente na Bienal uma exposição de conjunto da sua obra, excedendo o limite de cinco trabalhos impostos até aqui e criando melhores condições no confronto com as delegações estrangeiras, portadoras sempre de menor número de artistas e maior conjunto dos trabalhos de cada um.

Até aqui a seleção dos brasileiros foi feita por júri votado por artistas que dispõem de apenas uma semana para julgar — como no caso desta Bienal — 3.210 pinturas, 670 esculturas, 648 gravuras e 2.178 desenhos, num total de 6.715 trabalhos.

Segundo uma revista de arte, essa seleção foi uma verdadeira maratona e, considerando que o número máximo de horas permitidas para o trabalho intelectual é de seis, o júri teve que examinar 160 obras por hora ou 2,07 trabalhos por minuto.

As representações estrangeiras continuarão, como sempre, sendo organizadas pelo govêrno de cada país ou por indicação dêsse mesmo govêrno.

A grande loteria

O fato de 1.106 brasileiros terem apresentado trabalhos ao júri de seleção para esta Bienal provocou críticas. Diz-se que a exposição transformou-se numa grande loteria e que entre os 380 selecionados há muitos protegidos.

Mário Pedrosa, autoridade em arte e membro do júri em bienais passadas, telefonou a um amigo para estranhar que uma empregada do físico Mário Schemberg, membro do júri de seleção, tivesse sido classificada. O amigo lhe respondeu:

— Mas é realmente uma boa primitiva.

Mário Pedrosa desligou o telefone...

Há quem critique, também, a seleção de três desenhos do reitor da Universidade de São Paulo:

— Foi escolhido porque é reitor — afirmam uns.

— Foi escolhido apesar de reitor — dizem outros.

Mas todos são unânimes em afirmar que as pré-bienais eliminarão todos os problemas de seleção, dando tempo para um melhor julgamento e, ainda, satisfazendo tôdas as vaidades: quem quiser expor na pré, exporá.

O próprio Ciccillo é capaz de reconhecer que às vêzes surgem casos esdrúxulos, como, por exemplo, o do artista brasileiro Wesley Duke Lee, que viu trabalhos seus recusados nas primeiras oito bienais e, ainda assim, à última hora, foi convidado para integrar a oitava porque acabara de receber um prêmio importante na Bienal de Tóquio.

É Wesley mesmo quem conta:

— Na oitava entrei por baixo do pano. E nesta concorro com o máximo: cinco obras.

Ciccillo, entretanto, não está disposto a discutir êste assunto. E diante do impasse, prefere falar de Ubatuba, a pequena cidade litorânea onde é prefeito e está fazendo coisas importantes.

Ciccillo prefeito

Quando as preocupações de Ciccillo saem do mundo das artes, elas se encaminham, quase sempre, para Ubatuba, cidade de cinco mil habitantes, município de dez mil, no litoral de São Paulo.

Ubatuba foi o retiro de Ciccillo até que decidiu ser o prefeito, impressionado, de uma parte, com a pobreza do lugar, e de outra, com as suas possibilidades turísticas.

Sua candidatura, há quatro anos, foi bem recebida pelo povo. E só não foi candidato único porque não quis: tratou de arrumar um oponente.

— Eleição sem concorrente não vale. Digam que eu peço que êle seja candidato. Ajuda na campanha — explicava.

E ajudou de verdade, mas inùtilmente.

Eleito por grande maioria, começou por construir uma nova sede para a Prefeitura, o que fêz em 60 dias. Chamaram-no de louco.

Empenhou-se em todos os setores e conseguiu, entre outras coisas, um serviço de águas que funcionará até que a cidade atinja uma população de 200 mil habitantes, e uma linha aérea de ligação com São Paulo. Continuam a chamá-lo de louco.

Êle, porém, não liga. E assegura ter a consciência em paz. Como prefeito recebe vencimentos de NCr$ 70,00. Deixa tudo lá: 50 com o padre e 20 com a Santa Casa. Por fôrça de seus compromissos com o mundo das artes, tem que se ausentar muito da cidade. Quando isso acontece, entrega a prefeitura ao vice-prefeito, um dentista. O que lhe custa algum dinheiro, porque o dentista, no seu trabalho profissional, recebe 400 mil cruzeiros velhos mensais e, exercendo a prefeitura, apenas os 70. Ciccillo, então, cobre a diferença.

Quando procedeu a um aumento de impostos teve surprêsa na sua própria casa: pagava NCr$ 105,00 de impostos anuais; passou a pagar NCr$ 2 mil.

— Puxa! Que brincadeira eu fiz! — exclamou. Mas pagou contente...

SEGUE

RELAX

(graças à maciez cientificamente dosada de ANATOM.)

Basta você dormir 8 horas por dia para repousar um têrço de sua vida. Portanto, você precisa acordar bem disposto e realmente descansado, para enfrentar os outros dois terços. A solução é uma só: ANATOM.

ANATOM não é um colchão comum, pois obedece a critérios científicos de fabricação que fizeram dêle o maior avanço tecnológico na indústria de colchões.

Dormindo em ANATOM você nunca mais acordará cansado, irritado ou com aquelas desagradáveis dores nas costas causadas pelos colchões moles ou deformáveis.

Além disso, você tem em um colchão o confôrto de dois, pois ANATOM possui duas faces diferentes: uma mais firme e outra mais macia, de acôrdo com suas preferências ou necessidades, ambas dentro dos limites de maciez recomendados pelos especialistas.

ANATOM é leve, arejado, bonito e maleável, permitindo a fácil arrumação dos lençóis - e é feito na medida exata de sua cama.

Por tudo isso,

NÃO COMPRE COLCHÃO SEM ANTES CONHECER

Anatom

— O segrêdo da boa disposição ao acordar

CENTRO: Ed. Av. Central, 1.º sobreloja, 214
COPACABANA: Av. Copacabana, 646 - sobreloja
NITERÓI: Rua da Conceição, 37 - sobreloja
DEMONSTRAÇÕES DOMICILIARES: PBX 52-6464, até 22 horas

EM SÃO PAULO:
Av. São Luís, 153 - Galeria Metrópole - 3.º sobreloja
DEMONSTRAÇÕES DOMICILIARES: tel. 36-6700 até 22 horas

APOSTILAS PARA CONCURSOS PÚBLICOS E VESTIBULARES
CONCURSO: FISCAL RENDAS INTERNAS

Ex-Fiscal do Imposto de Consumo. Inscrições serão abertas brevemente. Ambos os sexos. Idade: 18 a 40 anos. Sem Diploma. Disciplinas: Português, Matemática, Estatística, Geografia Econômica e do Brasil, Legislação Fiscal do IPI, atualizadíssima, Contabilidade Geral, Industrial e Pública, Direito Financeiro, Tributário, Comercial, Civil, Penal, Constitucional e Administrativo. Apostilas adaptados à Constituição de 1967. Reformas administrativas, Decreto-Lei n.º 200, e demais leis novas. Vencimentos acima de um mil cruzeiros novos e participação nas multas. Perfeito serviço de reembôlso postal e aéreo para todo o Brasil. Préço NCr$ 45,00 e mais parte de reembôlso.
LEX CURSO – Rua Barão de Paranapiacaba, 25 – 10.º andar. Caixa Postal 1497 – São Paulo.

	NCr$		NCr$
Fiscal de Rendas Internas, Ex Consumo	45,00	Vestibular Agronomia	120,00
Fiscal Rendas Federal ou Estadual	45,00	Vestibular Direito	45,00
Fiscal I.A.A. ou Aduaneiro	45,00	Vestibular Ciências Econômicas	45,00
Fiscal de Previdência	45,00	Vestib. Odont. ou Farmácia	120,00
Banco do Brasil	25,00	Vestibular Veterinária	120,00
Exator Federal ou Estadual	45,00	Vestib. Administr. Emprêsa	45,00
Oficial de Justiça	30,00	Madureza Ginasial	25,00
Escrevente de Cartório	20,00	Clássico ou Científico	45,00
Investigador de Polícia	30,00	Escrivão Exatoria Federal	30,00
Delegado de Polícia	30,00	Ofic. Administr. Ministério Militar	30,00
Escrivão de Polícia	30,00	Oficial Administrativo DAPC	30,00
Especialista da Aeronáutica	25,00	Carteiro do D.C.T.	15,00
Sargento das Armas ou Cal. Naval	25,00	Advogado do Estado	30,00
Cadetes do Exército ou do Ar	25,00	Escriturário do DAPC	20,00
Postalista ou Telegrafista	20,00	Oficial Administrativo do DCT	30,00
Operador Postal DCT	20,00	Volume Psicologia e Lógica	10,00
Caixa Econômica Federal	25,00	Coleção História Civilização	20,00
Português com Gramática Expositiva e Literatura Brasileiro	20,00	Ingresso Magistério Primário	30,00
Direito Financeiro e Civil	20,00	Contabilidade e Perícia	20,00
Direito Comercial e Administrativo	20,00	Química, Física, e Biologia	30,00
Noções Gerais de Direito	20,00	Prático Inquérito Policial	15,00
Psicol. e Psicopat. Forense: Criminolog.	10,00	História do Brasil	15,00
Investigação Policial	10,00	Processo Civil e Penal	20,00
Vestibular Filosofia	45,00	Botânica, Citologia e Biologia	30,00
Magistratura	70,00	Física, Mecânica Geral	20,00
Auxiliar Judiciário T.R.T.	30,00	Promotória	70,00
		Vestibular Medicina ou Engenharia	120,00

ATENDE-SE POR REEMBOLSO OU PESSOALMENTE
DESPESAS DE REEMBOLSO CORRE POR CONTA DO COMPRADOR

LEX CURSO
Clementino Rocha - Diretor
RUA BARÃO DE PARANAPIACABA, 25 - 10.º ANDAR - TELEFONE: 70-3775
CAIXA POSTAL 1.497 - SÃO PAULO

Reubli Continuous Freezer

A SORVETEIRA MAIS MODERNA DO MUNDO!

Grande Atração
Alto Rendimento
Produz sorvete
Instantânea e Continuamente
Tôda em Aço Inoxidável

Atualize seu estabelecimento com uma "Reubli Continuous Freezer" - a mais moderna máquina de sorvete. Inteiramente automática, poupa tempo e trabalho, servindo diretamente o freguês, tanto em casquinhas como em taças. Produz sorvete cremoso e homogêneo, tipo "soft ice cream", por sistema continuo. Chama poderosamente a atenção, ocupando pouco espaço. Serve rápido e continuamente, permitindo atender a grande número de freguêses em poucos minutos.

METALÚRGICA REUBLI LTDA.
Rua Dr. Augusto Miranda, 1.078/88
Telefone 62-2931 - S. Paulo - Brasil

E no outro é assim: seus operários fazem greve, êle acho bem

E, de certa forma, contente está Ubatuba, certamente a única pequena cidade brasileira em que o prefeito, além de cavaleiro da Legião de Honra da França, tem mais cinqüenta condecorações importantes do mundo inteiro.

Ciccillo industrial

Afastado da direção da sua metalúrgica pelos compromissos com a arte e com Ubatuba, não deixa porém de ir à firma. Aparece sempre que está em São Paulo, geralmente pela manhã, e se mantém a par do desenvolvimento da matriz e das filiais espalhadas por oito estados.

Nos velhos tempos, dedicou tôda a atenção à indústria e, hoje, quando sai ao terraço dos escritórios na rua Caetano Pinto — uma das mais típicas do Brás — e contempla o grande quarteirão por onde se estende sua fábrica, diz com muito carinho e alguma tristeza:

— Puxa vida! Hoje eu sou até capaz de me perder lá dentro.

E apontando uma pequena igreja, num canto da rua:

— Está vendo a igrejinha? Estamos restaurando com todo carinho.

Velhos operários contam que êle foi sempre um patrão paternal, interessado nos problemas de cada um e reajustando os salários antes das reivindicações coletivas.

Certa vez, às vésperas de uma greve geral dos metalúrgicos, travou o seguinte diálogo com uma comissão de operários:

— Mas o que é que vocês querem? Eu já não dei os aumentos que vocês pediram?

— Não é isso — explicaram os trabalhadores. Nós não queremos nada para nós. Mas a greve é da categoria inteira e tem que começar por nós, que somos mais numerosos e esclarecidos. É só uma questão de liderança e de solidariedade.

— Ah! — desabafou Ciccillo. Se é assim está ótimo.

Um homem capaz de dar, é assim Ciccillo Matarazzo.

Teve uma importante biblioteca de dez mil livros. Doou-a à Universidade de São Paulo.

Teve uma pinacoteca formada por mais de 400 quadros. Doou-a à Universidade de São Paulo.

Poderia se contentar com um clube de arte moderna impenetrável. Levou a arte ao povo.

Teria feito carreira na política estadual e nacional. Deu-se a Ubatuba.

Dizem que não é um homem tão fácil: tem seus azedumes. Mas tem as suas doçuras.

Lá vai êle, agora, no seu gálaxie verde-escuro, ao lado do motorista, com ar de quem está cochilando, mas com os olhos muito abertos e os pensamentos em ebulição. Lá vai o pai da Bienal, com suas exposições de artes plásticas, artes plásticas do teatro, de arquitetura, do livro e artes gráficas, de jóias artísticas brasileiras, de ciência-humanismo e um concurso de escolas de arquitetura. Lá vai êle, o homem que construiu o Ibirapuera, que transporta museus pelos mares e se corresponde com as maiores autoridades em artes de todo o mundo. Lá vai êle, até que o carro pára diante de um cinema. Desce rápido e avisa o motorista:

— Vou assistir êsse **vésterni.** Me apanhe em duas horas.

— Pois não, o senhor é quem manda. FIM

Tempo de sorrir...

Quando todos se unem para construir um lugar cada vez melhor para viver e trabalhar. Quando as emprêsas realmente integradas na vida do país contribuem para o objetivo comum. É por isso que oferecemos planos de incentivo e aperfeiçoamento profissional a estudantes, jornalistas, artistas, representantes de todos os setores de atividade. E sobretudo à nova geração.

Tôda gente sabe que nosso negócio é petróleo.
Mas vamos um pouco além.

ESSO

Gente como você trabalhando para servi-lo

V. não gostaria de assistir à novela que ganhou os prêmios mais cobiçados da tv?

Continue vendo "Redenção".

TROFÉU: ROQUETE PINTO
Novela: REDENÇÃO
Ator: FRANCISCO CUOCO
Ator Coadjuvante:
RODOLFO MAYER

TROFÉU: IMPRENSA
Novela: REDENÇÃO
Ator: FRANCISCO CUOCO
Cenógrafo: LUIZ
EDUARDO MARINHO

TROFÉU: PROCÓPIO FERREIRA
Novela: REDENÇÃO
Galã: FRANCISCO CUOCO
Ator Coadjuvante: NEWTON PRADO
Autor: RAIMUNDO LOPES
Produtor: WALDEMAR DE MORAIS
Sonoplasta: LAURINO SALVADOR

SÃO PAULO - TV EXCELSIOR - 2ª A SÁBADO, ÀS 19 H • RIO DE JANEIRO - TV EXCELSIOR - 2ª A SÁBADO, ÀS 19:30 H • BELO HORIZONTE - TV VILA RICA - 2ª A SÁBADO, ÀS 19:10 H • PÔRTO ALEGRE - TV GAÚCHA - 2ª A SÁBADO, ÀS 19:17 H • RECIFE - TV J. DO COMMÉRCIO - 2ª A SÁBADO, ÀS 19:20 H • PARANÁ - TV PARANAENSE - 2ª A SÁBADO, ÀS 19:40 H • SÃO LUIZ - TV DIFUSORA - 2ª A 6ª FEIRA, ÀS 21:45 H • UBERLÂNDIA - TV TRIÂNGULO - 2ª A SÁBADO, ÀS 20:30 H • BRASÍLIA - TV ALVORADA - 2ª A SÁBADO, ÀS 21 H • GOIÂNIA - TV ANHANGUERA - 2ª A 6ª FEIRA, ÀS 19:30 H.

Lendo Mãos de Ouro você vai aprender a fazer tapêtes de deixar os persas sèriamente preocupados.

Aguarde nas bancas o lançamento de Mãos de Ouro em fascículos semanais.

Mais um lançamento da Abril Cultural.

Standard Propaganda

Para não ficar arrependido depois, verifique se aquêle pick-up que carrega uma tonelada atravessa barro, areião, subidas e descidas lamacentas. Assim:

O Pick-up "Jeep" tem motor de 90 HP,
tração nas quatro rodas, reduzida e roda livre.
E a resistência é "Jeep".

PICK-UP **Jeep '67**

Produto da Willys-Overland
Fabricante de veiculos
de alta qualidade.

©Willys-Overland 67-1393

GUEVARA ESTÁ AQUI (e a CIA sabe)

Um pequeno avião aterra no aeroporto de Jujuy, norte da Argentina, e seus dois passageiros saltam assim que as hélices se imobilizam. Êles voam todos os dias, carregando sempre dois grandes estojos consigo, e o máximo que os funcionários do aeroporto sabem dizer a respeito dêles é: "São gringos".

Mas êstes dois homens não são "gringos" comuns, iguais aos muitos milhares que trabalham ou passeiam na região. Êles pertencem à Central Intelligence Agency (CIA) e cumprem a missão número um da maior rêde de espionagem do mundo. Estão caçando um argentino de 39 anos de idade, 1,69m de altura, 72 quilos, apreciador de bons charutos e bons vinhos, asmático e muito parecido com o velho cômico mexicano Cantinflas. Há 15 anos, era apenas um jovem e desconhecido médico, com suficiente idealismo para ir trabalhar numa colônia de leprosos da Bolívia Hoje, trocou o estetoscópio por um fuzil-metralhadora, a medicina pela guerrilha. Sua teoria revolucionária é debatida em todo o mundo, e as opiniões sôbre êle variam de "esperança de um continente" a "ameaça à paz mundial".

Ernesto **Che** Guevara está em algum ponto da cordilheira dos Andes, ao norte da Argentina. Esta informação foi obtida em Havana, por agentes infiltrados na conferência da OLAS — Organização Latino-Americana de Solidariedade —, ou pelo exame de centenas de interrogatórios de guerrilheiros presos na Venezuela, Colômbia, Bolívia e outros países. E aquêles dois homens da CIA voam diàriamente sôbre a região, tirando milhares de fotografias, que são depois minuciosamente examinadas, em busca de uma simples diferença de coloração na paisagem, um vestígio qualquer que lhes indique onde Guevara está. E onde quer que esteja, êle se prepara para iniciar mais um foco subversivo, desta vez no próprio país em que nasceu. Porque, na opinião de Guevara, "para derrotar o imperialismo é preciso criar um, dois, três Vietnãs". E êle próprio quer se encarregar desta missão.

O menino Ernesto Guevara ficou asmático na cidade portuária de Rosário, onde o pai, disposto a fazer dêle um homem duro, obrigava-o a tomar banhos gelados nas noites de inverno. Também foi seu pai quem o iniciou no hábito da leitura e lhe ensinou a atirar. Mas a aprendizagem revolucionária começou nas ruas de Buenos Aires, participando de demonstrações estudantis contra a ditadura de Peron.

Um dia interrompeu o curso de Medicina e percorreu a América do Sul de motocicleta, a cavalo e a pé. De volta da longa viagem, ficou em seu país sòmente o tempo necessário para se formar, pois em seguida ia trabalhar numa colônia de leprosos na Bolívia. Sempre inquieto politicamente, o jovem médico entrou logo em contato com os revolucionários bolivianos, que lhe pareceram sem perspectivas, razão que o levou a percorrer sucessivamente Peru, Equador, Panamá e Costa Rica. Neste último país, em fins de 1953, ficou conhecendo um punhado de jovens que acabavam de participar do assalto ao quartel de Moncada, em Cuba, no dia 26 de julho. Com alguns dêles, Guevara decide ir para a Guatemala, onde o govêrno de Jocobo Arbens realizava reformas ousadas. Ali, encontra um emprêgo que o fascina (no programa de reforma agrária) e o amor, com uma exilada peruana, Hilda Gadea.

Dura pouco, no entanto, o sossêgo de Guevara. Em meados de 1954, um exército sob o comando de Castillo Armas — treinado e equipado na Nicarágua sob a proteção de Somoza — invade a Guatemala. Guevara é um dos poucos que tenta a resistência com cabeça fria, insistindo na distribuição de armas aos camponeses. Mas Arbenz reluta, tenta resistir com seu próprio Exército, onde a maioria dos oficiais está nìtidamente a favor dos invasores. Quando Castillo Armas derrota Arbenz e assume o poder, Guevara já está asilado na embaixada argentina. Dois meses depois, vai ao México, onde reencontra Hilda e é apresentado a dois irmãos cubanos, que também participaram do assalto de Moncada e acabam de ser anistiados pelo ditador Fulgêncio Batista: Raul e Fidel Castro. Com os dois, procura um refugiado espanhol — o ex-coronel Ramon Bayo — que vive de fabricar móveis. Fidel convence o velho militar a voltar aos tempos movimentados da guerra civil da Espanha. Bayo vende a fábrica e com o dinheiro compra uma pequena fazenda, onde passa a ensinar a algumas dezenas de cubanos e ao magro médico argentino todos os segredos aprendidos durante a luta contra Franco. Às vêzes, Fidel deixa a fazenda para ir obter dinheiro com milionários norte-americanos e, nessas ocasiões, sempre deixa Guevara como seu substituto no comando.

Em novembro de 1956, 81 homens aproveitam a escuridão da noite para deixar um pôrto da península de Yucatan, no México, e tomar o rumo da ilha de Cuba, no iate "Granma". Mal desembarcaram, porém, quase foram dizimados por tropas do govêrno de Batista. Os 12 que conseguem escapar sobem a Sierra Maestra, e o argentino Guevara obriga os companheiros a impiedosos exercícios. Nos intervalos, lê em voz alta Cervantes ou Pablo Neruda. É êle o gênio organizador do exército camponês que se vai formando em tôrno dos 12 sobreviventes do "Granma", ensinando os recrutas a ler e escrever, fazer granadas e adotar uma disciplina férrea, ao mesmo tempo que dirige a construção de fornos para pão e fábrica de botinas. Fidel lhe entrega o comando da coluna que deve realizar a manobra decisiva da vitória, abandonando a proteção da Sierra Maestra, atravessando os pântanos de Camaguey e surpreendendo as tropas de Batista em Santa Clara, no centro da ilha. Cuba é cortada em duas e Batista sente que chegou sua hora: enche um avião de dinheiro e foge do país.

Quando Fidel instala Manuel Urrutia na presidência de Cuba, Che Guevara já trocou de amor — agora é uma cubana chamada Aleida March — e resolve fazer uma viagem de volta ao mundo, porque os Estados Unidos desconfiam que aquêle argentino baixo e magrinho é o "ôlho de Moscou" entre os barbudos vitoriosos. Entretanto, pouco depois a revolução cubana se definia claramente como marxista, e Fidel assumia poderes ditatoriais. Guevara está novamente a seu lado e é quem assume os contrôles econômicos do nôvo regime. Uma anedota corre então o mundo. Contava-se que Fidel reuniu os lugares-tenentes e começou a distribuir os cargos. "Quem é economista?" — perguntou. Guevara levanta o dedo e Fidel lhe entrega o Banco Nacional. Na saída, chama o argentino a um canto e lhe diz: "Escute, sempre pensei que você fôsse médico. Por que só agora me disse que era economista?" Guevara, surprêso, responde: "Economista? Eu pensei que você tinha perguntado quem era comunista."

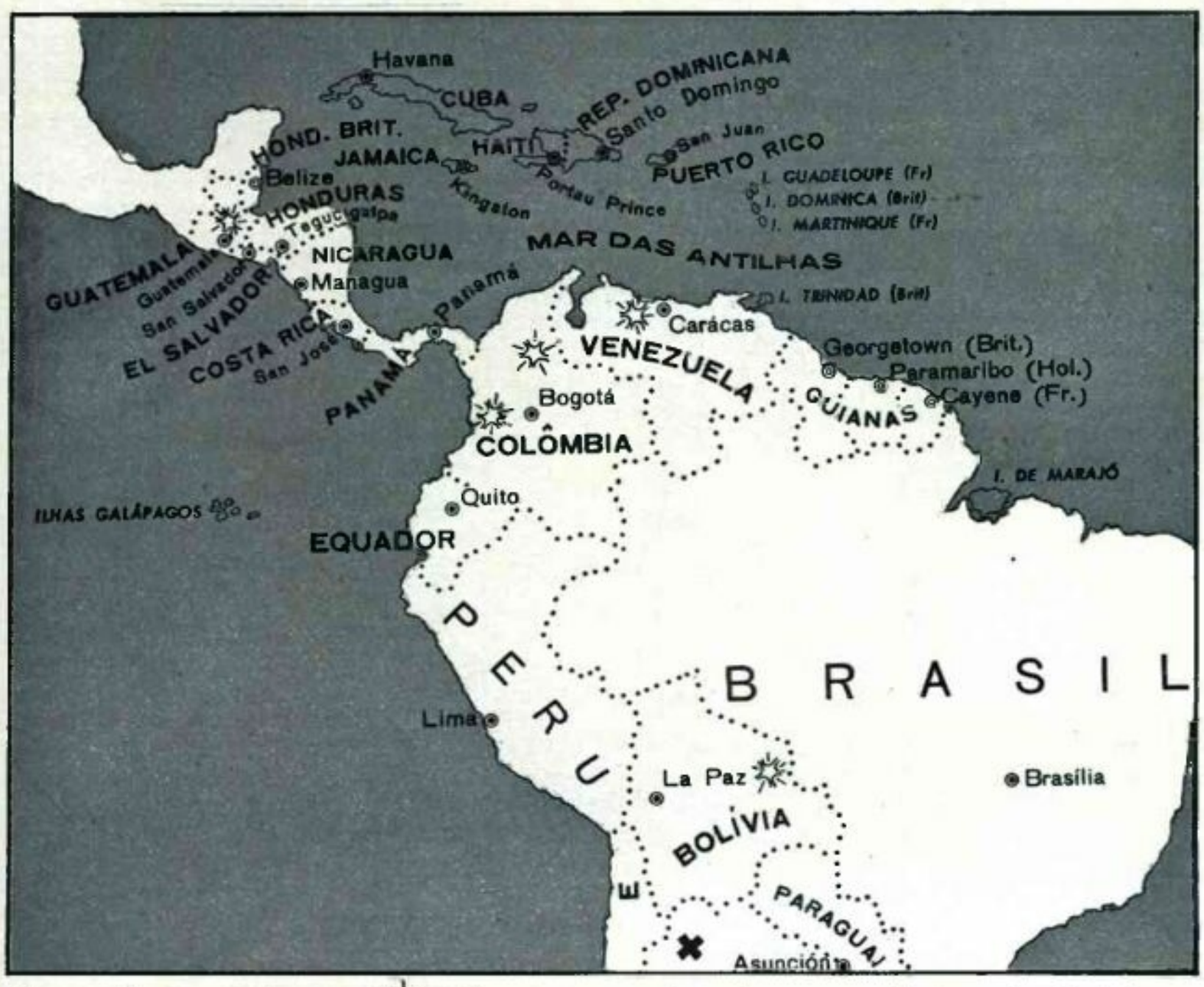
E AS GUERRILHAS ONDE ESTÃO?

Reportagem de Mílton Coelho

Outras terras reclamam o concurso de meus modestos esforços. Eu posso fazer o que você não pode, por causa de sua responsabilidade à frente de Cuba, e chegou a hora de separar-nos.

Êste é o trecho fundamental da carta de "che" Guevara que Fidel Castro leu na televisão cubana, a primeiro de abril de 1965. Os ouvidos atentos à leitura não eram apenas cubanos.

SEGUE



Nas regiões marcadas com ✳ situam-se os maiores focos guerrilheiros das Américas.

Preocupam os exércitos de 19 países

Em Washington, a carta provocou a caçada mais espetacular de que se tem notícia no continente americano. E no resto do mundo, outros profissionais da arte de fazer ou reprimir revoluções também foram mobilizados. Estados Unidos, União Soviética, Europa Ocidental e China tinham expectativas diferentes sôbre os destinos da América Latina, imensa região de mais de 20 milhões de quilômetros quadrados, onde vivem 250 milhões de pessoas. E a carta de Guevara revelava novas perspectivas — inesperadas, surpreendentes, capazes de alterar tôdas as antigas teorias e posições a respeito da América Latina.

Um grupo de jovens estudantes — que acreditavam numa revolução democrática em Cuba — e treinados em guerrilha por um velho coronel espanhol — derrotou o ditador de uma ilha, instalou um regime comunista a 100 quilômetros dos Estados Unidos e inspira agora uma nova visão revolucionária nos países latino-americanos. São poucos os que levam a guerrilha à prática — em todo o continente, os guerrilheiros não somam 3 mil. Mas são suficientes para preocupar os exércitos de 19 países, o Pentágono, a CIA, a NKVD soviética, os veteranos serviços secretos europeus e até a inexperiente espionagem chinesa.

Para os próprios guerrilheiros, a carta de Guevara é o marco de uma nova fase da luta. Sua divulgação coincide com um momento de crise. Em todos os países onde existe luta armada, a velha teoria defendida por Guevara — a do **foco insurrecional** — só tem produzido derrotas. No Peru, os guerrilheiros foram totalmente dizimados. Na Venezuela, Colômbia e Guatemala, surgem entre êles divisões cada vez mais profundas. E, hoje, o movimento revolucionário latino-americano está cindido.

GUERRILHAS
CONTINUAÇÃO

Venezuela: o leão não dorme mais

Numa cabana, em um ponto qualquer das montanhas do Estado de Trujillo, na Venezuela, estou entrevistando um líder guerrilheiro importante. De Caracas, a capital, até aqui, foram quatro dias de viagem — por ônibus, automóvel e a pé. Seria impossível reconstituir o trajeto, porque durante mais de 30 horas tive de usar óculos escuros pintados por dentro. SEGUE

A luta urbana só deu prejuízos às guerrilhas: além das pesadas perdas, ainda ganharam a antipatia das populações.

Hidrate a pele sêca dia e noite, com SKIN DEW Helena Rubinstein

Comece hoje mesmo seu tratamento e assegure a suavidade e maciez indispensáveis à sua beleza. Skin Dew de Helena Rubinstein garante-lhe êstes resultados e impede o aparecimento de linhas de expressão e rugas.

De manhã, aplique Emulsão Skin Dew sôbre as áreas ressecadas. Invisível sob o maquillage, ela supre a cútis sêca com uma hidratação contínua.

De noite, revitalize-a com o nôvo Creme Skin Dew, rico em emolientes... rico em agentes umedecedores e suavisantes, que ajudam a combater linhas e rugas.

Creme Skin Dew contém Proteína Colagênica (exclusiva), sòmente comparável à proteína natural segregada pelas peles jovens.

Na Venezuela dividem os esquerdistas

Ouço o ruído de chuva, mas não posso vê-la pois as janelas de madeira foram fechadas assim que cheguei. A cabana é simples: uma cama a um canto, uma mesa e quatro cadeiras, na parede uma estampa do Coração de Maria e um pequeno nicho com a imagem de Jesus.

Numa das cadeiras, está sentado o homem que há muito é procurado, vivo ou morto, pelo Exército e a polícia da Venezuela. Medina Silva, comandante das FALN — **Fuerzas Armadas de Libertación Nacional,** que o mundo ficou conhecendo com o seqüestro do navio "Anzoátegui", aventura que terminou no pôrto brasileiro de Belém. Medina Silva seria hoje almirante, se não tivesse participado de uma tentativa de golpe esquerdista em 1962. O govêrno de Romulo Bettancourt agiu ràpidamente, sufocou a insurreição.

Medina Silva e outros foram condenados a 20 anos de prisão na ilha de Tacarígua, de onde, pouco depois, conseguiram fugir, escapando à perseguição de dez mil homens, e se instalaram nas montanhas.

Só na Colômbia, a violência já provocou a morte de mais de 300 mil pessoas.

GUERRILHAS
CONTINUAÇÃO

Medina quer voltar à luta política e pacífica

Quando o Partido Comunista, o **Movimiento de Izquierda Revolucionária** — MIR — e outros pequenos grupos esquerdistas decidiram unificar seus guerrilheiros sob o nome de FALN, Medina Silva foi indicado para a chefia suprema. Hoje, aos 42 anos, seis filhos, é um comandante sem comandados. Embora insistindo em que não é comunista, Medina Silva está decidido a acompanhar a nova linha do PC venezuelano: suspender a luta armada e voltar à luta política pacífica. Mas o maior grupo de guerrilheiros do PC, sob o comando de Douglas Bravo, recusou-se a aceitar a nova orientação e criou outra organização, na qual os guerrilheiros do MIR estão agora também se integrando. Medina Silva não se mostra abatido com isso. Acha que os antigos companheiros, que agora o abandonam, estão condenados ao isolamento e à destruição:

— Após seis anos de luta, o saldo é muito desfavorável para nós. As perdas que sofremos são muito maiores do que as do inimigo. O bom militar é aquêle que sabe quando é chegado o momento de fazer uma retirada.

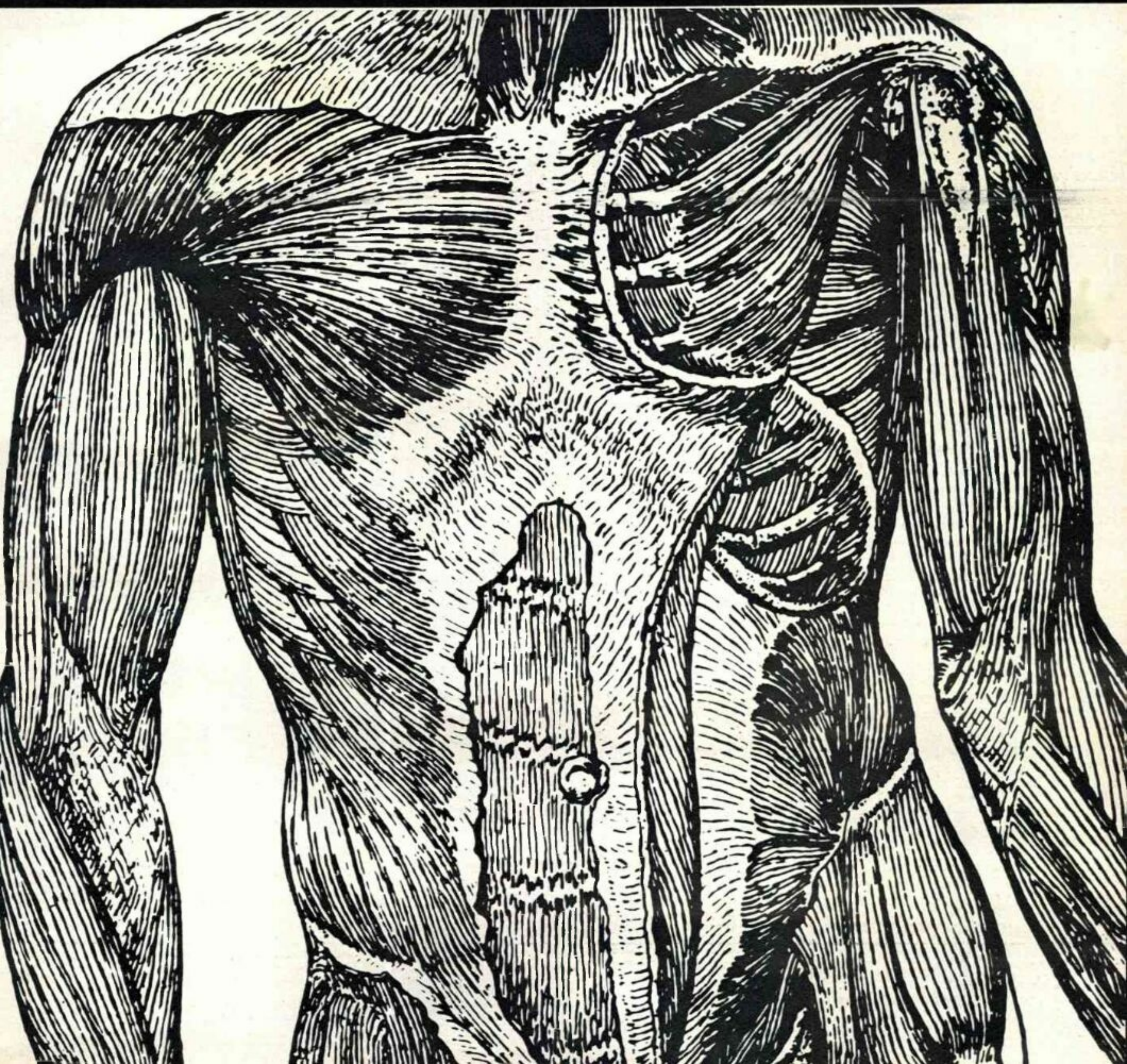
Medina Silva é realista, fala friamente. Só se exalta quando se refere a Fidel Castro ou aos **fracionistas,** nome que dá a Douglas Bravo e seus guerrilheiros:

— Fidel não tem o direito de nos chamar de covardes. É um insulto não apenas a nós, mas a todo o povo venezuelano, que conquistou na luta sua independência política e continua a lutar por sua independência econômica. Depois, o que pode entender êle de Venezuela, se nós mesmos cometemos tantos erros?

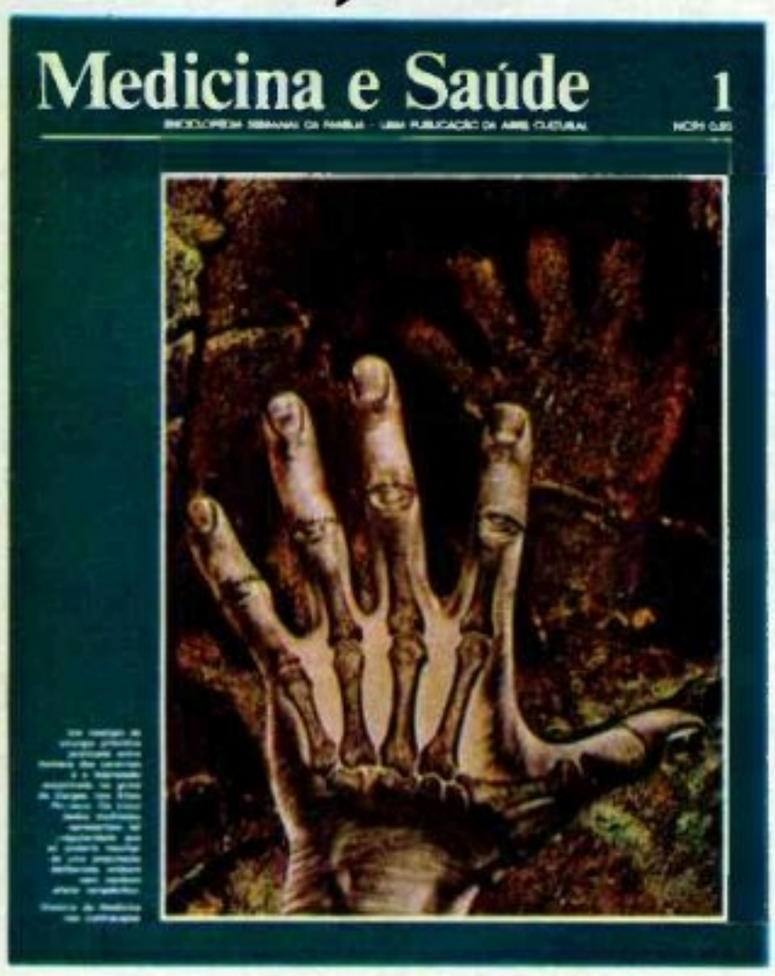
SEGUE

A obra mais importante de Deus é o corpo humano.

Que sabe você sôbre o seu próprio corpo?



A Abr Cultura lança "Med c na e Saúde" – Enciclopédia Semana da Família" a nova e indispensável co eção de fascículos sôbre o assunto mais importante do mundo: sua saúde.



Medicina e Saúde — uma coleção que pode salvar a sua vida — resume pelo menos 3.000 anos de conhecimentos sôbre o ser humano e sua saúde. É uma obra fantàsticamente importante!

Medicina e Saúde está sendo lançada para que você conheça todos os segredos do funcionamento do corpo humano, quais os bons hábitos de higiene e saúde, como as doenças atacam o organismo e como se pode prevenir, enfrentar e vencer êstes males.

Ao entender o funcionamento do seu próprio corpo, você estará melhor preparado para conservar a sua saúde e aprenderá a hora certa de procurar o médico e como explicar o que sente.

Leia e colecione Medicina e Saúde para o seu bem-estar.

Medicina e Saúde acrescentará uma infinidade de conhecimentos úteis àqueles que você já adquiriu.

Cada fascículo tem 20 páginas de leitura fascinante, magnificamente ilustradas a côres, que em pouco tempo formarão uma coleção completa de doze volumes com mais de 3.000 páginas e 5.000 ilustrações (incluindo uma empolgante "História da Medicina" em dois volumes).

Grandes médicos trabalharam para você.

O texto claro e acessível e as milhares de ilustrações científicas de Medicina e Saúde foram supervisionadas por 50 grandes especialistas, escolhidos entre os maiores nomes da medicina brasileira.

Obra de consulta permanente.

Ao final de cada volume, será publicado um Índice Alfabético Remissivo, que tornará fácil e rápida a consulta sôbre qualquer assunto. Assim, você e sua família viverão mais tranqüilos, tendo em casa Medicina e Saúde.

Quanto custa possuir uma coleção como essa?

Os fascículos semanais oferecem uma grande vantagem: você tem tempo para ler cada um dêles. Ao final da coleção, você terá realmente lido os seus doze volumes e não apenas comprado livros para enfeitar prateleiras.

E tudo isso será seu por apenas 85 centavos por semana!

Autoridades médicas falam de "Medicina e Saúde".

Ao tomar conhecimento do plano de obra de Medicina e Saúde - Enciclopédia Semanal da Família, da Abril Cultural, o Ministro da Saúde, Dr. Leonel Miranda, observou que:

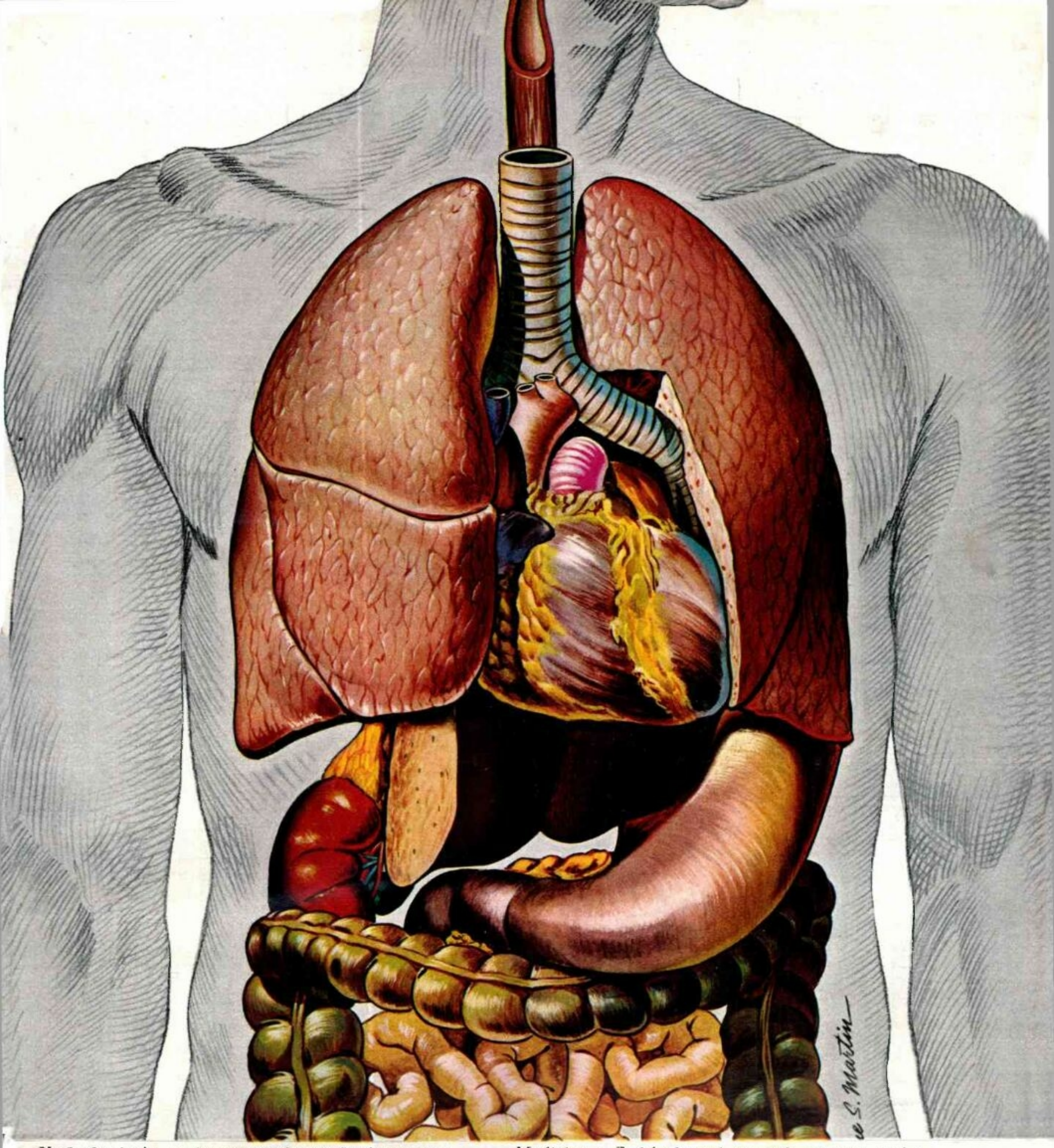
"A divulgação de assuntos científicos e técnicos feita de maneira inteligente e agradável, visando educar e instruir o povo, é tarefa altamente recomendável".

E, da Suíça, o eminente cientista brasileiro, Dr. Marcolino Candau, Diretor Geral da Organização Mundial da Saúde, escreveu:

"É com satisfação que recebo as notícias sôbre a publicação de fascículos relacionados com aspectos sociais e preventivos da medicina, a comporem em conjunto, uma verdadeira enciclopédia. Muito me apraz felicitá-los pela lista de consultores que, sem dúvida, representam o que há de melhor na medicina brasileira".

Leia e colecione Medicina e Saúde A publicação que pode salvar a sua vida.

enderê Propaganda



No 1.º fascículo, você encontrará estas fascinantes matérias:

História da Medicina — os primórdios pré-históricos; Anatomia — como funciona o coração; Prática médica — tratamento dos ferimentos; Medicina interna — a alergia; Odontologia — a cárie; Puericultura — quando a criança não come; Medicina interna — o tétano, sintomas, causas e tratamento; Medicina interna — o enfarte do miocárdio; Psiquiatria — a neurose.

Medicina e Saúde levará a você, semana após semana, tudo o que o homem já conseguiu aprender sôbre seu próprio corpo.

Medicina e Saúde

Enciclopédia Semanal da Família

Dia 10 de outubro, têrça-feira, em tôdas as bancas.

ABRIL CULTURAL

Muitos acham que elas nunca vencerão

Fidel repete o engano tão comum de pensar que sua própria experiência serve para outros países. Esquece que os cubanos pegaram o leão dormindo. Agora, o leão acordou e a situação mudou radicalmente.

As críticas de Medina a Bravo não são menos severas:

— Ao insistir na luta armada, sem a menor perspectiva de sucesso, Bravo prejudica mais do que ajuda o movimento revolucionário venezuelano, pois apenas serve de justificativa à manutenção da política repressiva do govêrno contra todo o movimento democrático e progressista do país.

Em duas horas de conversa franca, o ex-oficial da Marinha venezuelana expõe seus pontos de vista, que coincidem com os do PC. Os destacamentos armados não serão dissolvidos, mas mantidos na montanha, sem lutar, dedicados ao trabalho de organização dos camponeses. O principal trabalho político será agora nas cidades, onde já se concentram 70 por cento da população do país, um dado fundamental para a mudança de estratégia, que só há pouco o PC descobriu. A teoria do **foco insurrecional,** defendida por Fidel e Guevara, aponta o campo como a área decisiva na América Latina. Será isso verdadeiro num país como a Venezuela, em que o processo de urbanização se acelerou nos últimos 20 anos, e onde o petróleo abundante retira qualquer possibilidade de destino agrícola, como Cuba? Os comunistas acham que não. Mas Douglas Bravo, que abandonou o PC após uma reunião tumultuada no ano passado, acha que êsse dado não tem a menor importância.

A Mano Blanca*, organização de extrema-direita, prepara uma execução sumária.*

Os que esperam ganhar na teimosia

Num subúrbio de Caracas, consegui falar com um dos homens importantes de Douglas Bravo. A entrevista com o próprio Bravo era impossível. Dois cubanos tinham sido mortos e outros dois capturados, durante um desembarque nas praias de Machurucuto, no Norte do país. O govêrno da Venezuela pedira ação imediata da OEA contra Cuba, e o próprio Fidel confirmara que estava ajudando a guerrilha venezuelana. O Exército acabara de enviar 15 mil homens contra a coluna de Bravo nas montanhas do ocidente. A situação era difícil para os guerrilheiros e tive de me conformar em ouvir um dos chefes dos destacamentos urbanos de Caracas.

Trata-se de um jovem intelectual, 30 anos no máximo. Usa um bigode, percebo que é postiço, e uma peruca, além de grandes óculos escuros. As medidas de segurança são rígidas: fui recolhido numa das esquinas do centro da cidade, também desta vez me puseram uns óculos com as lentes pintadas de prêto. A viagem levou uma hora e dez minutos, mas provàvelmente o percurso poderia ter sido feito na metade do tempo. O resto foi consumido em longos e repetidos círculos, para me desorientar. Ao descer do automóvel, recebi uma bengala branca e meu acompanhante se transformou em dedicado ajudante de um cego. SEGUE

pdo propaganda

D. Sylvia Medeiros só acreditou que um conjunto para banheiro, de qualidade, colorido, com 10 acessórios, custasse menos que uma enceradeira, quando o revendedor deu o preço do Conjunto Ideal.

(... e como o engenheiro caprichou no banheiro de D. Sylvia)

Hoje em dia, do jeito que vão as coisas, construindo ou reformando, o lôgico é obter qualidade e beleza a preço acessível. Não foi por menos que a IDEAL STANDARD produziu o conjunto IDEAL. E não é à-tôa que, dia-a-dia, mais engenheiros indicam o conjunto IDEAL. Dê um pulinho ao revendedor mais próximo e veja as côres do conjunto IDEAL: verde, azul, rosa, amarelo, coralino e cinza, além do branco.

IDEAL STANDARD

25% DE REDUÇÃO NAS TARIFAS DA VARIG PARA A EUROPA

Para tôda a Europa, com as suas grandes atrações de outono ou de inverno (justamente a época indicada para visitá-la, em plena temporada oficial de festas, espetáculos e diversões), junta-se agora mais uma boa razão para as viagens de recreio:
25% DE REDUÇÃO NAS TARIFAS em vigor a partir de 15 de setembro.
O quadro ao lado dá todo o alcance dessa redução, que torna muito mais acessíveis as viagens para o Velho Mundo:

RIO DE JANEIRO para:	Novas tarifas * de excursão em US$ Ida e volta Classe Econômica	Economia em US$
Frankfurt	595.70	198.50
Beirute	786.60	262.20
Zurich	584.30	194.70
Londres	584.30	194.70
Paris	584.30	194.70
Roma	584.30	194.70
Madri	498.80	166.20
Lisboa	498.80	166.20

(Cálculo conforme taxa de conversão estabelecida pela D.A.C.)

Em todos os vôos de tarifa reduzida, a tradicional cortesia VARIG, com seu impecável serviço de bordo, não sofre a menor redução. É um padrão único de confôrto e bem-estar.

* As condições especiais relativas às novas TARIFAS DE EXCURSÃO poderão ser reconhecidas em sua Agência IATA de Viagens ou na

VARIG

A MAIOR LINHA AÉREA DA AMÉRICA LATINA

Reprocolor

Um de seus grandes erros: o terrorismo

GUERRILHAS
CONTINUAÇÃO

O intelectual concorda que a população da Venezuela pode estar se urbanizando com rapidez, mas acha que não perdeu sua característica de homem do campo:

— A cidade atraiu mas ainda não absorveu o camponês, que se mantém em sua periferia, na maioria das vêzes desempregado e com vontade de retornar ao campo. Além disso, os erros que determinaram o insucesso da guerrilha até aqui são outros. Um dêles foi o tipo de luta que se desenvolveu nas cidades, sob a forma de atentados terroristas, o que colocou a maioria da população contra nós. O segundo, e provàvelmente o mais importante, foi que o comando político não estava no campo. Daí a razão de têrmos reconstituído não só as FALN como também a Frente de Libertação Nacional, o organismo político de direção da luta, cujo comando foi deslocado para o campo. Finalmente, cometemos o êrro estratégico de pensar que a tomada do poder seria rápida. Hoje sabemos que estamos numa guerra longa, e tratamos de nos preparar, psicológica e materialmente, para isto.

O jovem intelectual fala com entusiasmo, mas não consegue justificar alguns erros apontados por Medina Silva. Os guerrilheiros não conquistaram suficiente apoio político entre os camponeses. Já aprenderam a comer macaco assado, mas ainda não dispensam sardinha em lata e leite em pó, que lhes são enviados de Caracas com grandes dificuldades. Muitos dêles têm as roupas e as botinas em frangalhos. E, pior ainda, na maioria são estudantes, que têm de passar por um longo período de treinamento e aprender a sobreviver na selva.

México: Moscou quer adeus às armas

O diplomata soviético tem conversa macia. Estamos no restaurante Sanborn's, no centro da capital mexicana, e êle me explica os fundamentos ideológicos das divergências entre Moscou-Havana e Moscou-Pequim.

— Muita gente insiste em não compreender que o mundo sofreu grandes mudanças após a II Guerra Mundial. A existência de um forte campo socialista modificou a correlação de fôrças internacionais. A contradição principal nos tempos que vivemos é aquela que opõe aquêle campo ao capitalista. Ora, o campo socialista avança em ritmo muito mais acelerado do que seu adversário. Nossa média de crescimento econômico atinge quase sete por cento ao ano, enquanto o mundo capitalista mal chega aos dois por cento. Nós o alcançaremos fatalmente, e o único fator que pode alterar esta previsão seria a eclosão de uma guerra de conseqüências imprevisíveis. A defesa da paz mundial e a coexistência pacífica, além de se justificarem como fins últimos de qualquer doutrina, têm de ser a espinha dorsal de nossa política.

O diplomata não diz o resto, mas é fácil adivinhar aonde êle quer chegar: "Para que guerrilhas, se vamos acabar ganhando?

SEGUE

As execuções de esquerdistas e liberais pelo grupo Mano Blanca *são realizadas, freqüentemente, em plena rua.*

A partir de agora você vai ver uma palavra nova ao lado da etiquêta Rhodiela:

FORTISSIMA

Rhodiela quer dizer artigos em malha, ou tecidos, na última moda. Rhodiela quer dizer artigos luminosos, em côres vibrantes. Os homens gostam de Rhodiela porque as mulheres gostam dos homens que gostam de Rhodiela, e isso é bom. Rhodiela, agora, quer dizer artigos fabricados com acetato texturado com suporte de nylon. O nylon é mais forte do que o aço, e isso é melhor ainda. Rhodiela... belíssima. Sim, claro. Mas também... fortíssima.

RHODIELA
FORTISSIMA

Standard Propaganda

Tiram a paz da Colômbia há 20 anos

GUERRILHAS CONTINUAÇÃO

Por que gastar dinheiro apoiando insurreições de resultado duvidoso, se êste dinheiro pode ser usado com resultado certo em nosso próprio desenvolvimento? Pior ainda se uma dessas insurreições vencer, porque teremos de gastar muito mais para consolidá-la, como está ocorrendo agora, mesmo com Cuba."

Colômbia: a lua é mais importante

O guerrilheiro do Exército de Libertação Nacional da Colômbia, com quem conversei numa pequena cidade no norte de seu país, também sabe disso tudo. Seus argumentos não poupam os soviéticos:

— Êles não querem mais nada com a dureza. Somos uma peça muito pequena no grande jôgo de xadrez que mantêm com os Estados Unidos. A lua é mais importante do que a América Latina e êles acham melhor dar mais dez gramas de manteiga a cada russo do que dez metralhadoras a nós. Temos de ter consciência disso. Não podemos nos acomodar e esperar 20, 30 ou 40 anos, até que êles superem os americanos. Veja o PC daqui. Tinha a melhor guerrilha da América Latina, mas os burocratas do partido estão acabando com ela, porque preferem passear sem perigo pelas ruas de Bogotá.

O PC colombiano é legal. Tem sede, jornal vendido livremente nas bancas e sua cúpula parece decidida a manter essa legalidade. Mas seu prestígio nas cidades é pequeno. Sessenta por cento de seus dirigentes são camponeses, e o Partido controla polìticamente a mais antiga e mais bem organizada guerrilha das Américas — a única anterior ao aparecimento de Fidel Castro e Guevara.

A guerrilha colombiana começou logo após a II Guerra Mundial, quando a ditadura de Laureano Gomes impunha terror no país, a serviço dos grandes proprietários de terras, que utilizavam o exército e a polícia pràticamente como seus capangas. Era fato comum o pequeno camponês um dia encontrar uma mensagem sob a porta: "Saia daqui, se não morre". Êle não tinha dúvida de que isso era verdade, sabia que vizinhos tinham morrido por não acreditar. Assim, não hesitava um segundo em vender sua propriedade ao homem que no dia seguinte o procurava, com uma proposta insignificante. A violência que se desencadeou na Colômbia custou trezentas mil vidas, e os grupos de guerrilheiros camponeses chegaram a ter oito mil homens.

Pinilla promete paz, mas não dá

Quando um coronel chamado Rojas Pinilla deu um golpe militar, derrubando Laureano Gomes, e prometeu restabelecer a paz no país, foi apoiado maciçamente e Bogotá festejou sua vitória com um carnaval. Pinilla prometeu terras e dinheiro aos guerrilheiros que depusessem as armas. Quase 90 por cento dêles aceitaram a oferta. Mas outros preferiram transformar-se em bandoleiros. E uma pequena minoria, doutrinada pelo Partido Comunista, aceitou os empregos e terras, mas só entregou as armas velhas. Manuel Marulanda Velaez, também conhecido por Pedro Marin, ou Tiro-Fixo, atual comandante dos guerrilheiros comunistas, chegou a ser inspetor de rodovias nessa ocasião.

Rojas Pinilla, dentro de pouco tempo, passou a fazer o mesmo jôgo terrorista da ditadura anterior. E a guerrilha renasceu no sul do país. Pinilla enviou contra ela uma grande expedição.

Os grupos armados resistiram mas cometeram um êrro fundamental: tentaram manter uma guerra de posições contra um adversário muito superior. Quando, após oito meses de combates, o Exército conseguiu abrir uma brecha em suas linhas de defesa, iniciou-se a retirada, sôbre a qual se conhecem apenas histórias esparsas.

Os guerrilheiros com suas famílias subiram os Andes como puderam, sem roupas e sem alimentos. SEGUE

Fôrças venezuelanas encontram o corpo de um delator morto por guerrilheiros.

Tudo o que podemos prometer é que Saigon envolverá você numa insinuante fragrância.

O resto é com você.

VOCÊ PODE ESPERAR MUITO DE UMA CRIAÇÃO ATKINSONS.
PORQUE LONDRES É A CIDADE MAIS OUSADA DO SÉCULO XX,
E ATKINSONS VEIO DE LÁ.

Lintas

Estão sendo condenadas pelos comunistas

GUERRILHAS
CONTINUAÇÃO

Conta-se que as mulheres eram obrigadas a atirar os filhos doentes nos desfiladeiros, porque não tinham mais condições de continuar carregando-os.

À medida que iam atingindo novas regiões seguras, voltavam a organizar-se os grupos, o mais famoso dêles com o nome de República Independente de Marquetália, sob o comando de Pedro Marin, o Tiro-Fixo, que se tornou comunista durante a luta.

Rojas Pinilla também foi derrubado, mas o atual govêrno, de coligações entre os Partidos Liberal e Conservador, não admite mais que grandes áreas do país fujam a seu contrôle administrativo. Faz novas propostas de deposição das armas aos guerrilheiros entrincheirados nas "repúblicas independentes" e, diante da recusa, envia tropas contra êles. Mas os guerrilheiros aprenderam a lição. Quando as tropas chegam a Marquetália, abandonam suas posições e se transformam em grupos móveis, e assim se mantêm até hoje, pois podem sobreviver indefinidamente nas selvas. São todos camponeses, conhecem a região palmo a palmo e se confundem com o resto da população.

O Partido Comunista Colombiano, entretanto, não tem interêsse em aumentar a ação guerrilheira. Seus dirigentes seguem a linha de Moscou e preferem lutar para conquistar o apoio dos trabalhadores urbanos.

Ao norte da Colômbia, existe ainda outra guerrilha: a do Exército de Libertação Nacional, sob o comando de Fábio Vasquez Castaño, que segue à risca os ensinamentos de Guevara. O resultado até aqui não é muito diferente do que ocorre na Venezuela. As baixas dos guerrilheiros (a maioria estudantes também) são muito maiores do que as do Exército.

Os outros também aprenderam a lição

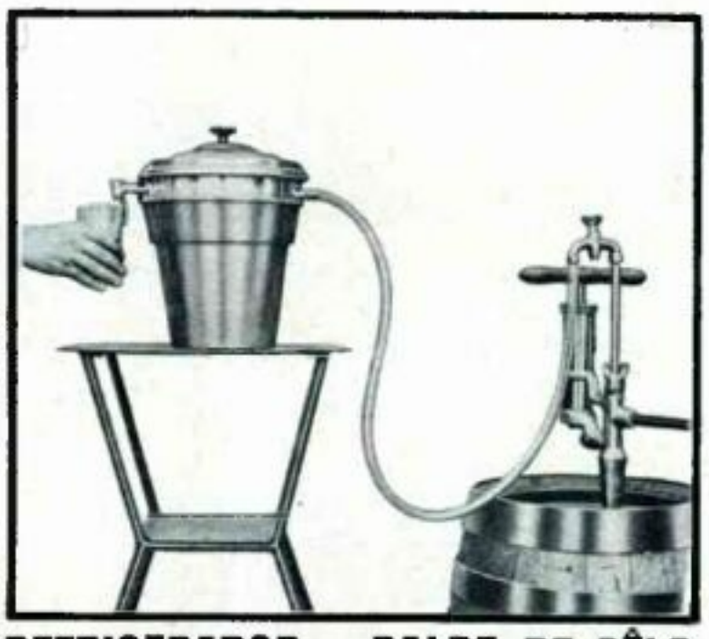
O Exército colombiano também aprendeu muito nestes vinte anos, e é certamente o mais preparado para a luta antiguerrilheira. Contra os dois grupos, aplica táticas, cujo objetivo principal é impedir que ganhem o apoio camponês. O coronel Valencia Tovar, talvez o mais experiente militar no combate à subversão na América Latina, me expôs seu ponto de vista:

— O tratamento da rebeldia por outros meios, que não o uso de armas, é eficiente quando se consegue chegar ao submundo que alimenta as "aparências de rebeldia". Trata-se dêsse tipo de rebeldia por causa de ressentimentos, produzidos pela pobreza, a falta de proteção, a carência de serviços e a desesperança. Quando tais circunstâncias são exploradas com fins demagógicos, ou com propósitos revolucionários, apresenta-se um estado de inconformismo social em que é preciso antes socorrer do que tentar esmagar os "rebeldes" com o uso de armas. Em outras palavras, atenuar as origens do mal, para que a rebeldia ceda.

Dentro dessa linha, equipes militares percorrem constantemente as áreas ocupadas pela guerrilha, levando médicos, dentistas e especialistas em assuntos agrícolas. Mas o aspecto militar não é esquecido. O batalhão Colômbia, principal unidade de combate aos guerrilheiros, reúne para treinamento os veteranos da guerra da Coréia. E, entre as outras unidades especiais, há uma formada ùnicamente por ex-presidiários, que, usando roupas e barbas semelhantes aos guerrilheiros,

SEGUE

Guevara, agora sem barba, continua a preocupar os governos americanos.



REFRIGERADOR - BALDE DE GÊLO

RECORDE

GELA: CHOPES
CHAMPANHA • UISQUE • VINHO
ÁGUA • LEITE • SUCOS

na hora de servir, você terá seu chopes ou qualquer outra bebida servida a 0.° C. Muito mais gostosa, gelada instantâneamente ao atravessar o REFRIGERADOR - BALDE DE GÊLO RECORDE.

METALÚRGICA RECORDE
J. M. FERNANDES S. A.
R. dos Gusmões, 118 - Tel. 34-4900 - S. Paulo

Um jôgo onde vale tudo

GUERRILHAS CONTINUAÇÃO

provocam distúrbios nos povoados e invadem casas dos camponeses, para incompatibilizá-los com os homens de Marulanda e Castaño. Os especialistas da luta anti-subversiva vão ao requinte de imprimir jornais falsos, exatamente iguais aos que são distribuídos pelos guerrilheiros.

Guatemala: até a CIA tem sua guerrilha

Há poucos meses, os Partidos Comunistas da Colômbia e da Venezuela emitiram um comunicado conjunto. Em meio aos lugares-comuns de todos os documentos comunistas, estão os dois pontos fundamentais que os unem. Primeiro, afirmam que "é indubitàvelmente aos partidos comunistas e operários, por sua estrutura de classe, por sua ideologia e por sua ampla experiência, que corresponde ocupar a vanguarda". Em segundo lugar dizem que cada partido deverá criar sua própria tática, e que "não se pode forjar uma linha política, uma tática e uma forma de luta únicas para todos os países".

Estas observações têm endereço certo: Fidel Castro e Guevara. Na intimidade, os comunistas vão muito mais longe. "Fidel instiga uma política aventureira", disse-me um dirigente comunista colombiano. "A exportação da experiência cubana não trouxe qualquer avanço às esquerdas dos outros países latino-americanos. Ao contrário, só provocou retrocessos. Seu papel é hoje muito semelhante ao dos trotsquistas. E não é à toa que a guerrilha trotsquista da Guatemala recebe dinheiro da CIA".

Os trotsquistas formam uma ala ultra-esquerdista, que segue as teses de Trotsky, líder da Revolução Russa, que comandou o exército vermelho em 1917 e, depois, tendo rompido com Stalin, foi assassinado no exílio, no México. Dentro desta tendência, está o Movimento 13 de Setembro, sob o comando de Marco Ion Soza, um ex-oficial do Exército que desertou e aderiu aos guerrilheiros, depois de fazer um curso no Panamá, com especialistas norte-americanos. É a única guerrilha atacada ferozmente por Fidel, cujas preferências na Guatemala se inclinam para outro grupo, as Fôrças Armadas Revolucionárias. Um membro do movimento subterrâneo guatemalteco me declarou que Ion Soza estava agora inclinado a separar-se dos trotsquistas, e que êstes realmente recebiam dinheiro norte-americano.

Um capitão do SIFA (Serviço de Inteligência das Fôrças Armadas, da Venezuela) não se espantou quando toquei no assunto:

— Meu amigo, vale tudo neste jôgo. Os americanos aprenderam com os russos que os fins justificam os meios. Não é nada demais dar dinheiro a um grupo de guerrilheiros, se êste pode atrapalhar outro, que realmente é o perigoso. Aqui na Venezuela, por exemplo, temos agentes infiltrados em algumas frentes guerrilheiras. Fazem tudo para não despertar suspeitas e até atiram contra nossas tropas se fôr necessário. Mas assim que podem, nos não informações valiosas, que nos permitem capturar chefes importantes ou grupos inteiros de rebeldes.

A Guatemala não tem apenas a curiosidade de uma guerrilha que dizem ser financiada pela CIA. Tem também organizações clandestinas de direita — as principais são a **Mano Blanca** e a **Noa Noa,** cujo esporte favorito é matar esquerdistas e liberais, muitas vêzes em plena rua.

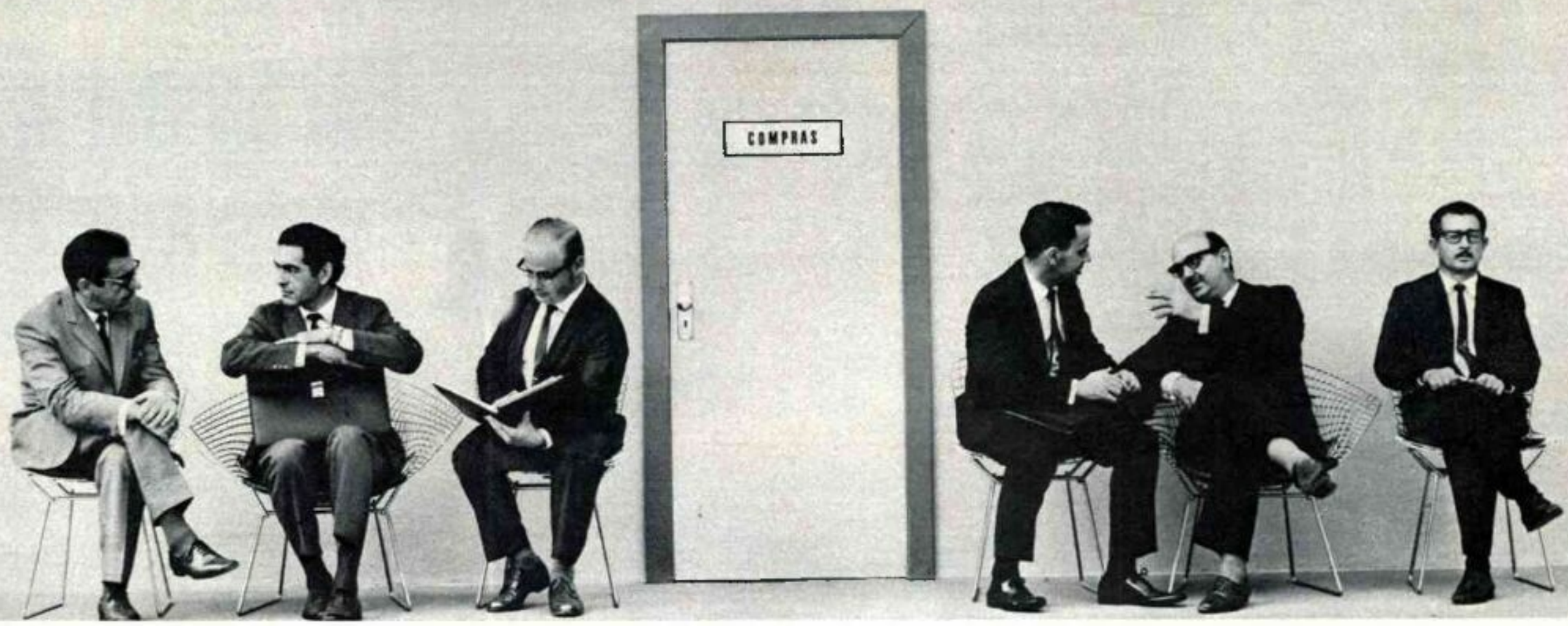
Argentina: quem quer faz, quem não quer manda

Diante dêsse panorama, Ernesto Guevara decidiu seguir o conselho do ditado popular. Sua primeira escala foi a Bolívia, principalmente porque êle sabe que lá ninguém pensa em luta pacífica.

O homem que Che deixou no comando — Roberto Peredo — é um desconhecido. Até janeiro último era chofer de táxi. Hoje, todos os grupos de esquerda bolivianos o apóiam, e Guevara, instalado o foco, rumou para a Argentina.

"Onde um govêrno, de certa forma, foi ao poder através da consulta popular, fraudulenta ou não, e ao menos mantém uma aparência de legalidade constitucional, é impossível iniciar a luta guerrilheira, por não se terem esgotado as possibilidades de luta legal."

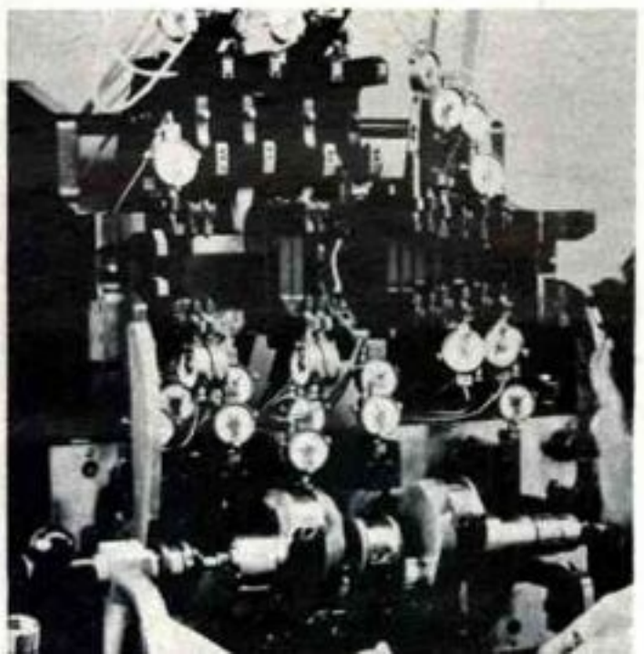
O trecho é do livro em que Guevara expõe sua **teoria do foco**. SEGUE



É duro estar na pele dos fornecedores da Volkswagen.

Todo o material fornecido à Fábrica é testado, revirado, apalpado... Um defeito apenas, e pronto, todo o lote é recusado.
Mas isso é raro. Nossos fornecedores também têm um alto grau de exigência em sua produção. Não foi à toa que os escolhemos.
E a Volkswagen é rigorosa tanto em relação à matéria-prima quanto às peças que lhe são fornecidas. Com a produção na Fábrica é a mesma coisa. No setor de Contrôle de Qualidade, existem máquinas que se colocam entre as mais modernas do mundo. (Algumas delas, com nomes muito complicados, são rebatizadas pelos nossos operários. É o caso da que controla a qualidade dos 500 virabrequins que produzimos por dia. É chamada de "Brigitte Bardot". O pessoal explica: é bonita e exigente. As peças testadas por ela têm que ser de qualidade absoluta. Senão, ela automàticamente as recusa.)
Agora dá para entender por que é duro estar na pele dos fornecedores da Volkswagen?

VOLKSWAGEN DO BRASIL S.A.
SÃO BERNARDO DO CAMPO — SP



"Brigitte" é exigente...

Alitalia reduz 25% em suas tarifas!

(Veja o que está acontecendo!)

Bem, pode haver um certo exagêro nesta foto. Mas não há exagêro quando afirmamos que muitas pessoas irão aproveitar esta vantagem. Afinal, com a *Tarifa Excursão*, que vigorará de 15 de setembro a 15 de abril,* você pode ir à Europa e ao Oriente Médio, por um período mínimo de 28 dias e máximo de 60, em Classe Econômica, pagando 25 % menos por sua passagem de ida-e-volta. Isto significa mais dinheiro sobrando para compras e passeios, ou para levar a família inteira (V. compra 4 passagens pelo preço de 3: UMA SAI DE GRAÇA).

E na Alitalia só as tarifas foram reduzidas, porque você continua tendo o mesmo confôrto, o mesmo játo DC-8, o mesmo tratamento de bordo. Chame logo o seu Agente de Viagens e programe uma excursão inesquecível. Pela Alitalia, é lógico!

*excluido o período de 4 a 24 de dezembro

ALITALIA

Vai estourar mais uma?

GUERRILHAS CONTINUAÇÃO

Muitos esquerdistas da América Latina parece que não o leram, mas o pessoal da CIA o conhece de cor. Por isso, Guevara estar na Argentina — onde o presidente não foi eleito — já era uma possibilidade para aquêle serviço secreto, mas a certeza chegou há apenas poucos meses.

Talvez a informação definitiva tenha vindo da própria Cuba, através de agentes infiltrados na conferência da OLAS. Ou da Colômbia, onde em maio último foram presos quase 40 membros do Exército de Libertação Nacional. E essas prisões modificaram por completo a conferência da OLAS, que estava programada para ser um encontro triunfal de chefes guerrilheiros.

Dois dêles — Américo Martin e Félix Canalez — deixaram as montanhas de El Bachiller, no centro da Venezuela, e entraram clandestinamente na Colômbia, onde conseguiram passaportes falsos e passagens em um cargueiro espanhol. Américo e Félix esperavam ir de navio até a Espanha, onde tomariam o avião para Havana. Mas alguns dos 40 guerrilheiros presos na Colômbia falaram, e quando o barco tocou o pôrto venezuelano de La Guaira agentes da polícia política prenderam os dois sem a menor dificuldade.

Outros chefes guerrilheiros, já em viagem, trataram de regressar imediatamente a seus países. O próprio Guevara estava no México — segundo acreditam alguns militares daquele país — disfarçado de industrial. No dia seguinte às prisões de Américo e Félix, desapareceu.

Vai começar outra guerrilha?

Quando começará a guerrilha argentina? Os dois homens que voam diàriamente sôbre as montanhas do norte daquele país esperam descobrir as pistas que procuram, a tempo de evitá-la. Possìvelmente, Moscou terá a mesma esperança. O diplomata soviético de voz macia acha que Guevara deveria reler o que escreveu em seu próprio livro: "É preciso aprender a utilizar algo que todo homem tem sôbre os ombros e que, se souber usar, vale muito: a cabeça." FIM

agora também em vinhos V. está certo quando pede Suave Dreher

Exija o Suave Dreher - Tinto ou Branco - sempre que desejar um vinho ameno e primoroso. Todos vão elogiar seu bom gôsto pois Suave Dreher é vinho de classe internacional.

QUEM CONHECE PEDE DREHER

DE PAI PARA FILHO DESDE 1910 BENTO GONÇALVES - RIO G. DO SUL

Proibida de entrar em sua pátria pelo general Pattakos — chefe da junta militar que governa a Grécia — esta mulher, que todos conheciam apenas como uma atriz sexy e talentosa, provou agora ser muito mais do que isto: Melina Mercouri uma heroína nacional no exílio.

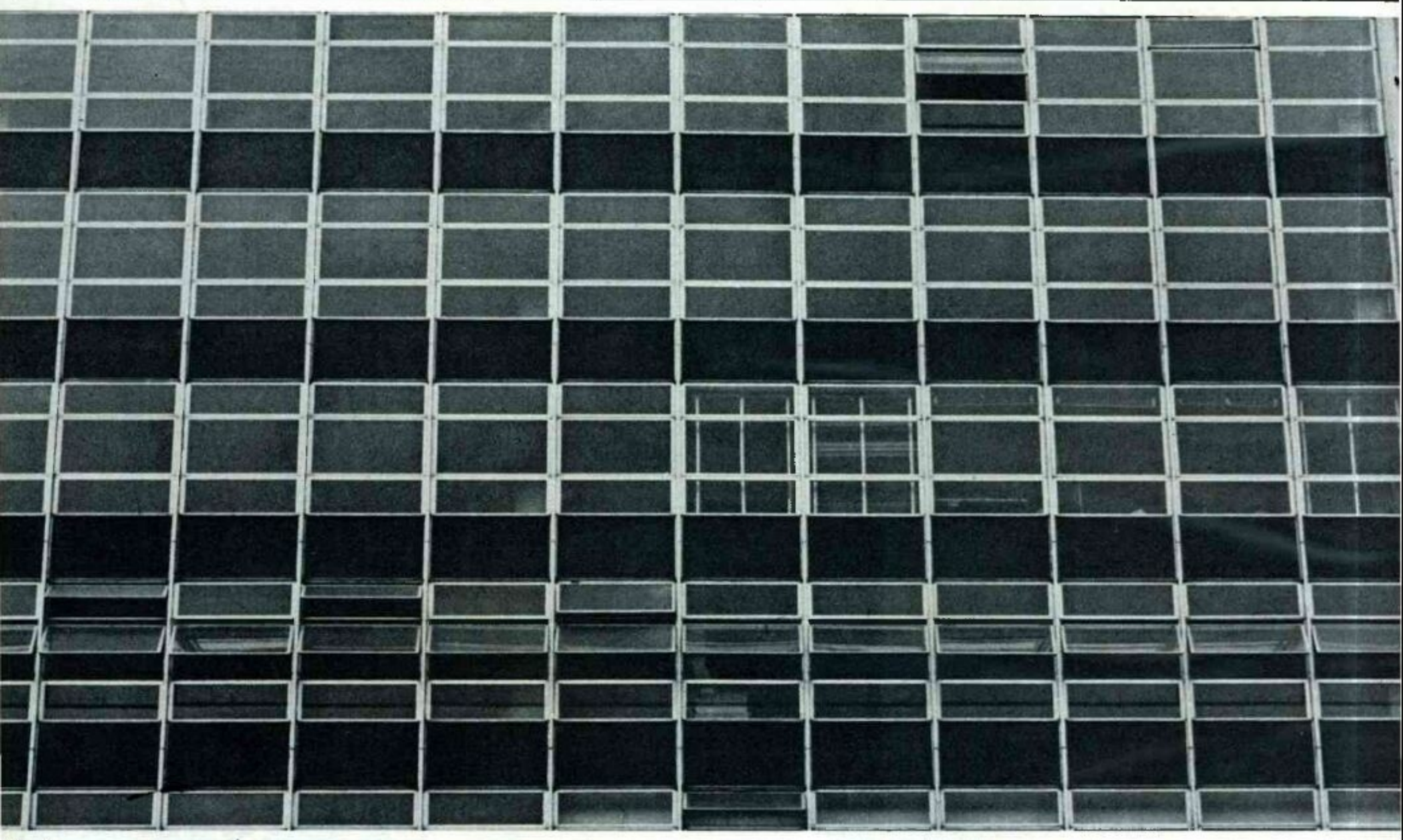
"VOU MOSTRAR AO MUNDO COMO A DITADURA É RIDÍCULA"

Entrevista a Oriana Fallaci

"A história material da arquitetura mostra que através dos séculos houve uma luta incansável em favor da luz contra os obstáculos impostos pelas leis da estabilidade: história das janelas".
LE CORBUSIER

...E a luta a favor da luz e do ar foi brilhantemente vencida pelo alumínio

"o binômio alvenaria-massa foi substituido por concreto-ALUMÍNIO-vidro"



As esquadrias de alumínio AJAX permitem uma estrutura graciosa, ao mesmo tempo monumental, onde a luz e o ar acham-se íntimamente ligados à beleza, transparência e dignidade da obra.

ESQUADRIAS DE ALUMÍNIO

AJAX

BRISE SOLEIL • GELOSIAS • PERSIANAS • PAREDES DIVISÓRIAS • COBERTURAS.

Endereço: S. P. - R. Cel. Albino Bairão, 178 Tels. 93-8136 e 93-6169 • R. Janeiro - Av. R. Branco, 185 - 21.º s/ 2.117 Tel. 42-9897
P. Alegre - R. Gen. Câmara, 156 - 11.º s/ 1107 Tel. 43-47 • B. Horizonte - R. Rio de Janeiro, 462 - s/ 1405

"Não cedam; a democracia vencerá"

Foi no dia 7 de julho último, num teatro da Broadway. O Comitê Americano pela Democracia e Liberdade da Grécia convidara 800 imigrantes para participar de um comício. Haveria discursos e Melina iria cantar as canções que acabavam de ser proibidas em sua terra. Melina era esperada aí pelas onze e meia. Faltavam alguns minutos para essa hora quando os 800 participantes foram informados de que ela não viria: acabava de sofrer um colapso depois de cantar, bailar e representar, apesar de ter recebido uma grave notícia de morte poucas horas antes.

Inesperadamente, à meia-noite — todos já começavam a sair — Melina apareceu. Entrou em silêncio e dirigiu-se para o palco, onde pouco antes tinha falado o último orador. E, em silêncio, ofereceu-se aos olhares assombrados. Estava vestida de prêto. Os cabelos louros caíam-lhe nos ombros despenteados. O rosto destacava-se pálido, desfeito, envelhecido. Rugas profundas marcavam-lhe os olhos. Os lábios apertados e caídos nos lados faziam pensar numa careta. Só as pupilas brilhavam, como dois fósforos acesos.

A sua voz ecoou firme:

— Meu pai ficaria feliz por estar aqui com vocês esta noite. Morreu há poucas horas. Em seu nome, eu lhes digo: não cedam. A democracia vencerá.

Desceu do palco e saiu de cabeça erguida, sem dizer mais nada, sem cumprimentar ninguém. Seis dias depois chegava a notícia de que lhe haviam retirado os direitos de cidadã grega e confiscado os seus bens.

Não se pode dizer que Melina estivesse preparada para enfrentar a adversidade. Ao contrário, teve sempre uma sorte louca: riqueza, beleza, sucesso, amor. Viveu sempre cercada de criadas, secretárias, choferes; vestida por Christian Dior, Balenciaga. Sempre foi aplaudida por um público que lhe perdoava a insolência, a agressividade. Há onze anos tem o amor de um homem dos mais fascinantes: o cineasta Dassin. Ama-o e é amada.

Com 41 anos, pode ainda dar-se ao luxo de aparecer na tela ou no palco quase nua. Nunca soube o que é ser feia, ou faminta, ou humilhada. Para ela, a despreocupação e a recusa ao sofrimento foram sempre uma espécie de religião. Mas bastou que um grupo de coronéis lhe roubasse a Grécia, para que se transformasse numa criatura forte, combativa. A atitude da noite de 7 de julho, frente aos 800 gregos de Nova Iorque, não era casual: Melina sabia o que a esperava depois disso. E teme mesmo ser assassinada; há no seu olhar uma vigilância constante, como se fôsse uma fera pressentindo o disparo de um fuzil. Belíssima história. É comovente assistir à transformação de uma alma, ao amadurecimento de uma consciência.

Um exemplo de tudo isso é a impressionante confissão ouvida no quarto de um hotel de Manhattan, pouco depois da missa na catedral ortodoxa de Nova Iorque, onde Melina estêve presente ao mesmo tempo que, em Londres, seu irmão Spyros assistia ao ofício fúnebre em memória de Stamatis Mercouri. O pai morrera no exílio e seu corpo não seria sepultado em Atenas.

Melina, tôda de prêto, está só. Está sempre só apesar dos exilados políticos que a seguem como môscas atraídas pelo mel. Dassin não está: filma em Israel. Os 20 compatriotas que trabalham com ela em Illya Darling evitam-na, temendo comprometer-se.

Na vitrola, ouve-se um disco enviado por uma admiradora de Mineápolis. É uma canção que diz: "Quando chega a noite / e que a tua terra está na escuridão / e que a lua é a única luz que podes ver / não tenhas mêdo, não tenhas mêdo. / Levanta-te, levantemo-nos para a verdade, para a liberdade. / Terra de mar, terra de sol / se tua liberdade se apagar / nós nos levantamos. / Não chores nem derrames uma lágrima." Melina a escuta, apertando os punhos. Depois começa a falar numa estranha mistura de francês, inglês, italiano. É seu modo de me fazer compreender que não quer aprender outras línguas; o seu idioma é o grego, e ela é grega.

Uma ilha que se torna prisão

— Primeiro, houve êsses vinte dias de dúvidas. Depois que a Junta tomou o poder, passei vinte dias e vinte noites terríveis. Não conseguia dormir, suava como se estivesse com tifo. Tomava banho cada cinco minutos, trocava de roupas: até meu corpo vomitava. Morria de sêde, enchia o estômago de água. Nunca me sentira tão mal. Juro-lhe sôbre... sôbre a democracia. E dizia para mim: "Devo falar, não devo falar?" Nunca tive vocação para heroína e êles tinham uma arma terrível contra mim: impedir-me de voltar a ver a Grécia. Há gente que não sente o amor da pátria. Podem ir embora, nunca mais voltar, sem que isso os afete. Eu não. Estou impregnada dêsse amor, desde que nasci, exasperadamente. Da Grécia, amo tudo: nossa loucura, nosso humorismo, nossa coragem, nosso ciúme, nosso ódio, nossas montanhas onde não cresce nenhuma árvore, nosso mar que chora, nosso cheiro de tomates e de gordura, nossa história, nosso passado. E se me tirarem tudo isso, pensava eu, ia enlouquecer. Mas no vigésimo dia, algo aconteceu.

— Que é que aconteceu?

— Lembrei-me de que pertencia a uma família antifascista, conhecida na Grécia pelos serviços prestados ao país. Lembrei-me do meu avô, prefeito de Atenas durante trinta

SEGUE

Finalmente a estante ideal para suas coleções de fascículos, discos e livros.

Mobília Contemporânea e Abril Cultural criaram essa belíssima estante especialmente para você guardar suas preciosas coleções.

Um lugar de honra para suas coleções.

Imagine essa estante em sua casa, com suas coleções de fascículos, discos e livros ao seu alcance permanente!

A "Estante MC para Coleções Abril" foi desenhada e projetada para combinar com qualquer ambiente e tipo de decoração.

Sóbria em suas linhas, enobrecida com painéis de jacarandá e construída em imbuia maciça, pode ser montada em apenas três minutos, sem o auxílio de qualquer ferramenta ou parafuso.

E pode crescer também para cima ou para os lados conforme as necessidades.

Apenas NCr$ 68,00.

Essa estante pode ser sua, já, por apenas NCr$ 68,00!

Não perca esta magnifica oportunidade de embelezar seu lar com a qualidade MC e ter onde guardar suas coleções de fascículos, discos, livros e outros objetos preciosos.

À venda em todo o Brasil. Exclusivamente nas Lojas da Mobília Contemporânea.

Visite a loja da Mobília Contemporânea em qualquer um dos endereços abaixo e compre sua "Estante MC para Coleções Abril" à vista ou financiada:

São Paulo: Praça Franklin Roosevelt, 134 e Av. Vieira de Carvalho, 191.

Rio de Janeiro: Rua dos Jangadeiros, 6-A - Ipanema.

Belo Horizonte: Rua da Bahia, 1182 e Rua São Paulo, 810.

Curitiba: Travessa Jesuíno Marcondes, 40.

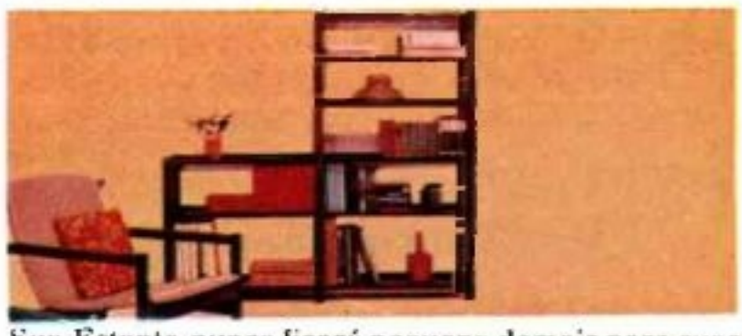
Belém: Av. Governador José Malcher, 1693.

Salvador: Rua Senador Costa Pinto, 51.

Santos: Praça José Bonifácio, 53.

Pôrto Alegre, Pelotas e Santa Maria: Lojas Imcosul.

(Se não houver Loja MC em sua cidade, compre no seu banco um cheque pagável em São Paulo, de NCr$ 68,00, a favor de Abril Cultural Ltda.; remeta-o por correio registrado à Caixa Postal 30777, São Paulo e receba a estante em sua casa).



Sua Estante nunca ficará pequena demais para suas coleções, porque pode ser ampliada para cima e para os lados, formando o modêlo que você desejar. E na compra de sua segunda (ou terceira...) estante lateral, pague apenas NCr$ 62,00, economizando um dos painéis laterais.

MOBILIA CONTEMPORÂNEA

ABRIL CULTURAL

Abril Cultural

Abril Propaganda

"As luzes apagaram-se na Grécia"

anos, depois aprisionado; lembrei-me do meu pai, quatro anos exilado por causa da ditadura de Metaxas, e das suas lutas contra os fascistas, os alemães, combatendo heròicamente. Lembrei-me... Sempre tive um sentimento de culpa: o de não ter feito nada quando meu país estava ocupado pelos fascistas e pelos alemães. O único gesto que eu fiz naquele período foi o de brigar com um nazista. Estava num café, com uns amigos. Entrou um grupo de nazistas embriagados. "Venham beber conosco", disseram. Meus amigos se levantaram e foram ao bar com êles. Eu fiquei sentada. Então, o mais bêbado parou na minha frente e disse: "Venha você também". Respondi: "Não". "Conto até três e atiro". "Não". Contou até três e atirou sem me atingir. De fato, aqui estou. Atingiu o copo. Bem, isto é pouco, muito pouco. Meu irmão tinha catorze anos e estava combatendo na Resistência, ao lado de meu pai. Eu, nada. Talvez fôsse jovem demais, e louca pelo teatro. Não pensava em outra coisa senão em freqüentar a escola de arte dramática. Ainda assim... Eu, veja bem, não me censuro pelo que fiz, pelos amantes que tive, pelas coisas feias que pude cometer: só me reprovo por ter sido tão cega quando mocinha. No vigésimo dia de suor, compreendi que chegara o momento de resgatar a vergonha. Decidi falar. Custasse o que custasse. E, de repente, o suor parou, a sêde também e senti-me melhor.

— Falar de que modo, e com quem?

— O primeiro passo foi aquela declaração ao telejornal da NBC. Antes de fazê-lo, chamei o cônsul da Grécia em Nova Iorque — que era meu amigo — e depois o secretário-geral do turismo grego em Washington, sr. Vranopoulos — que eu acreditava ser meu amigo — e disse: "Aviso-lhes que vou fazer isto e isto. Se quiserem, posso escrever uma carta para explicar que vocês nada têm a ver com nada". E fui falar, embora os dois estivessem aterrorizados. Disse que a Grécia deixara de ser um país em condições de acolher os turistas, pois, desde 21 de abril é um país de escravos acorrentados por uma ditadura. Disse que não basta o sol, o mar e a lua para fazer esquecer o que é uma ditadura. Disse ainda que quem fôsse à Grécia para ver o sol, o mar e a lua, não podia ter uma consciência tranqüila: acha que é lindo passear de iate frente a uma ilha transformada em prisão? Enquanto falava, as lágrimas escorriam-me pelo rosto e não conseguia retê-las. Vranopoulos quase teve um colapso. Imagine, há quinze anos que as autoridades gregas me consideravam uma espécie de atração turística. Até me mandavam aos países escandinavos para dizer "Venham à Grécia", e organizavam festas em Londres ou Paris, para atrair os artistas, jornalistas, escritores, para que se rodassem filmes lá com dinheiro americano. Eu mesmo fiz um filme para a televisão, chamado **A Grécia de Melina!** Imagine que em Washington, numa festa, homenagearam-me definindo-me como "a verdadeira embaixatriz da Grécia". Sim, Vranopoulos quase teve um colapso!

— Só por causa disso?

Minha bôca é grande, mas aberta é maior

— Não, houve mais coisas. Houve depois o **Tonight-show,** exatamente no dia seguinte àquele em que a Junta proibiu as músicas de Theodorakis, entre outras **Zorba, o grego.** Li o protesto assinado por Edward Albee, Leonard Bernstein, Irene Papas, Jules Dassin, por mim, e disse ao final: "As luzes apagaram-se na Grécia; o país que concebeu a democracia e que foi o primeiro em aplicá-la, encontra-se agora sob o jugo de uma ditadura militar; a Constituição não mais existe, a lei não mais existe, as eleições foram abolidas". E pedi aos artistas americanos que boicotassem o festival dêste ano em Atenas, anunciando ao mesmo tempo que em Nova Iorque haverá um festival grego em exílio. Depois houve o **Merv Griffin show.** Eu disse coisas que nem me lembro: minha bôca é grande, mas, aberta, ainda é maior. E mais outros programas; numa semana visitei todos os canais de televisão e tôdas as estações de rádio de Nova Iorque. Na embaixada grega, perderam mesmo a cabeça. Vranopoulos tomou o avião e veio falar comigo. Disse-me para parar e dar tempo à Junta de demonstrar suas boas intenções. Esfreguei-lhe o nariz com o jornal que trazia a notícia da prisão de Dora Stratou, diretora da famosa escola de dança folclórica. "Se você calar, eu a farei libertar", respondeu Vranopoulos. "E os outros?" gritei. Vranopoulos foi embora dizendo: "Você quer obrigar-nos a ser irredutíveis".

— Depois disso, não deve ter ficado surpreendida quando lhe retiraram os direitos de cidadã grega.

— Pois fiquei, sim. Nunca imaginara que iriam se vingar de mim de maneira tão estúpida. Pensava que talvez mandassem alguém eliminar-me. Sei lá, por exemplo um automóvel que me atropelasse de propósito, mas nunca que me transformassem numa heroína. Mas aí veio a história do passaporte. De repente, lembrei-me que o prazo de meu passaporte expirara mês e meio antes. Então telefonei para Gavas, o cônsul, e disse-lhe: "Quero revalidar meu passaporte, pois não tenho nenhuma intenção de pedir um passaporte americano". Gavas se assustou. Resmungou alguma coisa incompreensível, pediu meu enderêço para informar-me se podia revalidar ou não. Depois, meu pai faleceu em Londres.

SEGUE

"Nasci grega; grega hei de morrer"

MELINA CONTINUAÇÃO

Fôra até lá para tratar-se de um câncer que já não podia ser operado, entretanto, morreu do coração, abalado por causa do golpe de Estado. Quase enlouqueci. Êle podia ainda viver bastante: tinha sessenta e oito anos. Trabalhava pela democracia. Três dias antes de sua morte, recebera uma carta sua, linda, muito otimista, em que me felicitava pelo que eu dizia na rádio, na televisão. Fui àquele comício dos gregos. Dois dias depois, o cônsul me telefonou para me apresentar pêsames. Agradeci e disse que iria vê-lo para revalidar meu passaporte. "Não é possível", respondeu-me. Perguntei: "É uma decisão oficial?". Êle me disse: "Ainda não. Talvez eu possa fazer algo; tenha paciência até sexta-feira". No dia seguinte, tive a notícia de que os direitos cívicos acabavam de me ser retirados e meus bens confiscados.

— Foi o cônsul quem lhe deu a notícia?

— Não. Soube de tudo pelo **Evening Standard** de Londres. Às sete da manhã, fui acordada pelo telefone e ouvi uma voz que me dizia: "Aqui é do **Evening Standard.** Sra. Mercouri, seus direitos de cidadã grega lhe foram retirados e seus bens confiscados. Tem algo a dizer?". Fiquei atônita sem poder falar, e depois reagi com esta frase que agora se tornou **slogan:** "Nasci grega, grega hei de morrer. Pattakos nasceu fascista, fascista há de morrer. Se êle quiser transformar-me em uma Joana d'Arc, isso é assunto dêle". Não chorei. Foi sòmente quando cantei **Pireus, my Pireus,** que me comovi. Que posso fazer? Não consigo segurar as lágrimas quando penso ou quando alguém me diz: "Melina, você não vai mais ver a Grécia". O sr. Pattakos diz que se eu pedir desculpas e provar o meu helenismo, poderei obter o perdão. O estômago me dói de tanto rir. O meu helenismo? Que sabe êle de helenismo? De que jeito o defende? Com as metralhadoras?

Eu sei que sofrerei

— Mas não é nem o primeiro nem o único.

— Eu sei. Mas choro assim mesmo. Ainda por cima estou só. Jules, o homem que estêve ao meu lado durante onze anos, sem deixar-me nunca, nem um minuto, a tal ponto que sem êle parecia-me não poder respirar, não estava ao meu lado no momento em que mais precisava dêle. Três dias depois do início da guerra em Israel, viajou para Tel-Aviv; foi filmar um documentário com seu próprio dinheiro e entregar os lucros a Israel. Não conseguia alcançá-lo pelo telefone. Podia falar com Tóquio ou mesmo Bombaim, mas não com Israel.

— E agora, Melina? Para onde irá? Que vai fazer?

— Eu vou fazer enlouquecer o mundo inteiro. Viajarei com meu passaporte grego invalidado e serei enxotada nos aeroportos, nas fronteiras. Em tôda parte dirão: "À sra. Mercouri foi negada a entrada no país tal ou tal". E o sr. Pattakos ficará coberto de ridículo. Não vejo outra alternativa. Não quero passaporte americano. Como mulher de Jules, ou seja mulher de cidadão americano, posso tê-lo quando quiser, mas sou grega, não posso tornar-me americana. Gosto da América porque os americanos demonstraram simpatia, amor por mim. E sou sensível ao amor, necessito dêle. Quando o recebo, restituo-o sempre. Muitas coisas me conquistaram aqui. As notas de um e cinco dólares, por exemplo, que continuam chegando, mandadas por pessoas que pensam que estou na miséria. Ou êsse disco que estava tocando antes. Compreendo: não sou política. Não tenho idéias universais. Só entendo as coisas que tocam o coração, no bem e no mal. Os americanos se comportam bem, por isso eu os amo. Os coronéis de Atenas se comportam mal, então os odeio. Mas a cidadania americana, não, obrigada: não seria leal para com a Grécia.

— Pattakos diz que você não costumava mais ir à Grécia.

— Mentira! Às vêzes faltava por longos períodos, como tôdas as pessoas que têm uma profissão especial, mas sempre voltava lá. Na verdade, morava seis meses na minha pátria e seis meses no estrangeiro. A última vez que saí de Atenas foi em setembro de 1966, depois de ter ficado — junto com Jules — oito meses inteiros. Jules e eu compramos uma casa em Atenas, com um estupendo alpendre que olha para a Acrópole. Acabava de ser construída quando me foi confiscada. As pessoas perguntam: "que foi que lhe tomaram, Melina?" Nem sei exatamente, pois os bens materiais nunca me impressionaram muito. Talvez porque nunca me tivessem faltado. Nem sei quanto possuo ou o que possuía em Atenas. Vejamos: dinheiro no banco, aquela casa, o terreno que o vovô me dera de presente quando era garôta, e que eu queria trocar por cinco apartamentos... Mas isso não tem importância. Sempre trabalhei, mesmo quando era a mulher de um homom rico; nunca pedi nada a ninguém. Continuarei trabalhando. As coisas que me preocupam são bem mais importantes.

— Está se referindo à sua mãe, Melina?

— Sim. Ela está tão sòzinha lá, numa aldeia na montanha, certamente desesperada. Nem posso telefonar-lhe. As pessoas me perguntam se ela corre algum perigo. Não sei. Recuso-me a pensar nisso. Se a prendessem, a levassem também... Podem-se suportar muitas coisas durante um certo tempo, mas chega um momento em que isso se torna impossível. Mas mesmo se nada lhe acontecer, que significado tem tudo isso? O meu povo também é minha mãe.

SEGUE

Êles vêm de longe.
Êles querem conquistar a terra.
Êles tomam forma humana.
Êles são engenhosos.
Êles são diabólicos.

Êles são

OS INVASORES

Êles já estão entre nós e só êsse homem sabe disso.

São Paulo: têrças-feiras 20,30 canal 4
Rio: domingos 21,30 canal 6

...e em breve também nas seguintes cidades:

Belém: canal 2 • Belo Horizonte: canal 4
Brasília: canal 6 • Campina Grande: canal 9
Campo Grande: canal 6 • Curitiba: canal 6
Fortaleza: canal 2 • Goiânia: canal 4
Londrina: canal 3 • Pôrto Alegre: canal 5
Recife: canal 6 • Salvador: canal 5
São Luiz: canal 4 • Uberlândia: canal 8
Vitória: canal 4.

Patrocinado por: GESSY LEVER e MARTINI A MARCA MUNDIAL

"Agora eu represento uma causa"

Sempre amei o povo. Nunca fui pobre, nem sei o que possa significar ser pobre, mas conheço os pobres. Quando era criança, minha casa estava sempre aberta para êles. Sei que pobres quer dizer povo. Nas minhas recordações de criança há uma frase que meu avô repetia sempre: ação e povo, ou talvez, ação para o povo. Não a esqueci, e entre aquêles que comem demais e os que não têm o que comer, prefiro êstes últimos.

— Mas havia gente acorrentada também antes de Pattakos.

— Eu sei. Também antes de Pattakos a situação na Grécia não era muito boa, mas não existia o terror. Muita gente fôra libertada e o povo começava a ter confiança em Constantino. Todo o mundo sabe que não sou monarquista, mas o casal real não era antipático. Casando-se com Ana Maria da Dinamarca, Constantino ganhara a confiança do povo. Conheço a môça, ela é direita. Tem sangue bom: vê-se logo que teve uma instrução democrática. Federica... Bem, sempre falei pouco dela porque sempre pensei que fizera muito mal à Grécia. Não acredito na sua inteligência; ela é simplesmente ambiciosa, muito ambiciosa. E seu lado germânico me irrita bastante. Mas Federica não representa a Grécia, é pequena demais para representar a Grécia. E, depois, não é grega! Mas Constantino é grego... Pobre rei! Com êste golpe de Estado, ofereceram-lhe a melhor oportunidade de sua vida. Poderia ter escolhido o exílio. Porém... é preciso ter muita coragem para tomar tal decisão... Coragem ou inteligência.

— Melina, é verdade que tem mêdo de que a matem?

— Mêdo não, mas penso nisso. E há quem pense na mesma coisa. Que tem demais, em Nova Iorque, pagar dois sujeitos dispostos a tudo? Quando num país não é permitido usar a mini-saia, a barba comprida, não se pode escutar as canções que a gente gosta... Ontem prenderam uma jovem de vinte e três anos por estar escutando uma canção de Theodorakis. Vender, comprar, transmitir, emprestar, possuir os discos dêle é crime julgado na côrte marcial. Para não ser prêso Theodorakis teve que se esconder. Numa taverna do Pireu, pegaram um fulano que dançava estalando os dedos como em **Zorba, o grego**; quebrar pratos como demonstração de alegria também é proibido. Prenderam um camponês porque falava de política. E também uma professôra que dissera a um aluno de oito anos: "É verdade que na Grécia não temos eleições, mas um dia as teremos". Depois, além de prender o escritor Kordatos, proibiram nas livrarias sua **Introdução a Homero.** Fecharam muitas livrarias e não se encontra mais o **Who is Who** que contém biografias de personalidades antigovernamentais. Conto as poucas coisas que sei, desordenadamente, quem sabe quantas outras ignoro? Mas não ignoro que Baklatzis, diretor de **Athenaiki**, está na cadeia. Que Lambrakis, proprietário do **To Vima**, também está na cadeia. Que cem jornalistas foram expulsos do sindicato e não podem mais trabalhar; que vinte dêles estão presos na ilha de Yaros; que muitos jornais não saem mais; que Joannis Chrysikos, reitor da universidade de Atenas, 65 anos, foi detido no meio da noite, junto com o velho patologista Phocas. Os dois, sem nenhuma explicação. E para todos haverá julgamento na côrte marcial. Possìvelmente com a acusação de comunismo. É tôda gente do centro, alguns dêles até da direita. Não chegaram até a fechar as associações não-políticas no Pireu? Fecharam a Associação da Ajuda à Criança, a Associação do Amor pela Mãe, o Sindicato dos Motoristas de Praça...

Pattakos me incentivou

— Você também será processada, Melina?

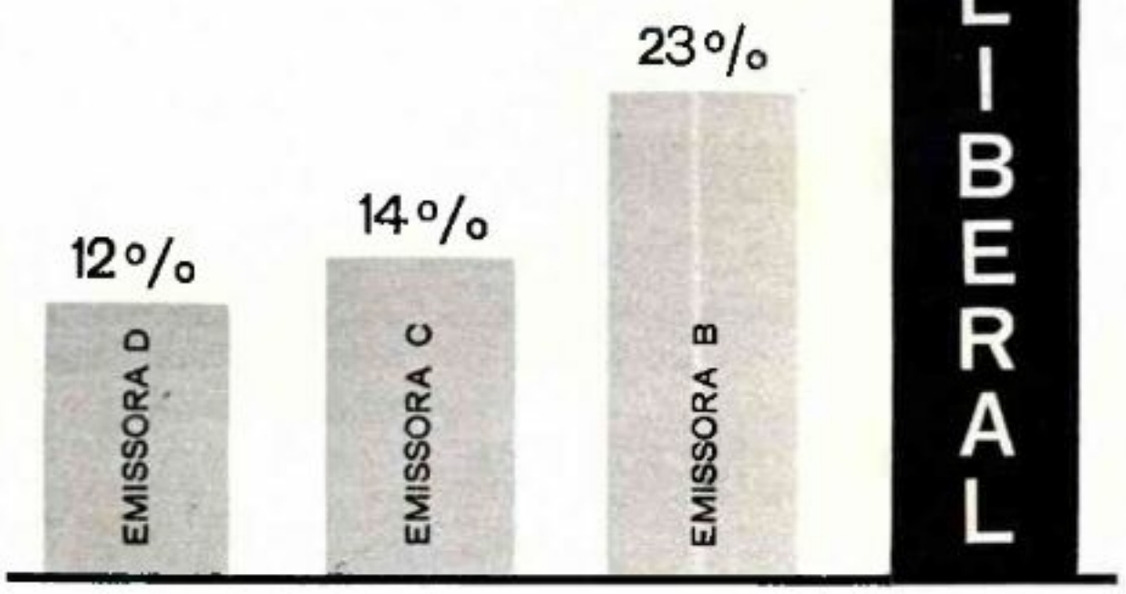
— Sim senhora! Estão fabricando para mim um belo processo na côrte marcial para demonstrar que sou comunista. Comunista, eu?! Eu que detesto os extremos! Eu, que nunca consegui falar calmamente com nenhum comunista!

— Melina, você tem alguma esperança de reaver sua cidadania e seu passaporte?

— Fui sempre pessimista, a vida tôda. Na carreira, no amor. Hoje ergo a bandeira do otimismo, mesmo que isso possa parecer ilógico. Não posso dar-me ao luxo de ser lógica. Quero ter esperança. Nestas últimas semanas transformei-me em outra mulher: alguém que sabe dizer não. Antes, não conseguia. À primeira lágrima, à primeira carícia, logo respondia sim. E desta maneira obedecia sempre aos outros, mudando de opinião a cada instante. Agora sei o que quero: sei dizer não. Recebi um grande dom, o de descobrir a injustiça. E junto com a injustiça, descobri a dignidade. Nunca mais me verão louca, paradoxal, empenhada em escandalizar os bobos, dizendo por exemplo: "gosto dos homens". Pensava: "eu sou uma atriz, o público me quer assim". Mas agora isto não me interessa mais, pois tenho muito que fazer. Quero estudar política, saber tudo a seu respeito, da mesma maneira que aprendi meu ofício de atriz. Quando me perguntarem o que quer dizer liberdade, ou o que é a democracia, não quero responder sòmente impulsionada pelos sentimentos. Agora não sou mais Melina Mercouri, atriz. Sou uma mulher que representa uma causa. Não fui eu quem procurou esta bandeira. Foi Pattakos quem a entregou nas minhas mãos. Agora tenho que defendê-la. Pattakos não compreendeu a imprudência que estava cometendo. Sim, êle me incentivou, me deu ânimo. Os fascistas são, de fato, estúpidos. FIM

Rádio Liberal alcança 50.3% de audiência em Belém!

Índice comparativo de audiência de rádio em Belém segundo pesquisa realizada pelo ibope no período de 30 de abril a 6 de maio de 67 num total de 2.670 entrevistas



IBOPE ATESTA

IBOPE
exato especial

Ilmo. Sr.
GUILHERME C.M. DE FREITAS
DD. Diretor Superintendente da Sitral
Av. Beira Mar, nº 406 - C/607
N e s t a

Prezado Senhor:

Respondendo sua carta de 26 de maio corrente, vimos pela presente lhe informar que em se tratando de Pesquisa realisada pelo processo de "Flagrante / Domiciliar", a Rádio Liberal de Belém do Pará, alcançou a média de 14.7 % (considerando aparelhos ligados e desligados), um dos mais altos percentuais de audiência já verificados de maio de 1966 a maio de 1967, em pesquisas dêsse gênero.

Apresentando os protestos de nossa estima e consideração.

Somos respeitosamente,
IBOPE - Diretor

Rio 30/5/67

será que ainda há alguma dúvida em seu plano de média?

RÁDIO LIBERAL

A EXPERIÊNCIA DO SUL
NO RÁDIO DO EXTREMO NORTE

REPRESENTANTE EXCLUSIVO

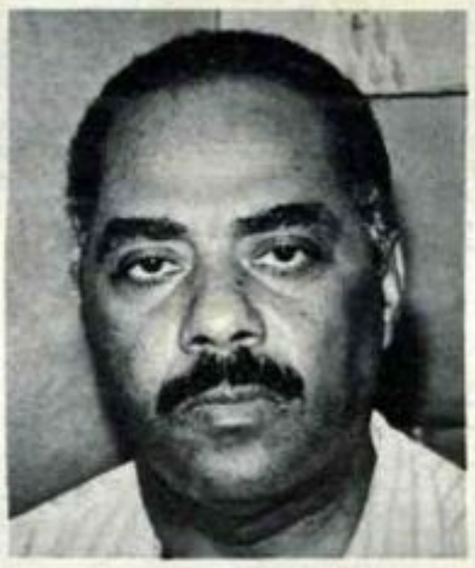
SITRAL

SERVIÇO DE IMPRENSA, TELEVISÃO E RÁDIO LTDA.

Av. Beira Mar, 406 - Grupo 607 - Tel. 22-9204 - End. Telegr. "SITRAL" - Rio de Janeiro-GB
Av. Casper Libero, 502 - 3.º andar - Tel. 37-1749 - End. Telegr. "SITRAL" - São Paulo - S.P.
Rua Nova, 225 - 3.º andar - S/ 304 - Tel. 4-4078 - End. Telegr. "SITRAL" - Recife - PE.
Representantes: Belém, PA. - Fortaleza, CE. - B. Horizonte, M.G. - Pôrto Alegre - R. S.

PODERÃO SE REPETIR NO BRASIL OS CONFLITOS RACIAIS DOS EUA?

SIM É necessário sublinhar um pormenor que talvez passe despercebido à grande maioria dos brasileiros, quando procuram compreender os acontecimentos que envolvem o negro americano de hoje: é o simples fato de que antigamente êle era vítima passiva da discriminação, da segregação, do linchamento. O negro não votava, não participava do comando do país, se acabava nas favelas, no desemprêgo. E transformou-se no marginal da sociedade americana. No entanto, a comparação entre o Brasil e os Estados Unidos mostra um saldo favorável para a situação americana, onde tôda a opressão não conseguiu impedir que milhares de negros — embora minoria — alcançassem um invejável nível econômico, cultural e político. Por isso a vanguarda negra americana não exige apenas melhores moradias, mais empregos, nível sanitário mais elevado. Um de seus líderes, Rap Brown, disse textualmente: "Nós queremos é ser gente." Isto quer dizer que o negro recusa o papel de objeto, de coisa. Êle quer ser também sujeito da história de um país, para o qual contribuiu com sangue, suor e lágrimas. E nós aqui no Brasil? Apregoamos uma democracia racial de fachada. Estatìsticamente, nós, negros brasileiros, temos muito menos oportunidades do que nossos irmãos nos Estados Unidos, não sòmente em empregos modestos, como também nas carreiras categorizadas do serviço público, ou do empresariado particular. Num livro em preparo, forneço dados, analiso-os, faço um balanço e, com algarismos, sustento que é possível explodir uma crise racial violenta no Brasil. Mencionaria apenas um dêstes dados: em 1950, a população carioca total compreendia 1.660.834 brancos e 708.459 negros e mulatos, enquanto a população favelada compreendia 55.436 brancos e 113.218 negros e mulatos. Ou seja, de cada três cariocas, um era negro, mas de cada três cariocas favelados, dois eram negros. Porém, até o subdesenvolvimento mental do negro um dia terá seu fim. Quando isso se verificar talvez seja irremediàvelmente tarde. Só então, infelizmente, irão compreender que não será com *slogans* vazios; não será com a tática de glorificar a miscigenação para a total "branquificação" do país; não será mantendo os negros brasileiros encurralados tanto no campo como na cidade numa situação de penúria fatal, que êles suportarão por tôda a vida o pêso da imagem do "negro de boa índole", que inventaram como mais uma manobra para sua domesticação. A revolta, então, nascerá da injustiça — para tornar uma situação inventada numa situação de fato.



Abdias Nascimento
TEATRÓLOGO, DIRETOR DO TEATRO EXPERIMENTAL DO NEGRO

NÃO São muito diferentes as condições de coexistência entre as raças negra e branca nos Estados Unidos e no Brasil. A começar pela própria tradição protestante de lá, na qual o conceito de superioridade racial existe como conseqüência da formação religiosa, enquanto nossa tradição católica é muito mais integracionista. Daí resulta a existência de um sentido ativo de hostilidade do homem branco médio norte-americano para com o negro, sentimento que não existe no Brasil. Em reação, formou-se na comunidade negra também um sentimento ativo de ódio racial, que não existe no Brasil. Para mim, o problema negro pode se agravar em nosso país. Mas em conseqüência do problema geral do desenvolvimento econômico, na medida em que a raça negra — que contribui com uma percentagem considerável das massas trabalhadoras — não tiver o acesso social garantido pelo progresso do país. Será então um aspecto particular do agravamento da crise social, mas não uma explosão de crise racial.

Afonso Arinos
AUTOR DA "LEI AFONSO ARINOS"

Resposta à pergunta do leitor José Camargo Silva — São Paulo — Capital

Nutritiva e refrescante,
uma variedade sem
igual de sabores
puros e deliciosos:

você sabe, gelatina só Royal

Morango • Framboesa • Cereja • Limão • Laranja • Abacaxi • Guaraná • Geluva

7.134

JOVEM SUPER VAI DE SHELL!

O CARANGO LEVA LONGE, LONGE...
A ONDA AGORA É ESCAPAR DA MULTIDÃO
GARÔTA PAPO FIRME.
RÁPIDO! O SURF, O IÊ-IÊ-IÊ.
AMARELO E VERMELHO. SHELL ONTEM TIREI
DEZ EM MATEMÁTICA.
O CÉU ESTÁ DA CÔR DO CÉU. JOVEM SUPER!
SHELL COM I.C.A. PÕE JUVENTUDE SUPER NO CARRO.
BÁRBARO!
SHELL SUPER NO MOTOR.
O ALGO MAIS É UMA BRASA, MORA!